

**A Espacialidade da Morte na Lisboa Moderna: Contributos para uma
Arqueologia Funerária na Igreja de São Lourenço, Mouraria**

Verónica Raquel Ferreira Mateus Pereira

Dissertação de Mestrado em Arqueologia

Versão corrigida e melhorada após a sua defesa pública

Março, 2018

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Arqueologia realizado sob a orientação científica do Professor Doutor André Teixeira e da Professora Doutora Cristina Barroso Cruz.

Esta dissertação não segue as regras do Acordo Ortográfico de 1990.

Agradecimentos

Aos meus orientadores Professor Doutor André Teixeira e Professora Doutora Cristina Barroso Cruz por terem dispensado algum do seu tempo e disponibilidade para um trocar de ideias e apoio à escrita desta dissertação.

Aos arqueólogos e restantes profissionais do Centro de Arqueologia de Lisboa por me terem recebido e auxiliado na fase de trabalho em laboratório, principalmente ao Doutor António Marques e Doutor Guilherme Cardoso; e ainda ao Professor Doutor Rodrigo Banha da Silva.

Aos meus amigos de escola, aos amigos da faculdade e aos amigos que fui conhecendo ao longo deste percurso.

Aos meus pais.

A Espacialidade da Morte na Lisboa Moderna: Contributos para uma Arqueologia Funerária na Igreja de São Lourenço, Mouraria

Verónica Raquel Ferreira Mateus Pereira

RESUMO

Palavras-Chave: Bioarqueologia; Arqueologia Funerária; Mouraria; Lisboa; Séculos XIII – XIX; Necrópole.

Em Portugal, com o amadurecer das ciências arqueológicas e antropológicas, tem-se vindo a explorar uma abordagem que combina estas áreas com outras ciências ditas exactas, tais como a Biologia, Química ou Geologia – a Bioarqueologia. Utilizando metodologias próprias desta disciplina é possível estudar e compreender os arqueossítios de forma holística e diacrónica. Esta foi a abordagem aplicada ao sítio da igreja de São Lourenço (Mouraria, Lisboa), intervencionada arqueologicamente entre os anos de 1992 e 1999. A igreja foi fundada após a cristianização do bairro da Mouraria sobre pré-existências muçulmanas. Este espaço de culto foi ocupado desde o século XII ao XIX. Foram identificadas quarenta e seis inumações, das quais sete foram levantadas para estudo em laboratório a par de espólio artefactual variado.

O estudo concentrou-se nas épocas baixo-medieval e moderna. Os indivíduos sepultados foram analisados, quer na sua paleobiologia, quer no seu contexto arqueológico. Após estudo dos sepulcros individualmente, as disposições espaciais das sepulturas enquadradas num espaço funerário eclesiástico e urbano foram também alvo de investigação, de modo a colmatar a abordagem bioarqueológica à qual este estudo se propõe.

Death Spatiality in Early Modern Lisbon: Contributions to a Funerary Archaeology at the Church of São Lourenço

Verónica Raquel Ferreira Mateus Pereira

ABSTRACT

Keywords: Bioarchaeology; Funerary Archaeology; Mouraria; Lisbon; 13th – 19th centuries; Necropolis.

In Portugal, with the maturing of the archaeological and anthropological sciences, an approach has been explored combining these areas with other so-called exact sciences, such as Biology, Chemistry or Geology – Bioarchaeology. Using its own methodologies, it is possible to study and understand archeosites in a holistic and diachronic way. This was the approach applied to the site of the Church of São Lourenço (Mouraria, Lisbon), archaeologically intervened between the years of 1992 and 1999. The church was founded after the christianization of the Mouraria neighbourhood over Muslim pre-existences at the site. This place of worship was used from the 13th to the 19th centuries. Forty six graves were identified of which seven were collected for laboratory study along with various artifacts.

The study focused on Late-Medieval and Early Modern periods. The buried individuals were analysed in their paleobiology and archaeological context. After studying the tombs individually, their spacial dispositions framed in an ecclesiastical and urban funerary space were also investigated, according to the Bioarchaeology approach this study proposes.

Índice	viii
Lista de abreviaturas	x
1. Introdução.....	13
2. Fundamentos teóricos.....	19
2.1. Uma questão de semântica?	19
2.2. Bioarqueologia e o seu quadro conceptual	21
3. O sítio e as intervenções arqueológicas.....	26
3.1. Breve apontamento sobre a história e arquitectura dos edifícios.....	26
3.2. As intervenções arqueológicas.....	30
4. Estruturas e estratigrafia da necrópole	38
4.1. Sondagem 1.....	38
4.2. Sondagem 2.....	44
4.3. Sondagens 3 a 6	48
4.4. Sondagem 7.....	50
4.5. Sondagem 8.....	53
4.6. Sondagens 9 a 12	54
5. Características do estudo de espólio osteológico humano	56
5.1. Paleodemografia	57
5.1.1. Diagnose sexual.....	57
5.1.2. Estimativa da idade à morte.....	59
5.1.3. Estimativa da estatura.....	62
5.1.4. Paleopatologia	65
5.1.5. Caracteres Epigenéticos.....	66
5.2. O tratamento do espólio	67
6. A paleobiologia na necrópole de São Lourenço.....	71
6.1. Diagnose sexual	71
6.2. Estimativa da idade à morte.....	75
6.3. Estimativa da estatura	78
6.4. Análise paleopatológica e de caracteres epigenéticos	80
6.5. Um retrato da paleobiologia	83
7. A Arqueologia Funerária – uma síntese.....	85

7.1.	Temporalidades e caracterização do espaço intervencionado	85
7.2.	Gestos funerários	90
7.2.1.	Orientações	90
7.2.2.	Tipologias sepulcrais	91
7.2.3.	Arranjo das inumações	92
7.2.4.	Materialidades nos sepulcros	93
7.2.5.	Espacialidade	94
8.	A contribuição da abordagem da Bioarqueologia em São Lourenço.....	96
8.1.	As potencialidades e fragilidades da Bioarqueologia em arqueossítios já intervencionados	97
8.2.	A leitura bioarqueológica da Igreja de São Lourenço	99
9.	Considerações Finais.....	110
	Bibliografia.....	115
	Fontes Historiográficas	115
	Fontes Iconográficas	115
	Relatórios Técnico-Científicos	116
	Estudos.....	117
	Lista de Anexos e Figuras	139
	ANEXOS	155
	Anexo I – Gráficos.....	156
	Anexo II – Fichas de Esqueleto	160
	Anexo III – Fotografias Espólio Metálico e Ósseo.....	167
	Espólio Metálico	168
	Espólio Osteológico	171
	Anexo IV – Inventário do Espólio Cerâmico	176
	Anexo V – Tabelas	196
	Metodologias Espólio Osteológico	197
	Resumo de Informação.....	204
	Inventário Espólio Osteológico	213
	Cálculo de Cotas Absolutas.....	246
	Anexo VI - Mapas.....	259
	Anexo VII – Imagens.....	264
	Anexo VIII – Fotografias da Igreja e Esquemas das Intervenções.....	272
	Anexo IX – Desenhos de Sepulturas e Escavação.....	282

Lista de abreviaturas

AA.VV. – *Autori Vari* (Autores Vários)

ADN – Ácido desoxirribonucleico

Alt. – Altura

C – Camada

CAL – Centro de Arqueologia de Lisboa

Comp. – Comprimento

Ent. – Enterramento

Esp. – Espessura

FCSH-NOVA – Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa

Fem. – Feminino

Ft. (s) – Fotografia (s)

Ind. – Indeterminado

IPA – Instituto Português de Arqueologia

IPPAR – Instituto Português do Património Arquitectónico

Máx. – Máxima

Masc. – Masculino

MIP – Monumento de Interesse Público

NARC - Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros

NMI – Número Mínimo de Indivíduos

Pl. – Plano

S. – Sondagem

Séc.(s) – Século (s)

S. Lc. – São Lourenço

Sp. – Sepultura

ZEP – Zona Especial de Protecção

1. Introdução

A presente dissertação foi executada com a ambição de preencher os requisitos pedidos para a obtenção do grau de Mestre em Arqueologia pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. A dissertação obteve orientação do arqueólogo Professor Doutor André Teixeira, docente da mesma Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, e da antropóloga Professora Doutora Cristina Barroso Cruz, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Lisboa. O tema em estudo foi proposto pelos mesmos orientadores tendo em vista o início de uma especialização em contextos arqueológicos funerários, estudo paleobiológico das populações do passado e ainda em contexto histórico-arqueológico português enquadrado na Idade Moderna.

Estudar a morte permite conhecer mais do que apenas o fim da vida de um indivíduo. Na realidade, este é um exercício paradoxal já que ao estudar as evidências da morte se consegue aceder a parte do que foi a vida do sujeito e da sua comunidade. O acesso ao passado constrói-se a partir dos vários níveis de análise que um contexto funerário encerra. Por um lado, podemos aceder aquilo que são os remanescentes físicos do indivíduo, por exemplo, os vestígios ósseos e dentários - os que melhor passam a prova do tempo por serem os mais resistentes - mas também vestígios de tecidos ou cabelos. São estes elementos que nos permitirão inferir sobre a causa da morte, avançar com uma estimativa de idade à morte, o seu sexo, as doenças que teria ou traumas que sofreu. A realização destes diagnósticos está dependente da compreensão do ambiente de inumação. Assim, importa perceber em que medida os elementos extrínsecos ou intrínsecos contribuíram para a preservação ou degradação do corpo. Por outro lado, temos o nível relativo às manifestações culturais que se podem ler, por exemplo, no modo como o corpo está disposto, nos elementos materiais que o acompanham, no tipo e local de inumação *per si* e em relação aos outros que o possam acompanhar no espaço fúnebre. Estes dados dão ao investigador pistas importantes sobre o contexto sociocultural do defunto. Trata-se, portanto, de perceber em que medida a morte permitirá traduzir aquela que foi a vida de um indivíduo no seu contexto social. Nesta perspectiva integradora dos vários níveis de análise, estudar a morte é perceber a mentalidade colectiva com que se regia uma dada população, que sistema de crenças se elaboraram para suportar a organização social, económica e cultural – *Tudo o que um mero sepulcro consegue revelar* (Bell, 2009; Pearson, 1999).

Neste estudo procurou-se aplicar uma análise bioarqueológica de modo a explorar de forma holística o contexto funerário da igreja de São Lourenço com o intuito de recolher mais informações sobre o modo de vida das populações do passado. Esta abordagem foi adaptada de modo a servir um contexto já escavado previamente, recorrendo a outras metodologias de natureza mais tradicional e parcelar. Assim, a abordagem da Bioarqueologia que se aplica nesta dissertação não espelha aquele que é o contexto real da sua criação e utilização – os contextos funerários de cariz arqueológico ainda por intervencionar – mas reflecte antes uma abordagem algo experimental que tem como intuito extrair o máximo de informação de um contexto já intervencionado. Esta é uma estratégia, de cariz exploratório, que procura perceber se por esta via é possível diminuir o fosso que tem vindo a existir entre a Arqueologia e a Antropologia, procurando contribuir para o enriquecimento do tipo e qualidade de informação que é possível extrair dos contextos funerários a investigar, acreditando que a Bioarqueologia oferece a abordagem ideal para a clarificação destes contextos. Assim, um dos objectivos desta dissertação passa por estudar, a partir da abordagem bioarqueológica, a igreja de São Lourenço, localizada na Mouraria, Lisboa.

A Igreja, fundada no decorrer do século XIII, foi local de culto ao longo de vários séculos, sofrendo sucessivas destruições e reconstruções devido a terramotos e consequentes abandonos, por vezes prolongados. Entre os anos de 1992 e 2005, em anos não consecutivos, a Igreja de São Lourenço foi alvo de intervenções arqueológicas, de onde provem o espólio nesta tese em estudo (Amaro, 1993, 1993a; Amaro, 1999; Sabrosa, 1999, AA.VV. 2005). Hoje, esta Igreja encontra-se abandonada. As campanhas realizadas na Igreja de São Lourenço, com o objectivo de a preservar e reabilitar, permitiram encontrar outras estruturas de culto, artefactos cerâmicos, metálicos, vítreos e férreos e, vestígios vegetais com cronologias que variam do século XII ao XIX e ainda espólio osteológico humano e faunístico (Amaro, 1993; Amaro, 1993a; Sabrosa, 1999).

Utilizada como espaço funerário ao longo dos séculos, foram registadas na Igreja 46 sepulturas. Destas, sete inumações foram analisadas na sua paleobiologia. Para a presente dissertação foi tido em conta todo o espólio associado directa ou indirectamente aos vestígios osteológicos do arqueossítio, assim como os próprios restos ósseos dos indivíduos sepultados. Do espólio supradito, as faunas não foram estudadas dada a sua localização no referido arqueossítio – em silos. Assim, o estudo privilegia o contexto sepulcral na medida em que este nos oferece, juntamente com os dados espaciais, artefactuais e arquitectónicos, testemunhos mais directos para o estudo da história e

vivências lisboetas em época moderna, na zona da Mouraria de um modo que se pretende holístico e diacrónico.

O potencial informativo dos contextos de necrópole é particularmente rico já que, os dados recolhidos a partir do espólio votivo e/ou não votivo que possa existir, a par com a orientação, gestos associados à deposição e tipo de inumação, permitem concluir sobre ritos, religiões, condições sociais, influências culturais, ou comportamentos sociais ou simbólicos atípicos, conclusões que poderão ser confrontadas com dados da etnografia e historiografia. Apesar desta pretensão inicial, nem sempre foi possível encontrar reunida toda a informação que seria desejável recolher para levar a cabo a intenção de caracterizar de forma mais completa este contexto. Esta falta de informação verificou-se não só nas inumações estudadas em laboratório como nas que apenas ficaram registadas nos relatórios técnico-científicos (Amaro, 1993, 1993a; Sabrosa, 1999). Tendo em conta estes pressupostos, outro dos objectivos da dissertação é, então, procurar perceber se a espacialidade da necrópole denuncia algum tipo de padrão de natureza sociocultural. Assim, tendo em conta a localização relativa das sepulturas identificadas aquando do momento das intervenções, recolheram-se informações sobre a orientação, modo de enterramento, número de indivíduos por sepultura e arranjo do corpo inumado, assim como os possíveis artefactos arqueológicos no seu interior cruzando também esta informação com os dados da paleobiologia (paleodemografia e paleopatologia).

Numa visão mais alargada, o objectivo é tentar se perceber se a complexidade religiosa que tinha lugar em Lisboa na temporalidade em estudo, encontrava paralelo no espaço de necrópole da Igreja de São Lourenço, procurando cruzar a informação histórica com a realidade que foi aferida através dos vestígios materiais e estratigráficos analisados na presente dissertação.

Esta dissertação parte então do postulado de que os estudos de contextos histórico-arqueológicos funerários poderão beneficiar da contribuição de uma metodologia de análise baseada na abordagem científica da Bioarqueologia. Hoje em dia o conhecimento científico de contextos funerários assume-se como uma área interdisciplinar. A Bioarqueologia veio contribuir com metodologias que permitem a compreensão de todo o processo a que se sujeita o indivíduo desde o momento da sua morte até ao instante em que o seu corpo não é alvo de mais modificações. Estas podem derivar como parte de rituais mortuários da sociedade a que pertence, ou devido aos processos a que os seus vestígios biológicos passam a estar entregues aos diversos agentes tafonómicos e tanatológicos (Chapman, Kinnes e Randborg, 1981; Bartel, 1982; Ubelaker, 1989;

Crubézy *et al.*, 1990; Aries, 1991; Huntington e Metcalf, 1991; Crubézy, 1992; Beck, 1995; Larsen, 1997; Pearson, 1999; Crubézy, 2000; Small e Silverman, 2002; Duday, 2009; Agarwal e Glencross, 2011). Noutro espectro da bibliografia existente, encontramos as referências que fazem elas próprias uma revisão da literatura acerca da disciplina de Arqueologia Funerária (Cruz, 2011; Mata, 1993; Ramazzina, 2011), que embora muitas vezes se cruze com a Bioarqueologia, é, como o próprio nome o indica, uma subdisciplina. Esta é uma área que se encontra no início do processo de desenvolvimento, estando-se agora a dar os primeiros passos neste interface entre os domínios da Arqueologia e da Antropologia em Portugal. De facto, tradicionalmente, os estudos de organização do espaço funerário são mais frequentemente explorados em contextos de cronologia pré ou proto-histórica. Em época moderna, a literatura de Arqueologia Espacial é muito limitada, sendo esta uma nova área de estudo, isto é, quer da temporalidade, por si só, ainda pouco investigada, e a própria temática. Algumas monografias começam a surgir neste domínio com casos de estudo ingleses (Molleson e Cox, 1993; Reeve e Adams, 1993; AA.VV., 2002).

Algo que é recorrente em artigos acerca de espólio osteológico humano recuperado são as falhas na leitura e registo da estratigrafia do sítio durante os trabalhos arqueológicos, devido à falta de cruzamento dos dados arqueológicos com os antropológicos. Assim, dá-se origem a cronologias dos sítios muito extensas que, muitas vezes, apenas referem séculos que englobam toda a época moderna não sendo possível identificar diferenças ao nível das práticas funerárias dentro de um quadro temporal mais detalhado.

Ao nível da organização desta dissertação começa-se por debater a abordagem metodológica que foi seguida na presente dissertação. Este discorrer aborda as origens e desenvolvimentos dos pensamentos das ciências arqueológicas e antropológicas, com especial ênfase do estudo de restos osteológicos humanos e a análise de ambientes funerários, em vários locais do mundo ocidental. Atentou-se depois ao caso português inquirindo-se, brevemente, sobre a ambiguidade legal que existe entre os profissionais que trabalham os vestígios biológicos humanos. Apresenta-se então uma abordagem, ainda timidamente usada em Portugal, a da Bioarqueologia e como esta pode ser benéfica em tornar o estudo de arqueossítios mais holístico nas suas diversas variantes disciplinares, criando um ambiente metodológico interdisciplinar.

Partiu-se depois para a descrição do contexto arqueológico que serve de caso de estudo neste trabalho de investigação. Capítulos nos quais a História e Arqueologia do

sítio é apresentada, combinando as perspectivas dos arqueólogos responsáveis pelas intervenções e a nossa análise dos seus resultados. Introduce-se um pouco a história geral da Igreja e do Palácio da Rosa, adjacente à Igreja de São Lourenço. Analisa-se a estratigrafia, os resultados e os materiais arqueológicos das intervenções arqueológicas que tiveram lugar na Igreja de São Lourenço e as circunstâncias das quais resultaram a colecção artefactual estudada. Estes resultados são apresentados por sondagem ou conjunto de sondagens, caso sejam contíguas entre si. De salientar que na descrição da estratigrafia do arqueossítio, de acordo com a descrição nos relatórios técnico-científicos (Amaro, 1993; 1993a; Sabrosa, 1999), os números atribuídos a *camadas* são aleatórios, não seguindo uma lógica crescente logo, ao longo da descrição das mesmas, tentamos atribuir coerência ao que compreendemos serem as sequências estratigráficas do arqueossítio, dada esta aleatoriedade nos relatórios que consultamos. Já na segunda campanha de intervenções (Sabrosa, 1999) a limitada descrição estratigráfica não liga, excepto indicação do contrário, as camadas entre as sondagens contíguas. Isto é, os dados apresentados pelos autores seguem uma lógica que para nós não foi muito clara.

O capítulo seguinte é onde se discorre sobre as metodologias utilizadas para o estudo do espólio osteológico, com uma breve introdução sobre as potencialidades gerais que a análise de vestígios osteológicos traz à análise das sociedades passadas. Esclarece-se ainda sobre as metodologias de tratamento laboratorial que se efectuaram antes de se estudar efectivamente o espólio.

“A paleobiologia na necrópole de São Lourenço” é o capítulo onde se mostram os resultados da análise do espólio osteológico. No capítulo 7 discute-se a Arqueologia Funerária do sítio de São Lourenço, procedendo-se a uma síntese das informações recolhidas, com os dados já trabalhados. Discorre-se sobre as cronologias das sepulturas, num sub-capítulo de “Temporalidades e caracterização do espaço intervencionado” e sobre as características das sepulturas, num outro sub-capítulo, “Gestos funerários” escrevendo-se sobre suas orientações, tipologias, arranjo, artefactos encontrados no seu interior e a sua espacialidade.

Este enquadramento abre lugar então ao capítulo final. Analisam-se as fragilidades e potencialidades desta abordagem bioarqueológica e, depois, discutem-se as cronologias de ocupação do espaço de necrópole da Igreja de São Lourenço, quer por sondagem, quer do espaço eclesiástico no geral; analisa-se a espacialidade da necrópole e a realidade religiosa na cidade de Lisboa. Cruzam-se os dados paleobiológicos alcançados com a realidade estratigráfica e espacial do sítio, com orientações e posições

sepulcrais e com os artefactos encontrados a par de paralelos funerários em contexto histórico-arqueológicos em igrejas da cidade de Lisboa e outras realidades europeias. São englobados todos os dados reunidos que se unem na abordagem conceptual da Bioarqueologia.

Tentou-se estabelecer uma visão mais alargada, onde se pretendeu contribuir com um arqueossítio estudado com uma abordagem metodológica pouco usual em contextos funerários portugueses de modo a, no futuro, se estabelecer padrões sociais e culturais no tecido histórico lisboeta e quiçá, português.

2. Fundamentos teóricos

2.1. Uma questão de semântica?

Na bibliografia dos Estados Unidos da América, é comum, encontrar referência à Arqueologia como uma subdisciplina da Antropologia (Baker e Agarwal, 2017). Uma definição de Antropologia será «*Anthropology at its broadest is the study of humanity – our physical characteristics as animals, and our unique non-biological characteristics that we call culture. (...) Anthropology is thus a broad discipline – so broad that it is generally broken down into three smaller disciplines: biological anthropology, cultural anthropology, and archaeology*» (Renfrew e Bahn, 2012, p.12). A Arqueologia, dita como a Antropologia do passado em alguns dos países supraditos, definir-se-à do seguinte modo «*(...) archaeologists study past humans and societies primarily through their material remains – the buildings, tools, and the other artifacts that constitute what is known as the material culture left over from former societies.*» (Renfrew e Bahn, 2012, p.12). Nesta perspectiva e em alguns contextos anglosaxónicos, a Arqueologia é tida como um ramo da Antropologia, pois tem como objectivo de estudo principal o ser humano. Para o fazer, recorre principalmente a cultura material como meio para chegar às suas conclusões e/ou teorias científicas. Já a Antropologia, no contexto da escola anglófona, na sua dimensão sociocultural foca-se no estudo das civilizações e sociedades de hoje, ao passo que através da perspectiva biológica se dedica a estudar os aspectos evolutivos e biológicos do Homem.

Em Portugal tal não se verifica, ocorrendo mais facilmente a associação da Arqueologia com História do que com Antropologia. A Arqueologia assume-se como uma ciência com objecto, paradigmas e metodologias próprias. Através da análise dos vestígios materiais e físicos, a Arqueologia tenta descortinar os quadros mentais, sociais, culturais e económicos das sociedades passadas. Em Arqueologia é muito difícil conferir identidades individuais. Procura-se a descrição e entendimento de populações, de padrões de modos de viver, como colectivos humanos que habitam um dado território, que possuem várias práticas físico-simbólicas próprias. Por se dedicar preferencialmente ao estudo dos objectos e edificações do passado, o arqueólogo, tradicionalmente, negligencia (ou negligenciou) o vestígio mais directo do ser humano – o seu esqueleto – abrindo um

vazio na ciência que se propôs a estudar materialidades pretéritas (Alarcão, 2000; Renfrew e Bahn, 2012; Stutz, 2008).

Para o estudo dos elementos ósseos e dentários humanos, a Antropologia criou uma subdisciplina, cuja definição e termos são também usados na língua portuguesa – Antropologia Biológica ou Física – que se define como « (...) *study of human biological or physical characteristics and how they evolved.*» (Renfrew e Bahn, 2012, p.12). Esta breve definição não enfatiza o facto de o estudo das características biológicas e físicas do Homem estar relacionado com a análise de contextos arqueológicos. É descrito sim o papel da disciplina na investigação da evolução das características osteológicas/biológicas humanas, antes da formação do Homem Moderno. Porém, partindo novamente da tradição de nomenclaturas existente em alguns dos países do Norte da Europa, como o Reino Unido e Países Baixos, a título de exemplo, encontramos outro conceito que se compromete com o estudo de vestígios osteológicos provenientes de intervenções arqueológicas. Enquadra-se dentro de duas *disciplinas-mãe* de Arqueologia e Osteologia – a Osteoarqueologia. Este conceito é, por vezes, usado nestes países em substituição da palavra Bioarqueologia. Esta permuta acontece quando apenas se estudam ossadas humanas e não elementos vegetais ou faunísticos. Uma das fragilidades desta subdisciplina, da Osteoarqueologia, é a de não compreender o estudo do contexto cultural tão amplamente como seria de esperar com o cruzamento da componente arqueológica (Cruz, 2011; Killgrove, 2013). Mais adiante se abordará em maior profundidade este último conceito.

Relativamente a este assunto tem-se vindo a colocar a questão sobre que tipo de profissional terá competências a nível do conhecimento teórico e prático para um correcto estudo dos restos osteológicos humanos provenientes de contextos arqueológicos. Em Portugal é o antropólogo físico ou biológico o técnico competente para realizar este tipo de trabalhos. Na legislação em vigor, no Regulamento de Trabalhos Arqueológicos, Decreto-Lei nº 164/2014, de 4 de Novembro, no artigo 11º, no primeiro parágrafo lê-se «*Na escavação de contextos onde se presume a existência, ou sejam identificados, vestígios osteológicos humanos a equipa técnica integra, pelo menos, um especialista em antropologia física.*». Actualmente, a formação académica e especializada necessária para um indivíduo se qualificar a este tipo de trabalho não é clara, ao contrário do que acontece com os profissionais de Arqueologia. Esta falta de clarificação relaciona-se com a inexistência de uma definição legislativa da profissão e da trajectória académica do profissional, que ambicione trabalhar com vestígios osteológicos humanos. É um campo

de intervenção que se encontra um pouco no vazio entre duas ciências bem estabelecidas em Portugal.

2.2. Bioarqueologia e o seu quadro conceptual

A Bioarqueologia é uma ciência interdisciplinar que combina os saberes de várias áreas para tentar entender de modo holístico e diacrónico como o humano se desenvolveu, viveu e se adaptou ao mundo em constante mudança. Referimo-nos a um mundo que abrange aspectos físicos, o meio ambiente, mas também à construção social, cultural e económica dentro do *modus operandi* de cada sociedade. A Bioarqueologia, enquanto metodologia de recolha, tratamento e análise de dados de contextos funerários, combina a informação resultante da análise do esqueleto com os dados da estratigrafia, cultura material, espacialidade a que os indivíduos possam estar associados (Baker e Agarwal, 2017; Killgrove, 2013; Larsen, 1997).

O desenvolvimento da Bioarqueologia não aconteceu de forma uniforme no seio da comunidade científica, tendo conhecido uma maturação diferente consoante as diversas escolas que se dedicam ao estudo das sociedades passadas. Nasceu por volta dos anos setenta do século XX, no quadro de um pensamento de duas décadas anteriores sobre a necessidade de combinar a dimensão biológica com a dimensão cultural. Isto é, a Bioarqueologia veio responder a um conjunto de fragilidades da Arqueologia e da Antropologia. Por um lado, a Arqueologia processual e a Arqueologia descritiva e material não consideravam o indivíduo no seu meio psicológico (Alarcão, 2000). Por outro lado, a Antropologia tradicionalmente classificativa, evolutiva e fortemente apoiada na metodologia métrica, descurava as questões de natureza cultural (Baker e Agarwal, 2017; Fuentes, 2010). Estas abordagens, pela sua natureza parcelar, condicionavam a amplitude de informação susceptível de retirar dos contextos arqueológicos, em particular de natureza funerária. Tornava-se aos poucos clara a necessidade de repensar os modelos de recolha e análise da informação de natureza arqueológica. As grandes campanhas arqueológicas que tiveram lugar no Sul egípcio e no Norte do Sudão, na década de sessenta do século passado, foram determinantes para o desenvolvimento da Bioarqueologia já que nelas colaboraram osteólogos e antropólogos biológicos. Nestas escavações, participou George Armelagos que, mais tarde, contribuirá para o desenvolvimento da disciplina de Bioarqueologia (Baker e Agarwal, 2017; Killgrove, 2013).

Uma leitura de natureza geográfica permite perceber as nuances associadas a esta abordagem metodológica e científica. No Reino Unido, a Bioarqueologia é classificada como o estudo de elementos ósseos humanos e/ou faunísticos, botânicos e geológicos, envolvendo estudos paleoecológicos. O termo foi primeiro usado por Don Brothwell (Brothwell, 1967), mas cunhado tradicionalmente pelo arqueólogo britânico Grahame Clark em 1972 (Clark, 1972) em relação ao estudo de uma coleção de elementos osteológicos faunísticos, no âmbito da sua pesquisa de um arqueossítio pré-histórico em North Yorkshire (Baker e Agarwal, 2017; Killgrove, 2013).

Em França, a Bioarqueologia enquanto sinónimo de campo do saber que combina a Arqueologia com a dimensão biológica da Antropologia, assume diversas terminologias. Separam-se conceptualmente o estudo do *ritual funerário*, que retrata a cultural material; o estudo da *Antropologia de terreno*, para analisar a espacialidade funerária e, da Arqueotanatologia, para o estudo do sepulcro e os vestígios osteológicos humanos. Estas propostas terminológicas foram avançadas pelo investigador de referência Henri Duday, autor de uma das obras de referência no âmbito da metodologia de escavação, recolha e análise de dados em contexto arqueológicos com presença de vestígios osteológicos humanos, *Archaeology of the Death* (Duday *et al.*, 2009). Este investigador, embora não usando a designação Bioarqueologia, acaba por utilizar uma abordagem metodológica semelhante nas suas investigações. A sua abordagem aos contextos arqueológicos contribuiu para o desenvolvimento de uma metodologia pluridisciplinar e holística, aproximando-se das práticas bioarqueológicas (Baker e Agarwal, 2017).

Paralelamente, nos Estados Unidos da América (E.U.A.) foi através da antropóloga Jane Buikstra que se associou uma perspectiva arqueológica com metodologias da osteologia humana, com o propósito de estudar a mudança biocultural que ocorreu numa cronologia pré-colombiana do sítio arqueológico que estudava em Illinois. Esta investigadora procurou articular uma proposta de cariz sociocultural com dados resultantes do estudo da biologia do esqueleto. A Bioarqueologia nos Estados Unidos da América é entendida como o produto da relação do ambiente biológico e cultural com a análise de osteologia humana, ficando as designações de Zooarqueologia para o estudo de restos faunísticos e de Arqueobotânica para o estudo da paleoflora. Neste país há outras percepções daquela que se entende ser a área e modo de intervenção da Bioarqueologia. Por exemplo, George Armelagos associa a Bioarqueologia à análise da «*adaptation and evolution of social systems*» (Armelagos, 2003, p. 29). Já Clark Larsen

usa a Bioarqueologia como forma de analisar o comportamento humano. Para este autor, o estudo de um indivíduo ou de uma comunidade não passa apenas pela identificação dos elementos paleodemográficos, paleopatológicos ou pela caracterização e descrição da cultura material, mas também pelas motivações e comportamentos dos indivíduos associados aos contextos em estudo (Larsen, 1997). É o aspecto invisível das vidas e, até, o pensamento humano, que se pretende inferir quando, para se desenvolver uma investigação em contextos arqueológicos de natureza funerária, se recorre a uma metodologia multi e interdisciplinar, procurando assim responder às interrogações que ainda persistem sobre o *modus vivendi* das populações do passado (Alarcão, 2000; Baker e Agarwal, 2017; Larsen, 2002; Killgrove, 2013).

Em Portugal, o termo Bioarqueologia é timidamente usado, encontrando-se em não mais de uma dúzia de artigos e/ou comunicações. Destacam-se os trabalhos de Eugénia Cunha (Cunha e Matos 1999; Cunha, 2001; 2002a) e em duas comunicações mais recentes, uma intitulada de *Bioarqueologia: dos dados ao conhecimento (...)* e uma outra intitulada de *Revisitar o Hospital Real de Todos os Santos através das evidências bioarqueológicas*, proferida por seis investigadores numa equipa composta por antropólogos e arqueólogos (e.g. Neto, *et al.*, 2017¹ e Alves Cardoso, *et al.*, 2017²). Em outras situações constata-se que os trabalhos são desenvolvidos no âmbito da Bioarqueologia, mas os investigadores não assumem este conceito.

Ao nível institucional, encontra-se o termo num Mestrado em Técnicas de Arqueologia do Instituto Politécnico de Tomar, com o seminário de “*Bio-Arqueologia e Evolução Humana*”, onde se remete para o estudo de osteologia humana numa perspectiva evolutiva³. Contudo, ao nível da tutela, é possível encontrar no sítio oficial na internet da Direcção-Geral do Património Cultural o termo “Bioarqueologia Humana”⁴, classificado como uma subdisciplina da Antropologia Biológica.

¹NETO, F.; CRUZ, C.; SEABRA, A. (2017) – *Bioarqueologia: dos dados ao conhecimento - Desenvolvimentos de um modelo de gestão de informação*. Comunicação proferida durante a Reunião da Secção de História na Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa.

² ALVES CARDOSO, F.; CASIMIRO, S.; LAUGHTON, J.; SILVA, R. B. da; ASSIS, S. e MÁRQUEZ-GRANT, N. (2017) – *Biografias na Morte, Revisitar o Hospital Real de Todos os Santos através das evidências bioarqueológicas*. Comunicação proferida durante o Colóquio “A Morte em Lisboa – Novos Dados, Novas Perspectivas”, realizada no Museu do Carmo, Lisboa.

³ Ipt, *Instituto Politécnico de Tomar*, sítio http://portal2.ipt.pt/pt/cursos/estt/m_-_ta/plano_curricular/30083/. Consultado a 29 de Junho de 2017.

⁴ *Património Cultural, DGPC*, sítio: <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/patrimonio-arqueologico/laboratorio-de-arqueociencias-larc/bioarqueologia/>. Consultado a 20 de Dezembro de 2015.

Tendo em consideração a história que presidiu à afirmação da Bioarqueologia, esta é uma área do conhecimento que se pode entender como encerrando em si as várias paleociências que contribuem para o estudo e conhecimento do passado, a que se poderão acrescentar outros domínios de natureza tecnológica respondendo às necessidades metodológicas da contemporaneidade. A Bioarqueologia é assim, necessariamente, o produto de uma abordagem multidisciplinar que nascerá do trabalho de uma equipa composta por investigadores que contribuam com perspectivas científicas diversas, postas ao serviço do conhecimento das populações do passado. Em paleociências dificilmente se alcançam bons resultados sem equipas multidisciplinares. Neste trabalho, focamos apenas nos desenvolvimentos na Bioarqueologia como forma de conhecer as populações do passado e as suas características biológicas em função dos seus contextos histórico-arqueológicos.

Apesar da grande quantidade de informação que a análise macroscópica do esqueleto nos pode fornecer, a verdade é que apenas recentemente se começaram a descortinar as vantagens e usos da análise ao nível celular. As investigações químicas de isótopos estáveis, assim como as novas técnicas de sequenciação de ADN mitocondrial e ancestral, têm contribuído para detectar os padrões dietéticos das populações pretéritas, podendo assim inferir-se elementos que caracterizam os respectivos paleoambientes, assim como rotas de migração, analisando a ancestralidade e biodistância dos indivíduos. Investigações sobre a biomecânica óssea são também relativamente recentes e permitem identificar indicadores de *stress* no esqueleto e na dentição humana. Partindo-se da premissa que o esqueleto se transforma ao longo dos anos consoante as suas necessidades físicas e biológicas (Lei de Wolf), sabemos que o osso nos transmite que tipo de actividades e movimentos um indivíduo faria consoante o desgaste, formação de entesopatias musculares e patologias degenerativas que daí advêm. Os estudos em biomecânica vêm aprofundar e tentar conferir certezas nos marcadores de actividade que ao nível macroscópico se identificavam, contribuindo para a investigação da evolução da locomoção humana (Larsen, 2002; Baker e Agarwal, 2017; Ruff, 2008).

Os restos esqueléticos provindos de contextos arqueológicos constituem uma via directa de acesso ao passado. Com os vestígios osteológicos humanos a ganharem cada vez mais a atenção dos arqueólogos, assumindo-se hoje como parte integrante de um dado contexto arqueológico, a Bioarqueologia desenvolve-se a um ritmo relativamente rápido e atrai cada vez mais adeptos em vários países, apesar de ser um ramo do saber com ainda pouca tradição. É uma ciência que tem como uma das suas ambições tentar colmatar o

vazio existente entre o trabalho de um arqueólogo e o do especialista em antropologia biológica. Assim, em vez de se gerarem produtos científicos separados, procura-se agregar as potencialidades de todas as disciplinas e originar um trabalho multidisciplinar que procure abordar a totalidade dos contextos arqueológicos. É uma ciência que permite estudar as populações e indivíduos do passado de modo holístico e diacrónico através da sua componente biológica e social, utilizando metodologias que recebem influências de outras áreas. Permite compreender as adaptações físicas e comportamentais da Humanidade ao longo dos tempos, como se ultrapassaram pragas patogénicas, mudanças de ambiente e político-económicas e os diferentes sistemas de organização social e cultural. Os investigadores exercem Bioarqueologia com o fim de tentar compreender a complexidade que é a vida humana (Armelagos, 2003; Agarwal e Glencross, 2011; Baker e Agarwal, 2017; Larsen, 2002).

As duas propriedades apesar de entidades diferentes, uma palaciana e outra eclesiástica, cada uma com a sua respectiva entrada, eram ligadas por uma passagem privada interior, utilizada pelos proprietários (Gonçalves e Segurado, 1983).

Apesar de hoje se considerar como fazendo parte do bairro da Mouraria, a verdade é que a Igreja e o palácio encontravam-se fora da Cerca Velha, mas dentro da Cerca Nova ou Fernandina, portanto no exterior do recinto da antiga medina islâmica, mas no interior da cidade cristã (mapa nº3, anexo VI). Limítrofe mas exterior ao local onde se instalou a minoria muçulmana da cidade após a Reconquista. No interior da propriedade do Palácio da Rosa é possível encontrar vestígios da Muralha Fernandina devido às obras de remodelação da estrutura militar que tiveram lugar em 1625, coordenadas pelos proprietários do Palácio, dado o seu desuso (Almeida, 1973; Silva, 1987; Sucena, 1994). Durante as intervenções arqueológicas ocorridas nos últimos anos, quer no espaço do palácio, quer nos territórios adjacentes que integram a sua ZEP (Zona Especial de Protecção), veio a verificar-se a presença de restos estruturais da Cerca, como a historiografia o vinha a indicar (Leitão e Santos, 2010; Rocha e Perpétuo, 2015; AAVV., 2015).

Sobre a data de fundação da Igreja de São Lourenço não há certezas, sendo que as várias propostas remetem para o século XIII. Com base na historiografia apontam-se as hipóteses de 1220, 1258, 1271 ou 1296 (Araújo, 1992; Gonçalves e Segurado, 1983). Esta Igreja terá sido erguida por Pedro Nogueira, um dos funcionários do rei D. Dinis, tendo passado depois para os mesmos proprietários do Palácio da Rosa. A Igreja de São Lourenço era, inicialmente, a igreja da paróquia de mesmo nome e situava-se a meio caminho entre o castelo e a porta da Mouraria, denominado antes por Arco Marquês do Alegrete, localizada na actual zona da Praça do Martim Moniz (Araújo, 1992, p.71-74). Nas suas imediações existiam zonas de cultivo e áreas artesanais, como o caso das olarias e ferrarias, ofícios a que a maior parte da população da Mouraria se dedicava na Baixa Idade Média (Barros, 1998).

O aumento de população na cidade, assim como a instalação de um outro arrabalde nesta zona nortenha de Lisboa, motivou a expansão da malha urbana da Mouraria, estendendo-se para as actuais Rua dos Lagares e Rua das Olarias, com a aglomeração de dois bairros, o “*Arrabalde Novo*”, composto por cristãos maioritariamente, e o “*Arrabalde Velho*”, a zona primitiva da Mouraria, formando uma Mouraria de maiores dimensões e mais inter-religiosa (Andrade, 1944; Gaspar, 1985; Marques, 1994; Barros, 1998).

No final do século XV, com o édito de expulsão ordenado por D. Manuel I, a Mouraria começou a ser cristianizada, sendo as antigas propriedades muçulmanas transformadas em espaços de culto cristãos. É o caso do *Coléginho*, instalado possivelmente no local da antiga mesquita maior, convertido depois no Coleginho de Santo Antão-o-Velho, primeira sede da ordem jesuítica em Lisboa. No século XVI, a Mouraria continha três freguesias, a de São Lourenço, onde se situava a Igreja e o Palácio da Rosa, São Cristóvão e São Sebastião da Mouraria (Araújo, 1992). Segundo obra de Cristóvão Rodrigues de Oliveira, contavam-se na freguesia de São Lourenço, entre os anos de 1554 e 1560, «*cem vezinhos em que há quinhentas E vinte seis almas*» (Oliveira, 1938, p.35).

Do ponto de vista estrutural, pouco se sabe sobre a primitiva traça românica do edifício, assim como das suas reformulações góticas. Anexados à sua nave, sabe-se da existência de cinco capelas góticas. Estas estruturas, a par de inumações descobertas aquando das intervenções arqueológicas, são dos poucos vestígios do período medieval da Igreja (Pereira, 1840; Gonçalves e Segurado, 1983).

O edifício tem uma história de consecutivas destruições e remodelações. Em 1531, com um grande terramoto «*que durante oito dias abalou e destruiu grande parte de Lisboa*» (Gonçalves e Segurado, 1983, p. 43) a Igreja foi destruída e ficou em ruínas. Foi apenas em 1611 que se deu ordem para a sua reconstrução, para nela se retomar o culto. Durante este século e até meados do próximo foram várias as obras que tiveram lugar na Igreja, ordenadas primeiro por ordem régia, depois por D. Tomás de Almeida, patriarca de Lisboa, e por fim pelos proprietários do Palácio da Rosa. As obras de remodelação aproveitaram as antigas estruturas medievais – a abóbada românica –, embelezando a capela-mor com talha dourada de estilo nacional. Foi nesta altura que se ligou a Igreja ao Palácio da Rosa através de uma galeria, na zona Norte, que terá aproveitado as estruturas de uma das capelas góticas, passando a Igreja a servir como capela do palácio.

Em 1755, por acção de terramoto, a Igreja foi novamente destruída. Desta vez a reconstrução foi rápida, tendo sido concluída pouco mais de uma década depois, em 1766. Durante o século XIX foi várias vezes alvo de intervenções, levadas a cabo pelos marqueses de Ponte Lima, depois de Castelo Melhor. A 15 de Julho de 1886 as freguesias de São Lourenço e São Cristóvão foram anexadas, sendo que a Igreja de São Cristóvão passou a ser a sede paroquial, transferindo-se o culto de São Lourenço para esta. À data deste decreto é notado que a Igreja de São Lourenço ameaçava ruína, tendo sido este um

dos factores que motivou a decisão da alteração do local de culto. O outro motivo terá sido o facto de ambas as paróquias ocuparem uma área geográfica de pequenas dimensões (Pereira, 1840; Andrade, 1944; Almeida, 1973; Gonçalves e Segurado, 1983; Araújo 1992; Coelho, 1998).

A Igreja de São Lourenço pode ser acedida por duas entradas, uma pela Rua Marquês Ponte de Lima – a entrada principal – e outra pelo Largo da Rosa – entrada secundária. Conta-se que no seu interior coubessem 300 fiéis (Pereira, 1840, p.427). A nível arquitectónico está dividida em três planos/zonas separados entre si por colunas e cunhais em cantaria. A Igreja possui uma torre sineira, uma única nave e uma capela-mor. Esta última é decorada, como referido, com talha dourada em estilo nacional, composta por quatro varandas. No altar-mor de frente estão as imagens de Nossa Senhora da Pureza e, nas suas paredes laterais, imagens de São Lourenço, que dá nome à Igreja. O conjunto de azulejos policromos, representando a vida do santo regente, e a talha na capela-mor contrastam com o tecto simples românico da nave, onde se pintam os Apóstolos, sendo este trabalho datado de 1867. Ao nível tumular são visíveis duas pedras sepulcrais situadas no altar-mor, numa delas registando-se *Luis de Britto Nogueira pai deste Estevão de Brito esta sepultado no Mvstro da Rosa desta cidade q̃ fundou* (Pereira, 1840; Almeida, 1973, Gonçalves e Segurado, 1983).

Na face Norte da nave, em estruturas de planta rectangular, abrem-se a sacristia e uma sala, a Este, de apoio a esta, onde no piso superior se situa a tribuna de ligação ao Palácio da Rosa. Em cima da porta de acesso à sacristia existe uma lápide onde se lê “*Mandada reedificar no anno de 1904 pelo Marquez de Castelo Melhor Visconde de Varzea Juiz Perpetuo da Irmandade do Santissimo*” (Almeida, 1973, p.97). Mais perto da entrada, ainda a Norte, localiza-se um pequeno baptistério (Almeida, 1973, Gonçalves e Segurado, 1983; Araújo, 1992; Coelho, 1998).

Já na face a Sul da nave, contornada pelo Largo da Rosa, abre-se a entrada secundária, assim como uma zona de habitação do antigo pároco, no local onde foram descobertas as fundações de uma capela gótica e uma outra divisão, que seria uma sala de apoio às actividades eclesíásticas da igreja onde, continua, em níveis inferiores, estruturas de uma outra capela gótica (imagens nº 2 e nº 3, anexo VII) (Almeida, 1973, p.98) (Pereira, 1840; Almeida, 1973, Gonçalves e Segurado, 1983; Araújo, 1992; Coelho, 1998).

3.2. As intervenções arqueológicas

A Igreja de São Lourenço foi alvo de diversas intervenções arqueológicas integradas, primeiro, numa mesma campanha coordenadas por Clementino Amaro. Inicialmente tiveram lugar três fases de escavação arqueológica no decorrer de dois anos, entre 1992 e 1993, correspondente a uma primeira campanha de escavações. Logo após a primeira intervenção, verificou-se que seria necessário alterar o plano inicial, planeando-se uma missão mais global, inclusiva e ambiciosa. O projecto da Igreja de São Lourenço incluía agora uma «restauração integral da Igreja; reformulação da área sul (capelas góticas); reposição integral de uma das capelas góticas; criação de uma área museológica» (Amaro, 1993). Uma segunda campanha foi liderada cientificamente por Armando Sabrosa, com a perspectiva de durar entre os anos 1999 e 2002, tendo, porém, cessado no primeiro ano (Amaro, 1999).

As intervenções tiveram início em 1992. Com a missão de se efectuarem obras de recuperação na igreja que se encontrava ao abandono, a Direcção Municipal de Reabilitação Urbana da Câmara Municipal de Lisboa requisitou apoio de especialistas em Arqueologia ao Departamento de Arqueologia do Instituto Português do Património Arquitectónico (IPPAR), tendo em conta a classificação do espaço e do seu potencial patrimonial (Amaro, 1993).

Precedendo às primeiras intervenções, a Igreja encontrava-se com lixo, vestígios de obras e outro tipo de entulho no seu interior, devido ao seu estado de abandono. Era já esperada a ocorrência de enterramentos no seu interior, assim como a existência de uma cronologia extensa (Amaro, 1993a).

A primeira fase de intervenções decorreu então de Março a Maio de 1992, escavando-se parcialmente a nave principal da Igreja, correspondente às sondagens 1, face Norte, adossada à parede Oeste da nave; e 2, face Sul, junta também à parede Oeste mas não adjacente. No mesmo ano, de Julho a Agosto, escavou-se a “primeira capela gótica”, sondagens 3 a 6, a Sul da nave. Na segunda fase, em 1993, procedeu-se à abertura de mais duas sondagens, a 7 e 8, correspondentes à “antiga casa do guarda” e à “segunda capela gótica”, respectivamente (imagem nº 4, anexo VII). Todas as sondagens entre a 3 e a 8 encontram-se ao longo da zona Sul da nave da Igreja. Dado serem necessárias vistorias prévias aos alicerces das estruturas escavou-se a totalidade das “duas capelas góticas”.

A metodologia adoptada foi seguida igualmente pelo conjunto das várias intervenções, dado o seu responsável comum. Aquando da escavação arqueológica foi delineado um sistema de eixos cartesianos, orientado a partir das paredes da Igreja. Optou-se por não seguir o sistema de escavação em quadrículas dadas as condicionantes do espaço a escavar, sendo abertas sondagens de tamanho variável consoante o local da Igreja e as conveniências necessárias. Nesta primeira campanha, as oito sondagens foram escavadas seguindo camadas artificiais de 20 centímetros cada. Todavia, a identificação do espólio recolhido foi feita através das camadas naturais em que foram recolhidos. As sepulturas e os silos encontrados foram classificados como entidades individualizadas sendo escavados como contextos fechados, com numeração separada. O autor da escavação descreve a intervenção através de *camadas*, que corresponderão às camadas naturais e, *contextos*, que são atribuídos aos silos e sepulturas, como mencionado e a camadas naturais. O *contexto* é o termo usado para sequência estratigráfica da escavação. Cada uma destas denominações segue uma numeração independente. O *contexto* acompanha ordem crescente, ao passo que a numeração/identificação da *camada* assume uma lógica que não nos foi possível reconhecer. No âmbito da altimetria fixou-se o ponto da soleira da porta principal, na qual se assinalou o valor de 39,35 metros. No registo foram descritos, desenhados e fotografados níveis e perfis das sepulturas e silos identificados, assim como caracterização geológica dos solos e preenchimento do caderno de campo (Amaro, 1993; 1993a).

Em 1999, foi pedida uma nova licença de escavação do espaço secular, requisitada pelo mesmo arqueólogo, Dr. Clementino Amaro, mas sob direcção científica do Dr. Armando Sabrosa, como mencionado. Dados os resultados positivos decorridos dos primeiros trabalhos, o novo plano incluía a continuação da escavação da “segunda capela gótica” e da “antiga casa do guarda”, planeando-se intervencionar os restantes espaços da Igreja e começar o estudo da colecção osteológica recuperada nos sepulcros. Tal como na primeira campanha, mantiveram-se as ambições de restaurar totalmente a Igreja, de modo a promover a sua valorização e de se criar uma área museológica no seu interior Sul. É referido também que a importância histórico-arqueológica da Mouraria não se refletia no espólio estudado e exposto às populações e um dos objectivos era contrariar esta situação (Amaro, 1999). No delineamento das tarefas a realizar ao longo das quatro fases desta segunda campanha, estaria previsto que logo na segunda fase, em 2000, se iniciassem trabalhos de conservação e restauro da Igreja, acompanhados com a intervenção de arqueólogos. A metodologia de escavação continuou a mesma, numa combinação de

camadas artificiais e naturais e na individualização de inumações e silos como entidades com contexto fechado (Amaro, 1999).

Em 1999, primeira fase da nova campanha, os trabalhos iniciaram-se em Outubro e duraram apenas oito dias. A escavação foi então interrompida por questões de falta de higiene e de condições de segurança adequadas ao decorrer dos trabalhos. O local foi assim abandonado novamente, não se tendo procedido a medidas de conservação ou protecção do espólio e das estruturas que na Igreja se encontravam a ser intervencionadas. O seguinte hiato de seis anos de abandono da Igreja deveu-se não só às parcas condições de trabalho que a Igreja oferecia, como infestação de pulgas, mas também devido aos processos burocráticos que ocorriam com a possível venda do Palácio da Rosa a particulares que, entretanto, acabou por não ocorrer e que previa que o próximo dono da propriedade patrocinasse as obras de recuperação e preservação do espaço (Amaro, 1993; 1993a; Sabrosa, 1999).

Em 2005, uma equipa do Instituto Português de Arqueologia (IPA) deslocou-se ao sítio a fim de analisar o estado da Igreja, avaliando os estragos que pudessem ter ocorrido na sequência do abandono das intervenções arqueológicas. A situação que se verificou (ft. nº103 e nº104, anexo VIII), através de uma vistoria efectuada a partir do visionamento do interior da Igreja por uma janela foi descrita de seguinte modo: “*ossadas expostas, misturadas com muito lixo e excremento animal*” (AA.VV., 2005). Assim, no decorrer do Verão do mesmo ano, uma equipa do IPA procedeu a trabalhos de protecção do património arqueológico da Igreja. O seu interior foi limpo, artefactos descontextualizados foram recolhidos, registou-se o estado das sondagens deixadas ao abandono, tendo-se de seguida procedido à sua selagem com recurso a geotêxtil e terra (AA.VV., 2005).

Uma breve pesquisa nos processos e relatórios técnico-científicos disponíveis assim como uma visita ao Portal do Arqueólogo é facilmente visível que foram realizadas mais quatro intervenções arqueológicas neste arqueossítio. Porém, um olhar mais atento revela que foram trabalhos realizados nas imediações do Palácio da Rosa e não na Igreja de São Lourenço. Esta junção de relatórios acontece devido ao facto supramencionado destas duas entidades estarem classificadas em conjunto.

Dado o reparo da não concordância de terminologias utilizadas ao longo dos relatórios técnico-científicos e outro tipo de registos das intervenções arqueológicas resultantes das duas campanhas realizadas, a primeira coordenada por Clementino Amaro (Amaro, 1993, 1993a) e a segunda por Armando Sabrosa (Sabrosa, 1999), importa rever

este ponto. Trata-se, pois, do esclarecimento entre o uso dos conceitos de *inumação*, *sepultura*, *talhão* e *enterramento*. Esclarece-se que estes termos têm o seguinte significado na bibliografia actual da especialidade. Por sepultura entende-se por o local onde estão depositados um ou mais indivíduos no qual é visível a prática de rituais funerários nesse mesmo indivíduo. A sepultura poderá compreender, portanto, o local de deposição, os vestígios osteológicos e a cultura material depositada no interior do local de deposição ou em redor deste, de modo a reflectirem-se como a intenção de se proceder a um gesto funerário (Leclerc, 1990; Crubézy, 2000; Cruz, 2011). Por inumação entende-se como o acto de enterrar um ou mais indivíduos num local, tendo em vista a intenção de afastar o/os cadáveres do mundo dos vivos durante o processo de decomposição. A inumação poderá ser primária, quando o indivíduo se encontre num primeiro local de deposição, ou secundária se o defunto tiver sido deslocado do seu primeiro local de enterramento, facto que se pode tornar perceptível quando há a perda da relação anatómica das peças esqueléticas (Duarte, 2003; Bello e Andrews, 2006; Cruz, 2011). O uso indiscriminado de vocabulário que remete para os contextos funerários tem-se revelado uma questão que limita a interpretação e compreensão dos dados contidos nos documentos que reportam intervenções arqueológicas com a presença de remanescentes humanos. Como sucede com frequência, o recurso às designações associadas aos processos funerários serve muitas vezes uma função que visa o enriquecimento linguístico do texto, assumindo certas palavras como sinónimos quando na realidade não o são, deixando para segundo plano o uso factual e científico dos vocábulos (Cruz *et al.* 2015). Também no caso dos documentos produzidos durante os referidos trabalhos arqueológicos, este fenómeno se verifica e condicionou, em certa medida, a interpretação dos dados recolhidos.

Nos relatórios da primeira campanha de trabalhos (Amaro, 1993) o termo *sepultura* raramente é usado, denominando-se os locais tanto de sepulcro como de *inumação*, os quais terão sido numerados, de uma maneira geral, de forma sequencial. A algumas inumações é-lhes associado, por vezes, um *talhão*, que tem um número diferente da inumação associada, excepto no caso da inumação nº36 ao qual lhe corresponde igualmente o talhão nº36. Já nos registos de desenhos dos esqueletos e respectivos locais de sepulcro, o termo *talhão* desaparece para dar lugar ao de *sepultura*. Nos casos dos indivíduos números 32, 33 e 34, que se encontram associados entre si, na sondagem 7, aparecem no relatório classificados como *inumações*, porém nos registos gráficos surgem

como *sepulturas*. Neste caso, não é uma equivalência ao termo *talhão*, como de resto acontece nos restantes casos, pressupomos que tratar-se-á de uma pequena falha.

Nos relatórios da campanha de 1999, foram somente colocados a descoberto vestígios osteológicos de três indivíduos e um ossário (Sabrosa, 1999). Ao nomear os indivíduos, o autor utilizou o termo *enterramento* em dois dos casos, usando no outro o termo *sepultura*. De modo a tornar mais uniforme o uso de terminologia associada aos contextos funerários nesta dissertação, assumiremos as designações de inumação e sepultura naquilo que são as suas especificidades. A exceção será feita nos momentos em que for necessário parafrasear os documentos produzidos no decorrer das intervenções arqueológicas. Nesse caso, assumiremos as designações atribuídas pelos autores dos relatórios e notas de campo. Exemplo disso são as referências usadas no caso dos vestígios osteológicos estudados no âmbito desta dissertação.

Um pequeno problema surge quando três inumações são contabilizadas com numeração já utilizada em sepulcros anteriores, no relatório da primeira campanha. São repetidos os números 36, na sondagem 9; e os números 37 e 32 na sondagem 12 (Sabrosa, 1999). No primeiro relatório, as inumações 36 e 37 surgem associadas à sondagem 1, e a inumação 32 à sondagem 7. As sepulturas 36 e 32 estão representadas neste estudo através da análise do seu espólio artefactual, nas quais a etiquetagem corresponde com a numeração do primeiro relatório (Amaro, 1993), às sondagens 1 e 7. Estando estas duas sondagens em locais bastante afastados das mencionadas no relatório de 1999 (Sabrosa, 1999), acreditamos que terá sido uma falha na numeração. Não querendo ignorar esta situação, para fins de menção na dissertação e respectivos anexos e inventários, às segundas nomenclaturas serão acrescentadas a letra *a*. Assim, para as sepulturas escavadas na campanha de 1999, serão mencionadas de seguinte modo: *S.Lc./99/S.12/Sp. 32a*; *S.Lc./99/S.12/Sp. 37a* e *S.Lc./99/S.9/Sp. 36a*.

Todas estas correspondências são mencionadas ao longo da dissertação, sendo que na tabela nº28, anexo V, se poderá encontrar um resumo das informações de todas as inumações, com as suas correspondências e nomenclaturas de autor.

Em relação ao espólio inventariado pelos arqueólogos responsáveis pelas campanhas (Amaro, 1993, 1993a; Sabrosa, 1999) e ao que se deparou aquando do seu estudo, há que indicar que grande parte do espólio não se encontrava estudado. Assim, ao nível do espólio cerâmico apenas encontramos referência às duas painelas nos registos técnico-científicos, inventariadas com os números 57 e 63, recuperadas na sondagem 2,

na inumação 40 do talhão 42 (Amaro, 1993⁵). Apenas no que se refere ao espólio metálico, podemos afirmar que foi extensamente inventariado pelos autores das intervenções arqueológicas. Nota-se, porém, grande desfasamento em termos de número de objectos entre o material inventariado e aquele que se guarda hoje em reserva.

O espólio analisado mencionava, na sua etiquetagem, associação a sepulturas. Examinando, porém, com um olhar mais cuidado, depressa se percebeu que o espólio não estaria associado directamente às sepulturas, como poderia dar a entender, mas sim que terá sido recolhido numa zona de escavação contígua às estruturas funerárias. A maioria do espólio terá sido recolhido em zonas próximas das sepulturas e não directamente associado às inumações. Ainda assim, pareceu-nos que seria útil uma análise geral ao espólio, de modo a tentar uma aproximação à cronologia dos enterramentos. Ao contrário da análise do espólio osteológico, o espólio artefactual não foi, pois, estudado de forma sistemática. Assim, foram escolhidas peças que proporcionavam uma maior possibilidade de datação, quer devido à sua forma, tipo de cerâmica ou decoração. O espólio recolhido é proveniente de sete sepulturas e de um ossário, de acordo com a etiquetagem feita durante as intervenções⁶. São artefactos com um elevado nível de fragmentação, com muita variedade de formas, tipologia e cronologia. Assim, muitas vezes foi difícil atribuir cronologia específica, dadas as suas reduzidas dimensões e falta de características passíveis de integração em tipologia formal ou decorativa. As recolhas incluem fragmentos de azulejos, faiança, porcelana, cerâmica dita comum, vidrada, pintada, engobada, alguma com incisões, marcas de combustão, vestígio de tecido, além de objectos metálicos e madeiras.

O espólio encontrava-se já limpo e marcado, no caso das peças cerâmicas e de azulejo, assinalando-se a sua sondagem e camada de recolha. O espólio cerâmico e de azulejaria seleccionado foi alvo de um acrescento na sua marcação, atribuindo-se um número de inventário a cada uma das peças analisadas, iniciando-se contagem a cada sondagem/camada. Durante o estudo macroscópico destes materiais foi usado uma craveira analógica para medição de espessuras de parede, de bordos, de fundos ou de asas e respectivas dimensões e uma tabela de diâmetros para medição das proporções radiais de bordos e/ou fundos das peças cerâmicas escolhidas. Foram, também, analisadas as

⁵ Consultável na Ficha de Camada – Espólio Cerâmico, 5 N.G./95.

⁶ O espólio provém das sepulturas 32/33/34; Sp.1; Sp.35 (inumação 41/talhão nº35); Sp.36 (inumações 36 e 37/ talhão nº 36), Sp. 42 (inumação 40/ talhão nº42); Sp.43 (inumação 38/ talhão nº43) e Sp. 49 (inumação 39/ talhão nº49). Não é possível identificar qual ossário será.

colorações dos respectivos engobes, vidrados, pinturas e pastas com base na obra *Munsell Soil Color Chart*. As pastas cerâmicas foram analisadas igualmente de modo macroscópico, nomeando-se o tipo de cozedura a que a peça esteve sujeita.

O espólio metálico encontrava-se previamente inventariado pelos arqueólogos responsáveis pelas intervenções arqueológicas, não tendo sido alvo de tratamentos posteriores da nossa parte. Procedeu-se à análise da totalidade dos fragmentos deste tipo presentes na amostra, relacionados com os sepulcros, e ao seu registo fotográfico. O espólio vítreo foi o que obteve menos atenção, dado as suas condições de conservação e a falta de meios e técnica especializada para lidar com este tipo de espólio frágil. Também este se deparava com um inventário constituído assim como um catálogo fotográfico (Amaro, 1993; 1993a).

Nestes oito sítios (as sete sepulturas e o ossário) de que se estudaram materiais arqueológicos apenas um corresponde a uma das sepulturas de que estudámos o espólio osteológico - sepulturas 33 e 34 da sondagem 7. O espólio destas duas sepulturas foi encontrado agregado num mesmo contentor, como uma única entidade, ao contrário do que aconteceu no espólio osteológico (*S.Lc./93/S7/Sp.32/33/34*).

Refira-se que na maioria das identificações dos sacos contendo espólio se confunde a designação de sepultura com talhão. Contudo, o cruzamento de dados permite-nos esclarecer a atribuição em todos os casos⁷. Na análise do ossário e restantes sepulturas seguiu-se a designação dada pelos arqueólogos, uma vez que as peças já se encontravam marcadas.

No geral, o inventário apresenta peças que não estudámos, na sua maioria numismas, alfinetes, botões e medalhas, tendo sido utilizada a informação dos arqueólogos para datação e caracterização dos contextos funerários (Amaro, 1993; Sabrosa, 1999), tendo-se procedido a uma inventariação onde se identificaram as moedas; quando possível foi conferida cronologia e procurou-se entender as inscrições e elementos decorativos neles presentes. Segundo os registos, algumas moedas terão sido recolhidas no interior de sepulturas, o que torna mais eficaz a atribuição de uma cronologia mais específica. As moedas encontram-se em estudo para tese de doutoramento⁸, mas foi possível obter os resultados preliminares que já estão incluídos na presente dissertação.

⁷ Explicitado com mais detalhe acima no presente capítulo. Correspondência de sepultura/inumação/talhão consultável na tabela nº28, anexo V.

⁸ Tese de doutoramento por Tiago Gil Curado orientada na FCSH-UNL.

Na planta geral da Igreja de São Lourenço por nós elaborada (imagem nº1, anexo VII) agregaram-se os desenhos das plantas gerais das sondagens resultantes das escavações (Amaro, 1993; 1993a; Sabrosa, 1999). As sepulturas que não se encontram inseridas na planta não foram colocadas no esquema final pois, excepto raras situações, são muito difíceis de localizar dadas as informações que possuímos para o fazer. É conhecida a sua localização por sondagem mas não o local específico onde as sepulturas foram identificadas. Assim, as sepulturas representadas encontram-se em plantas dos níveis finais das necrópoles.

Alerte-se para o facto de muitas vezes não existirem cotas para todas as sepulturas identificadas e o parco rigor na sua localização espacial, originando, desde já, uma leitura estratigráfica deficitária. Mencione-se, também, que as cotas apresentadas muitas vezes não correspondem à estratigrafia analisada ao nível do espólio ou com a correlação temporal de camadas que os autores expõem (Amaro, 1993; 1993a; Sabrosa, 1999). Apesar de conscientes destas disparidades, apresentam-se todas as informações recolhidas no capítulo seguinte em relação a espólio e sepulturas identificados.

4. Estruturas e estratigrafia da necrópole

Neste capítulo retrata-se a evolução da necrópole enquanto espaço vivido, conjugando informações dos registos técnico-científicos e espólio por nós estudado, entre outras ilações. Este expôr da diacronia deste contexto funerário será muito limitada por consequência do parcial espaço intervencionado, apenas com duas pequenas sondagens no espaço na nave, próximas da porta de entrada na Igreja, portanto longe do altar-mor, e as restantes ao longo do lado Sul da Igreja, a par com o constrangimento do registo.

4.1. Sondagem 1

A sondagem 1 (esquema nº7, anexo VIII), localizada a Noroeste da nave da Igreja, é composta por 20 contextos e seis camadas. É delimitada a Norte pela parede da nave da Igreja. Possui cerca de 5 metros de comprimento e 1 metro de largura. A cerca de 60 centímetros do nível do pavimento de madeira, encontrou-se uma estrutura de laje de calcário, provavelmente pertencente ao antigo piso da Igreja que terá sido destruído aquando do terramoto de 1755. Após levantamento destes pavimentos (contextos 1 e 2), na primeira camada foram descobertas 3 sepulturas (*SI/Sp.36*; *SI/Sp.37*; *SI/Sp.38*), entre as cotas de 38,7 metros e 36,3 metros. Estes três enterramentos registam-se como contextos de 4 a 6. As duas primeiras correspondem ao talhão nº 36 (desenho nº 2, 4 e 5, anexo IX) e a última ao talhão nº 43 (desenho nº 6, 7 e 8, anexo IX). Todas estas se encontravam em caixão de madeira, orientadas a Oeste-Este, com dimensões aproximadas de 1,80 metros de comprimento por 1,50 metros de largura. Note-se, desde já, que estas medidas se repetem em todos os enterramentos em caixão das várias sondagens. Os inumados estavam em decúbito dorsal com os membros superiores cruzados (Amaro, 1993, p.5; Amaro, 1993a, p.6 e 8). O corte do perfil Este (esquema nº8, anexo VIII) evidencia que a sepultura 36 (*SI/Sp.36*) sobrepunha a 37 (*SI/Sp.37*). Não sabemos da localização da sepultura 38 (*SI/Sp.38*).

As três sepulturas (*SI/Sp.36*; *SI/Sp.37*; *SI/Sp.38*) foram classificadas como pertencendo à época contemporânea (Amaro, 1993a, p.6 e 8). Com efeito, na sepultura 36 (talhão 36, inumação 36) temos espólio recolhido de duas camadas e de diferentes planos. Na camada 1 (*S.Lc./93/S.1/C.1/Pl.0/Sp.36*) reuniram-se 43 fragmentos cerâmicos, de várias tipologias, cerâmica esmaltada a branco, azulejo, fragmentos de faiança

portuguesa e de cerâmica comum, algumas delas com marcas de combustão, com presença de fundos, bordos, asas e bojós. Foram descritos quatro fragmentos que achamos que representariam o universo temporal da necrópole da Igreja e os que teriam potencial de datação. O primeiro (*S.Lc./93/S.1/C.1/Pl.0/Sp.36/0001*) é um bordo de cerâmica comum (ft. nº 43, anexo IV), com um diâmetro de bordo de cerca de 15,5 centímetros, com uma forma fechada, datável do século XVIII, encontrando paralelo com o espólio recuperado em Alfama (Oliveira e Vieira, 2015, p.1035, 1038) e da Casa do Infante, no Porto (Barreira *et al.*, 1998, p.168). Selecionou-se também um fragmento de bojo de cerâmica esmaltada a branco (fts. nº 47 e 48, anexo IV) (*S.Lc./93/S.1/C.1/Pl.0/Sp.36/0004*), datada do século XVIII, com paralelos em Lisboa, no Convento de São Francisco e no Martim Moniz (Torres, 2011, p.339; Casimiro, 2011, p.294). Registrou-se também um bordo direito de faiança portuguesa (*S.Lc./93/S.1/C.1/Pl.0/Sp.36/0003*), um possível pires (fts. nº 45 e 46, anexo IV), com decoração ilegível, dos finais do século XVI, com paralelos em Lisboa (Torres, 2015, p.424) e no Porto, na Casa do Infante (Barreira, Dordio e Teixeira, 1998, p.152/153); um outro fragmento de azulejo (*S.Lc./93/S.1/C.1/Pl.0/Sp.36/0002*), com decorações a azul, amarelo e branco, com desenhos que não são perceptíveis (ft. nº44, anexo IV), eventualmente uma flor de tipo “padrão” (Simões, 1997; Gomes, 2011, pp.52-54). Exumou-se também um fragmento metálico (*S.Lc./92/S1/C.1/Pl.0/Sp.36*), talvez uma bainha, de formato rudemente rectangular (fts. nº 1 e 2, anexo III). Nesta camada foram ainda descobertos, segundo os registos, uma moeda, uma medalha e um botão de face lisa, com pé, todos eles objectos metálicos (Amaro, 1993a⁹). O numisma pertence ao reinado de D. Maria I¹⁰, tratando-se de uma moeda de V Reis de 1799. Todo este conjunto artefactual pertence ao século XVIII, estabelecendo-se concordância cronológica entre estratigrafia registada e espólio estudado. Esta sepultura data de época contemporânea.

Da sepultura 38 (talhão 43, sepultura 38, acima mencionada como *S1/Sp.38*) levantou-se, igualmente, espólio de duas camadas diferentes. Da primeira camada, num total de sete peças, recolheram-se cerâmicas comuns e brunidas, não inventariadas. De relevância nesta camada inventariou-se um fragmento em madeira do que parece ser uma cavilha (*S.Lc./92/Sd.1/C.1/Pl.0/Sp.43/0001*) (ft. nº76, anexo IV), podendo ser reflexo da presença de caixão em madeira. Identificou-se um saco individualizado que continha muitos fragmentos cerâmicos no seu interior que perfaziam uma panela quase completa,

⁹ Informação disponível na “Ficha de Tratamento de Espólio”, p. 1.

¹⁰ Informação gentilmente cedida por Tiago Gil Curado (tese de doutoramento FCSH/UNL, no prelo)

sem fundo, já inventariada pelo arqueólogo como peça nº57 (Amaro, 1993), com vestígios de tecido, talvez corda em redor do seu bordo e de combustão (fts. nº 59 e 60, anexo IV). É uma panela do século XVIII com paralelos, por exemplo, no Hospital Real de Todos-os-Santos e na Rua de São Pedro Mártir, na Mouraria (Bargão, 2015; Trindade e Diogo, 1998). Uma moeda de V Reis foi encontrada associada ao sepulcro, datada de 1754, cunhada durante o reinado de D. José¹¹. A moeda aponta para uma cronologia de, pelo menos, do século XVIII para o sepulcro, estando em uniformidade com o enterramento num talhão em caixão de madeira e com a estratigrafia da sondagem. O restante espólio metálico dividiu-se pelo achamento de duas tachas e um fragmento de arame (Amaro, 1993a¹²).

Na segunda camada, novamente na sepultura 36 (*S.Lc./93/S.1/C.2/Pl.2/Sp.36*), recolheram-se 20 fragmentos cerâmicos. Também ele era composto por espólio artefactual muito diverso, com peças em fraco estado de conservação e com a presença de peças com bordos muito rolados e com grande desgaste como é exemplo um fragmento de um possível alguidar (*S.Lc./92/Sd.1/C.2/Pl.2/Sp.36/0003*) (fts. nº 52 e 53, anexo IV) com uma cronologia do século XVII, com paralelos no Porto (Barreira *et al.*, 1998, p. 172). O fragmento de azulejo parece-nos ser um azulejo tipo “padrão” (ft. nº 49, anexo IV), com decoração geométrica a azul, branco e amarelo, datado entre os séculos XVII-XVIII (Simões, 1997; Gomes, 2011, pp.52-54). Inventariou-se também uma asa em fita, da qual não se aferiu datação (*S.Lc./92/sd.1/C.2/Pl.2/Sp.36/0002*) (fts. nº 50 e 51, anexo IV). No geral das duas camadas, o espólio da sepultura 36 enquadra-se em finais da época moderna, com algumas peças já do século XVIII e início do XIX, portanto coincidentes com a datação proposta inicialmente (Amaro, 1993, p.5). Neste sepulcro foi ainda identificado uma moeda de V Reis de 1799, do reinado de D. Maria I¹³, colocando em concordância as datações indicadas, quer do espólio estudado, quer dos registos de campo.

Ainda na camada dois, temos a inumação 4 (*SI/Sp.4*), em vala aberta. Determinou-se uma cota de 38,12 metros (tabela nº41, anexo V), portanto genericamente acima das três supracitas, mas no desenho realizado pelos arqueólogos esta encontram-se abaixo das restantes. Também nos é indicado que a inumação 4 (*SI/Sp.4*) será datável da Idade Moderna em contraste com as 36 e 37 (*SI/Sp.36 e SI/Sp.37*), datadas da época

¹¹ Informação gentilmente cedida por Tiago Gil Curado (tese de doutoramento FCSH/UNL, no prelo).

¹² Informação disponível na “Ficha de Tratamento de Espólio”, p. 1.

¹³ Informação gentilmente cedida por Tiago Gil Curado (tese de doutoramento FCSH/UNL, no prelo)

contemporânea. Porém não nos foi possível descobrir por que razão esta cronologia foi dada, dada a falta de espólio associado e ao possível erro no desenho estratigráfico (Amaro, 1993, Amaro, 1993a). Assumimos, portanto, que a inumação 4 não se encontra nesta camada, mas sim em níveis inferiores, como será descrito.

Na quinta camada – que se segue à camada dois (vide esquema na imagem nº7, anexo VII) – na sepultura 38 (*S.Lc./92/Sd.1/C.5/Sp.43*) inventariaram-se o maior número de fragmentos presente neste estudo. Num total de 26 fragmentos descreveram-se nove. Um fragmento de faiança (*S.Lc./92/Sd.1/C.5/Sep.43/0001*) tem bordo redondo direito de 14 centímetros de diâmetro talvez uma tigela (fts. nº61 e 62, anexo IV), podendo datar-se do século XVII, encontrada em vários sítios lisboetas tais como o Convento de São Francisco (Torres, 2011, pp. 318, 396, 430) e na Rua de Buenos Aires, nº10 (Batalha *et al.*, 2012, p.396; Sebastian, 2010, p.136/137). O pequeno fragmento de parede de porcelana (*S.Lc./92/Sd.1/C.5/Sep.43/0002*) exhibe uma possível decoração vegetalista azul numa das faces; assim, não obstante a sua reduzida dimensão e pormenor visível, talvez seja uma peça do período Wan-Li, datável da segunda metade do século XVI e primeira do século XVII (fts. nº63 e 64, anexo IV). Este tipo de porcelana foi identificado no Martim Moniz (Casimiro, 2011, pp.697, 717/718) e no Convento de São Francisco (Torres, 2011, pp.417, 433), todos arqueossítios da cidade de Lisboa, assim como na Casa Museu Dr. Anastácio Gonçalves (Matos, 1996, pp.108/109). Foi também identificado em contexto subaquático na nau de Nossa Senhora da Luz, nos Açores (Bettencourt, 2008, p. 105-107). De cerâmicas vidradas, inventariou-se um fragmento de parede acastanhado ou tom melado (*S.Lc./92/Sd.1/C.5/Sep.43/0004*) com uma linha pintada a manganês numa das faces (fts. nº67 e 68, anexo IV), encontrando semelhante em espólio a Sul do rio Tejo – no Castelo de Sesimbra, datável do século XVI (Vieira, 2011, p.666), em Palmela (Fernandes e Carvalho, 1998, pp.211-255) e Loulé (Luzia, 2001-2002, p.86). A outra peça é vidrada a verde (*S.Lc./92/Sd.1/C.5/Sep.43/0003*) com uma decoração em relevo numa das faces, sendo que a face oposta se encontrava muito desgastada e sem vidrado já presente (fts. nº 65 e 66, anexo IV). Não foi possível uma datação desta peça.

Em cerâmica comum registaram-se três fragmentos de maiores dimensões: classificou-se um fragmento de fundo plano (*S.Lc./92/Sd.1/C.5/Sep.43/0005*) (ft. nº69, anexo IV); um bordo de pote (*S.Lc./92/Sd.1/C.5/Sep.43/0006*) de 17 centímetros de diâmetro (fts. nº70 e 71, anexo IV), a datar entre os séculos XV e XVII, com paralelos em intervenções arqueológicas na zona histórica de Lisboa (Nunes e Filipe, 2012, p.143/144; Bargão, 2015, p.240); e um outro fragmento de bordo

(*S.Lc./92/Sd.1/C.5/Sep.43/0007*) com 19 centímetros de diâmetro, com a particularidade de ostentar decorações incisas onduladas na sua face exterior e ter defeito de fabrico, possivelmente causado por um dedo pressionando o topo do bordo, sendo uma possível caçoila dos séculos XV-XVII (fts. nº72 e 73, anexo IV), também com paralelos num dos claustros do Hospital Real de Todos-os-Santos, em Lisboa (Bargão, 2015, p.190), do Largo dos Trigueiros (Bargão e Ferreira, 2015, pp.1050, 1054) e a Sul do vale do Tejo (Fernandes e Carvalho, 1998, p.226). Finalmente, inventariaram-se dois fragmentos de azulejo, um com decorações somente a azul e branco (ft. nº74) (*S.Lc./92/Sd.1/C.5/Sep.43/0008*) e outro, na linha dos restantes analisados, com decoração a azul, branco e amarelo (ft. nº75, anexo IV) (*S.Lc./92/Sd.1/C.5/Sep.43/0009*), que apesar das suas pequenas dimensões consideramos tratarem-se de azulejos padronizados, com uma datação entre os séculos XVII-XVIII (Simões, 1997; Gomes, 2011, pp.52-24). Estes azulejos serão das paredes da Igreja, cujos alguns fragmentos terão caído com o passar do tempo, como é possível observar ainda hoje no seu interior (ft. nº105, anexo VIII).

Todos estes artefactos que inventariámos e os restantes observados indicam uma cronologia de século XV a XVII, apenas com os azulejos a apontar para uma temporalidade mais tardia, entre os séculos XVII e XVIII, portanto de época contemporânea. De notar que nesta camada também se levantou um prego de metal com cerca de 4,5 centímetros de comprimento. Não se retirou do seu invólucro, dado o seu mau estado de preservação. Pensa-se que será talvez um dos pregos que uniria o tabuado de madeira da Igreja. Foi também exumado um fragmento de forma rectangular ponteaguda, talvez uma ponta de bainha (ft. nº3, anexo III) (Monteiro e António, 2013, p.23).

Nos contextos 8-10, na camada 6, foram identificadas duas novas sepulturas. A sepultura 12 (*SI/Sp.12*) (fotografia nº 96, anexo VIII) é da segunda metade do século XVIII, orientada a Oeste-Este, com a face virada à esquerda e com os membros superiores cruzados (Amaro, 1993a, p.6). A sepultura 17 (*SI/Sp.17*) (desenho nº 9, anexo IX) não é clara que seja de época contemporânea ou já moderna. Desta apenas se sabe que se encontrava igualmente alinhada a Oeste-Este (Amaro, 1993a, p.6; Amaro, 1993, p.6). No contexto 11, identificaram-se mais seis sepulturas desta sondagem (*SI/Sp.1*; *SI/Sp.2*; *SI/Sp.3*; *SI/Sp.4*; *SI/Sp.5* e *SI/Sp.18*), assim como um ossário. As primeiras cinco serão quinhentistas (esquema nº 7, anexo VIII), com uma cota absoluta que varia entre os 38,18 e os 37,77 metros (Amaro, 1993, p.6), orientadas todas a Oeste-Este. Sobre a tipologia sepulcral apenas é conhecida de dois enterramentos (*SI/Sp.1* e *SI/Sp.5*), apresentando-se

sepulturas escavadas em vala no solo, com a sepultura 1 a demonstrar uma forma sub-elíptica. Na sepultura 1 (*S.Lc./92/S1/Sp.1*) recolheu-se somente um fragmento de bojo cerâmico vidrado (*S.Lc./92/S1/Sp.1/0001*) sem possibilidade de datação (fts. nº 34 e 35, anexo IV) e um alfinete completo e dois fragmentos de outro. Da sepultura 5 (*S1/Sp.5*) foi recolhido um outro alfinete fragmentado em dois. Os dois indivíduos inumados mencionados, a par com o indivíduo da sepultura 3 (*S1/Sp.3*), apresentavam os braços cruzados. O ossário e a sepultura 18 (*S1/Sp.18*) (desenho nº 2, anexo IX) serão ou de época moderna ou medieval, não existindo outros dados que permitam a datação. Foram recolhidos seis pregos na zona dos pés do esqueleto da inumação 18, evidenciando a existência de um enterramento em caixão de madeira, orientado Oeste-Este. Exceptuando uma sepultura (*S1/Sp.12*), os enterramentos medievais e modernos escavaram-se a partir da cota absoluta de 38,2 metros. Foram encontrados muretes que provavelmente dividiriam as necrópoles destas duas temporalidades. Esta primeira sondagem completa outros dois contextos, com as camadas 3 e 4. Não se assinalaram artefactos recolhidos, sendo que o contexto 20, camada 4, corresponde ao nível final, com o aparecimento do estrato geológico (Amaro, 1993; 1993a, p.8).

Parte do espólio estudado pertence ao local de recolha de um dos ossários. Existe um saco em que somente se indica o nome “ossário” não se sabendo a qual dos ossários escavados se referirá. Identificou-se e procedeu-se à descrição da totalidade dos quatro fragmentos cerâmicos presentes. Foram reconhecidos um fragmento de asa em fita (*S.Lc./92/ossario/0003*) (fts. nº92 e 93, anexo IV) e um bordo de cerâmica comum (*S.Lc./92/ossario/0001*) (fts. nº 88 e 89, anexo IV) com revestimento escurecido, possivelmente pertencente a uma tigela, sem datação possível. Os dois restantes fragmentos pertencem a bojós cerâmicos vidrados (*S.Lc./92/ossario/0004* e *S.Lc./92/ossario/0002*), um a verde no seu exterior (fts. nº 94 e 95, anexo IV) e outro a amarelo nas suas duas faces (fts. nº 90 e 91, anexo IV). São estes vidrados que conferem cronologia ao ossário entre os séculos XII/XIII e XVII, estilo comum a várias produções locais de cerâmica comum vidrada, inclusive em Lisboa (Marques, Leitão e Botelho, 2012, p.128; Casimiro, 2011, pp. 694-698; Bargão, 2015, p. 278) ou podendo ser de tradição islâmica. Não sabendo igualmente a qual ossário pertencerá, foram identificadas três moedas do reinado de D. Manuel I, três ceitis, com uma cronologia entre os anos de 1495 e 1521¹⁴.

¹⁴ Informação cedida gentilmente por Tiago Gil Curado (tese de doutoramento FCSH-UNL, no prelo).

Esta primeira sondagem apresenta, então, uma cronologia que se estende desde finais do século XV até inícios do XIX, englobando as épocas moderna e contemporânea, com apenas um fragmento do ossário a indicar uma cronologia dos séculos XII/XIII.

4.2. Sondagem 2

A sondagem 2 encontrava-se a Sudoeste na nave da Igreja, oposta à sondagem 1, sendo uma das suas faces encostada a Sul da nave. Tinha uma área semelhante à primeira sondagem, com cerca de 5,5 metros de comprimento, por 0,75 metros de largura. No total foram identificadas 14 sepulturas e um ossário. A primeira camada desta sondagem era composta por vestígios osteológicos descontextualizados e de cal. Nesta camada foram reveladas 3 sepulturas (*S2/Sp.39*; *S2/Sp.40* e *S2/Sp.41*¹⁵) com uma cota a variar entre os 38,5 metros e os 38,25 metros. Todas elas eram enterramentos em caixão de madeira, alinhadas a Oeste-Este, com os vestígios ósseos dos indivíduos em decúbito dorsal. Sabemos que nas inumações 39 (*S2/Sp.39*) e 40 (*S2/Sp.40*) os membros superiores estavam cruzados, sendo que nesta última o crânio estaria apoiado sobre o osso occipital. Estas três sepulturas estavam situadas em talhões (talhões nº 49, 42 e 35, respectivamente). Os esqueletos dos indivíduos permaneciam *in situ* ainda que em más condições de preservação devido à cal colocada sobre si. Nesta primeira camada, na sepultura 41, foram encontrados quatro botões, três deles metálicos e um em osso, e uma medalha com inscrições de motivos religiosos (Amaro, 1993a)¹⁶.

Na sepultura 40 (*S.Lc./92/Sd.2/C.1/Sep.42*), ou seja, talhão 42 com a inumação 40, recolheram-se dois fragmentos de bordo, um de cerâmica fina (*S.Lc./92/Sd.2/C.1/Sep.42/0001*) e outro de vidro (*S.Lc./92/Sd.2/Sep.42/0002*). Este último, com uma forma aberta, poderá ser de uma tigela, como os exemplares encontrados na Rua da Judiaria, em Almada (Medici, 2010, pp.265-278). Em ambos os casos não foi possível determinar os diâmetros dos bordos, nem datações. Mais abundante foi o espólio metálico exumado do sítio. Recolheram-se pelo menos 3 pregos (ft. nº8, anexo III), um completo e os restantes fragmentados e um alfinete com pedaço de tecido em seu torno (Silvério, 2007, p.22) (ft. nº6, anexo III). De notar ainda a presença de dois fragmentos metálicos de dimensões muito reduzidas, planos, não se sabendo a que tipo de objecto

¹⁵ Vide anexo IX - desenhos nº 15 a 19.

¹⁶ Informação disponível na “Ficha de Tratamento de Espólio”, pp. 1 e 2 e “Metais da Igreja de São Lourenço/Mouraria/Lx”, p. 2.

pertenceriam (fts. nº4, 5 e 7, anexo III). Portanto, desta sepultura não se recolheram cronologias através do espólio analisado.

Os fragmentos cerâmicos da sepultura 41 (talhão 35, inumação 41) não foram associados com nenhuma sondagem mas supomos que terão sido recolhidos na 2, como foi explicitado (*S.Lc./92/Sp.35*). Neste conjunto somaram-se 24 fragmentos, dos quais quatro foram alvos de inventariação. Um dos fragmentos é um bojo de cerâmica comum vidrada a amarelo e verde em cada uma das suas faces (*S.Lc./92/Sep.35/C.1/0002*) (fts. nº 38 e 39, anexo IV) encontrado em contextos lisboetas como no Hospital Real de Todos-os-Santos (Bargão, 2015, p. 278) ou na Rua Benfornoso (Marques, Leitão e Botelho, 2012, pp.127/128), mas com exemplos também no norte do país (Osório e Silva, 1998, pp.286-288) e no Barreiro (Torres, 1990), a datar do século XVI. Inventariaram-se dois fragmentos de faiança, um bordo, talvez de tigela com uma linha horizontal a óxido de manganês (*S.Lc./92/C.1/Sp.35/0001*) datada do século XVIII (fts. nº 36 e 37, anexo IV), com paralelo nas cerâmicas malagueiras com decoração vinhosa descobertas no centro lisboeta (Marques, Leitão e Botelho, 2012, p.126/127) e na Casa do Infante, no Porto (Barreira, Dordío e Teixeira, 1998, pp.145-184); e um fundo anelar com o que poderá ser, decoração vegetal a azul (fts. nº40 e 41, anexo IV), não se concluindo se será um fragmento de prato ou tigela (*S.Lc./92/ C.1/Sp.35/0003*) do século XVII, encontrado no Convento de São Francisco (Torres, 2011, p.374).

O quarto fragmento pertence a um azulejo (ft. nº42, anexo IV) com pintura a azul, branco e amarelo, eventualmente de um azulejo tipo “padrão” como decoração em parede ou em barra¹⁷ (Simões, 1997; Gomes, 2011, p.52-24). Este tipo de azulejo encontra paralelos em muitas igrejas, mosteiros e conventos, como no Convento e Igreja da Graça ou no Convento dos Cardaes, em Lisboa, com uma datação de finais do século XVII. Nestes dois casos, o azulejo padrão serve para emoldurar os painéis de azulejo a azul e branco. No contexto envolvente desta sepultura foi também recolhida uma pequena asa em vidro, talvez de uma caneca, sem datação possível. A nível de espólio metálico foi recolhido durante a “*limpeza do perfil norte*” um botão (fts. 10 e 11, anexo III) no qual se lê, numa das suas faces, “*Standard Colour*” em torno da circunferência exterior, com um pequeno círculo em relevo no seu centro. Este botão terá sido fabricado entre 1830-50, pertencendo a casacos usados por civis, sendo um fabrico britânico (Linderbergh, 1999;

¹⁷ *D'orey tiles, Azulejaria Portuguesa*, sítio: <http://doreytiles.pt/wp/?cat=54&paged=3>. Consultado a 10 de Dezembro de 2017.

Blair, 2001). O universo artefactual atribui uma extensa datação para este sepulcro, com materiais desde o século XVI ao XIX, com a identificação do botão metálico.

Na sepultura 39 (talhão 49, inumação 39), não foi registada grande variedade tipológica, sendo que se colectou um total de 29 fragmentos cerâmicos, 25 da primeira camada (*S.Lc./92/Sd.2/C.1/Sp.49*) e 4 da segunda (*S.Lc./92/Sd.2/C.2/Sp.49*). Nesta última não se procedeu ao registo de nenhuma das peças, dada a sua pouca expressividade ou possibilidade de referência cronológica. Da primeira, inventariou-se um bordo de espessamento exterior (*S.Lc./92/Sd.2/C.1/Sp.49/0001*) com um diâmetro de 17 centímetros, possivelmente um pote ou panela (fts. n^o77 e 78, anexo IV), com paralelo no Convento de Nossa Senhora das Neves, no Cadaval (Cardoso, 2009, p. 72), sabendo-se apenas ser de época moderna, dos séculos XV-XVII. Registou-se também um fragmento cerâmico de bojo, pintado a branco (*S.Lc./92/Sd.2/C.1/Sp.49/0002*) que nos pode indicar uma cronologia dos séculos XII-XIII (ft. n^o79 e 80, anexo IV); porém, dadas as dimensões do fragmento não é inequívoca esta classificação. Refiram-se, ainda, um pequeno fragmento de asa em fita em cerâmica comum (*S.Lc./92/Sd.2/C.1/Sp.49/0003*), de um púcaro (fts. n^o81-83, anexo IV), datável dos séculos XIV a meados do XVI; uma pega (*S.Lc./92/Sd.2/C.1/Sp.49/0005*) possivelmente de caçõila, com visíveis defeitos menores na sua superfície (fts. n^o 86 e 87, anexo IV), datável dos séculos XVI-XVII, encontrando paralelos com frigideiras encontradas em várias intervenções arqueológicas em Palmela (Fernandes e Carvalho, 1998, p.213); e um fragmento com bordo exvertido redondo e fundo plano (*S.Lc./92/Sd.2/C.1/Sp.49/0004*), com uma altura total de 6 centímetros (fts. n^o 84 e 85), possivelmente de um prato ou tampa, com datação do século XIV-XVI.

Desta inumação recuperou-se um numisma de X Reis, cunhado durante o reinado de D. Maria II, do ano de 1838 e um Ceartil cunhado durante o reinado de D. Sebastião (1557-1578)¹⁸. A moeda de X Reis confirma a datação inicial dos arqueólogos acerca de se tratarem de enterramentos contemporâneos (Amaro, 1993, p.6/7). De notar que não se sabe de que local específico foram recuperados os numismas. De realçar que a presença de um numisma junto de um enterramento não nos dará uma datação concreta sobre a data de enterramento do defunto, já que a moeda poderá ser mais antiga do que o inumado. Neste sentido, importa lembrar que certas moedas se manteriam em circulação durante um maior período de tempo que outras. Propomos que a moeda de D. Sebastião não invalida a datação contemporânea, suportada também pela presença de enterramento em

¹⁸ Informação gentilmente cedida por Tiago Gil Curado (tese de doutoramento FCSH-UNL, no prelo).

caixão e estratigrafia. Os materiais analisados estendem-se desde época medieval até contemporânea, com o achamento da moeda do reinado de D. Maria II.

Não havendo outro registo da existência ou caracterização da camada 2, passa-se para a camada 3, com o surgimento de um ossário¹⁹ (desenho nº 10, anexo IX) na zona Este desta sondagem, a uma cota média de 38,09 metros. Era maioritariamente composta por ossos longos e crânios, com destaque para o aparecimento de três moedas, todas elas Ceitis. O primeiro numisma datava do reinado de D. Manuel I (1495-1521); o segundo não se tem certeza que seja do reinado atrás mencionado ou de D. João III, dada a incapacidade de ler as faces da moeda; e o terceiro era um ceitel de D. Sebastião I (1557-1578) (Amaro, 1993a)²⁰. O ossário encontrava-se numa estrutura em pedra, de formato rectangular interrompida com o erguer da parede Sul da nave única da Igreja. A quarta e última camada desta sondagem continuava composta por argila, mudando apenas a sua tonalidade para acastanhado em vez de acinzentada. As sepulturas foram intervencionadas a uma cota média de 38, 25 metros e perfazem as restantes 11²¹, do total de 14 sepulturas descobertas nesta sondagem. A camada terminou com o contacto com a rocha-mãe. Estas sepulturas, dos níveis mais inferiores, interseccionaram um conjunto de seis silos provavelmente formados durante o período islâmico dada uma análise superficial das mesmas aquando da intervenção. Estes foram escavados parcialmente devido aos constrangimentos locais. Os materiais resultantes destes encontram-se hoje em estudo. Sobre a datação destas sepulturas não se obteve muitas informações. O mais provável é que sejam quinhentistas, colocadas ali depois da construção da Igreja. Os esqueletos apresentavam-se muito fragmentados e o espólio recolhido é reduzido (Amaro, 1993, p.6/7; 1993a, p.9-12).

Sobre o espaço funerário representado na sondagem 2 (esquema nº9, anexo VIII) localizam-se sete sepulturas (*S2/ Sp. 9, ...10, ...11, ...13, ...14, ...15 e ...16*) com cronologias entre o moderno e o contemporâneo, na nave da Igreja (imagem nº1, anexo VII). A sepultura 14 (*S2/Sp.14*) encontra-se ilustrada com um pequeno rectângulo da qual

¹⁹ É, nesta dissertação entendido como ossário, um depósito secundário criado com o propósito de colocar as peças osteológicas pertencentes a um indivíduo num espaço mais circunscrito, de modo a melhor gerir o espaço funerário, neste caso, da Igreja de São Lourenço. É a deslocação do local de sepultamento inicial para um outro, de menores dimensões e sem preocupações de articulação anatómica, a ter lugar depois de os vestígios mortais do indivíduo se terem decomposto (Andrews e Bello, 2006; Cruz, 2011; Ferreira, 2015).

²⁰ Informação disponível na “Ficha de Tratamento de Espólio”, p. 1 e “Metais da Igreja de São Lourenço/Mouraria/Lx”, p. 1.

²¹ *S2/Sp.7; S2/Sp.8; S2/Sp.9; S2/Sp.10; S2/Sp.11; S2/Sp.13; S2/Sp.14; S2/Sp.15; S2/Sp.16; S2/Sp.19 e S2/Sp.20*. Vide anexo IX – desenhos nºs 11, 12, 13 e 14, respectivamente.

apenas podemos recolher a informação de que se trata de um esqueleto incompleto com orientação Oeste-Este. Não se percebe se será talvez a representação de um caixão ou se terá outra intenção, pois não possuímos outra representação figurativa desta. Com a excepção da sepultura 14, da qual não é conhecida informação, todas elas se encontram em profundidades que não ascendem a uma variação superior a 20 centímetros.

De realçar que esta sondagem, com uma datação desde a Idade Média à Contemporânea, demonstra-nos que os materiais terão mesmo sido recolhidos nos arredores das sepulturas, provavelmente descontextualizados, demonstrando marcadores de actividade de utilização da Igreja.

4.3. Sondagens 3 a 6

As sondagens 3, 4, 5 e 6 correspondiam à totalidade da denominada “primeira capela gótica” (esquema nº10), sendo contíguas entre si. Localizavam-se na zona Sul da Igreja, numa divisão actual adjacente à nave central, com dimensões aproximadas de 4,5 metros de largura por 6 metros de comprimento. A escavação desta área colocou a descoberto toda a estrutura da antiga capela, com algumas zonas conservadas de azulejaria do século XV e vestígios das lajes originais em calcário. A primeira camada era composta por espólio diverso em estrato de nivelamento do chão da Igreja, provavelmente na reconstrução pós-1755. Na sondagem 4 detectou-se a presença de um botão com a inscrição “GILT” e duas moedas na sondagem 6, uma indiferenciada e outra possivelmente um Ceutil (Amaro, 1993a)²². Na camada 2 surgiram ossos desconexos em grande quantidade. Nas sondagens 4 e 5 foram recolhidas um total de cinco moedas, uma na sondagem 4 e quatro na outra. Pensa-se que a moeda da sondagem 4 seja um Ceutil, não se sabendo a que reinado pertencerá. Já os numismas da sondagem 5 são vários: um Real de D. João III (1521-1557); um Ceutil sem reinado a especificar; e duas moedas sem leitura devido ao seu estado de conservação (Amaro, 1993a²³). Nesta camada, nos contextos 4 e 5, foram escavadas as inumações 21 (*S3/Sp.21*) e 22 (*S5-6/Sp.22*) (desenho nº 20, anexo IX e fotografia nº 98, anexo VIII), na sondagem 3 e entre as sondagens 5 e 6, respectivamente. A primeira inumação será de época moderna, segundo o registo de

²² Informação disponível na “Ficha de Tratamento de Espólio”, p. 2 e “Metais da Igreja de São Lourenço/Mouraria/Lx”, p. 3.

²³ Informação disponível na “Ficha de Tratamento de Espólio”, p. 2 e “Metais da Igreja de São Lourenço/Mouraria/Lx”, p. 3.

campo, enquanto que a segunda será medieval (Amaro, 1993, p.7; 1993a, p.13). A sepultura 21 estava orientada a Oeste-Este, com o inumado em decúbito dorsal, com os membros superiores cruzados e com o crânio apoiado sobre o osso occipital. Na sepultura 22 registou-se uma excepção na orientação, estando a Norte-Sul e os membros superiores sob a cintura. Foi possível apenas aferir uma cota absoluta da sepultura 21 (*S3/Sp.21*) de 38, 83 metros. A outra inumação identificada na sondagem 5-6, a inumação 23 (*S5-6/Sp.23*) (fotografia nº99, anexo VIII), é registada no contexto 7, não ficando claro nos registos da escavação se terá sido encontrada na camada 2 ou 3, ou na transição entre ambas (Amaro, 1993a, p.13). O enterramento, a Oeste-Este, com os vestígios osteológicos a indicar, possivelmente, uma posição em decúbito dorsal, efectuou-se directamente no substracto geológico, em vala, pelo que representará a fase medieval do arqueossítio.

Sem referência estratigráfica, deu-se a existência de outras duas sepulturas visíveis em corte entre as sondagens 5 e 6. Através dos registos gráficos é possível saber que foram identificadas na camada nº 2. Serão sepulturas que representam a ocupação da Igreja como necrópole contemporânea, dos séculos XVIII-XIX. Tratam-se das sepulturas 42 (*S6/Sp.42*) e 43 (*S6/Sp.43*), sobrepostas entre si, ambas com enterramento em caixão de madeira (esquema nº11), a Oeste-Este.

Num dos desenhos (esquema nº10, anexo VIII) vemos na legenda que nas sondagens 5-6 estarão representadas as sepulturas 22 e 23 (Amaro, 1993). Contudo, sabendo que estas sepulturas contam com registo fotográfico e nenhuma delas apresenta um esqueleto completo como o registado no desenho mencionado, confirmamos que se trata antes da sepultura 21, encontrada na sondagem 3 (*S3/Sp.21*), com o aparecimento, não completo, da sepultura 23 (*S5-6/Sp.23*) onde foram apenas registados parte dos membros inferiores, como podemos consultar nos desenhos e no registo fotográfico. Foi descartada a hipótese de se tratarem das sepulturas 42 ou 43 (*S6/Sp.42* e *S6/Sp.43*), pois estão descritas como possuindo ténues vestígios de ossos e enterramento em caixão, ao que o desenho, para além do espólio osteológico, indica-nos que se trata de um enterramento em vala aberta. No esquema nº 11, anexo VIII, é representado um corte das sondagens 5 e 6. Nesta, ilustram-se três sepulturas, que correspondem a uma inumação em vala na argila base e as restantes, ao que nos parece, em caixão, porém apenas uma se encontra identificada, a sepultura 23. Com base na planta geral de sondagem e no corte do perfil Este destas (desenho nº23, anexo IX), sabemos que as restantes inumações em caixão corresponderão à sepultura 43 (*S6/Sp.43*), num nível mais inferior e a outra, e à

sepultura 42 (*S6/Sp.42*). Sobre estas duas sepulturas não possuímos mais informação para cruzar de modo a retirar mais conclusões.

No contexto 8, camada 3, da sondagem 3 foi revelado o silo nº5. Nas camadas entre 2 e 4 registaram-se diversos contextos que mostram as transições naturais das camadas do solo. Foram recuperados artefactos de diversa natureza como telhas, cerâmicas árabes, fauna e ecofactos. As camadas transitam entre argilas e areias, de diversas tonalidades. Foram identificados os silos 5, 6, 7, 9 e 10. Nas sondagens de 3 a 6 foram então reconhecidas um total de 5 sepulturas, 5 silos e um ossário. Do espólio descontextualizado recuperado destas quatro sondagens destacaram-se a presença de azulejos hispano-árabes (Amaro, 1993, p.7/8, 10; 1993a, p.13-16).

Nas sondagens 3 a 6, correspondentes à “primeira capela gótica”, localizada a Sul da nave, foi possível situar com precisão duas sepulturas (*S3/Sp.21* e *S5-6/Sp.23*), num total de cinco inumações (imagem nº1, anexo VII). A primeira é da época moderna e a segunda é medieval da época das capelas góticas (Amaro, 1993, p.7/8). Não foi possível assegurar a profundidade da sepultura 23 (*S5-6/Sp.23*). A inumação 22 (*S5-6/Sp.22*) é medieval e seria preferível colocá-la no mapa a par com estas sepulturas, porém apenas temos acesso a uma fotografia e não nos é possível localizá-la no sítio. As duas restantes sepulturas (*S6/Sp.42* e *S6/Sp.43*) são de cronologia contemporânea, com enterramento em caixão e encontram-se em níveis superiores, supostamente, às primeiramente referidas, logo não aparecem no mapa. Sabe-se que estão na camada 2 da sondagem e sobrepostas, mas não temos informação sobre as restantes sepulturas de modo a cruzar dados.

4.4. Sondagem 7

A sondagem 7 (esquema nº12, anexo VIII) foi aberta a Sudeste da nave, na área intermédia correspondente à “antiga casa do guarda” do Palácio da Rosa, antiga zona de interface entre os dois edifícios, e à sala de apoio à igreja, a “primeira capela gótica” (imagem nº 2 e nº3, anexo VII). Possuía as dimensões aproximadas de 4 metros de largura máxima e 3 metros de mínima, na sua face Sul, por 5 metros de comprimento.

Após um primeiro contexto de pavimento, o autor identificou três sepulturas na camada 1, entre os contextos 4 e 6. Achamos que será uma falha no relatório pois as sepulturas nomeadas não se encontram descritas em mais sítio algum, inclusivamente imediatamente antes de se expor a sequência estratigráfica onde o autor resume as sepulturas identificadas (Amaro, 1993a, p.16-20). Isto é, o esquema onde o autor

apresenta as estruturas, sepulturas e descrição das camadas e contextos, não está de acordo com a descrição corrida da intervenção nesta sondagem. Onde se menciona que a sepultura 34, a título de exemplo, foi identificada, não se encontra paralelo no esquema onde se correlacionam camadas e descobertas. Para esta sondagem, apenas é possível nomear as sepulturas identificadas uma vez que toda a sequência estratigráfica elaborada pelo autor refere-se a sepulturas já referidas na sondagem 1. Será um erro de redação. Não se sabendo se a descrição dos contextos estará também errada ou não, não será alvo de menção aqui (Amaro, 1993a, p.16-20). Na segunda e terceira camada acharam-se duas moedas: uma de XX Reis, do reinado de D. Luís I (1861-1889), e outra talvez um Real de dez soldos de D. João I, sem certezas devido ao fraco estado de conservação (Amaro, 1993a²⁴).

Na camada 4 surgiram cerâmicas comuns e fragmentos de faiança datáveis do século XVIII. Encontrou-se outro numisma na camada 5, uma moeda de X Réis (Amaro, 1993a²⁵). Na camada 7, com 38,45 metros de cota, foi registado o aparecimento de fragmentos ósseos humanos, numa camada com um solo também ele arenoso, solto e de cor escura. Identificou-se a sepultura 26 (*S7/Sp.26*) com uma orientação a variar, consoante os registos consultados, entre Oeste-Este e Norte-Oeste (tabela nº28, anexo V) e estava em decúbito dorsal com os membros superiores sobre o ventre, com uma cota de 38,32 metros (Amaro, 1993a, p. 17). Esta sepultura foi alvo de análise paleobiológica no capítulo seguinte. A camada 9, com uma cota de 38,25 metros, apresentou um sedimento com mistura de fauna, conchas e areias escuras. Foram detectadas algumas cerâmicas. Na camada 12, no plano 3 registaram-se três moedas – Dinheiros – todas elas do reinado de D. Sancho I (1223-1248). Já no plano 4 desta mesma camada surgiram dois silos a uma cota também ela de 38,25 metros. A camada apresentava poucos artefactos. Na camada 13 identificou-se a sepultura 31 (*S7/Sp.31*), alinhada a Oeste-Este ou a Norte-Oeste, consoante os registos que se consultam, com enterramento em vala. Esta, apenas apresenta parte dos membros inferiores do esqueleto, alvo de análise paleobiológica nas páginas seguintes. Encontrava-se por debaixo de um aglomerado de muitos ossos humanos dispersos, num sedimento composto por areias e argila. Esta camada possuía uma cota média de 38,16 metros (Amaro, 1993, p.8/9; Amaro, 1993a, p.16-20).

²⁴ Informação disponível na “Ficha de Tratamento de Espólio”, p. 2 e “Metais da Igreja de São Lourenço/Mouraria/Lx”, p. 3.

²⁵ Informação disponível na “Ficha de Tratamento de Espólio”, p. 2 e “Metais da Igreja de São Lourenço/Mouraria/Lx”, p. 3.

Na sondagem 7 foram identificadas no total 11 sepulturas, da sepultura nº 24 à nº34, inclusive. As cotas absolutas das sepulturas variam entre os 38,86 metros e os 38,16 metros de profundidade (tabela nº63 a nº71, anexo V). As sepulturas da 30 à 34 não possuem uma orientação precisa pois varia consoante os registos que se consultam no relatório técnico científico. As orientações cardiais variam ente o Norte-Oeste²⁶; Nordeste-Sudeste²⁷; Norte-Este²⁸.

Da sepultura 30, estudada paleobiologicamente, temos a indicação de que tinha o joelho voltado para baixo, isto é a face frontal da patela voltada para o solo da vala de enterramento. Dada a localização e datação desta necrópole, algumas das inumações foram destruídas por sobreposição de paredes das novas estruturas das capelas ou durante a construção da casa do guarda do Palácio da Rosa. Uma das inumações apresentava espólio metálico, pregos, junto à zona distal dos membros inferiores, pressupondo a presença de enterramento em caixão de madeira (*S7/Sp.25*), alinhada a Oeste-Este. Duas inumações foram mesmo destruídas devido à abertura de uma vala contemporânea (*S7/Sp.27* e *S7/Sp.28*). Estas duas sepulturas encontravam-se com uma orientação Oeste-Este, num enterramento em vala, com o esqueleto em decúbito dorsal, sendo que na primeira o crânio estava apoiado sobre o osso temporal direito e na sepultura 28, sobre o temporal esquerdo. Contíguo a estas sepulturas, foi escavada uma estrutura de pequeno tamanho, com blocos aparelhados. Tratava-se de um compartimento medieval, do tempo da construção das capelas góticas, mas de que não se percebe a função, dado o fraco estado de preservação devido às obras realizadas no século XV e à falta de espólio associado. Encontraram-se quatro silos. Denotaram-se os contornos de um quinto silo mas a sua identificação ficou pendente de uma próxima intervenção. A análise inicial dos arqueólogos aponta para que a sondagem 7 corresponda a uma necrópole medieval, considerando que, a localização dos enterramentos se encontra adjacente à estrutura primitiva românica da Igreja, a Sudeste desta, com enterramentos feitos, na sua maioria, directamente na rocha base ou em vala (Amaro, 1993, p.8/9).

No conjunto das sepulturas associadas da sondagem 7 (*S.Lc./93/S7/Sp.32-33-34*) foram inventariados também na sua totalidade três fragmentos de bojos cerâmicos, com dimensões máximas não superiores a cerca de sete centímetros, dois vidrados (*S.Lc./93/*

²⁶ Todas as informações aqui descritas podem ser visualizadas na tabela nº 28, anexo V.

Inumações orientadas a NO-SE: *S7/Sp.32...33...34*.

²⁷ Inumações orientadas a N-E: *S7/Sp.32...33...34*.

²⁸ Inumações orientadas a N-O: *S7/Sp.26; S7/Sp.30; S7/Sp.31*.

S7/Sp.32-33-34/0002 e ...*0003*) (fts. nº 30 a 33, anexo IV) e um com linhas verticais brancas já algo esbatidas (*S.Lc./93/ S7/Sp.32-33-34/0001*) (fts. nº 28 e 29, anexo IV). Este último remete-nos para a cultura material de horizonte islâmico, com uma cronologia dos séculos XII-XIII, com paralelos em vários contextos arqueológicos no país como no espólio recuperado no Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros, Lisboa (Bugalhão e Gómez Martínez, 2005, p. 258); em Santarém, da Praça Sá de Bandeira (Batata *et al.*, 2010, pp.197-204); ou em Coimbra (Catarino *et al.*, 2009, p.353; Almeida e Temudo, 2015, p.296). Recolheu-se também um fragmento metálico que aparenta ser a parte da cabeça de um prego, apesar do mau estado de conservação.

Assim, na sondagem 7 foram representadas sete sepulturas (*S7/Sp.24, ...25, ...26, ...27, ...28, ...29, ...30*) espacialmente (imagem nº1, anexo VII). Todas elas são de época medieval, na área correspondente à “primeira capela gótica” (Amaro, 1993, pp.8/9). As tipologias de enterramento nesta sondagem variam entre inumações em caixão e vala aberta (tabela nº28, anexo V). Estas sepulturas correspondem ao plano da necrópole medieval. Nesta sondagem, porém, as sepulturas estavam sobre um nível estratigráfico de época islâmica, dada a presença de silos desta época em níveis inferiores.

4.5. Sondagem 8

A sondagem 8 cobre a área da “segunda capela gótica”. Trata-se de uma sondagem que tinha em vista a análise das fundações da Igreja, na zona adjacente a Sul da nave. Esta foi aberta com cerca de 3,5 metros de comprimento por 1 metro de largura, à semelhança das sondagens 1 e 2. Identificou-se somente uma sepultura e um silo, ambos sem possibilidade de escavação total (esquema nº13, anexo VIII). No enterramento 35 (*S.Lc./93/S8/Sp.35*) parte dos membros inferiores encontravam-se sob as actuais escadas de entrada para a capela. Dos sepulcros dos quais se conhecem as cotas, esta foi a sepultura com uma cota absoluta mais baixa, isto é, em maior profundidade. A sua cota variava entre os 36,94 e os 36,80 metros (tabela nº72, anexo V). O enterramento, com recurso a caixão de madeira, encontrava-se orientado a Oeste-Este, com as mãos sobre a pélvis, em decúbito dorsal. Os seus vestígios ósseos são nesta dissertação analisados. O silo nº15 foi interrompido pela parede Sul da nave da Igreja (Amaro, 1993, p.9; Amaro, 1993a, p.20). A sepultura encontrava-se situada no interior do silo, junto à sua base. Não foi possível uma leitura estratigráfica rigorosa da mesma pois não existe registo, para além do gráfico (Amaro, 1993a, p.20). Na sondagem 8, como mencionado, foi apenas

registada uma sepultura (*S8/Sp.35*) representada num desenho de corte da sondagem (esquema nº13, anexo VIII). Assim, foi-nos possível fazer uma aproximação da mesma no interior da sondagem, localizando-a espacialmente (imagem nº1, anexo VII), sendo que apresenta uma profundidade de 36,83 metros, a datar do século XVII (Amaro, 1993, p.9), com base no espólio no seu interior encontrado e estratigrafia da mesma (tabela nº28, anexo V).

4.6. Sondagens 9 a 12

Na segunda campanha, em 1999 (Sabrosa, 1999), foram abertas quatro novas sondagens²⁹ (sondagens 9, 10, 11 e 12) na zona da “segunda capela gótica”, a Sudoeste da nave, que já teria sido parcialmente escavada (sondagem 8). Todas estas quadrículas compreendiam uma primeira camada comum composta por pavimento em tijoleira, apesar de não cobrir totalmente todas as sondagens.

A sondagem 9 situava-se a Noroeste da divisão. A camada 2 apresentou-se como as restantes, com sedimento argiloso e arenoso. Possuía uma cota média de 140 centímetros abaixo do ponto zero (37,95 metros). Foram identificados alguns vestígios osteológicos humanos soltos e pouco espólio artefactual, sabendo-se que foi recolhida uma moeda. Na camada 3 não se identificou espólio ou estruturas. Na camada 4 apareceram alguns vestígios osteológicos humanos descontextualizados a par com uma camada de argamassa acima destes, no plano 1. Nesta mesma quarta camada, no plano 2, surgiu uma sepultura (*S9/Sp.36a*) com o esqueleto em fraco estado de conservação, e cujos vestígios se estendiam à sondagem 11 (Sabrosa, 1999, p.1/2). Esta encontrava-se orientada a Norte-Sul, registando-se a segunda excepção nas orientações gerais do espaço de necrópole da Igreja.

A sondagem 10, a Sudoeste e imediatamente a Sul da sondagem 9, contou com um registo estratigráfico nulo, sabendo-se apenas que se escavou até a uma segunda camada de onde se recolheu uma moeda (Sabrosa, 1999, p.1).

A sondagem 11, localizada a Nordeste da divisão, não foi sujeita a qualquer tipo de intervenção.

Na sondagem 12, oposta diagonalmente à sondagem 9, a Sudeste da divisão, foi recolhida uma moeda na camada 2. Com uma cota média absoluta de 38,01 metros, o solo

²⁹ Ver imagem nº 5, anexo VII.

manteve as características argilosas e arenosas, agora de cor acastanhada. Durante a escavação da sondagem 12 identificou-se um ossário composto apenas por ossos longos e, adjacente a esta, vestígios do que parece uma cova sepulcral, na camada 3 e 4. Na camada 5 foi identificada uma inumação de um sub-adulto (*SI2/Sp.37a*) com enterramento em vala aberta na rocha argilosa de base (Sabrosa, 1999, p.1/2).

À semelhança do restante espólio artefactual aqui brevemente descrito, estes serão o resultado de materiais remexidos do solo da Igreja aquando da escavação das fossas para depositar um indivíduo. Com cronologias que se estendem da Idade Medieval a inícios da Contemporânea, são materiais que espelham as temporalidades pelas quais a Igreja de São Lourenço passou, mas não o reflexo de um ou vários momentos de ocupação específicos.

Espacialmente não foi possível localizar nenhuma das sepulturas encontradas nestas sondagens pois não tivemos acesso a quaisquer fotografias ou ilustrações das mesmas.

5. Características do estudo de espólio osteológico humano

Um dos objectivos esta dissertação é aproximar a abordagem arqueológica da antropológica. Assim, como estratégia para melhor conhecer o modo de vida das populações do passado, fará sentido elencar algumas daquelas que são as características do estudo do espólio osteológico humano, pois difere em conteúdo e forma do espólio da cultura material normalmente estudado pela Arqueologia. Para este efeito descreveram-se as várias temáticas da paleodemografia, entre outros apontamentos, por se considerarem que são aquelas que poderão dar um aporte informativo susceptível de melhor informar sobre os indivíduos em análise neste estudo.

A análise de um espólio ósseo, como qualquer outro tipo de estudo científico, é caracterizada por possuir metodologias específicas de investigação, sejam estas morfológicas ou métricas, seja para estudar um indivíduo ou um conjunto de peças ósseas desconexas.

Quando se tem a tarefa de analisar um dado espólio osteológico é importante saber o seu contexto biológico, social e cultural e o estado do material de modo a aferir quais as metodologias a aplicar quando se procede à estimativa de idade à morte e da estatura do indivíduo e diagnose sexual, de modo a adequar a escolha das metodologias ao material em análise. Esta escolha é importante na medida em que estes métodos são desenvolvidos, na generalidade das vezes, com base em colecções identificadas provenientes de um dado contexto geográfico e biológico que se deverá aproximar, se possível, daquele que pretendemos estudar. Estas colecções são fundamentais para o desenvolvimento das ciências arqueológicas e antropológicas na medida em que permitem acrescentar informação sobre alguns dos aspectos do estilo de vida das populações do passado (Curate, 2005; Cruz, 2011).

Em Portugal existe a Colecção de Esqueletos Identificados do Museu Antropológico da Universidade de Coimbra. Foi reunida na primeira metade do século XX e é composta por 505 esqueletos completos, provenientes do Cemitério da Conchada, também em Coimbra. É uma colecção muito completa, em que se conhece todos os dados demográficos e paleobiológicos dos indivíduos. Do referido museu reúnem-se ainda outras duas colecções apenas compostas por crânios, a Colecção Trocas Internacionais e a das Escolas Médicas, a primeira com 1075 crânios, e a segunda com 550 (Santos, 2000; Cunha, 2002). Em Lisboa, no Museu Nacional de História Natural e da Ciência, existe uma outra colecção de esqueletos identificados, a Colecção Luís Lopes, que reúne 729

indivíduos provenientes de vários cemitérios da capital durante finais do século passado e inícios deste (Cardoso, 2006). Sempre que possível, para estudar a colecção osteológica da Igreja de São Lourenço, foram escolhidas metodologias com base em métodos desenvolvidos em colecções identificadas portuguesas, procurando-se assim diminuir os erros aferidos dos diversos dados paleodemográficos, dada a proximidade geográfica, social e cultural entre indivíduos.

5.1. Paleodemografia

Os estudos paleodemográficos procuram reunir informação de modo a investigar sobre o modo de vida das populações passado e de como estas interagem com o meio onde viveram. É o estudo da demografia populacional das sociedades antigas, analisando para isso os restos materiais, espólio arqueológico e ósseo de um dado contexto arqueológico. Ao estudar um contexto, por exemplo, de necrópole, este tipo de análise torna-se muito interessante, pois permite-nos retirar algumas ilações, ainda que muito limitadamente devido aos constrangimentos próprios das metodologias desta área (Hoppa e Vaupel, 2002; Chamberlain, 2006), acerca de aspectos concretos das sociedades antigas, por exemplo, ao nível das paleodietas, paleobiologia, rituais e costumes, entre outros. Esta abordagem é a que está subjacente ao estudo do material osteológico da Igreja de São Lourenço.

Os estudos paleodemográficos dependem então da correcta aferição dos dados associados à biologia do esqueleto, em particular, e de forma simplista, a diagnose sexual e a estimativa da idade à morte.

5.1.1. Diagnose sexual

Em alguma literatura antiga ou na gíria popular é referido, por vezes, que os termos *sexo* e *género* são sinónimos. Quando se fala em diagnose sexual, refere-se à determinação do sexo do indivíduo, isto é, das características biológicas baseadas no dimorfismo sexual geralmente encontrado nos mamíferos, que o tornam macho ou fêmea. É um conceito estritamente biológico, ao contrário de *género*, que é uma construção social que tradicionalmente se associou ao tipo de sexo de cada pessoa. O sexo pode ser então aferido consoante características biológicas que o esqueleto apresente. Já o género apenas pode ser avaliado através da cultura material que rodeie o esqueleto e através da consulta

de historiografia disponível para o estudo do contexto em questão (Cardoso, 2008; Walker e Cook, 1998; White e Folkens, 2005).

Porém, há que ter em conta que este dimorfismo sexual nem sempre é vincado nos esqueletos, sendo que um indivíduo pode apresentar características que se dispersam ao longo deste espectro dual, do masculino e do feminino. O dimorfismo sexual é visível física e geneticamente. A análise será mais precisa quanto mais traços sexuais o indivíduo possuir nos extremos deste espectro. A análise terá, assim, de ser realizada procurando uma combinação de metodologias possíveis para um mesmo indivíduo, tendo sempre em conta o seu contexto arqueológico de proveniência, de modo a confirmar resultados mais que uma vez. Deve-se utilizar as metodologias adequadas ao tipo e estado do material e robustas cientificamente (White e Folkens, 2005). A possível distinção entre ambos os sexos é executada com recurso a métodos métricos, morfológicos e, mais recentemente, a sequenciação do ADN. Este último ainda é pouco usado para contextos arqueológicos, pois é ainda muito dispendioso e nem sempre é possível extrair ADN dos vestígios osteológicos. Apesar de ser o método mais preciso e fiável, é mais comumente utilizado na antropologia forense.

Os métodos morfológicos podem variar entre comparações visuais ou em sistemas de pontuações que se atribuem a cada uma das características de certas peças ósseas, de modo no fim a se classificar o indivíduo (WEA,1980). Estes métodos, como usam numeração como parte do processo, atribuem uma falsa segurança ao investigador, como se de uma fórmula matemática se tratasse. As metodologias métricas incluem a medição de certas porções de alguns ossos, apresentando um valor de cisão: habitualmente, sendo abaixo do número apresentado pelo investigador o indivíduo será do sexo feminino, se for acima será do sexo masculino (Silva, 1995; Wasterlain e Cunha, 2000). Existem muitos e diversos métodos que atestam a capacidade das peças ósseas para uma possível diferenciação dimórfica sexual. Porém, o número de amostras utilizado e o grau de certeza que o estudo apresenta pode não representar uma mais-valia científica. Não se descure, todavia, o facto das metodologias métricas serem menos subjectivas do que os métodos morfológicos.

Para este trabalho de investigação foram combinados métodos morfológicos e métricos, genericamente aceites como robustos. A escolha das metodologias morfológicas para a diagnose sexual recaiu sobre as comparações cranianas de Walker na obra de Buikstra e Ubelaker (Buikstra e Ubelaker, 1994). Esta abordagem implica a associação das características em análise a um dos cinco gradientes até cinco do espectro

dimofórmico sexual, sendo o grau terceiro considerado indeterminado. Para a análise das características morfológicas da pélvis e do sacro teve-se em conta as descrições das características de Phenice, nome comumente usado em honra do investigador que descreveu o método de avaliar a pélvis através de três características, (Phenice 1969) e Ferembach em conjunto com outros investigadores numa obra dos anos 80 que agrega diversos tipos de metodologias usadas até ao momento, tendo-se neste estudo usado as suas descrições para estimar a morfologia sacra (Ferembach *et al.*, 1980).

Optou-se neste estudo, por se utilizar dois métodos métricos baseados na Colecção de Esqueletos Identificados da Universidade de Coimbra. O primeiro foi o método desenvolvido por Ana Maria Silva, com base nos comprimentos do talus e do calcâneo (Silva, 1995) e o segundo, por Sofia Wasterlain e Eugénia Cunha que utiliza comprimentos de certos elementos ósseos de ossos longos (Wasterlain e Cunha, 2000).

Outro factor a considerar aquando da diagnose sexual é o grau de maturação do esqueleto, se aparenta ser adulto ou sub-adulto, numa análise superficial inicial da morfologia e métrica macroscópica das peças ósseas. O grau de dimorfismo é maior quando o indivíduo tem idade suficiente para ser considerado adulto, isto é, quando o seu corpo está plenamente desenvolvido ao nível ósseo, muscular e sexual. Apesar de já existirem diferenças morfológicas entre os sexos numa fase ainda pré-natal, o mais comum é os investigadores optarem por não realizar a diagnose sexual para sub-adultos, dadas as incertezas que estes acarretam e que estariam consequentemente a condicionar erroneamente toda a restante análise desse tipo de esqueletos (Cardoso e Saunders, 2008; Mays, 1998).

5.1.2. Estimativa da idade à morte

Antes de se estimar a idade que um indivíduo tinha aquando do seu falecimento há que discutir o conceito de tempo, para se perceber o que na realidade se está a estimar. Importa salientar a diferença entre a idade cronológica e a idade biológica. A primeira refere-se ao número de anos que o indivíduo possuía quando pereceu, isto é, deste a data do seu nascimento até à da sua morte. Esta idade apenas é passível de ser extrapolada quando se tem acesso aos registos desses indivíduos ou a uma lápide, no caso de uma inumação em necrópole nos indicar tais informações. A idade biológica é a idade que os restos mortais do indivíduo aparentam possuir, a idade à morte que se consegue verdadeiramente estimar a partir dos restos ósseos. Esta nunca é fornecida como um

número preciso, mas sim em intervalos de tempo que aumentam consoante a idade. Isto acontece porque a informação que se pode extrair dos ossos vai-se esbatendo, não sendo possível muitas vezes concluir num intervalo curto de tempo. Este problema existe porque pessoas com a mesma idade cronológica podem possuir diversos níveis de desgaste ósseo consoante inúmeros factores. Estes podem ser intrínsecos, como uma pré-disposição genética, ou extrínsecos, pelo tipo de actividade que praticou ou pelo meio onde se inseriu. Poderá ser ainda um reflexo do *status* económico-social do indivíduo, pois condições de vida mais penosas normalmente levam a um aparente avanço da idade cronológica fisicamente. Apesar de certas doenças serem mais comuns em adultos em idade já em fim de vida, nada impede que um jovem possuísse um mesmo tipo de doença. Existe uma grande variedade de efeitos-causa durante a vida de uma pessoa que se reflecte nos ossos de forma não homogénea, não se podendo concluir que para cada idade cronológica específica exista um conjunto de padrões ósseos como marcadores de *stress* particulares associados a uma idade. Portanto, todos os métodos existentes para a estimativa da idade à morte servem para se tentar concluir acerca da idade biológica do indivíduo (Mays, 1998; Saunders, 2000; Usher, 2002; Garvin, *et al.* 2012; Byers, 2017).

Foram, então, criados grupos etários para cada intervalo de idades, grosso modo generalizados entre a comunidade científica, com algumas adaptações consoante os investigadores. Mais comumente usado é a divisão etária em sete grupos criada por Jane Buikstra e Douglas Ubelaker (Buikstra e Ubelaker, 1994), divisão essa que se traduz em feto, antes do nascimento; bebé, entre o momento do nascimento e os 3 anos; criança, entre os 3 e os 12 anos de idade; adolescente, desde a puberdade dos 12/13 aos 20 anos; jovem adulto, que se estende dos 20 aos 35 anos de idade; adulto de meia-idade, dos 35 aos 50 anos de idade e; adulto idoso, que começa por volta dos 50 anos de idade até ao fim de vida do indivíduo. No presente trabalho, optou-se por utilizar estes grupos etários aquando da caracterização da colecção osteológica estudada.

Os métodos para uma estimativa da idade à morte foram desenvolvidos tendo em conta o grau de maturação de certos ossos, como a observação do nível de fusão epifísial e de suturas, do ritmo de erupção dentária e, não tão fiável, do tamanho e densidade óssea. Tais aferições macroscópicas do estado de certas peças ósseas e dentárias apresentam problemáticas que são proporcionais com o avançar da idade do indivíduo (Saunders, 2008; Scheuer e Black, 2000; Ubelaker, 1989; White e Folkens, 2005).

Ao contrário da alguma imprevisibilidade de datação patente nos ossos, os dentes conseguem traduzir-nos uma realidade mais fiel a respeito da idade à morte do indivíduo

até à entrada na vida adulta. Tal deve-se ao facto de não estarem sujeitos a tanta fragmentação como os ossos e apresentarem maiores níveis de preservação em contexto arqueológico, pois não são tão vulneráveis a alteração provinda de factores extrínsecos, como o meio ambiente. Assim é possível analisar com mais rigor o grau de maturação que um dado indivíduo atingiu. Com os dentes é possível reconstruir um modelo padrão que se reflecte na larga maioria da população humana. Nos indivíduos sub-adultos é possível observar um ritmo relativamente homogéneo de erupção dentária que se experiencia durante a vida jovem, com os dentes decíduos, sendo possível a aproximação mais rigorosa a uma idade cronológica pois aproxima-se da idade biológica (Cardoso, 2005; White e Folkens, 2005).

As metodologias de estimativa à morte, apesar de incidirem nas mesmas peças, variam o seu procedimento de análise consoante o esqueleto é adulto ou sub-adulto. Num esqueleto sub-adulto a análise da erupção dentária é privilegiada, tendo-se desenvolvido diversas metodologias que analisam o desenvolvimento dentário, quer em dentes já definitivos, recorrendo a auxiliares visuais (Moorrees, Fanning e Hunt, 1963), quer aos decíduos, que são mais comumente usados (Liversidge e Molleson, 2004).

Outros métodos usam a formação óssea como meio de estimar a idade. Através da formação do osso intramembranoso no crânio ou em ossos planos (Coqueugniot e Weaver, 2007). Pode-se estimar a faixa etária através da densidade óssea, isto é, pelo osso endocondral, estudando-se, por sua vez, os ossos longos e irregulares. Refira-se a metodologia que examina a periodicidade de fusão dos ossos, como é o exemplo da fusão epifisial ou intraóssea em vários ossos. Finalmente, é possível também aferir uma estimativa de idade através do tamanho de várias peças ósseas (Fazekas e Kosa, 1978; Scheuer *et al.*, 1980), usando-se para tal métodos métricos (Garcia, 2007, pp. 67-70; Scheuer e Black, 2000; Schaefer *et al.*, 2009; White e Folkens, 2005).

Quanto mais jovem o esqueleto, assumindo um bom estado de preservação, mais fiável e inteligível é a estimativa. Assim, os grupos etários acima referidos são mais susceptíveis de serem subdivididos em intervalos de idade mais reduzidos dada as visíveis fases de crescimento de um sub-adulto. À medida que um indivíduo envelhece, o intervalo de tempo dos grupos etários aumenta, pois, uma discriminação certa da idade biológica é mais difícil de se realizar; as diferenças entre o indivíduo de 40 anos e um de 70 anos de idade podem ser nulas, consoante os diversos factores mencionados. Os métodos para uma estimativa da idade à morte de um indivíduo adulto são diferentes. Não se baseiam

em mudanças por ocorrer, mas sim em mudanças degenerativas (Saunders, 2000; Scheuer e Black, 2000).

Explicando as metodologias de um modo superior para inferior, começemos pelas metodologias desenvolvidas para o crânio. Existe a estimativa de idade à morte através de um método de classificação do grau de obliteração das suturas cranianas, como o *Vault System* ou o *Lateral-Interior System* (Meindl e Lovejoy, 1985). Apesar deste último ser mais exacto, no presente estudo só se usou o *Vault System*, dado se focalizar em suturas que geralmente resistem mais ao passar do tempo. Outras metodologias concentram-se no estudo do desgaste dental. Particularmente útil e usado neste estudo é a análise do desgaste apenas dos molares, usando um sistema de classificação com recurso a imagens, pois permite uma estimativa de idade à morte com recurso a pouca dentição (Maat, 2001). Um cuidado a ter quando se utiliza a dentição para estimativas será ter em conta que poderá não ser muito fiável devido às variações de dietas e usos dos dentes entre populações e períodos da história. No osso coxal, osso mais passível de se conservar no registo arqueológico, é possível, usando comparações descritivas e visuais, a análise da estimativa da idade à morte através da morfologia da superfície auricular (Meindl, *et al.*, 1985a), ou através de um sistema de classificação numérica de diversas características que o mesmo apresenta (Buckberry e Chamberlain, 2002). Outros meios de estimativa de idades são possíveis através da observação do aspecto morfológico da face púbica sinfisial, cujos alguns métodos o fazem através de moldes comparativos ou descrições, sendo que alguns métodos estão desenvolvidos consoante o sexo do indivíduo (Todd, 1920; McKern e Stewart, 1957; Nemeskeri, *et al.*, 1960; Gilbert e McKern, 1973; Brooks e Suchey, 1990). Também através do formato da extremidade esternal da quarta costela se desenvolveu um método que recorre a gessos de comparação para a estimativa, como alguns dos métodos para categorizar a face púbica sinfisial (Iscan, *et al.*, 1984, 1984a, 1985), sendo que este método apresenta como principal dificuldade em contexto arqueológico nem sempre ser possível recolher e/ou identificar a quarta costela de um dado esqueleto, ou ainda esta se encontrar danificada. Neste caso, as costelas não foram passíveis de ser identificadas, pelo que este método não foi aplicado.

5.1.3. Estimativa da estatura

Após a análise da diagnose sexual e a estimativa da idade à morte, existe um terceiro factor importante de apurar quando se faz uma investigação paleobiológica aos

indivíduos do passado – a estatura. Este terceiro parâmetro é importante pois permite estimar a altura física do indivíduo e saber de algumas paleopatologias que poderá ter sofrido durante o seu desenvolvimento físico. Assim, pode-se aferir dados sobre condições de vida, como os factores económicos e sociais, que poderiam influenciar o crescimento do indivíduo. Este indicador é somente retirado através da aplicação de métodos osteométricos, ao invés dos restantes, para os quais existem métodos morfológicos. A osteometria, para além de nos permitir saber o sexo e idade biológica do indivíduo, também nos permite calcular a altura corporal, isto é, a estatura; proporção corporal, através de cálculos de índices (índex) e de massa corporal. Para as medições, o investigador pode usar: um compasso de espessuras ou bailarina, normalmente usado para medições cranianas; uma craveira ou paquímetro; fita métrica e uma tábua osteométrica. Neste estudo foram utilizadas as últimas três, sendo que não foi possível o acesso a uma tábua osteométrica profissional, tendo-se acesso a uma tábua já improvisada disponível no Centro de Arqueologia de Lisboa.

O cálculo da estatura é possível pois existe relação directa entre esta e o comprimento de certos ossos, em particular os ossos longos (alometria). Se se estudar um esqueleto completo é possível calcular a sua estatura com um grau de precisão e certeza elevados (White e Folkens, 2005). Sabendo primeiramente o sexo e a idade à morte, um método que permite esta precisão é o *Fully* Método Anatómico, pois permite medir todo o esqueleto e adicionar centímetros que correspondem ao tecido que indivíduo tivera, conferindo uma altura muitíssimo aproximada à real em vida (Fully, 1956). Tendo em conta o contexto de onde provem o indivíduo, existem tabelas de regressão que calculam a altura corporal que o indivíduo teria tido em vida, tendo em conta o seu envelhecimento e tecido muscular. Apesar destas tabelas de cálculo de regressão por idade, o problema da estimativa de idade à morte persiste e afecta o cálculo efectivo da estatura pois as estimativas são difíceis para indivíduos de idade avançada, com mais de cerca de cinquenta anos. Para os cálculos de estatura concreta é necessária a distinção entre um indivíduo de sessenta ou oitenta anos para um resultado preciso, algo que é muito raro de se obter apenas a partir de restos osteológicos inumados de um contexto arqueológico. No caso de se estudar um esqueleto incompleto, como na colecção aqui presente, dá-se prioridade aos membros inferiores do esqueleto apendicular, pois estes têm maior correlação com a estatura de um indivíduo que os membros superiores. Deve-se sempre efectuar o maior número de medições a todos os ossos disponíveis no nosso estudo, mas

o nível de confiança deverá ser remetido para os ossos dos membros inferiores (Ubelaker e Buikstra, 1994).

Existem dois métodos principalmente usados e que foram igualmente aplicados neste estudo. O primeiro, desenvolvido por Mildred Trotter e Goldine Gleser com base em duas colecções, a Colecção de Terry e a da Guerra Coreana. Assim, o método foi desenvolvido consoante o sexo e o contexto geográfico para ossos dos membros superiores – o úmero, a ulna e o rádio – e para inferiores – o fémur, tibia e fíbula. Em jeito de nota, há que lembrar que podendo escolher um dos resultados no qual conferir maior importância será o do fémur, no caso de um indivíduo do sexo masculino (Trotter e Gleser, 1952; Trotter, 1970). A segunda metodologia utilizada na presente dissertação foi elaborada em 1937 pelo alemão Emil Breitinger. Ao contrário de todas as metodologias até agora abordadas, a amostra utilizada para compor este método não foi uma colecção osteológica, mas sim uma amostra de homens alemães vivos. Apesar da amostra ser extensa ($n = 2400$), como as medidas eram retiradas através de apalpações através da pele, terá uma certeza questionável, mas, todavia, é um método que ainda hoje se mostra muito útil para determinação de estaturas. Esta metodologia tem a restrição de apenas poder ser aplicada em ossos do lado direito e em indivíduos do sexo masculino. As peças ósseas passíveis de utilização são o úmero, o rádio, o fémur e a tibia, cada uma com medições de comprimento diferentes entre si. O resultado final da estatura é extrapolado após a aplicação da fórmula e cálculo que Emil Breitinger desenvolveu (Breitinger, 1937). De modo a salvaguardar a precisão e certeza dos resultados, não se deverá utilizar ossos que se apresentem fragmentados ou com patologias macroscopicamente visíveis ou queimados pois são factores que influenciam de uma forma não padronizada o tamanho ósseo e que não são possíveis de compensar com as fórmulas de cálculo de estatura corporal disponíveis (White e Folkens, 2005).

Para além de ser útil para se poder constituir uma possível aparência física do indivíduo, a estatura traz consigo outros indicadores que podem ser extrapolados indirectamente. A estatura de um indivíduo pode variar por diversos motivos. Esses motivos podem ser genéticos ou podem ser um reflexo extrínseco como as condições socio-económicas, o meio ambiente, ou do estado de saúde e, da nutrição a que um indivíduo estava sujeito. Todos estes factores externos ao indivíduo podem estar correlacionados entre si, pois se uma pessoa pertence a uma baixa classe social poderá não ter acesso a uma alimentação equilibrada que lhe permita um desenvolvimento corporal muscular normal para a idade, podendo afectar o crescimento ainda em jovem

ou em adulto. Geralmente é possível distinguir deficiências de desenvolvimento em jovem de problemas de crescimento em adulto, originando atrofia no esqueleto ou visíveis sinais de carências vitamínicas nas peças ósseas (Cunha, 1994; Goodman e Martin, 2002; Hoppa, 1992; Larsen, 1997).

5.1.4. Paleopatologia

A paleopatologia é a área científica que trata da análise e diagnóstico das patologias evidentes nos restos humanos do passado, isto é, doenças ou anomalias que um indivíduo teria em vida ou um conjunto de populações. É a ciência que estuda a evolução das doenças temporalmente, procurando explicar relações entre os agentes patogénicos e o clima e/ou a mudança sociocultural, se o Homem desenvolveu ao longo do tempo defesas novas para velhas doenças, se e que doenças novas se desenvolveram, entre outras questões (Armélago e Van Gerven, 2003; Mays, 1998; Lovell, 2000; Ortner, 2003). As paleopatologias identificadas no esqueleto poderão ser ou não a causa de morte de um dado indivíduo, podendo ser identificadas nas peças dentárias ou nos ossos. É importante as distinções das patologias entre as ocorridas *antemortem*, isto é, modificações biológicas do indivíduo cuja memória o osso gravou; *perimortem*, processos biológicos ou culturais ocorridos momentos antes ou após o falecimento; ou *postmortem*, modificações visíveis macro ou microscopicamente ocorridas à morte ou após a mesma. A patologia pode ser identificada macroscopicamente ou microscopicamente, com recurso a análise de ADN ou através de radiografias (White e Folkens, 2005).

De realçar o facto de que a paleopatologia não estuda apenas o osso mas também tecidos que poderão ter sobrevivido, sendo que a dificuldade de diagnosticar certas modificações advém de saber quais as alterações que resultaram de lesões resultantes de doença ou traumas ou da alteração dos ossos quando sujeitos a variantes ambientais que poderão também afectar o osso e/ou o tecido. Uma das maiores limitações da paleopatologia é o facto de nem todas as doenças serem passíveis de ser identificadas através dos ossos ou da dentição. Algumas patologias manifestam-se brevemente no organismo do indivíduo e não deixam vestígios de sintomas nas peças ósseas. Isto deve-se ao facto de um agente patológico poder ser apenas passageiro ou tão mortífero que acaba por matar o organismo hospedeiro rapidamente, sendo a verdadeira causa da morte de uma dada pessoa (Larsen, 2002). Uma patologia visível no esqueleto ocorre quando o

organismo se procura adaptar e/ou combater a presença da doença, levando um ou mais anos a criar um reflexo ósseo ou dentário, caracterizado por perda ou criação de osso novo. Um esqueleto que não apresente qualquer anomalia poderia pertencer a um indivíduo muito mais enfermo do que um esqueleto que de facto apresenta algum tipo de vestígio patológico, pois possui um organismo que se terá adaptado a viver com os agentes patológicos. Um estudo paleopatológico através de colecções osteológicas é então um processo muito complexo, com muitas variantes que condicionam a identificação correcta de certos agentes patológicos e do diagnóstico do efectivo estado de saúde que um indivíduo teria e qual o acontecimento que o terá levado à morte. As patologias mais comumente identificadas ao se estudar os restos ósseos de populações passadas são vestígios de doenças degenerativas, como as osteoartrites e/ou os traumas (Ortner, 2003; Ferreira, 2005; 2015; DeWitte e Stojanowski, 2015).

Já quando se estuda a dentição de um indivíduo tem-se a possibilidade de analisar com alguma precisão, maior do que estudando apenas os componentes ósseos, de problemas que um indivíduo tenha tido durante a sua fase de crescimento e a nutrição ao longo da sua vida, pois são duas das informações muito facilmente identificáveis nos dentes, elementos estes que se preservam melhor em contexto arqueológico. Anomalias facilmente observáveis na dentição incluem o seu desgaste, perda de dentes, presença de cálculo e a formação de cáries, quase todas elas identificadas em indivíduos da presente colecção em estudo (Mays, 1998; Ferreira, 2005).

5.1.5. Caracteres Epigenéticos

Para o olho pouco experiente, por vezes, os chamados caracteres discretos, não métricos ou epigenéticos podem ser confundidos por um traço de uma possível patologia. Os caracteres discretos são elementos presentes nos ossos originados geneticamente e que não perturbam o funcionamento do organismo ou a capacidade do esqueleto operar. São características que um certo indivíduo apresenta sem razão aparente pois não irá causar nenhuma anomalia ao organismo. Estes elementos podem ser relevantes quando se analisa uma população e percebe-se que certos caracteres discretos são semelhantes em vários indivíduos. Este acontecimento poderá indicar que estarão relacionados entre si, sendo possivelmente relacionados familiarmente de algum modo. Este apontamento passa a ter especial interesse quando se estuda um contexto de inumação em que uma amostra de indivíduos partilha um mesmo espaço sepulcral, como é o caso da presente dissertação

(Buikstra e Ubelaker, 1994; Ortner, 2003; White e Folkens, 2005). Na impossibilidade de poder contar com a contribuição da bioquímica para estudos de familiaridade genética, a presença de marcadores epigenéticos, poderá fornecer pistas sobre a existência de relações de parentesco num contexto de necrópole.

Os indicadores ou marcadores de *stress* são vestígios físicos impressos nas peças ósseas e dentição através de patologias degenerativas. Nasceram devido à constante repetição de um dado movimento ou actividade por parte do indivíduo e o esqueleto acaba por se adaptar formando ou destruindo osso (Lei de Wolf) para compensar os desequilíbrios físicos que os factores extrínsecos causavam, restaurando a homeostasia. Esta adaptação óssea geralmente traduz-se no desgaste dos elementos ósseos em zonas de articulações, causando em casos mais extremos eburnação, ou com formação de labiação e entesopatias. Na dentição é possível aferir informações sobre paleopatologias e marcadores de *stress* devido ao diferente número de acções diferentes que o mastigar e o movimento da mandíbula permitem, pois é usado não só como meio de transformar alimentos, mas também como ferramenta. Estes indicadores também podem ser o reflexo de períodos de *stress*, ocorridos num espaço de tempo contíguo, devido a anomalias nutricionais ou outras durante o processo de crescimento do indivíduo como, por exemplo, a hipoplasia linear que ocorre no esmalte dentário (Ferreira, 2005; Larsen, 2002).

5.2. O tratamento do espólio

O espólio osteológico da Igreja de São Lourenço foi movido primeiramente do Depósito Arqueológico do Rego para o Centro de Arqueologia de Lisboa para se proceder à sua análise. Das quarenta e três sepulturas registadas foram apenas localizadas sete com espólio osteológico: *enterramento n.º 26 e sepulturas n.º 24, n.º 30, n.º 31, n.º 33, n.º 34 e n.º 35*. De acordo com os registos e etiquetagem a colecção terá sido recolhida entre os anos de 1992 e 1993. O espólio ósseo e artefactual de cada sepultura encontrava-se dividido em diversos sacos fechados com agrafos, remetendo-nos para o facto de provavelmente desde a sua recolha ninguém os ter aberto, encontrando-se as peças ósseas sujas com terra da escavação arqueológica.

O tratamento do espólio osteológico foi iniciado com a sua limpeza a seco, usando-se como utensílio escovas de dentes de fibras suaves e paus finos de madeira. Apenas se recorreu a pequenas escovas ligeiramente molhadas com água para a sujidade

mais agravada, que poderia eventualmente impedir a recolha mais rigorosa de dados acerca de uma peça em concreto. A limpeza a seco foi escolhida em detrimento da lavagem com água devido ao risco que esta apresenta na preservação a longo prazo dos materiais ósseos e devido às mudanças de temperatura durante a lavagem. A água constitui uma ameaça para as moléculas de colagénio, proteína responsável pela flexibilidade do osso, acelerando a sua decomposição e quebra de cadeias proteicas o que provoca a perda das propriedades do osso, fazendo com que este se fragmente mais facilmente (Nawrocki, 1997, p.1). Num caso excepcional, o crânio semi-completo da sepultura 35 da sondagem 8 (*S.Lc./93/S8/Sp.35*) encontrava-se com terra em todo o interior da caixa craniana. Procedeu-se então à sua escavação cuidadosa, com recurso a um utensílio de madeira suave, de modo a filtrar se existiam mais peças ósseas, tais como os ossos do ouvido (bigorna, estribo e martelo), que tantas vezes escapam em registo arqueológico devido às suas reduzidas dimensões.

De seguida, procedeu-se à colocação do espólio, consoante a sua disposição biológica e lateralidade, na bancada de trabalho para se iniciar o processo de agregação e colagem de peças através do uso de fita-cola pintor/ de papel assim como a sua posterior marcação. Esta última foi concretizada com recurso a verniz e uma caneta de tinta permanente de acetato seguindo a lógica de marcação iniciada pelos arqueólogos responsáveis pelo tratamento das peças. O espólio osteológico resultante de colagem foi marcado apenas uma vez. As peças nas quais não foi possível tais colagens foram colocadas em sacos de plástico individualizados juntos com a peça correspondente. Na legenda dada começou-se por atribuir o nome do arqueossítio, seguido do ano da recolha ou escavação da peça ou sepultura, assim como a sondagem e camada e plano respectivamente se fosse esse o caso, o número da sepultura em questão e, por fim, um número de inventário com quatro dígitos, atribuídos sequencialmente por cada sepultura. Assim, cada sepultura terá uma peça que começa em 0001. Na prática, a fórmula de inventariação ficou, ilustradamente, *S.Lc./93/S8/Sp.35/0012*. As peças ósseas encontram-se, grosso modo, numeradas por ordem proximal-distal, para oferecer alguma facilidade de leitura.

O inventário de todo o espólio osteológico foi efectuado em tabelas *Microsoft Office Excel*, nas quais se encontram discriminadas as diversas sepulturas divididas por: *número de inventário, identificação* (da peça óssea), *lateralidade, marcas patológicas e observações*, onde se registam os casos de fragmentação das peças, bem como, se são sub-adultos, possíveis colagens ou pertenças a outra peça já inventariada e caracteres

discretos. O espólio dentário seguiu um esquema semelhante, dividindo-se em maxila e mandíbula. A cada um destes seguiu-se a identificação do *dente*, *lateralidade*, *estado*, nas quais se atribuíram três opções – solto, *in situ* ou alvéolo –, *patologias* e *observações*.

Para a identificação tipológica dos ossos adultos e definição da sua lateralidade, tendo em conta a ausência de um esqueleto ou modelo de referência ou acesso a uma colecção de esqueletos identificados, teve-se como referência maioritariamente o *The Human Bone Manual* (White e Folkens, 2005). Para a mesma tarefa, mas referente à identificação dos ossos pertencentes a sub-adultos, utilizou-se a obra *Juvenile Osteology, A Laboratory and Field Manual* (Schaefer, Black e Scheuer, 2009).

Num âmbito quantitativo foram analisadas, no total, 405 peças ósseas e 38 dentes (gráfico nº2, anexo I). Foram estudadas seis sepulturas e um enterramento (Amaro, 1993), onde se somaram um número mínimo de dez indivíduos presentes (NMI), dos quais dois pertencem a sub-adultos e os restantes a indivíduos adultos. Na etiquetagem disponível não era referido à partida o número de indivíduos que cada sepultura continha; porém tratou-se o espólio esperando obter um indivíduo por sepultura e não espólio osteológico desconexo. Em algumas sepulturas registaram-se, porém, repetições de peças ósseas, significando a presença de outros esqueletos na mesma sepultura, assim como ossos adultos misturados com sub-adultos. Estes casos foram registados na sepultura 24 da sondagem 7 e no enterramento 26, da mesma sondagem (*S.Lc./93/S7/Sp.24* e *S.Lc./93/S7/Ent.26*). Na primeira obteve-se um NMI de dois, sendo que um pertence a um indivíduo sub-adulto, dada a presença de ossos pertencentes à pélvis, como um ísquion e púbis, costelas e vértebras claramente não desenvolvidos, e a aparência de ossos adultos. Já no enterramento 26 (*S.Lc./93/S7/Ent.26*) registaram-se no mínimo dois indivíduos adultos, com o registo de duas faces esquerdas do osso frontal do crânio com margem supraorbital e três pescoços de fémur, dos quais um não foi possível determinar a sua lateralidade e, igualmente, um sub-adulto. Apenas o esqueleto pertencente à sepultura 35 da sondagem 8 (*S.Lc./93/S8/Sp.35*) se apresenta quase completo. O enterramento 26 (*S.Lc./93/S7/Ent.26*) apenas apresenta ossos da parte superior, desde o crânio até à pélvis, não contando com membros inferiores. A sepultura 24 (*S.Lc./93/S7/Sp.24*) é a que expõe ossos mais dispersos, não se apresentando também ossos dos membros inferiores. As restantes sepulturas (*S.Lc./93/S7/Sp.30*, *S.Lc./93/S7/Sp.31*, *S.Lc./93/S7/Sp.33* e *S.Lc./92/S7/Sp.34*) são caracterizadas por apenas possuírem ossos pertencentes aos membros inferiores, nenhum na sua completude. Já a dentição apenas foi estudada em

dois casos, no enterramento 26 (*S.Lc./93/S7/Ent.26*) e na sepultura 35 (*S.Lc./93/S8/Sp.35*), uma maxila e, uma maxila e mandíbula, respectivamente.

Ao nível da comparação dos registos da intervenção arqueológica com as sepulturas aqui estudadas em detalhe não foram denotadas grandes discrepâncias. Os registos comparados englobam apenas os da campanha de 1992/1993 (Amaro, 1993), não existindo para a de 1999 e 2005, detalhes e registo gráfico das sepulturas (Sabrosa, 1999; AA.VV, 2005).

Da sepultura 24 da sondagem 7 (*S7/Sp.24*) chegou-nos um espólio osteológico muito fragmentado, que não representa apenas um indivíduo no interior da vala de enterramento, mas sim ossos dispersos de várias idades, sendo o mais contrastante as peças osteológicas correspondentes a indivíduos com cerca de 1 ou 2 anos em relação aos ossos pertencentes a indivíduos adultos. Nos registos gráficos das intervenções arqueológicas (esquema nº12, anexo VIII), a sepultura 24 é representada apenas por membros inferiores, isto é, do fémur até aos pés (Amaro, 1993, 1993a). Apesar das peças ósseas correspondentes à zona distal dos membros se encontrar bastante fragmentada e dispersa, nada indica a presença de vértebras, coxal ou costelas sub-adultas. Não sabemos, assim, se de facto os ossos que possuímos e estudámos correspondem aos restos osteológicos inumados da sepultura 24 e a ilustração está erroneamente enumerada ou se pertencem a outro contexto da Igreja de São Lourenço.

É na ficha de esqueleto da sepultura 26 (*S.Lc./93/S7/Ent.26*) que o registado não é tão congruente com o analisado. Na ficha de esqueleto foram pintados a vermelho as peças osteológicas presentes do esqueleto. Durante o processo de inventariação foram identificadas diversas peças pertencentes ao crânio, assim como uma maxila com denteição presente, algo que não se verifica nos registos. Porém, todas as peças assinaladas pelos arqueólogos da campanha de 1993 correspondem ao observado por nós, inclusivé o pormenor de assinalar que do úmero direito (*S.Lc./93/S7/Ent.26/0045*) apenas nos resta a sua epífise distal. O autor da ficha estimou, durante o trabalho de campo, a diagnose sexual do indivíduo inumado, tendo apontado que seria um indivíduo de sexo masculino com base nos ossos da bacia. Através dos métodos já descritos no capítulo anterior não foi possível chegar à mesma conclusão, sendo que a diagnose nos terá dado como indivíduo de sexo indeterminado.

6. A paleobiologia na necrópole de São Lourenço

6.1. Diagnose sexual

Num âmbito macroscópico foram desenvolvidos vários métodos que se apoiam em auxiliares visuais para uma melhor comparação nas dimensões e formas de certas peças ósseas que foram utilizados nesta investigação, sempre que o esqueleto assim o possibilitava. Dois dos locais mais dimórficos são a pélvis, associados à função reprodutora humana (Phenice, 1969). Porém, uma combinação da diagnose sexual no crânio com a da pélvis será o ideal já que o cruzamento de resultados de diagnósticos em diferentes estruturas ósseas, garante que a margem de erro será menor e a probabilidade de aproximar o diagnóstico da realidade, será maior. As diferenças morfológicas também variam devido à diferença da volumetria da massa muscular de cada sexo, o que leva a que a fisionomia de certos ossos se altere e apresente diferenças morfológicas por vezes vincadas, devido aos músculos que a certos ossos se coligam. É comum associar-se que ossos maiores metricamente e mais robustos ao sexo masculino. Esta robustez implica por vezes a presença de maiores cristas ao longo das diáfises dos ossos longos, ou em certos locais do crânio, que reflectem a maior massa muscular corporal associada ao individuo, características que, normalmente, estão associadas igualmente ao sexo masculino. Para muitos dos ossos do corpo humano existem métodos que permitem efectuar uma diagnose sexual, alguns com maior segurança tais como as metodologias para o osso coxal, crânio, ramo mandibular, morfologia orbital, do processo mastóide, entre outras; e outros com uma certeza mais reduzida, como através da morfologia dos ossos longos (Buikstra e Ubelaker, 1994; Ferembach, *et al.*, 1980; Graw *et al.*, 1999; Meindl, *et al.*, 1985; Phenice, 1969; Schwartz, 1995; Walker e Cook, 1998; White e Folkens, 2005).

Tendo em conta a natureza e as características das metodologias que permitem prosseguir com a caracterização biológica dos remanescentes humanos encontrados em S. Lourenço, deu-se início ao estudo do material osteológico humano.

Em apenas uma (*S.Lc./93/S7/Sp.24*) das sete sepulturas estudadas não foi possível efectuar uma diagnose sexual devido à falta de elementos ósseos para que o permitisse realizar. Duas das sepulturas permitiram (*S.Lc./93/S7/Ent.26* e *S.Lc./93/S8/Sp.35*) utilizar simultaneamente métodos morfológicos e métricos, assegurando um melhor rigor da diagnose sexual, enquanto que nas restantes, dada a pouca representatividade óssea do

esqueletos dos indivíduos, foi apenas possível utilizar métodos métricos (gráfico nº1, anexo I).

O método desenvolvido por Sofia Wasterlain e Eugénia Cunha (Wasterlain e Cunha, 2000) foi utilizado nas únicas duas sepulturas que se encontravam mais completas (*S.Lc./93/S7/Ent.26* e *S.Lc./93/S8/Sp.35*). Foi apenas na sepultura 35 (*S.Lc./93/S8/Sp.35*) que se utilizou outros dois métodos métricos. Um deles foi desenvolvido por uma equipa italiana, que procurou avaliar um meio de diagnose através dos comprimentos escapulares, usando-se para o presente estudo os comprimentos máximos da escápula e do diâmetro do glenóide (Di Vella, *et al.*, 1994). O segundo, estuda a mandíbula, osso sujeito a “grande *stress*” e propõe-nos várias medidas nesta peça óssea que, com 85% de certeza, servem para efectuar uma diagnose sexual. Foi um método desenvolvido em populações indianas, em 112 indivíduos adultos de várias idades e de ambos os sexos. No presente estudo, devido ao estado de fraca preservação de ambas as mandíbulas encontradas, utilizou-se apenas a medida para a largura do ramo mandíbular (Saini, *et al.*, 2011).

Neste estudo, depois da aplicação dos métodos de diagnose sexual e consoante se atesta na tabela nº 1, a colecção analisada apresenta relativa equidade com duas diagnoses sexuais masculinas e três a apontar para indivíduos do sexo feminino.

Resultados - Diagnose Sexual	
S7/Sep.24	Não aplicável
S7/Ent.26	Indeterminado
S7/Sep.30	Masculino
S7/Sep.31	Feminino
S7/Sep.33	Feminino
S7/Sep.34	Feminino
S8/Sep.35	Masculino

Tabela nº 1 – Resultados finais da diagnose sexual.

Numa análise por indivíduo, será possível identificar algumas das questões que conduziram aos resultados que a seguir se apresentam.

Na sepultura 26 (*S.Lc./93/S7/Ent.26*) a diagnose foi inconclusiva, talvez devido ao facto de nesta sepultura se encontrarem vários indivíduos e se tenham associado erradamente peças osteológicas a um dado indivíduo podendo pertencer a outro. Outra

hipótese para o resultado inconclusivo, terá que ver com o facto de que, por vezes, os esqueletos não apresentam dimorfismo suficiente para se chegar a uma diagnose, quer devido à sua maturidade, quer a questões de individualidade genética (White e Folkens, 2005). Aplicaram-se metodologias morfológicas (Buikstra e Ubelaker, 1994; Walker, 2008) no conjunto de três peças que perfaziam um crânio deste indivíduo (*S.Lc./93/S7/Ent.26/0001, 0002, 0003*) (tabela nº7, anexo V). O crânio apresentava-se fragmentado e incompleto. Os atributos passíveis de serem avaliados foram atribuídos a um indivíduo de sexo masculino. Com um fraco estado de preservação, os coxais (*S.Lc./93/S7/Ent.26/0042 e 0043*) apenas foram avaliados no local do grande nó ciático (Buikstra e Ubelaker, 1994), que não expôs dimorfismo suficiente, tendo-se terminado com uma diagnose indeterminada e onde as metodologias de Phenice (Phenice, 1969) não foram utilizadas pelas razões descritas (tabela nº8, anexo V).

No sacro verificou-se que a curva sacral (Ferembach *et al.*, 1980) coincidia com a de um indivíduo do sexo masculino (tabela nº9, anexo V). Contrariamente às diagnoses provindas das metodologias morfológicas, os métodos métricos (Wasterlain e Cunha, 2000) apontaram na sua totalidade para um indivíduo de sexo feminino (tabela nº10, anexo V), onde se analisaram os diâmetros das cabeças femorais (*S.Lc./93/S7/Ent.26/0049 e 50*) e a largura epicondilar do úmero (*S.Lc./93/S7/Ent.26/0045*). O dimorfismo é mais visível precisamente na pélvis e no crânio, onde os resultados apontaram para uma diagnose masculina. Os métodos métricos não apresentam o mesmo grau de relatividade que os morfológicos. Isto é, a diagnose depende das medições que se executam e não de aspectos visuais nos quais duas pessoas podem fazer interpretações ligeiramente diferentes, dada a relatividade de uma comparação gráfica. Uma vez que a metodologia métrica escolhida foi desenvolvida numa colecção portuguesa, entendeu-se que neste caso específico o resultado da diagnose não poderia pender para os ossos normalmente mais convincentes, tendo-se então optado por uma diagnose sexual indeterminada.

Nas sepulturas 30, 31, 33 e 34 da sondagem 7 (*S.Lc./93/S7/Sp. 30, 31 e 33; S.Lc./92/S7/Sp. 34*), com uma representatividade reduzida dos membros inferiores, nomeadamente dos ossos dos pés, foram utilizadas metodologias métricas de medição dos ossos do talus e do calcâneo (Silva, 1995) (tabelas nº14 e 15, anexo V). Na sepultura 30 (*S.Lc./93/S7/Sp. 30*) foram medidos um calcâneo (*S.Lc./93/S7/Sp.30/0007*) e dois talus (*S.Lc./93/S7/Sp3.0/0009 e S.Lc./93/S7/Sp.30/0010*). Na sepultura seguinte (*S.Lc./93/S7/Sp. 30*), analisaram-se um calcâneo (*S.Lc./93/S7/Sp.31/0005*) e um talus

(*S.Lc./93/S7/Sp.31/0006*) ambos do lado esquerdo. Para o indivíduo da sepultura 33 (*S.Lc./93/S7/Sp. 33*) não se demonstrou concordância absoluta nas várias medições, sendo que as dimensões dos dois calcâneos (*S.Lc./93/S7/Sp33/0002* e ...*0003*) do indivíduo apontaram para diagnose feminina e o talus (*S.Lc./93/S7/Sp33/0004*) para masculino. Atendendo que neste caso os dados quantitativos são relevantes, a conclusão da diagnose ficou-se por indivíduo do sexo feminino (tabela nº17, anexo V). Para o indivíduo da sepultura 34 (*S.Lc./92/S7/Sp. 34*) somente um talus (*S.Lc./92/S7/Sp34/0012*) apresentava boas condições de preservação para se aplicar metodologias de diagnose sexual. Assim o resultado não representa grandes certezas (tabela nº19, anexo V). Tirando a sepultura 34 (*S.Lc./92/S7/Sp. 34*), como mencionado, foi sempre possível efectuar entre duas a três medições.

Para o indivíduo da sepultura 35 (*S.Lc./93/S8/Sp.35*), a única sepultura da colecção de uma sondagem diferente, era a que apresentava melhor estado de conservação, sendo também a que tinha um esqueleto mais completo. Começou-se por avaliar morfologicamente o crânio (tabela nº20, anexo V), que se encontrava fragmentado e foi sujeito a reconstrução parcial. Foram avaliados seis locais do crânio (*S.Lc./93/S8/Sp.35/0001*) com base nos desenhos de Walker (Buikstra e Ubelaker, 1994), em que apenas o processo mastóide se classificou como feminino, e uma margem supra-orbital indefinida. Todas as restantes características classificaram o indivíduo como do sexo masculino, tendo o arco supraciliar sido pontuado com um máximo do espectro dual de morfologia sexual. Os ossos pertencentes ao coxal encontravam-se num bom estado de preservação, pelo que foi viável a aplicação de duas metodologias morfológicas e o estudo de vários dos seus aspectos macroscópicos. Todas as características da análise do osso coxal (tabela nº21, anexo V) (*S.Lc./93/S8/Sp.35/0046* e ...*0047*) identificaram o indivíduo como sendo masculino (Buikstra e Ubelaker, 1994; Phenice, 1969), assim como o sacro (tabela nº22, anexo V) (Ferembach *et al.*, 1980).

Nos métodos métricos a certeza não foi tão vincada. Utilizaram-se medições de dois fémures e um úmero (Wasterlain e Cunha, 2000), à semelhança do enterramento 26 (*S.Lc./93/S7/Ent.26*) e de escapulares (Di Vella *et al.*, 1994). As medidas femorais (*S.Lc./93/S8/Sp.35/0054* e ...*0055*) foram indeterminadas e as do úmero resultaram em diagnoses opostas, uma masculina e uma feminina (*S.Lc./93/S8/Sp.35/0050*). O único método baseado numa amostra portuguesa foi o que nos revelou mais incertezas. Esta situação mostra-nos que não possuindo outras peças ósseas suficientemente conservadas, para se analisar ou aplicar o máximo de métodos possíveis, pode conduzir a uma ineficaz

diagnose sexual do indivíduo. As medições efectuadas na escápula e no próprio glenóide foram unânimes e apontaram para o sexo masculino. Assim, estima-se que o indivíduo inumado da sepultura 35 seja possivelmente do sexo masculino.

6.2. Estimativa da idade à morte

Na presente colecção, conseguiu-se estimar a idade à morte de três indivíduos, um sub-adulto (*S.Lc./93/S7/Sp.24*) e de dois adultos (*S.Lc./93/S7/Ent.26* e *S.Lc./93/S8/Sp.35*). Nas restantes não foi possível devido à falta de peças ósseas suficientes para averiguar este dado demográfico, à semelhança do que aconteceu na diagnose sexual.

Do indivíduo sub-adulto da sepultura 24, através das descrições e ilustrações disponíveis na obra *Juvenile Osteology*, com as metodologias de Schaefer, Black e Scheuer (Schaefer *et al.*, 2009), foi possível avaliar que o ísquion (*S.Lc./93/S7/Sp.24/0004*) que apresentava boas condições de preservação aparenta pertencer a um indivíduo de cerca de um ano de idade (tabela nº6, anexo V e ft. nº17, anexo VIII). Uma estimativa da idade à morte que apenas utiliza um elemento, está longe de ser o ideal, mas são situações que acontecem quando o espólio provem de contextos arqueológicos, onde por vezes nem todo o material é recuperado ou as condições de preservação e fragmentação dos mesmos não são as melhores. O indivíduo sub-adulto da sepultura 24 enquadra-se dentro do grupo etário de bebé, que se estende desde o momento ao nascimento aos 3 anos de idade.

No enterramento 26 (*S.Lc./93/S7/Ent.26*) (tabela nº2) utilizaram-se dois métodos para analisar a superfície auricular da pélvis no osso coxal direito (*S.Lc./93/S7/Ent.26/0042*), pois o esquerdo não permitiu dado o seu pior estado de conservação. Utilizando primeiro as descrições e fotografias do método desenvolvido por Lovejoy (tabela nº2) estimou-se que o indivíduo estaria na fase 1, pelo que terá cerca de 20 anos de idade (Lovejoy *et al.*, 1985). De seguida, usou-se a metodologia de Jo Buckberry e Andrew Chamberlain para classificar as diferentes vertentes que se podem observar na superfície auricular e classificá-las numericamente de modo a obter uma estimativa de idade. Tal como no método anterior, o resultado foi Fase I, estando o intervalo de idades compreendidas entre os 16 e 19 anos com 1,53 anos de incerteza positiva ou negativa (Buckberry e Chamberlain, 2002) (tabela nº11, anexo V). Por fim, classificou-se a dentição molar presente na mandíbula fragmentada (tabela nº12, anexo V), utilizando-se as ilustrações e sistema de classificação elaborado por George Maat

(Maat, 2001), incluindo cinco dentes presentes, todos eles molares com quatro *in situ* na mandíbula e um solto. A mandíbula fragmentada (*S.Lc./93/S7/Ent.26/0011 e ...0012*) apenas apresentava o local dos molares, com o terceiro molar esquerdo (*RM3*) apresentando apenas o alvéolo. Apenas parte da face bucal se apresenta com condições para análise. A conclusão de estimativa a que se chegou foi no intervalo etário de 17-25 anos de idade, estando em concordância com os restantes resultados das metodologias aplicadas.

Assim, o indivíduo do enterramento 26 é estimado ter entre 14,5 anos e 25 anos de idade, enquadrando-se no grupo etário correspondente a adolescente ou jovem adulto.

Estimativa Idade à Morte - S7/Ent.26		
Metodologia	Resultado (anos)	Idade média (anos)
Lovejoy <i>et al.</i> , 1985	20	20
Buckberry e Chamberlain, 2002	16 - 19 +/- 1,53	17,5
Maat, 2001	17 - 25	21
Grupo etário – Adolescente ou jovem adulto		

Tabela nº 2 - Resultados finais do cálculo da estimativa da idade à morte.

Os métodos utilizados para a sepultura 35 da sondagem 8 (*S.Lc./93/S8/Sp.35*) são semelhantes aos acima descritos (tabela nº3). Com um crânio fragmentado foi possível reconstruir o suficiente para se proceder ao sistema de classificação *Vault System*, desenvolvido pelos investigadores Richard Meindl e Owen Lovejoy (Meindl e Lovejoy, 1985). O método foi aplicado através da avaliação do grau de obliteração das suturas cranianas (tabela nº24, anexo V) em certos *loci*. Com um resultado final de 11, esta metodologia indica-nos que o indivíduo poderá ter cerca de 39,4 anos de idade com uma incerteza de 9,1 anos. O facto de a incerteza ser alta não é de estranhar, dado que quanto mais alta a idade do indivíduo mais alta a incerteza, como referido.

Passando para os métodos de categorização da pélvis, devido ao estado de preservação, apenas foi possível utilizar um dos ossos do coxal (*S.Lc./93/S8/Sp.35/0047*). Primeiro analisou-se o estado morfológico da sínfise púbica (tabela nº25, anexo V) com recurso a fotografias que reflectem os diversos estágios de modificação da estrutura desta face, utilizando o método desenvolvido pelo americano T. Wingate Todd (Todd, 1920). Atribuiu-se-lhe a fase VIII, onde se concluiu que o indivíduo teria entre 39 e 44 anos de idade. De seguida, ainda averiguando a mesma peça (tabela nº25, anexo V), aplicou-se o

método desenvolvido por Suchey e Brooks (Brooks e Suchey, 1990). Com a carência dos moldes de gesso para uma comparação mais rigorosa, baseou-se nas imagens desenhadas que existem desses mesmos moldes. Tendo em atenção que este método distingue indivíduos do sexo masculino do feminino, atribui-se a fase IV, que descreve uma idade média de 35,2 com incerteza de 9,4. Portanto, o indivíduo encontra-se entre o intervalo etário dos 25,8 aos 57 anos de idade. Continuando no coxal, analisou-se também a face da superfície auricular (tabela nº26, anexo V), onde apenas foi possível utilizar o método das comparações ilustrativas e descritivas de Lovejoy (Lovejoy *et al.*, 1985), dado que o osso coxal se encontrava ligeiramente danificado em *loci* essenciais para analisar em pormenor as diferentes características que a metodologia de Buckberry e Chamberlain (Buckberry e Chamberlain, 2002) propõe. Analisando então a superfície auricular inferiu-se que coincidia com as descrições da fase 4, pelo que compreende uma idade entre os 35 e 39 anos. Na análise da dentição (tabela nº3) prestou-se atenção aos molares, usando a metodologia revista de Brothwell por Andrew Maats (Maats, 2001).

Na maxila só foi possível a classificação do primeiro molar esquerdo, visto que os restantes ou não foram recuperados ou encontravam-se demasiado danificados para análise. Na mandíbula, pelo contrário, examinou-se os três molares de ambas as lateralidades. No final, a classificação resultou num indivíduo entre os 35 e 45 anos de idade (tabela nº27, anexo V). Após aplicados os cinco métodos possíveis no esqueleto da sepultura 35 calculou-se a idade média de cada resultado (tabela nº3), sendo que o indivíduo poderá ter uma idade compreendida entre os 23 e os 57 anos, indo aos dois extremos do grupo etário de “jovem adulto” a “adulto idoso”.

Estimativa Idade à Morte - S8/Sep.35		
Metodologia	Resultado (anos)	Idade média (anos)
Meindl e Lovejoy, 1985	30,3 - 48.05	39,4
Todd, 1920	39 - 44	41,5
Suchey e Brooks, 1990	23 - 57	35,2
Lovejoy <i>et al.</i> , 1985	35 - 39	37,5
Maats, 2001	35 - 45	40
Grupo etário – Adulto		

Tabela nº 3 – Resultados finais do cálculo da estimativa da idade à morte.

6.3. Estimativa da estatura

Na maioria das sepulturas foi possível realizar pelo menos uma medição para se obter a estatura dos indivíduos. Não se determinou a estatura dos inumados nas sepulturas 24 (*S.Lc./93/S7/Sp.24*) e 34 (*S.Lc./92/S7.Sp.34*) devido à falta de peças ósseas para o fazer.

No enterramento 26 (*S.Lc./93/S7/Ent.26*) aplicaram-se os dois métodos, usando peças ósseas do esqueleto apendicular superior (tabela nº4). Os ossos foram escolhidos consoante as metodologias que seriam possíveis aplicar e consoante o seu bom estado de preservação. Primeiro o de Breitinger (Breitinger, 1937), com recurso à ulna e, de seguida, calculou-se a estatura usando a metodologia de Trotter e Gleser (Trotter e Gleser, 1952; Trotter, 1970), também com o mesmo rádio e ulna. Neste enterramento deve-se chamar a atenção para o facto de o sexo do indivíduo ter-se classificado como “indeterminado”. Sabendo que o método de Breitinger (Breitinger, 1937) apenas pode ser usado em esqueletos do sexo masculino, não se quis deixar de o aplicar aqui e comparar com os resultados obtidos com a outra metodologia (Trotter e Gleser, 1952, Trotter, 1970), utilizados caso o indivíduo seja do sexo feminino ou masculino. Deduziu-se também, dado o contexto histórico-geográfico, que seria provavelmente de indivíduo caucasiano, dado que as metodologias de Trotter e Gleser (Trotter e Gleser, 1952, Trotter, 1970) modificam consoante este dado. Para se distinguir as medições em caso de o indivíduo ser do sexo masculino, no método de Trotter e Gleser (Trotter e Gleser, 1952; Trotter, 1970), coloriu-se a azul. Nos cálculos para o sexo masculino os resultados obtidos nos dois métodos são semelhantes, obtendo-se uma estatura que se encontra entre os 162 centímetros e os 152 centímetros, aproximadamente. No caso de o indivíduo ser do sexo feminino, as medições resultaram numa altura a variar entre os 164 centímetros e 148 centímetros de estatura óssea, aproximadamente.

Estimativa de Estatura – S7/Ent. 26					
Nº De Inventário	Osso	Lateralidade	Medida (cm)	Resultado/Estatura	Metodologia
S.Lc./93/S7/Ent.26/0047	Rádio	Direito	20,6	158,2308 +/- 5,4	Breitinger, 1937
S.Lc./93/S7/Ent.26/0047	Rádio	Direito	20,6	156, 878 +/- 4, 32	Trotter e Gleser, 1952; Trotter, 1970
S.Lc./93/S7/Ent.26/0047	Rádio	Direito	20,6	152,574 +/- 4,24	Trotter e Gleser, 1952; Trotter, 1970
S.Lc./93/S7/Ent.26/0046	Ulna	Direito	22,6	157,67 +/- 4,32	Trotter e Gleser, 1952; Trotter, 1970
S.Lc./93/S7/Ent.26/0046	Ulna	Direito	22,6	154,262 +/- 4,30	Trotter e Gleser, 1952; Trotter, 1970

Tabela nº 4 – Estimativa de estatura óssea da *S.Lc./93/S7/Ent.26*. A azul encontram-se os cálculos na hipótese de diagnose sexual masculina.

Nas restantes três sepulturas da sondagem 7 apenas se calcularam as estaturas, com base numa peça óssea cada, de membros inferiores. Na sepultura 30 (*S.Lc./93/S7/Sp.30*) usou-se a tíbia direita (*S.Lc./93/S7/Sp.30/0003*) e o método de Breitinger (Breitinger, 1937), resultando uma altura de 167,95 centímetros com uma incerteza de 4,7 centímetros (tabela nº14, anexo V). Na sepultura seguinte (*S.Lc./93/S7/Sp.31*), apenas com uma fíbula (*S.Lc./93/S7/Sp.31/0003*) esquerda disponível, calculou-se uma estatura de 155,714 cm, com 3,57 centímetros de incerteza (Trotter e Gleser, 1952; Trotter, 1970) (tabela nº16, anexo V). Na sepultura 33 (*S.Lc./93/S7/Sp.33*), utilizando igualmente uma fíbula (*S.Lc./93/S7/Sp.33/0001*), aplicou-se a mesma metodologia que a sepultura anterior, tendo-se estimado um indivíduo do sexo feminino com cerca de 153 centímetros de altura com 3,57 centímetros de incerteza (Trotter e Gleser, 1952; Trotter, 1970) (tabela nº18, anexo V).

A sepultura 35 da sondagem 8 (*S.Lc./93/S8/Sp.35*) foi a que permitiu mais cálculos com um total de seis estimativas de estatura (tabela nº5), alternando entre as duas metodologias. Estando na presença de possivelmente um indivíduo do sexo masculino e com peças ósseas completas sem patologias visíveis, aplicou-se primeiro o método de Breitinger (Breitinger, 1937) em dois ossos pertencentes aos membros superiores – rádio (*S.Lc./93/S8/Sp.35/0053*) e úmero (*S.Lc./93/S8/Sp.35/0050*). Após estes cálculos, usaram-se estas mesmas duas peças ósseas para a metodologia de Trotter e Gleser (Trotter e Gleser, 1952; Trotter, 1970) e em adição a ulna direita (*S.Lc./93/S8/Sp.35/0052*) e o fémur

esquerdo (*S.Lc./93/S8/Sp.35/0056*). Ambos os métodos originaram resultados semelhantes com a estimativa de estatura a oscilar entre os 167 centímetros com 4,9 centímetros de incerteza positiva ou negativa, estatura mínima do indivíduo de acordo com a primeira metodologia aplicada. E, uns máximos de 169 centímetros aproximadamente com 4,2 centímetros de incerteza. Assim, o indivíduo teria uma estatura enquadrada num intervalo aproximadamente entre os 164 e os 172 centímetros.

Estimativa de Estatura S8/Sp.35					
Nº De Inventário	Osso	Lateralidade	Medida (cm)	Resultado	Metodologia
S.Lc./93/S8/Sp.35/0050	Úmero	Direito	30,9	167, 1035 +/- 4,9	Breitinger, 1937
S.Lc./93/S8/Sp.35/0053	Rádio	Direito	23,9	168,03 +/- 5,4	Breitinger, 1937
S.Lc./93/S8/Sp.35/0050	Úmero	Direito	32	169,01 +/- 4,05	Trotter e Gleser, 1952; Trotter, 1970
S.Lc./93/S8/Sp.35/0053	Rádio	Direito	23,9	169,352 +/- 4,32	Trotter e Gleser, 1952; Trotter, 1970
S.Lc./93/S8/Sp.35/0052	Ulna	Direito	25,5	168,4 +/- 4,32	Trotter e Gleser, 1952; Trotter, 1970
S.Lc./93/S8/Sp.35/0056	Fémur	Esquerdo	45,1	168, 748 +/- 3.27	Trotter e Gleser, 1952; Trotter, 1970

Tabela nº 5 – Estimativa de estatura óssea da *S.Lc./93/S8/Sp.35*.

6.4. Análise paleopatológica e de caracteres epigenéticos

A natureza dos factores que causam o aparecimento de paleopatologias ou caracteres epigenéticos (ou discretos) não é a mesma. Todavia, na medida em que quer a identificação de elementos paleopatológicos, quer as marcas osteológicas de natureza epigenética reflectem alterações ao que se considera ser a norma morfológica do osso, optou-se por, num primeiro momento identificar as alterações osteológicas para, num segundo momento, se diferenciarem as alterações que podem ter uma origem patológica das restantes.

A busca e análise por características atípicas nos ossos da colecção estudada foram apenas realizadas macroscopicamente, sendo, portanto, possível que os esqueletos apresentem patologias aqui não mencionadas já que, a análise paleopatológica implica níveis de especialização e experiência que não se reuniam no momento de realização deste estudo. A colecção osteológica estudada não apresenta evidências de grandes paleopatologias e em geral, foram registadas alterações da anatomia associadas a

caracteres discretos e sinais de alguns marcadores de *stress* e de envelhecimento, como o desgaste de certas peças ósseas. Embora se tenham registado diversos tipos de caracteres epigenéticos nenhum foi partilhado entre indivíduos. Foram identificados caracteres discretos em duas das sepulturas, na sepultura 33 (*S.Lc./93/S7/Sp.33*) e na 35 (*S.Lc./93/S8/Sp.35*). Somente em duas sepulturas (*S.Lc./93/S7/Sp.30* e *S.Lc./93/S7/Sp.31*) não se registou qualquer anomalia ou carácter não-métrico. Nas restantes pelo menos um dos dois foi identificado.

Começando pela sondagem sete, na sepultura 24 (*S.Lc./93/S7/Sp.24*) registou-se o caso de uma costela sub-adulta (ft. nº20, anexo III) com um pequeno tubérculo (*S.Lc./93/S7/Sp.24/0007*), não se aferindo se será um carácter discreto ou patologia. Numa peça óssea desconexa de um pé adulto, no 5º metatarso (*S.Lc./93/S7/Sp.24/0016*), registou-se o único caso paleopatológico de eburnação na colecção, identificado na zona da epífise proximal.

No enterramento 26 (*S.Lc./93/S7/Ent.26*) foi registado um ligeiro desgaste no corpo vertebral de duas duas vértebras lombares (*S.Lc./93/S7/Ent.26/0024, ...0025*). Apontou-se também uma pequena marca em baixo relevo no osso parietal direito (*S.Lc./93/S7/Ent.26/0001*), que se prevê ter sido causado durante o processo de escavação do esqueleto. O pouco desgaste é também assinalado na dentição, sendo visível em alguns dentes a dentina ainda que muito tenuemente. Regista-se igualmente a presença de cálculo em alguns dos dentes. Entende-se por cálculo a acumulação na superfície dos dentes de uma placa bacteriana mineralizada causada pela presença abundante de compostos de fosfato de cálcio na saliva. Causado por uma pobre higiene dentária, é também um indicador da tipologia de nutrição composta por ingestão de alimentos com muitas proteínas (Ferreira, 2005; Hillson, 2000).

No esqueleto do indivíduo inumado da sepultura 33 (*S.Lc./93/S7/Sp.33*) notou-se que três ossos do pé possuíam as suas zonas de articulação interligadas nos dois calcâneos (*S.Lc./93/S7/Sp.33/0002, ...0003*) (ft. nº 21, anexo III) e no osso cuneiforme médio (*S.Lc./93/S7/Sp.33/0010*), quando o mais frequente é estarem separadas. Estas observações são, então, caracterizadas como casos de caracteres discretos. A nível de anomalias detectaram-se também algumas peças ósseas porosas e leves ao toque nos dois 5ºs metatarsos (*S.Lc./93/S7/Sp.33/0017, ...0018*), numa falange proximal (*S.Lc./93/S7/Sp.33/0025*) e numa 1ª falange distal (*S.Lc./93/S7/Sp.33/0027*). A porosidade não é austera o suficiente para se sequer considerar um caso inicial de osteopenia; porém, achou-se por vontade assinalar.

Na sepultura 34, ainda da sondagem 7 (*S.Lc./92/S7/Sp.34*), não se encontrou qualquer caracter epigenético. Em ambas as patelas (*S.Lc./92/S7/Sp.34/0001, ...0002*) do indivíduo denotaram-se marcas de paleopatologia relacionadas com desgaste articular, classificando-se como entesopatia de grau mínimo. Uma entesopatia é uma inflamação nas enteses, em zonas de articulação muscular e dos tendões em relação ao esqueleto. Pode ser provocada devido à repetição de movimentos. Com o passar do tempo o esqueleto vai-se adaptando ao mesmo, formando osso novo nos ligamentos responsáveis pelo movimento, já lesados pela inflamação que o movimento provoca. Existe uma calcificação das articulações, refletindo-se em crescimento atípico de osso e a suas rugosidades. Pode ser visto como um indicador do estilo de vida ou da ocupação do indivíduo; porém este tipo de calcificação é comum nas patelas, pois qualquer indivíduo acaba por exercer em vida o movimento de flexão do joelho muitas vezes, não se conseguindo neste caso apurar qualquer actividade específica que explique as entesopatias, sendo elas de grau mínimo. É uma lesão que ocorre com a evolução da idade biológica do indivíduo (Cunha e Umbelino, 1995; Larsen, 1997).

Para finalizar, na sepultura 35 (*S.Lc./93/S8/Sp.35*) foram diversos os caracteres discretos identificados. O crânio apresenta uma sutura a atravessar medialmente o osso frontal (ft.24, anexo III). Em três vértebras, duas torácicas e uma cervical, apontou-se um prolongamento atípico do processo espinhoso (*S.Lc./93/S8/Sp.35/0008, ...0010, ...0039*), num dos casos bifurcado (*S.Lc./93/S8/Sp.35/0010*). Em sete das costelas apontou-se uma marca em relevo elíptica com traço em baixo relevo na vertical. Em várias peças osteológicas notou-se também certo desgaste articular e degenerativo no corpo vertebral, que variava no espectro do desgaste de leve a elevado, assim como casos de labiação nas duas patelas, manúbrio e em algumas falanges da mão. Outras peças, como o sacro, diversos ossos do carpo, nos ossos dos membros superiores e inferiores apresentam porosidades. Em ambos os fémures (*S.Lc./93/S8/Sp.35/0054, ...0055*) destacam-se as suas tuberosidades acentuadas. Não sendo necessariamente marcas patológicas há ainda que realçar as anomalias registadas nas ulnas (*S.Lc./93/S8/Sp.35/0051, ...0052*) e no esterno, quer no corpo (*S.Lc./93/S8/Sp.35/0043*), quer no manúbrio (*S.Lc./93/S8/Sp.35/0044*).

Nas ulnas observou-se que as epífises distais pendiam lateralmente, não se sabendo se representam caracteres discretos ou sinais de degeneração articular, de um indivíduo que possivelmente possuía grande massa muscular e fazia repetidamente o mesmo movimento, levando as ulnas a modificarem a sua configuração natural. No corpo do esterno apresenta-se um prolongamento anormal bifurcado na face distal (fts. n.º26 e

27, anexo III) que colocamos duas hipóteses para o explicar: ou é um carácter epigenético ou justifica-se pela calcificação da cartilagem costal. Assinala-se também na zona proximal uma pendência ligeiramente para a esquerda e as interfaces costais encontram-se desalinhados entre si. O manúbrio acompanha a tendência apresentando-se igualmente torto, mas a proclinar para a direita. Todavia, na zona de articulação com o corpo do esterno encontra-se a pender para a esquerda. O esterno apresenta, assim, uma grande assimetria que poderá ser uma característica epigenética ou o reflexo do estilo de vida da pessoa que exercia movimentos que prejudicaram a postura, ou outro conjunto de factores externos que tenham contribuído para a tortuosidade esternal. Não se exclui também a possibilidade de trauma ou de outro evento que não consigamos identificar. Neste caso, um exame radiológico poderia dar pistas importantes sobre estas alterações.

Ao nível da dentição é predominante o desgaste acentuado, com presença numerosa de dentina e cálculo ainda que este último ligeiro. O desgaste dentário não pode, porém, ser considerado uma patologia, mas sim uma consequência do acto de mastigação e dos alimentos ingeridos, sendo um factor que ajuda a descortinar a idade do indivíduo e o tipo de dieta que ingeria. É a erosão do esmalte dentário na zona oclusal. A anotação do desgaste dentário costuma-se enquadrar em capítulos sobre paleopatologia e neste trabalho seguiu-se a mesma linha de pensamento, pois poderá estar relacionado com o surgimento de outras doenças dentárias. Identificaram-se duas cáries, uma no segundo molar esquerdo da maxila e no terceiro molar, também esquerdo da mandíbula (ft. nº25, anexo III), onde em ambos os casos se denotou que a cárie provocou uma desmineralização acentuada na zona posterior. A cárie é um processo infeccioso que causa a desmineralização progressiva desde o esmalte à polpa dentária causado pelos ácidos produzidos durante o processo de fermentação bacteriana, provocando o aparecimento de cavidades nos dentes. As cáries reflectem uma alimentação rica em carboidratos e alimentos com elevados níveis de açúcar (Hillson, 2000; Ferreira, 2005).

6.5. Um retrato da paleobiologia

Num âmbito meramente paleobiológico, os indivíduos exumados da Igreja de São Lourenço não demonstram dados que sejam anormais tendo em conta o que se conhece sobre estes aspectos associados à época para que este estudo remete. À excepção de peças ósseas desconexas recuperadas da sepultura 24 (*S.Lc./93/S7/Sp.24*), com peças a estimar um ano de idade, estimaram-se as idades de dois indivíduos com as idades a oscilar entre

os 20 anos de idade e um máximo provável de 57 anos, preenchendo os dois extremos do grupo etário dos adultos. Sobre as suas estaturas, calculadas para cinco indivíduos, observa-se que as alturas não variam também muito entre si, com as estaturas a oscilar entre os extremos de 153 centímetros e os 168 centímetros, o primeiro assinalado em indivíduos cuja diagnose sexual apontava ser do sexo feminino, e os restantes masculinos (Cardoso e Gomes, 2009; Stulp e Barrett, 2014). Das sepulturas medievais, da sondagem 7, a maioria das diagnoses foram do sexo feminino.

Em relação aos caracteres epigenéticos foram maioritariamente visíveis marcadores que nos indicam a repetição de certas actividades, que implicam o esforço dos quatro membros, particularmente no caso do indivíduo da sepultura 35 (*S.Lc./93/S8/Sp.35*) no qual as calcificações ósseas presentes ao longo dos vários ossos longos nos indicam estarmos presentes a um indivíduo robusto; também tendo em conta que a sua diagnose apontou-se para o sexo masculino, mais propensos a transportar cargas maiores ou a executar tarefas que impliquem maior força muscular. A presença de outros indicadores de *stress* como labiação, desgaste ósseo e presenças de porosidades demonstram padrões comuns entre as sociedades, padrões que se denotam em todos os indivíduos, sendo que nenhum demonstra graus severos destes indicadores sugerindo a não presença de anomalias paleopatológicas nesta pequena colecção (Ferreira, 2015, p.256-274). Vários foram os caracteres discretos observados, porém nenhum caracter se repetiu em indivíduo algum, não se podendo concluir se existirá algum grau de familiaridade entre os indivíduos na Igreja enterrados.

Na paleopatologia apenas se pode apontar um caso que se pode classificar como osteopenia, um grau mínimo de porosidade óssea que poderá indicar o desenvolvimento de osteoporose com o passar dos anos e ainda de entesopatia (*S.Lc./92/S.7/Sp.34/0001, ...0002*) e eburnação (*S.Lc./93/S7/Sp.24/0016*), lesões causadas pelo desgaste ósseo, também elas de grau mínimo. São, portanto, indivíduos que no geral não nos permitem concluir sobre afeições de doença, actividades ou até aferir possíveis causas de morte, pois não foi observado nenhuma evidência de trauma nem vestígios de um agente patológico viral que pudesse causar a morte a algum dos indivíduos.

7. A Arqueologia Funerária – uma síntese

Após a exposição dos dados relativos à Arqueologia, tal como o tratamento e estudo da cultura material identificada na Igreja de São Lourenço, bem como os dados de natureza antropobiológica, de modo a ir ao encontro dos objectivos definidos para esta dissertação serão apresentados os elementos relativos à dimensão funerária. Isto é, aspectos que resultaram do processo ritualizado do enterramento e que compreende estruturas, gestos e espacialidade.

7.1. Temporalidades e caracterização do espaço intervencionado

No conjunto dos espaços que compõem a Igreja de São Lourenço foi possível identificar diferentes temporalidades de ocupação do espaço. Nesse sentido, importa perceber de que forma o espólio cultural e osteológico exumado se distribui neste espaço e, conseqüentemente pelas várias cronologias nele identificadas consoante as cotas e áreas a que estão associados.

A profundidade a que as sepulturas se encontravam foi registada em 37 casos em nove sondagens³⁰ (gráfico nº3, anexo I), variando entre os 36,83 metros, registado na sepultura 35 (*S8/Sp.35*), e 38,85 metros na sepultura 24 (*S7/Sp.24*)³¹. Foram também totalizados três ossários na área da Igreja, num conjunto de três sondagens, todas em locais diferentes da zona Sul (sondagens 2, 6 e 12). As sondagens abertas para a execução das intervenções arqueológicas localizam-se em zonas periféricas interiores da Igreja e nas divisões anexas à nave central, isto é, nas zonas administrativas da capela, correspondentes às antigas capelas góticas da Igreja. As únicas duas divisões totalmente escavadas, no conjunto das duas campanhas (Amaro 1993, 1993a; Sabrosa, 1999) foram na zona Sul da Igreja, isto é, a “sala de apoio à igreja” e a “zona da antiga habitação do pároco” (Coelho, 1998, p.41), ambas na zona Sul e correspondentes à “primeira capela gótica” e “segunda capela gótica” respectivamente.

Na sondagem 7, adjacente à “sala de apoio à igreja”, as 11 sepulturas neste local identificadas marcam uma profundidade média de cerca de 38,37 metros, sendo nesta onde se regista a inumação escavada em níveis altimétricos superiores, apesar do seu

³⁰ A totalidade das sepulturas foram inumadas das sondagens 1, 2, 3, 5/6, 6, 7, 8, 9 e 12.

³¹ Vide tabela nº 28 e tabelas de nº 38 a nº 72, anexo V .

contexto estratigráfico mais intricado e complexo devido às destruições e construções de estruturas. É na sondagem 7 onde se encontram quase todas as sepulturas datadas de época medieval, algumas sob as paredes do templo gótico, datadas, pelo menos, da segunda metade do século XIII ou já do século XIV, e outras destruídas aquando da construção do Palácio da Rosa, no século XV. A construção de capelas góticas em templos românicos adveio com o modernizar dos espaços de culto. Estas campanhas de obras surgem no reinado de D. Dinis e continuam pelo reinado de D. Afonso IV. Deste último, veja-se o paralelo nas obras realizadas na Sé de Lisboa em meados do século XIV, com a construção de capelas estilo gótico na ábside para servir como seu futuro local de sepultamento, inaugurando uma prática régia que até agora praticava a inumação em casas monásticas (Serrão e Neto, 2000; Fernandes, 2006/2007). Assim, as sepulturas da centúria de 1200 corresponderão ao primeiro momento de enterramentos no espaço da Igreja de São Lourenço, antes da construção das capelas góticas.

Exceptuando a sepultura 24 (*S7/Sp.24*), a parte da zona Sul e Sudoeste corresponderá ao prolongamento da primeira capela gótica. A datação desta sondagem é meramente focada na sua sequência estratigráfica, não sendo possível conciliar com a presença de artefactos. Duas das onze sepulturas pensa-se que terão recebido inumações em caixão de madeira, tendo em conta a presença de pregos aos pés (*S7/Sp.25*) e aos vestígios de madeiras em redor da sepultura (*S7/Sp.29*).

Profundidade, por vezes, não reflecte a presença de artefactos mais antigos pois as unidades estratigráficas de um dado subsolo não são necessariamente uniformes em toda a extensão de um arqueossítio. Na sondagem 7, sabe-se a camada de quatro sepulcros: *S7/ Sp.25, ...26, ...29 e ...31*. A sepultura 31 (*S7/Sp.31*) é a que se encontrava na camada mais profunda – a camada 13 – sendo que também corresponde à maior profundidade registada em sepulturas nesta sondagem (38,18 metros). As restantes três encontram-se na mesma camada, na 7, porém a sepultura 25 (*S7/Sp.25*) e 29 (*S7/Sp.29*) estendem-se até à camada 5. Tal dever-se-á ao facto de se tratarem de duas sepulturas que receberam inumações em caixão de madeira. Outra possibilidade para a razão das sepulturas desta sondagem, as mais antigas do sítio, possuírem maiores altimetrias será a pouca ocupação deste espaço, tendo sido apenas ocupado em época medieval. Algumas das sepulturas estariam fora dos limites actuais da Igreja. Uma hipótese será que onde se construiu a capela gótica hoje edificada, a Sudeste, seria uma zona exterior correspondente a um cemitério. Assim, já na época de funcionamento da capela poucos indivíduos terão sido sepultados neste local, sendo que a norma em época moderna e

contemporânea os enterramentos se processavam no adro da igreja e não em salas que serviriam de apoio ao funcionamento da igreja pelo menos quando consideramos a generalidade das pessoas e não os membros do clero e seus familiares (Araújo, 1995, cap.VIII; Howarth e Leaman, 2013).

Algumas destas sepulturas, as do lado Sudoeste, encontravam-se ligeiramente sobrepostas entre si sendo que se registaram peças ósseas desagregadas e fragmentadas neste sítio da sondagem. Os indivíduos terão sido inumados directamente numa vala escavada na argila do solo geológico, situação que poderá ter motivado a sua pouca preservação por possíveis acções tafonómicas ou outras deposições do mesmo período, talvez um pouco mais antigas dada a sua fragmentação. Visivelmente sobrepostas estavam as sepulturas 25 (*S7/Sp.25*) e 29 (*S7/Sp.29*), a primeira intersectando a segunda, com um contorno bem definido de onde começa e termina outra pois ambas possuem enterramento em caixão de madeira. Sem ter acesso a que camadas estratigráficas todas as sepulturas foram encontradas não nos é possível aferir se as duas sepulturas com enterramento em caixão (*S7/Sp.25* e *S7/Sp.29*) representaram um outro momento de ocupação por se encontrarem no extremo Sudoeste da sondagem, intersectadas entre si e depois por outras estruturas que foram tendo lugar com as remodelações ocorridas na Igreja. A sepultura 24 (*S7/Sp.24*), por se encontrar fora do templo românico, poderá corresponder ao mesmo período de enterramentos medievais, mas possuindo diferentes condicionantes em relação às restantes inumações, como adiante se explicará.

As restantes inumações de cronologia medieval foram registadas entre as transições das sondagens 5 e 6, na “primeira capela gótica”, com um enterramento na argila base (*S5-6/Sp.23*). Sobre a anterior (*S5-6/Sp.22*) não possuímos informação, apesar de ser um sub-adulto, consoante o registo nos relatórios (Amaro, 1993a), pois no registo fotográfico não é possível visualizar com clareza os vestígios osteológicos de modo a confirmar a informação (ft. n°98). Esta sepultura foi a que registou uma das excepções de orientações cardinais do sepulcro, estando a Norte - Sul, com cabeça a Norte. As restantes duas sepulturas encontradas nesta zona da Igreja são já de cronologia contemporânea (*S6/Sp.42* e *S6/Sp.43*), já próximas do fim dos enterramentos no interior das igrejas, com enterramentos em caixão na mesma zona onde foi identificada a sepultura 23 (*S5-6/Sp.23*).

Das sepulturas das quais foi possível estimar uma datação, catorze das restantes sepulturas, isto é, da totalidade das sepulturas existentes, dividem-se em inumações

Modernas³² e Contemporâneas³³ (gráfico nº4, anexo I). As datações foram conferidas através do seguimento de estratigrafia (Harris, 1989), com base no espólio encontrado no interior das sepulturas ou uma combinação das duas variantes descritas. As inumações de período Moderno apresentam diversas tipologias de enterramento, variando entre deposição na argila base com forma arredondada/oval, ou com forma rectangular arredondada nos vértices (S2/Sp.13) ou caixão de madeira. Podemos sugerir que estas últimas corresponderão a um período mais recente (Araújo, 1995, p. 13; Ferreira, 2015, p.260; Howarth e Leaman, 2013). A partir dos registos gráficos sabemos que os indivíduos destas sepulturas serão todos adultos (Amaro, 1993; 1993a). Nenhum destes corresponde aos restos osteológicos sujeitos a estudo paleobiológico.

As sepulturas associadas a talhões, divididas entre as sondagens 1 e 2 – as sondagens localizadas na nave da Igreja – possuem todas uma datação contemporânea, assim como deposição em caixão de madeira, prática recorrente nesta cronologia (Araújo, 1995, p.13-15; Ferreira, 2015, p.260; Vaquinhas, 2011, p.178-193; Howarth e Leaman, 2013). Na sondagem 1, a sepultura de mesma numeração (S1/Sp.1) é de cronologia mais antiga, datada de época moderna, visto que intersecta a sepultura 12 (S1/Sp.12), datada, provavelmente da segunda metade do século XVIII, através da sobreposição de estratigrafia do sítio.

Nas sondagens 1 e 2 dispomos de dois momentos de enterramento em cada uma delas, mas que dada a sua localização – na nave única da Igreja – corresponderão entre si às mesmas temporalidades. Ambas estão divididas em aproximadamente duas grandes fases, correspondentes às fases de abandono e consequente reconstrução e reutilização. Assim, temos a utilização correspondente ao século XV/XVI e a ocupação contemporânea, com os enterramentos a efectuarem-se até meados do século XIX. O segundo momento de utilização do espaço da Igreja, visualizado nestas sondagens, propomos que se assinale entre o século XIV e meados do século XVI, entre a altura em que se construíram as capelas góticas na Igreja e o primeiro terramoto, do qual se sinalizaram maiores estragos, em 1531. Após este desastre natural, «*durante muito tempo o exercício do Culto esteve impedido*» na Igreja (Gonçalves e Segurado, 1983, p.43). Apesar da sua reconstrução iniciada em 1611, não cremos que a Igreja tenha estado de

³² Todas as informações aqui descritas podem ser visualizadas na tabela nº 28, anexo V.
Sepulturas de cronologia Moderna: S1/Sp.1; S1/Sp.2; S1/Sp.3; S1/Sp.4; S2/Sp.9; S2/Sp.13; S3/Sp.21; S2/Sp.39.

³³ Sepulturas de cronologia Contemporânea: S1/Sp.12; S1/Sp.36; S1/Sp.37; S6/Sp.42; S6/Sp.43.

facto totalmente abandonada. Na sua fachada frontal lê-se a seguinte inscrição “ *Os que confessados e comungados subirem esta escada e entrando na igreja rezarem um padrenosso e ave-maria pela concórdia dos príncipes cristãos e destruição das heresias e exaltação da fé católica e por atenção e alama de quem a mandou fazer a sua custa ganham um ano de indulgências cada vez que o fizerem e no dia de São Lourenço de vésperas a vésperas indulgência plenária e remissão de todos os pecados 1587*” (ft. 106, anexo VIII). Assim, assumimos como um período intermédio de não funcionamento em pleno da Igreja até à sua ordem de reconstrução em 1611. Após este ano, consideramos que se inicia o terceiro momento de ocupação na zona da nave, onde supomos que os enterramentos voltaram ao seu interior após a sua reconstrução em 1611. Esta terceira fase de enterramentos na Igreja estende-se até ao próximo terramoto, que teve lugar em 1755. Estas serão apenas suposições pois não possuímos informação estratigráfica suficiente para conferir as premissas que aqui esboçamos, possuindo apenas em algumas sepulturas a indicação de cronologia (tabela nº28, anexo V). As sepulturas de época contemporânea serão as que terão sido efectuadas após a nova reconstrução em 1766 que se prolongou até 1844. Dada a presença do botão no interior da sepultura 41 (*S2/Sp.41*), de fabrico inglês de meados da centúria de oitocentos, coloca-se a sua datação no século XIX, já próximo ou até posterior à permissão de enterramentos no interior de igrejas ser suspensa, em 1844 (Gonçalves e Segurado, 1983).

Da sepultura 35 (*S8/Sp.35*) importa referir que o seu sepulcro em caixão terá sido depositado no interior de um silo (esquema nº9, anexo VIII) que terá espólio de época moderna. Assim, com o contexto temporal da sepultura, data dos séculos XVI e XVII.

Dos ossários não terá sido possível retirar cronologias, sendo que prováveis datações também não foram registadas para a campanha de 1999, presumivelmente devido ao final abrupto e não-voluntário da mesma (Sabrosa, 1999).

Provavelmente, o adro da Igreja teria mais locais com talhões, marcando inumações de outros indivíduos. Sabe-se inclusive que nos degraus do altar-mor estariam dois túmulos (Almeida, 1973, p. 98). Todavia, devido ao estado de abandono da Igreja não é hoje possível visualizar mais enterramentos deste tipo. Todas as sepulturas terão necessariamente uma datação máxima anterior ou aproximada a 1844, altura em que se decretou que seriam proibidos os enterramentos nos interiores das igrejas, maioritariamente por questões relacionadas com a higiene, com a aprovação de nova legislação relacionada com a saúde pública. Porém, admite-se que os enterramentos continuariam por mais alguns anos a ser efectuados no interior dos recintos eclesiásticos

(Áries, 1998b; Vaquinhas, 2011, pp. 178-193). Na zona da “primeira capela gótica”, lado Sul da Igreja, (sondagens 3 a 6) sabemos que as sepulturas 22 e 23 (*S5-6/Sp.22, ...Sp.23*) estarão sensivelmente ao mesmo nível, correspondendo a um momento de enterramentos da época medieval da capela (esquema nº10, anexo VIII). Este momento estará provavelmente alinhado com os enterramentos da sondagem 7. Não possuindo anotamento completo das camadas ou unidades estratigráficas onde estas terão sido recolhidas não se pode aqui confirmar com certeza, mas esta será a hipótese mais provável. A profundidade dos sepulcros não será sinónimo de antiguidade.

7.2. Gestos funerários

O processo de sepultamento é uma acção que traz consigo um reflexo da carga cultural, social e religiosa de uma dada sociedade. Os gestos funerários, por se tratarem de um espelho dos esquemas mentais dos indivíduos na sua época, são um importante parâmetro a analisar um contexto arqueológico funerário, pois, escavar uma sepultura implica perceber a intenção da sua organização, orientação, modo de deposição do inumado, entre outros. É esta informação que nos permitirá reunir mais elementos sobre o modo de vida das populações do passado.

7.2.1. Orientações

A orientação que é dada ao corpo inumado é, a maior parte das vezes, revestida de intencionalidade e simbolismo. De facto, é fácil associar a escolha de orientação dos defuntos a uma determinada afiliação religiosa. No caso do presente estudo, percebe uma certa homogeneidade na escolha das orientações para os indivíduos inumados.

Ao analisar os vários registos das sepulturas presentes deixados pelas campanhas realizadas, apontamos algumas irregularidades entre as informações conferidas em cada tipo de registo, sejam elas fichas de esqueleto, relatório técnico-científico ou desenhos das respectivas inumações. Em seis sepulturas denotaram-se registos contraditórios sobre as orientações (*S7/Sp.26; S7/Sp.30; S7/Sp.31; S7/Sp.32/33/34*). Todas estas foram registadas numa tabela que resume todas as informações recolhidas sobre as sepulturas, não só a orientação, tendo-se apontado com diferentes grafismos de modo a distinguir os dados recolhidos dos vários tipos de registo disponíveis, como se explica na legenda da referida tabela (tabela nº28, anexo V). Sobre outras quatro sepulturas não se sabe a

orientação por falta de referências às mesmas (*Sp.6*³⁴; *S2/Sp.14*; *S1/Sp.17*; *S6/Sp.43*; *S12/Sp.32a* e *S12/Sp.37a*). No caso da sepultura 8, descoberta na segunda sondagem (*S2/Sp.8*), não é conhecida a sua orientação. Esta omissão, porém, é compreensível devido ao estado fragmentado a que os restos osteológicos se encontravam. Assim, terá sido difícil ou impossível decifrar a sua orientação sepulcral (Amaro, 1993; 1993a). Não obstante a estes casos, não considerando as informações contraditórias, todas as inumações se apresentam numa orientação cardinal de Oeste para Este, com o crânio na primeira orientação e os membros inferiores e pés para esta última. Somente as sepulturas 22 (*S5-6/Sp.22*) e 36a (*S9/Sp.36a*) se encontram orientadas noutra direcção, alinhadas de Norte para Sul. Esclarece-se que a inumação 22 alberga um sub-adulto.

7.2.2. Tipologias sepulcrais

Relativamente ao tipo de sepulturas escavadas e registadas na Igreja de São Lourenço, assinalaram-se duas tipologias de sepultamento (gráfico nº5, anexo I), ambas com representação semelhante. Registaram-se sepulcros do tipo vala aberta na rocha base, isto é, na argila, um total de 14 inumações³⁵. Destas, divergem duas sub-tipologias com base nos registos, em dois casos de cada uma. A primeira sepultura (*S1/Sp.1*), de forma sub-elíptica e, na décima terceira sepultura (*S2/Sp.13*) à qual se lhe descreve uma forma rectangular de vértices arredondados (Amaro, 1993, 1993a). Este tipo de enterramento, no contexto da Igreja de São Lourenço, é praticado entre as épocas medievais e modernas. O outro grande tipo de sepulcro é inumação em caixão de madeira, registado em 13 inumações³⁶. Nas restantes 19 sepulturas não se encontrou menção à sua tipologia. As seis inumações às quais correspondiam à referência de *talhão* foi-lhes correspondido um enterramento em caixão, mas nem todas as sepulturas em caixão correspondem, por sua vez, a um talhão.

Todas estas inumações são primárias, ou seja, inumações cujo sepulcro não foi alvo de acções exteriores propositadas com a intenção de alterar algo no seu interior, conservando-se total ou parcialmente a sua anatomia óssea, no local original de sepulcro

³⁴ Sobre a sepultura 6 não é conhecida qualquer informação daí a falta de referência à sondagem da mesma e a sua ausência em futuras menções.

³⁵ Inumações em vala aberta na rocha base: *S1/Sp.1*; *S1/Sp.5*; *S2/Sp.9*; *S2/Sp.13*; *S5-6/Sp.23*; *S7/Sp.24*; *S7/Sp.27*; *S7/Sp.28*; *S7/Sp.30*; *S7/Sp.31*; *S7/Sp.32..33..34*; *S12/Sp.37*.

³⁶ Inumações em caixão: *S2/Sp.16*; *S1/Sp.18*; *S7/Sp.25*; *S7/Sp.29*; *S8/Sp.35*; *S1/Sp.36*; *S1/Sp.37*; *S1/Sp.38*; *S2/Sp.39*; *S2/Sp.40*; *S2/Sp.41*; *S6/Sp.42*; *S6/Sp.43*.

(Crubézy *et al.*, 1990; Bello e Andrews, 2006). A cada sepultura corresponde a um indivíduo, excepto em duas sepulturas cujo material osteológico foi analisado nesta dissertação. Nestas, identificaram entre dois e três indivíduos em cada sepultura, com poucas peças ósseas a revelarem-se repetidas em relação ao que seria o indivíduo principal, não se sabendo se serão ossos descontextualizados, recolhidos nas imediações das sepulturas ou se realmente existiriam outros indivíduos cuja grande maioria do esqueleto estará em parte incerta, tratando-se assim de inumações secundárias. No caso das sepulturas 36 (*SI/Sp.36*) e 37 (*SI/Sp.37*), é referido que se encontravam ambas no talhão nº36. Fica, porém, a dúvida se se trata de uma inumação primária com dois indivíduos no seu interior ou sepulturas individualizadas que partilham um mesmo talhão na Igreja. Parece-nos que a última será mais plausível, tendo em conta a intenção do arqueólogo responsável conferir numerações separadas às mesmas, contudo, sem o seu registo gráfico ou fotográfico, que por nós não foi encontrado, não será possível aferir certezas. No caso dos ossários, certamente, tratam-se de deposições secundárias, encontrados estes um pouco por toda a Igreja, num total de três ossários, como já terá sido referido (sondagens 2, 6 e 12).

7.2.3. Arranjo das inumações

Sobre a posição e localização física que as peças ósseas ocupam dentro das suas respectivas sepulturas, mais uma vez, não se denotaram grandes exceções a assinalar. Das quarenta e três sepulturas escavadas nas primeiras intervenções arqueológicas (Amaro, 1993) são conhecidas as posições de dezoito. Das três inumações registadas na segunda campanha apenas uma encontra menções sobre a sua posição e localização. Assim, num universo de 46 sepulturas, apenas se tem o registo da posição de cerca de 19 indivíduos. Algumas das razões a apontar para os escassos dados conferidos em relação a esta temática não será necessariamente a falta de registo por parte dos arqueólogos mas sim, provavelmente, o estado de conservação e fragmentação das mesmas, ou até derivado às circunstâncias em que as intervenções ocorreram, na qual não foi possível escavar em área, sendo que algumas inumações não foram totalmente escavadas, não sendo assim possível observar em que posição se encontrariam.

Todos os 19 inumados se encontram em decúbito dorsal, com a posição dos membros superiores a variar ligeiramente entre cruzados sobre o peito³⁷ ou sobre a pélvis³⁸, sendo que em outros casos é apenas referido que estes membros se encontram cruzados³⁹, sem mais referência posicional (gráfico nº6, anexo I). Não nos parece que exista variação na disposição dos membros superiores em relação a uma cronologia. É na sondagem 7 que encontramos a única referência à posição da pélvis, estando esta apoiada na zona posterior do sacro e do ílio (*S.Lc./93/S7/Sp.27*). Todavia, supomos que todas as inumações, quando possível averiguar, se encontrem nesta posição, com a zona posterior do sacro apoiada, dada a falta de menção à mesma, e dada a colocação dos membros superiores. Sobre as posições do crânio, deparou-se com três arranjos: apoiado no osso temporal esquerdo (*S1/Sp.12* e *S2/Sp.17*); apoiado no osso occipital (*S3/Sp.21* e *S2/Sp.40*); e apoiado no osso temporal direito (*S7/Sp.27*). Foi encontrada também uma pequena referência ao facto de o joelho da sepultura 30 (*S.Lc./93/S7/Sp.30*), inumação esta por nós estudada, estar virado para baixo, isto é, a face anterior da patela estaria de encontro a argila base. Não sabemos, porém, qual será a lateralidade do joelho deste modo disposto nem se o mesmo acontece com os restos dos membros inferiores, sabendo que estes representam a totalidade de representação óssea deste indivíduo. Pressupomos que talvez esteja somente o joelho nesta posição, talvez devido a alterações tafonómicas ou culturais, não se encontrando outra explicação para este fenómeno, não existindo anomalias em qualquer das patelas ou outros ossos de ligação com estas, quer no inexistente fémur, quer na tíbia (Àries, 1988b; Tarideu, 1993; Alexandre-Bidon, 1993).

7.2.4. Materialidades nos sepulcros

No interior das inumações foi recolhido algum espólio provindo no total de 12 sepulturas⁴⁰, inclusive algum dos quais estudado por nós e resumido na tabela nº 28 (anexo V). O espólio recolhido é maioritariamente metálico e é composto por alfinetes,

³⁷Todas as informações aqui descritas podem ser visualizadas na tabela nº 28, anexo V.

Inumações com os membros superiores cruzados sobre o peito: *S2/Sp.15; S2/Sp.20; S1/Sp.36; S9/Sp.36a; S2/Sp.40*.

³⁸ Inumações com os membros superiores sobre a pélvis: *S5-6/Sp.22; S7/Sp.26; S7/Sp.27; S8/Sp.35*.

³⁹ Todas as informações aqui descritas podem ser visualizadas na tabela nº 28, anexo V.

Inumações com os membros superiores cruzados: *S1/Sp.1; S1/Sp.3; S1/Sp.5; S1/Sp.12; S2/Sp.13; S3/Sp.21; S1/Sp.37; S1/Sp.38; S2/Sp.39*.

⁴⁰ Todas as informações aqui descritas podem ser visualizadas na tabela nº 28, anexo V.

Inumações com espólio no seu interior: *S1/Sp.1; S1/Sp.5; S1/Sp.18; S7/Sp.25; S7/Sp.32...33...34; S8/Sp.35; S1/Sp.36; S1/Sp.38; S2/Sp.39; S2/Sp.41; S6/Sp.42; S6/Sp.43*.

botões, pregos – que nos indicam a presença de inumação em caixão –, numismática e outros metais não identificados que poderão ser medalhas, bainhas ou indeterminado, devido ao seu mau estado de conservação como se denotou no capítulo anterior sobre o estado dos artefactos estudados. De outras materialidades recuperaram-se duas painelas (peças nº57 e nº63) provindas de uma mesma sepultura (*S1/Sp.38*) – não se percebendo porém se as painelas terão sido encontradas no interior dos sepulcros ou nas imediações das mesmas –, um botão em osso (*S8/Sp.35*) e um pedaço de cabedal recuperado junto aos pés da inumação 39 (*S2/Sp.39*), provavelmente pertencente a sapatos. Dos artefactos sabe-se de que camada e planos foram recuperados, porém a posição exacta destes no interior da inumação é por nós desconhecida, com excepção das painelas acima mencionadas e alguns pregos e o cabedal, também mencionado, que é referido encontrarem-se junto aos pés dos respectivos esqueletos das inumações. Seguindo a linha das materialidades colocadas no interior das sepulturas, importa também referir substâncias que tenham sido colocadas no seu interior aquando do momento de enterramento por parte de indivíduos externos, como é o caso da colocação de cal por cima da superfície do esqueleto, substância esta que afecta a conservação e preservação das peças ósseas. Esta prática foi registada em seis sepulturas⁴¹ em que todas elas coincidem com as inumações escavadas com talhão.

7.2.5. Espacialidade

Sobre a disposição dos sepulcros em relação ao espaço eclesiástico de São Lourenço, veja-se que as sepulturas estão dispostas rudemente em fileiras verticais em relação ao altar, em toda a área das sondagens, algumas não gozando de um espaço circunscrito para si mesmas, porém não existindo sobreposições no geral. Algumas das inumações com sepulcro em vala estavam ligeiramente sobrepostas entre si. Com recurso a sepulcro em caixão, apenas no caso das inumações 25 e 29 (*S7/Sp.25* e *S7/Sp.29*), que serão talvez de um tempo medieval mais tardio que as restantes, existiu esta sobreposição. As sepulturas em caixão de madeira encontram-se maioritariamente na zona da nave central, novamente em toda a extensão das sondagens, na face Sul e Norte, próximas da porta principal. Existirá, portanto, algum cuidado na sua colocação, no interior das

⁴¹ Todas as informações aqui descritas podem ser visualizadas na tabela nº 28, anexo V.

Inumações com cal: *S1/Sp.36* – talhão 36; *S1/Sp.37* – talhão 36; *S1/Sp.38* – talhão 43; *S2/Sp.39* – talhão 49; *S2/Sp.40* – talhão nº 42; *S2/Sp.41* – talhão 35.

inumações em vala aberta, procurando-se a sua individualização, tendo em conta também as posições em decúbito dorsal de todas elas e a colocação, em muitas delas (das que dispomos de informação) dos braços cruzados sobre o ventre. As sepulturas em vala aberta são encontradas por todas as áreas intervencionadas na Igreja, por toda a face Sul e na sondagem 1, na zona Norte. Sobre a “segunda capela gótica” (sondagens 8 a 12) apenas recuperou-se a inumação 35 (S8/Sp.35) mas que data de época moderna, como foi referido. Assim, não se terá exemplares sepulcrais desta “segunda capela gótica”, não se podendo estabelecer paralelos com a primeira (Pearson,1999; Howarth e Leaman, 2013). No caso das inumações no interior da “capela gótica” da sondagem 7 importa referir que seguindo também a lógica de enterramento cristã, as sepulturas encontram-se em valas escavadas na argila base do solo como que empilhadas, umas ao lado das outras. Porém, a sondagem 7 apresenta uma realidade diferente das restantes sondagens, tendo em conta que primeiramente terá sido um espaço exterior adjacente ao edificado da Igreja de São Lourenço e então posteriormente, parte integrante desta, criando um arranjo de sepulcros aparentemente mais desorganizado. Não cremos que tivesse existido a intenção de colocar inumações num mesmo sepulcro, dadas as distinções das valas. De salientar também que é da sondagem 7 que possuímos a maioria das sepulturas que em laboratório foram sujeitas a um estudo paleobiológico pois foi das poucas sondagens onde se continuou a intervenção arqueológica de escavação para níveis islâmicos. Assim, eles terão sido levantados para se proceder à restante escavação.

8. A contribuição da abordagem da Bioarqueologia em São Lourenço

O espaço em que o ser humano habita, o espaço que este escolhe para se estabelecer é, primeiramente, uma concepção mental que reflecte a sua visão do mundo. O espaço é uma materialização da organização social de uma dada sociedade. Vejam-se exemplos onde a organização social é reflectida fisicamente ao longo dos tempos. Em época alto medieval seria comum um castelo marcar a paisagem no alto de uma colina, um símbolo de poder reflectindo o pensamento político regente. Já em termos de religiosidade, ainda hoje, em alguns sítios, se denota a expressividade de espaços de culto na paisagem citadina ou rural com mesquitas e igrejas de torres altas. A religião é, pois, um factor importante que molda esse mundo, pois afeiçoa o pensamento e modo de estar dos indivíduos dentro de um grupo populacional comum. A interpretação do espaço é algo a ser considerado quando se se debruça sobre um arqueossítio, quer na sua vertente microscópica, quer macroscópica, pois é o resultado de um conjunto de intenções por parte de indivíduos com um mapa cognitivo colectivo ou individual (Hausmair, 2017, pp.216-218; Renfrew e Bahn, 2012, pp.395/96). Escreveu Mircea Éliade que os indivíduos transformam essa concepção mental de organização supranatural, religiosa em realidades físicas e materiais de organizar diversos aspectos das suas vidas, edifícios, objectos – o chamado *axis mundi* (Éliade, 1963, p.36). Segundo o autor, é a maneira que os indivíduos têm de se ligar ao mundo metafísico através do quotidiano, ainda que inconscientemente. É um sistema mental que interliga todas as vertentes da vida, que acabam por moldar o regimento social (Éliade, 1963; Hausmair, 2017, p.218/219). Esta organização pelo *axis mundi* é particularmente visível nas grandes religiões monoteístas.

Este conjunto de ideias em articulação com as premissas conceptuais e metodológicas estiveram na base da presente dissertação. Isto é, procurou-se perceber se, por um lado, é possível adaptar a Bioarqueologia ao estudo de locais previamente escavados a partir da documentação técnico-científica produzida sobre o arqueossítio, e por outro lado, se esta abordagem permitirá compreender não só o papel da Igreja de São Lourenço à época mas também conhecer um pouco mais o modo de vida das populações que no passado viveram e morreram na zona da Mouraria.

8.1. As potencialidades e fragilidades da Bioarqueologia em arqueossítios já intervencionados

A aplicação de uma abordagem bioarqueológica a um contexto arqueológico já intervencionado teve e tem as suas limitações científicas. A Arqueologia é uma ciência que vai destruindo as provas históricas materiais de uma estratigrafia superior. Isto é, à medida que se intervenciona um arqueossítio, unidades estratigráficas vão sendo consecutivamente destruídas em prol da escavação em profundidade, para se obter uma leitura completa do sítio. Para combater esta destruição – o desaparecimento permanente de um contexto histórico-arqueológico –, a Arqueologia pratica o registo dos sítios, podendo estes ser escritos, desenhados e/ou registo fotográfico, mais commumente. Assim, sempre que um investigador se propõe a estudar um local já intervencionado, terá de o fazer com as condicionantes resultantes do registo efectuado aquando da escavação por parte dos arqueólogos responsáveis pela mesma, visto que o registo físico já desapareceu. Qualquer que seja a nova abordagem que se aplicará num estudo outrora efectuado terá de lidar com este problema – o da interpretação e parcialidade do autor que inicialmente registou o arqueossítio. No caso da Igreja de São Lourenço, a metodologia bioarqueológica que se se propôs a aplicar foi condicionada pelos registos, por vezes, inconsistentes ao nível da informação que apresentavam e às prioridades do registo que o autor deu a certas estruturas e artefactos em detrimento de outros. Estes constrangimentos foram causados, na nossa opinião, devido à coordenação científica ter mudado aquando das duas campanhas arqueológicas, mudando-se perspectivas e métodos aplicados, assim como devido à corrente metodológica e científica que na altura da intervenção eram convencionais.

O pensamento científico evolui e matura ao longo dos tempos, advindo daí a necessidade de visitar arqueossítios já estudados com novas abordagens que se vão, entretanto, desenvolvendo. A abordagem bioarqueológica foi aplicada com a intenção de procurar saber que novas informações se poderiam retirar do sítio da Igreja de São Lourenço. Um dos novos dados que conseguimos deste arqueossítio foram os provenientes do estudo bioantropológico dos vestígios osteológicos recuperados. Apesar de ser um estudo previsto nos planos dos arqueólogos responsáveis (Amaro, 1993), a verdade é que nunca se tinha vindo a realizar. A prioridade científica terá sido a de recuperar e descrever artefactos e estruturas, de modo a conseguir reconstruir a história do edifício da Igreja de São Lourenço e a sua amplitude cronológica de ocupação, até

antes mesmo deste espaço ser a igreja propriamente dita, com o estudo dos vestígios islâmicos. A mesma atenção não foi dada ao estudo e registo das sepulturas. Apesar de estas serem registadas ao nível do desenho ou em suporte fotográfico, os gestos funerários e descrição da localização espacial exacta de muitas delas não foi assinalado, o que condicionou o nosso estudo. Outra condicionante ao estudo paleodemográfico foi o não levantamento dos vestígios ósseos da totalidade das inumações. Portanto, a nossa abordagem bioarqueológica terá sido circunscrita à pouca biologia que tivemos acesso, isto é, aos restos osteológicos dos indivíduos inumados na Igreja.

Não obstante as dificuldades e limitações ao estudo bioarqueológico, foi possível obter uma visão mais holística e diacrónica da Igreja de São Lourenço, com a obtenção de uma leitura mais dinâmica do espaço como uma entidade ocupada num dado contexto cultural, social e geográfico. A introdução da Bioarqueologia neste arqueossítio permitiu reflectir sobre as pessoas que usaram os objectos recuperados, que foram uma força activa na produção e modificação do sítio. Ao invés da descrição de apenas momentos cronológicos arquitectónicos e de ocupação do espaço, a Bioarqueologia permitiu adicionar a componente humana que ocupou a Igreja (Agarwal e Glencross, 2011). Esta metodologia alberga um potencial informativo que resulta da relação entre os dados biográficos e os dados da cultura material no que diz respeito à caracterização da população, apesar da pouca possibilidade desta intersecção neste caso de estudo, dadas as faltas de informação. Os dados da Bioarqueologia têm características que os tornam interessantes no cruzamento com outras áreas como é o caso da História e da Etnografia. Ao se mencionar na historiografia a dimensão do culto em São Lourenço, seria interessante observar se se reflectia na presença de vários indivíduos inumados e qual o modo de enterramento destes, a título de exemplo. Outra hipótese seria a de combinar os dados analisados com possíveis representações do culto em São Lourenço ou até na tradição oral, cruzando ainda informações sobre a saúde e marcadores de actividade encontrados em vestígios osteológicos (Knudson e Stojanowski, 2008; Agarwal e Glencross, 2011).

Um espaço funerário é uma combinação dos dados biológicos, sociais e culturais e a abordagem metodológica que a Bioarqueologia apresenta permite, a nosso ver, uma leitura completa destas ópticas que são um reflexo mais fiel da vida humana.

8.2. A leitura bioarqueológica da Igreja de São Lourenço

Fundada no decorrer do século XIII, a Igreja de São Lourenço terá sido ocupada até por volta de meados do século XIX. Portanto, no caso da presente dissertação, olhemos agora para o Cristianismo e para as suas influências e condicionantes reflectidas na Igreja.

No século XII, o Cristianismo na sua vertente católica dominou as políticas e os jeitos culturais e sociais da sociedade portuguesa, apesar da convivência com as religiões muçulmana e judaica. Independentemente da classe social, certos ritos eram seguidos por todos na sociedade. Os enterramentos cristãos nem sempre foram realizados fora das muralhas das povoações. Entre os séculos VI e XII/XIII, começa a existir o pensamento⁴² de que para se procurar a salvação eterna – um dos preceitos da religião cristã – seria necessariamente preciso uma localização sepulcral perto de um local sagrado, isto é, mais perto de Deus. Até ao século XI/XII os enterramentos cristãos estão dispersos pelos povoados, ou em zonas perto de templos e igrejas ou, ainda, nas zonas exteriores da cidade, existindo separação entre o mundo dos mortos e o dos vivos (Ruiz Taboada, 2015; Tagesson, 2015).

Com o avançar dos séculos, na Baixa Idade Média, e entrando pela Idade Moderna, é então comum que se sepultem os mortos no espaço sagrado que os vivos frequentam. A proximidade espacial das inumações foi ritmada, primeiro entrando dentro das cidades, depois próximo de locais sagrados, acabando mesmo por se sepultarem os mortos no interior de igrejas, conventos ou hospitais. Seguindo a lógica da inumação sagrada, as igrejas são construídas seguindo, também, o *axis mundi*, com simbolismos que reflectem a concepção cristã do além-vida, sendo a Igreja de São Lourenço um bom exemplo desta reprodução. São edificações orientadas Oeste-Este, com o altar neste último, simbolizando onde Deus aparecerá no dia do Juízo Final e, com a entrada principal da igreja a Oeste – o mundo não divino; as pias baptismais com água benta colocadas à entrada para purificação do mundo exterior; o altar a representar a separação do divino da restante nave de onde o povo escuta a missa (Hausmair, 2017, p.216/217; Kilde, 2008). Pessoas de maiores posses económicas e estatuto social seriam colocadas em talhões identificados, muitas vezes familiares. Eram inumadas o mais próximo do

⁴² Sobre o sistema de crenças cristão assim como a evolução dos seus quadros mentais durante a Idade Média leia-se o resumo disponível em Mattoso, J. [dir.] 1996 – *O reino dos mortos na Idade Média peninsular*, páginas 75 a 85.

altar possível, em igrejas principais dos núcleos populacionais como as sedes de paróquias, de modo a estarem na máxima proximidade de forças divinas, garantindo a salvação da alma. Os menos afortunados seriam colocados afastados do altar, mas ainda junto às mesmas, visto que os restantes locais estariam ocupados, por vezes, em sepulturas não marcadas (Martínez Gil, 1984; Pearson, 1999; Ruiz Taboada, 2015).

Dada a sua contínua ocupação, os espaços sagrados passaram a não ser suficientes e, começando no século XII, durante a época gótica, constroem-se capelas e pequenos locais de culto secundários, quer edifícios novos, quer novas construções anexas às estruturas primitivas das igrejas já existentes. A explicação da sua construção prendia-se com o ser possível acomodar no seu espaço interior mais indivíduos, visto que em grandes centros urbanos, de maior densidade populacional, uma igreja por freguesia não seria suficiente, como seria o caso de Lisboa em época moderna. Este foi um procedimento regente durante toda a época moderna, atingindo o seu auge de actividade entre os séculos XV e XVII, quer para inumações primárias como para secundárias. Os enterramentos dentro de espaços de culto, como as igrejas, foram proibidos em Portugal em 1844, com as populações a perceberem que a prática do enterramento dentro dos núcleos urbanos não seria sustentável, tendo-se voltado a erguer cemitérios em zonas periféricas aos povoamentos, alterando os rituais fúnebres das populações e a gestão da mortandade a cambiar para o governo (Martínez Gil, 1984; Huntington e Metcalf, 1991; Dias, 1998; Pearson, 1999; Anthony, 2015; Ruiz Taboada, 2015).

Olhando a estratigrafia presente nos enterramentos da Igreja de São Lourenço a ocorrência de sepulturas em vários níveis, correspondentes a várias cronologias indicam uma utilização constante do espaço da Igreja como local activo funerário, desde a sua génese medieval até, aproximadamente, a cessação de enterramentos no seu interior já nos inícios da época contemporânea. Não sabemos se esta ocupação diacrónica terá estado presente em toda a área da actual Igreja, dado que os sepulcros mais antigos medievais (sondagem 7) se localizavam, na altura, num local adjacente à Igreja, no exterior. Apenas uma intervenção arqueológica em extensão de toda a Igreja o confirmará. Algumas das sepulturas inumadas em vala estavam ligeiramente sobrepostas entre si apontando talvez para a maximização do espaço da Igreja de São Lourenço em época moderna, onde se tentava cumprir, ao mesmo tempo, os dispostos cristãos.

No que apontamos ser o primeiro momento de enterramentos da Igreja, correspondendo à zona Sudeste da Igreja (sondagem 7), as inumações ocorrem fora do interior da Igreja, no espaço exterior anexo à mesma, como seria norma por volta dos

séculos XII-XIII, na altura da fundação da Igreja de São Lourenço. Apesar de algumas sepulturas nesta sondagem apresentarem provável enterramento em caixão, não se tratará de enterramentos mais tardios mas sim, propomos nós, de uma diferença no estatuto sócio-económico em comparação com as restantes sepulturas. Cronologicamente terá sido depois ocupada a capela ao centro Sul da Igreja, com dois enterramentos a indiciar uma cronologia também ela medieval e, depois, com as sepulturas presentes na nave da Igreja e na divisão a Sudoeste, entretanto construída e anexadas à Igreja, a apresentarem cronologias mais tardias, modernas e contemporâneas.

Apesar da proibição de enterramentos em 1844 no interior das igrejas, não quer dizer que os enterramentos nestas localizações tenham sido cessados imediatamente à data da publicação do decreto. Veja-se o exemplo da inumação 39 (*S2/Sp.39*) em que foi descoberto um numisma de X Reis de D. Maria II, datando de 1838, apenas seis anos antes da cessão da prática de sepultamentos. Nada nos indica que 1838 terá sido o ano de óbito do indivíduo da sepultura, mas também será possível que seja um enterramento consumado já depois de 1844, tendo em conta que a circulação da moeda dá-se num mínimo até 1853 e os numismas circularem até mesmo depois desta data. Sendo um enterramento num talhão, na nave, a Sul, pode se propôr que será um caso em que a família de alguém com relevância sócio-económica mais elevada tenha quebrado a regra então imposta e tendo procedido ao enterramento no espaço interior da Igreja.

Olhando para outras realidades na cidade, veja-se no caso da Igreja de Santa Catarina, Lisboa. As sepulturas encontradas no seu interior tinham uma orientação maioritariamente Norte-Sul, alinhadas de acordo com a orientação da própria igreja. Neste caso as sepulturas seguiriam também o culto cristão, porém esta hipótese de orientação prender-se-á com a maximização do espaço da Igreja (Bugalhão e Duarte, 2003). Na Igreja de São Lourenço as sepulturas encontram-se maioritariamente alinhadas a Oeste-Este. Isto não significa que na Igreja de São Lourenço existisse um especial cuidado em relação ao alinhamento e na Igreja de Santa Catarina não. A Igreja de São Lourenço encontra-se alinhada com a porta principal a Oeste e o altar-mor a Este. Assim, foi possível alinhar as sepulturas segundo a crença cristã enquanto se alinhava sepulturas de modo a conseguir, talvez, a maximizar o espaço no seu interior, à semelhança de Santa Catarina. De rever que em ambos os casos as sepulturas encontram-se orientadas para o altar, para o sítio mais puro da igreja. Apesar da sociedade se reger com preceitos do Cristianismo a verdade é que numa cidade com grandes pré-existências como a cidade de Lisboa nem sempre se dá lugar a um planeamento rigoroso das orientações e localizações

de todos os seus edifícios, acrescentando ainda o factor da sua topografia de desníveis elevados.

Já na intervenção dos Armazéns do Chiado, em 1991, realizadas em contexto de acompanhamento, escavou-se parte do que seria o antigo Convento do Espírito Santo da Pedreira. Vinte sepulturas foram exumadas no local da antiga cripta, datadas de finais do século XVIII e meados do XIX correspondente à cronologia de uso do espaço para o culto. Os sepulcros encontravam-se organizados em fileiras, alguns dos quais com vestígios de enterramento em caixão e com notas de recuperação de espólio artefactual, como botões em osso, missangas, pedaço de cabedal, medalhas e uma chave (Ramalho e Viegas, 1994). Do pouco da informação que é possível cruzar com a realidade na Igreja de São Lourenço nota-se o ordenamento de sepulturas em fileiras e da identificação, ao nível do espólio, com igualmente botões em osso, medalhas e pedaços de cabedal a serem encontrados (Amaro, 1993, 1993a).

Segundo a crença cristã, quando um indivíduo perecia, o corpo seria lavado e vestido com as melhores indumentárias que o indivíduo teria, não chegando ao ponto de parecer que se estaria a demonstrar a sua ostentação, privilegiando-se a humildade. A indumentária utilizada pode constituir um elemento de compreensão do contexto em análise, sendo que poderiam nem pertencer ao indivíduo que faleceu. Muitas vezes, o indivíduo com maiores posses poderia envergar um hábito religioso. O seu corpo seria envolto depois em mortalha, comumente composto por linho, de cor branca e fechado com recurso a alfinetes, muitas vezes um dos únicos vestígios materiais que se encontram no interior de sepulturas cristãs de época moderna, a par do esqueleto ósseo. Junto ao indivíduo seria também colocado algum tipo de objecto votivo, em contraste com o Islamismo e Judaísmo, que mudaria consoante as posses económico-sociais da pessoa. Esses objectos seriam variáveis, mas sempre com uma conotação religiosa, de modo a contribuir para o sucesso da alma no seu percurso além-vida. Poderiam então ser medalhas, rosários, relicários, escapulários ou numismas. A moeda seria para pagar o óbolo a Caronte. Esta última seria uma prática mais utilizada durante a época medieval cristã, mas mantendo-se até aos dias de hoje. Poder-se-ia também atar ambas as mãos e os pés de modo a o corpo não sair da posição colocada na inumação, resistindo à passagem do tempo numa posição estável e resistente a acções extrínsecas tafonómicas (Barroca, 1987; Tardieu, 1993; Pearson, 1999; Ferreira, 2015; Ruiz Taboada, 2015). Em São Lourenço registou-se o aparecimento de contas, numismas, vários alfinetes, por vezes acompanhados por tecidos, ou têxteis encontrados em sítios que evidenciavam o tipo de

vestuário que o indivíduo teria. Foram encontrados, portanto, artefactos que seriam expectáveis num contexto funerário cristão. Apesar de não sabermos ao certo se certas moedas foram encontradas no interior dos sepulcros, seria interessante poder saber a sua localização exacta, para aferir sobre o rigor do culto praticado nesta Igreja.

O corpo seria posteriormente coberto de cal que ajudaria a aceleração da decomposição do cadáver e reduzir os cheiros resultantes desta mesma decomposição. O uso da cal promove a degradação do cadáver porque se estabelece uma reacção química exotérmica que liberta muita energia levando à degradação dos tecidos moles. A cal serviria também para evitar contaminações de doenças infecciosas resultantes da degradação do corpo, estando este inumado na zona do mundo dos vivos. Assim, pensava-se que decompondo-se o corpo, as impurezas que o físico do defunto poderia imantar seriam travadas, contribuindo para uma maior higiene dos espaços de culto e de vivência (Tardieu, 1993; Pearson, 1999; Ferreira, 2015; Ruiz Taboada, 2015). A prática da colocação de cal foi registada em algumas sepulturas na Igreja de São Lourenço. Todas elas partilham a característica de estarem localizadas na nave, quer seja na face Norte, quer seja a Sul, assim como são gestos observados em todos os indivíduos que possuem enterramento em talhão. Poderá ser uma evidência de um maior *status* social e económico, em comparação com outros sepulcros analisados.

Nos ritos funerários cristãos o defunto seria, então, disposto no interior de uma inumação escavada directamente no solo ou, se com maiores posses ou, em datações modernas mais tardias, ser colocado no interior de um caixão de madeira. O corpo era colocado em decúbito dorsal e orientado Oeste-Este com o crânio apoiado no occipital, com a face voltada para onde será o raiar da aurora no dia do Juízo Final, como se verifica no caso da Igreja de São Lourenço, seguindo o *axis mundis*, semelhante à construção da Igreja. Outras posições como decúbito ventral ou lateral estariam associados a excepções na sociedade e seriam indivíduos portadores de alguma deficiência física e/ou psicológica, portador de doenças infecciosas, com um passado criminal ou associado a ritos pagãos ou bruxaria, situação esta que não foi observada na Igreja em estudo. Os membros superiores poderiam ser colocados em posição ao longo do corpo, esticados ou com as mãos colocadas e/ou cruzadas uma sob a outra na zona do peito ou da púbis. As normas comuns dos gestos funerários cristãos, como a orientação cardinal do sepulcro, tipologia de enterramento e colocação das posições anatómicas do esqueleto descritas foram encontradas nos indivíduos de São Lourenço (Tardieu, 1993; Pearson, 1999; Ferreira, 2015; Ruiz Taboada, 2015).

No geral, os dados apontam para que todos os enterramentos sejam de origem cristã. As sepulturas mais antigas, de época medieval, possuem a maioria dos enterramentos a serem realizados com recurso a uma vala no solo, podendo dever-se a pessoas de menor estatuto social e económico, ou apenas porque nesta época mais recuada, os caixões ainda não seriam de uso recorrente (Tardieu, 1993; Treffort, 1993; Howarth e Leaman, 2013). No século XIII, a primitiva Igreja de São Lourenço, pensamos nós, que não seria mais do que um espaço de culto onde a população daquela zona da Mouraria seria inumada. Seria, neste século a igreja da sede paroquial e assim, talvez a sua importância fosse maior naquele espaço geográfico. Com uma nave de pequenas dimensões, não temos dados que nos mostrem que seria uma igreja de elevado ou baixo estatuto económico-social (Pereira, 1840; Gonçalves e Segurado, 1983; Araújo, 1992).

Na Igreja de São Lourenço levanta-se a hipótese de todas as sepulturas estudadas, excepto as da sondagem 7 por representarem uma realidade cronológica diferente, serem consequentemente de pessoas com um *status* social “intermédio” na sociedade pois encontram-se no interior da Igreja, por si só revelador de algum prestígio social, porém, próximos da porta de entrada da Igreja de São Lourenço, isto é, afastados do altar-mor. A quase nulidade de espólio votivo nas sepulturas ou outros indicadores de riqueza leva a que esta hipótese seja levantada. Provavelmente as sepulturas da nave da Igreja, as colocadas em talhões e com presença de caixão, pertencessem a indivíduos com maior posse económica e social, assim como os indivíduos que estariam nos túmulos assinalados na historiografia nos degraus do altar-mor (Almeida, 1973). Os caixões seriam reservados a indivíduos com posses económicas para os comprar, de classes sociais superiores. Sem espólio osteológico recuperado da vasta maioria dos indivíduos presentes na Igreja não é possível corroborar e correlacionar a condição social destes indivíduos com os testemunhos biológicos dos mesmos. Ainda a mencionar que devido às áreas intervencionadas arqueologicamente não representarem, pelo menos, a quase totalidade da realidade do espaço de necrópole da Igreja, os indivíduos nestas sepulturas poderiam possuir uma classe social e económica elevada e a sua localização sepulcral ser assim devido à falta de espaço e gestão dos locais eclesiásticos (Huntington e Metcalf, 1991; Dias, 1998; Vaquinhas, 2011, pp.178-193; Anthony, 2015; Ruiz Taboada, 2015). Veja-se que nas intervenções decorridas no Convento do Carmo, em anos diversos, foi bem visível a diferença entre sepulcros de indivíduos de classes mais pobres, enterrados no seu adro (Benisse, 2005) e os de maior estatuto sócio-económico no interior do convento (Ferreira, 1999; Neto e Lopes, 1989).

Paleodemograficamente, não são muitos os dados que poderemos retirar dos indivíduos estudados na Igreja de São Lourenço. Assinala-se que existe maior percentagem de indivíduos do sexo feminino que masculinos na amostra analisada. Todavia, dado o tamanho da amostra osteológica não cremos que seja um resultado que permita dizer que de facto existiriam mais mulheres sepultadas na Igreja de São Lourenço. A historiografia e o registo arqueológico do contexto português permitem-nos colocar hipóteses para estas determinações, existindo algumas diferenças paleodemográficas entre os sexos. Na Idade Média, em Portugal, devido aos momentos bélicos que se viviam, a percentagem de mulheres era mais elevada, dado que seriam os indivíduos do sexo masculino a preencherem o papel de guerreiros. Outra hipótese para esta observação seria que muitas mulheres escolheriam a vida religiosa como percurso de vida e, por isso, viveram mais tempo e ficariam num espaço circunscrito de modo a aparecer mais no registo arqueológico (Rodrigues, 2008; Cruz, 2011, pp.111/112).

Arqueologicamente já se anotaram casos da presença de enterramentos ou só de indivíduos do sexo masculino, como no colégio de Santo Antão-o-Novo, em Lisboa (Filipe e Figueiredo, 2007), ou só do sexo feminino como no Convento de Aracoelli, em Alcácer do Sal (Marrafa, 1996). Este tipo de situação, todavia, é mais propensa a acontecer em conventos ou mosteiros de frequência selectiva por sexo e não em igrejas no meio de centro populacionais. Já a idade da morte seria mais elevada nos homens do que nas mulheres, sendo um máximo de 50 anos para os primeiros e por volta dos 30 anos para o sexo feminino, provavelmente ligado à mortalidade materna (Rodrigues, 2008; Cruz, 2011, p.112). Sobre este aspecto não foi possível uma aproximação com os indivíduos da Igreja de São Lourenço visto que apenas se estimaram duas idades à morte, uma num indivíduo de sexo indeterminado, de época medieval e outro, um indivíduo masculino de época moderna. Em época moderna mantêm-se as tendências da elevada taxa de mortalidade infantil, todavia a população portuguesa consegue crescer em demografia. Com o crescimento, a intensificação de actividades bélicas e a deficiente higiene, as doenças proliferam nos núcleos populacionais, principalmente entre pessoas de menor estatuto social, onde a pobreza seria um catalisador de doenças infecciosas. Na transição para a época contemporânea, mais atenção começa a ser prestada à sanitização (Rodrigues, 2008a; Moreira, 2008; Cruz, 2011, p.115). A ausência de doenças desta natureza poderá ser um reflexo do seu maior estatuto social, a par do espólio artefactual com ele encontrado.

Historicamente, existem diferenças relatadas nos rituais cristãos entre o tratamento de defuntos adultos e de sub-adultos. Estas dissemelhanças prendem-se maioritariamente com o acto ou não de baptismo a que os indivíduos seriam sujeitos. Os defuntos sub-adultos seriam excepção às práticas rituais funerárias cristãs mais comuns entre os indivíduos, sendo que seriam inumados nus ou apenas com mortalha, sem arranjo no interior da sepultura ou até orientação, pois indivíduos sem baptismo não seriam considerados membros da sociedade dos vivos ou dos mortos, sendo, portanto, corpos marginais. Estes seriam sepultados em propriedades familiares pois não teriam o direito ao enterramento em igrejas enquanto seres que ainda não seriam cristãos (Barroca, 1987; Alexandre-Bidon, 1998; Pearson, 1999; Cunha, 2002a; Séguy e Signol, 2008; Ferreira, 2015; Ruiz Taboada, 2015). Alguns autores discorrem que o pouco cuidado no arranjo da inumação se poderia dever à vontade de se proceder a um enterramento rápido para não existir ligação emocional ao defunto, dada a elevada taxa de mortalidade infantil nestas épocas em estudo (Áries, 1998; Vovelle, 1983; Ferreira, 2015).

Todavia, no registo arqueológico não são raras as vezes que se encontram sub-adultos inumados em espaços sagrados, como as igrejas. Não sendo possível saber com a mera análise paleobiológica de um indivíduo se este era ou não baptizado, quando se encontram sub-adultos sepultados em recintos eclesiásticos tem de se ter em mente esta ambivalência. Tal como um parente pode preferir desligar-se emocionalmente do feto ou da criança falecida, poderão existir os pais que tenham sentimentos fortes pelo mesmo e estejam preocupados com a sua salvação da alma se este não tiver tido tempo de ter realizado a cerimónia baptismal, dada a sua morte prematura. Assim, não é de excluir que alguns enterramentos de sub-adultos em espaços sagrados sejam feitos à revelia dos mandos superiores cristãos, quer seja revelia somente por parte da família do defunto, quer com possível consentimento da entidade religiosa responsável por um dado local (Hausmair, 2017, p.213). Para evitar que sub-adultos pudessem sem baptismo, nos inícios do século XIV, a Igreja decreta que as parteiras teriam o poder de realizar “baptismos de emergência” (Taglia, 2001; Hausmair, 2017, p.214). Outras práticas incluíam o “baptismo milagre” que implicava que o sub-adulto ressuscitaria apenas o tempo suficiente dos familiares o levarem ao encontro de um padre ou alguém com autoridade religiosa suficiente para celebrar o baptismo (Labouvie, 1998; Hausmair, 2017, p.214/15). Na historiografia vemos que tais práticas tinham lugar em vários países como França, Alemanha ou Itália, sendo as mesmas instituições cristãs condenadas por

exercerem um abuso no poder do baptismo durante os inícios da época moderna (Gélis, 2006; Hausmair, 2017, p.215).

Na Igreja de São Lourenço são dois, talvez três, os casos da presença de sub-adultos. Na sepultura 22 (*S5-6/Sp.22*) obtivemos o registo de um sub-adulto com uma orientação Norte-Sul, a sair da regra observada nas restantes sepulturas, com uma possível datação medieval. Não tivemos acesso aos vestígios osteológicos do mesmo nem a outros dados que nos possam indicar uma estimativa de idade à morte.

No caso do indivíduo sub-adulto da sepultura 24 (*S.Lc./93/S7/Sp.24*), orientado Oeste-Este, encontramos ossos de várias idades precoces misturados com vestígios ósseos de adultos. Este estaria enterrado na mesma sepultura no exterior do templo, a par com as restantes desta sondagem de época medieval, o primeiro momento de enterramentos da Igreja e, ponderamos nós, o espaço sagrado de sepultamento na altura. No espólio não se denotaram características que pudessem indicar a existência de paleopatologias, de marcadores de *stress* ou filogenéticos. Apenas um dos ossos estudados (*S.Lc./93/S7/Sp.24/0004*) possibilitou uma estimativa de idade à morte de um ano de idade. Com esta idade, seria possível que fosse um indivíduo baptizado, explicando a sua orientação. Porém, notamos que a mistura de ossos no interior do sepulcro poderá indicar uma utilização em que certas pessoas poderão ter inumado um sub-adulto à rebelia num sepulcro de outrem, talvez de um familiar. Não havendo registos ou dados de reutilização do sepulcro, esta deposição teve de ocorrer no momento de inumação primária, ou então, terão sido apenas ossos dispersos recolhidos perto do enterramento e anotados como pertencendo a uma mesma sepultura. A verdade é que nos registos da intervenção arqueológica nada nos indica que terá sido descoberto um sub-adulto neste enterramento.

O outro único caso de alinhamento Norte-Sul, divergindo da orientação dominante Oeste-Este, provém da sepultura 36a, escavada na segunda campanha de intervenções arqueológicas em 1999. Sobre a sepultura 36a (*S9/Sp.36a*), a única informação conferida foi o seu mau estado de conservação, não se sabendo se será também um sub-adulto. A não pertencer a um sub-adulto poderá ter sido por uma questão de maximização do espaço, hipótese que nos parece pouco provável, dado o arranjo de todas as restantes sepulturas. No campo das possibilidades, poder-se-ia tratar de um indivíduo um pouco marginalizado ao ponto de se efectuar o seu enterramento numa orientação diferente das restantes. Todavia, sabe-se que os seus membros superiores estavam repousados sobre o tronco, uma posição comum. Mais não se sabe sobre a posição dos vestígios osteológicos, se estaria em decúbito dorsal a par dos restantes sepulcros ou não. Quando um indivíduo

era marginalizado na sociedade era comumente inumado sem cuidado no arranjo anatómico ou colocado propositadamente numa posição diferente da de decúbito dorsal, como em decúbito ventral, apesar de esta última não ser muito comum em território português (Ferreira, 2015, p.83). Se for um indivíduo sub-adulto, a orientação segue em linha com a sepultura acima registada, apesar de esta se encontrar no interior do espaço da Igreja, porém sem estimativa de datação. Não é possível saber se seria baptizado ou não. A ser um sub-adulto as razões do seu enterramento Norte-Sul no interior da Igreja poderão ser as mesmas hipóteses que serão levantadas para a sepultura 22 (S5-6/Sp.22) e 24 (S7/Sp.24). Fica o registo do que poderá ser uma situação anómala no contexto funerário da Igreja de São Lourenço.

A sub-representação desta faixa etária em locais de sepulcro é normal, dada que a regra seria, como exposto, a proibição dos enterramentos no interior de espaços sagrados. De notar que todos os vestígios recuperados de sub-adultos provêm de sondagens que ocupam toda a extensão da face Sul da Igreja de São Lourenço. Não obstante, voltamos a referir que a Igreja não foi intervencionada na sua totalidade, logo não poderemos aferir se estes serão os únicos casos da presença de sub-adultos neste espaço ou se seria uma prática mais comum nesta Igreja lisboeta.

Apesar de ser seguro confirmar que as materialidades, a espacialização das sepulturas e a realidade biológica dos indivíduos reflectem os esquemas sociais, culturais e económicos das sociedades a verdade é que a falta de dados suficientes das quais nos foi possível aceder na realidade da Igreja de São Lourenço nos impede de fazer um cruzamento rigoroso destes três factores interligados entre si. A falta de análise paleobiológica dos restantes trinta e nove indivíduos não nos permite fazer uma aproximação do que seria um *micro*-retrato da realidade paleodemográfica da freguesia de São Lourenço, ou permitir aferir paleopatologias que fossem indicadores de doenças ou traumas ocorridos em vida dos indivíduos; provas que pudessem demonstrar uma ligação entre estado de saúde e estado sócio-económico; talvez até possibilitando uma datação de uma doença correspondente com algumas das doenças que por vezes atingiam Lisboa; ou até marcadores filogenéticos que indicariam actividades sócio-económicas praticadas. O elo entre indicadores de saúde e posição sócio-económica, difícil de evidenciar em outros estudos (i.e. Ferreira, 2015, p.283) foi também inconclusiva na presente análise. A pouca representatividade demográfica de sub-adultos é de realçar, mas, seria interessante observar se com uma escavação integral da Igreja este número não se alteraria, permitindo fazer um maior exercício de reflexão sobre as mentalidades das

famílias que perdiam os seus bebés. A não indicação da localização de certos objectos encontrados nas sepulturas não nos permite aferir até onde chegava o cuidado com os defuntos, com a preocupação em garantir que teriam todos os símbolos necessários à passagem ao Céu, para uma salvação eterna e de que modo estes estariam ligados com uma melhor ou menor saúde do seu portador inumado. Já sobre a localização das sepulturas no interior da Igreja é de esperar que numa escavação integral surjam mais enterramentos, com e sem talhões, tendo em conta o aumento demográfico lisboeta e a limitada dimensão da Igreja de São Lourenço. Supomos que as orientações sepulcrais se mantenham e dispostas em fileiras verticais em relação ao altar.

Assim, a Igreja de São Lourenço apresenta-se como um arqueossítio que reflecte as práticas funerárias que tiveram lugar ao longo de vários séculos nesta zona lisboeta, mantendo-se com um grande potencial para se descobrir mais sobre a sua realidade bioarqueológica.

9. Considerações Finais

A presente dissertação acerca da componente funerária da Igreja de São Lourenço apresenta-se como um exemplo de caso de estudo onde se procurou provar como uma abordagem multidisciplinar, através da aplicação de metodologias provenientes da Bioarqueologia, pode ser útil para uma visão diacrónica e holística de espaços históricos, neste caso de contextos arqueológicos funerários localizados em meio urbano. A evolução das perspectivas científicas maioritariamente da Arqueologia e Antropologia, contribuíram com um maturar metodológico da Bioarqueologia, que começa a entrar no vocábulo português em novos artigos e comunicações de profissionais de ambas estas disciplinas, permitindo revisitar arqueossítios com uma outra aproximação científica ou começar novas investigações, de raiz pluridisciplinar. Num panorama nacional, e em grande medida graças à actualização da legislação que regulamenta a intervenção em contextos arqueológicos e em particular onde se suspeite existirem vestígios osteológicos humanos⁴³, cada vez mais atenção é dada ao estudo da Arqueologia Funerária conjugado com o da Antropologia Física aquando de intervenções arqueológicas. Mesmo que os primeiros artigos publicados acerca de um arqueossítio desta natureza apostem numa abordagem *mono-disciplinar*, a verdade é que ao longo dos anos, vários e novos dados vão sendo divulgados e as abordagens pluridisciplinares começam a tornar-se mais evidentes. Apesar de inicialmente a produção ser individual, com o tempo, artigos e resultados são cruzados e a abordagem bioarqueológica surge.

Seria interessante explorar de que modo esta abordagem pode contribuir para estabelecer novas perspectivas a contextos histórico-arqueológicos. Poderia-se testar esta metodologia no sentido de otimizar a informação contida nos relatórios arqueológicos, em particular os mais antigos, cuja visão de procedimentos científicos é já mais distante. De que modo se poderiam recuperar informações novas que na altura não mereciam prioridade de registo e estudo.

Dado os anos em que se realizaram as intervenções arqueológicas era natural que a abordagem de escavação tivesse sido estritamente arqueológica apesar da intenção de se estudar, separadamente, os restos osteológicos dos indivíduos no futuro, algo que só

⁴³ Antigo regulamento: Decreto-Lei n.º 270/99 de 15 de Julho, 1999, publicado em Diário da República, I-Série A, Anexo I – Regulamento dos Trabalhos Arqueológicos. Actualmente em vigor: Diário da República, 1.ª série — N.º 213; Decreto-Lei n.º 164/2014 de 4 de Novembro, 2014 – Regulamento de Trabalhos Arqueológicos.

agora se veio a verificar, nesta dissertação. A pequena amostra osteológica e artefactual mostrou incoerências aquando do seu estudo e algumas das vezes não foi possível cruzar estes dois dados entre si, de modo a que as conclusões retiradas terão sido restringidas. Não obstante, a abordagem metodológica por nós seguida permitiu conferir um novo rosto à história da Igreja de São Lourenço, em que se conhecem, na medida do possível e nas cronologias propostas, os indivíduos, os seus materiais, o seu espaço, e as suas temporalidades de ocupação e vivência. Dataram-se as sepulturas com recurso a estratigrafia e aos artefactos encontrados, que em muitas vezes correlacionaram com a datação dada pelos arqueólogos responsáveis; caracterizaram-se duas tipologias de enterramento, com descrições de gestos funerários e análise dos restos osteológicos dos indivíduos recuperados, dando uma pequeníssima amostragem paleodemográfica física da Mouraria e um retrato geral da organização do espaço do cemitério, algo que não tinha sido alvo de estudo.

Ilacões acerca da espacialidade funerária da Igreja de São Lourenço serão preliminares enquanto novas intervenções não forem realizadas no interior deste espaço religioso. O lado Sul é o único que se encontra satisfatoriamente escavado em área, onde se encontraram sepulturas alinhadas Oeste-Este, em fileiras horizontais, denotando-se um cuidado na sua colocação. O mesmo foi observado nas restantes sondagens abertas na nave da Igreja. Esta organização é demonstrada noutros espaços seculares, onde, porém a orientação cardinal, por vezes, diverge consoante o alinhamento estrutural da igreja, por uma questão de optimização do espaço. No caso da Igreja de São Lourenço, esta encontra-se a Oeste-Este, com o altar neste último e alinharam-se as sepulturas consoante o rito cristão.

As intervenções arqueológicas no interior da Igreja com o objectivo de a recuperar e conservar para se voltar a reutilizar o espaço foram e são essenciais não só para a Igreja enquanto edifício físico, mas enquanto testemunho da história de Lisboa. Urge que se regressem às campanhas de escavação para se recuperar o resto do espólio osteológico que se encontra ao abandono desde 1999 e outros artefactos que enfrentam o mesmo destino, sendo que o ideal seria seguir com o plano original das intervenções e escavar a Igreja em toda a sua área, dado que muitas vezes não é possível fazê-lo devido à ocupação actual de espaços eclesiais. Em Arqueologia no meio urbano é necessário que se escavem os locais quando existe a oportunidade, visto que em cidades esta é uma janela de tempo que poucas vezes se abre, e raras as oportunidades onde esta disponibilidade se prolonga o suficiente para se efectuarem intervenções arqueológicas no seu interior, como

é o caso da Igreja de São Lourenço, na Mouraria. Este bairro é ainda pouco conhecido paleodemograficamente, especialmente nas épocas moderna e contemporânea, ao nível do registo arqueológico. De referir que através da documentação e principalmente com a introdução dos censos em 1864, são conhecidas as realidades demográficas da cidade, principalmente do bairro da Mouraria. Estes estudos sobre demografia antiga, dependentes das descobertas de espaços sepulcrais neste sentido, contribuiriam para um aprofundar do retrato das populações que habitavam esta zona de Lisboa, não só através de análises paleobiológicas, mas estudos que mostrassem o modo de vida destas populações. A metodologia da Bioarqueologia pode, então, contribuir para mostrar esta vertente humana da Mouraria, para lá dos estudos de materiais que já se têm vindo a efectuar, conjungando estes com outro tipo de perspectivas sobre um arqueossítio.

As sete sepulturas estudadas, assim como o espólio lhes associado directa ou indirectamente e ainda as considerações espaciais que se lhes poderiam ser feitas representam um contributo para um conhecimento cada vez mais abrangente da actividade sepulcral e funerária que decorreria na cidade de Lisboa em época moderna. O estudo paleobiológico dos indivíduos exumados apesar de nos revelar poucos ou nenhuns indicadores paleopatológicos e alguns caracteres discretos não possui características particulares que se mostrem únicas, mas sim demonstram o que seria considerado talvez um padrão de normalidade dentro das vivências da sociedade lisboeta. Também a organização espacial, colocação do inumado no sepulcro, a sua orientação cardinal e os objectos votivos não são casos excepcionais de se assinalar. Com uma orientação esmagadoramente Oeste-Este dos sepulcros, posição do inumado em decúbito dorsal, com o achamento de alfinetes, cabedal ou moedas, serão observações que facilmente se farão em relação a outros espaços de necrópole cristãos.

De notar que a população inumada de uma necrópole poderá não ser (e raríssimas vezes o será) um retrato perfeito de uma população pois o número de indivíduos total que habitavam esse meio poderão não estar enterrados naquele local; a própria escavação arqueológica pode contaminar os contextos e assim como os dados estratigráficos recolhidos, afectando a cronologia de ocupação do espaço e ainda o problema da tendência que se tem de homogeneizar uma população quando esta é sujeita a imensos factores bio-sociais e culturais intrínsecos e extrínsecos, dado que a vida humana não é linear (Chamberlain, 2006; Hoppa e Vaupel, 2002). A amostra osteológica estudada da Igreja de São Lourenço representa uma pequeníssima parte do que seria a sociedade de Lisboa à época. Este trabalho é um dos tantos outros que poderão contribuir para o estudo

da paleodemografia lisboeta, para a elaboração de retratos paleobiológicos da comunidade e mais um contributo para um olhar mais atento às práticas religiosas que teriam lugar na capital. Este estudo será, talvez, um início, do reflexo das vivências das populações da Mouraria, na sua vertente bioarqueológica supondo, pois, que os indivíduos sepultados eram residentes neste bairro composto por sobreposições estratigráficas complexas como a sua história e génese. A relação entre espacialidade funerária, paleobiologia e contexto sócio-económico ficou por esclarecer dado o tamanho da amostra e os dados disponíveis. Enquanto que é seguro, ainda que preliminarmente, escrever que existe uma relação observável na Igreja de São Lourenço entre a espacialidade e a conjuntura económica e social dos indivíduos, os factores paleobiológicos ficaram por demonstrar algum resultado concreto.

A Igreja de São Lourenço, por se localizar num bairro interconfessional ao longo da sua existência, apresenta características únicas. A Igreja, situada provavelmente no que seria uma zona peri-urbana, possui pré-existência muçulmana, apesar de nos parecer provável que não como espaço de culto prévio, mas sim de actividade artesanal ou outra laboral devido à descoberta de vários silos e das descrições históricas da presença artesanal na zona. A igreja é um espaço que apresenta ocupação contínua de culto, desde a Idade Média até à Contemporânea quando se cessaram os enterramentos no interior apesar das suas várias destruições e reconstruções, por vezes prolongadas. Hoje a Igreja encontra-se em ruína nas mãos do Estado Português.

Concluir algo em relação aos espaços seculares de Lisboa será precoce pois são necessárias mais intervenções arqueológicas que implementem procedimentos cruzados entre as ciências de Arqueologia e Antropologia Física, isto é, de Bioarqueologia, e que as análises dos espólios artefactuais abordem os arqueossítios neste âmbito de perspectiva holística e diacrónica, olhando um espaço como estrutura histórica, com vários níveis de ocupação devido a indivíduos pertencentes a uma sociedade que poderão ali estar inumados.

De referir, finalmente, os trabalhos que têm vindo a ser desenvolvidos no sentido de tornar a Bioarqueologia mais aberta a todos os arqueólogos, por parte da tutela da Direcção-Geral do Património Cultural. Esta equipa de trabalho tem como missões, procurar uniformizar os vocábulos da disciplina, começando pela denominação da mesma; criar um padrão metodológico que possa ser seguido pelos profissionais; agilizar a plataforma de inventário digital Portal do Arqueólogo, para ir de encontro às necessidades desta ciência e proceder à divulgação da disciplina (e.g. Cruz *et al.* 2015).

Esperemos que este estudo sirva para completar com algum outro que poderá surgir com novas intervenções na Igreja, onde espólio osteológico poderá ser conjugado com os dados arqueológicos, espólio artefactual e estratigrafias do arqueossítio. Com o elaborar de novos estudos que combinem estas práticas, estudos verdadeiramente bioarqueológicos, poderá ser possível no futuro usar Sistemas de Informação Geográfica de modo a procurar padrões mortuários em época moderna, aplicado não só a Lisboa como a outras cidades e assentamentos. Espera-se também que esta dissertação possa ser considerada como um dos casos de estudo inicial, com a ambição, a longo prazo, de abranger as práticas e organização espacial funerárias deste espaço e englobá-la numa Lisboa inserida no contexto da Expansão Marítima Portuguesa.

Fontes Historiográficas

BLUTEAU, R. (1712-1728) – *Vocabulario portuguez e latino, áulico, anatómico, architectonico, bellico, botânico, brasílico, comico, critico, chimico, dogmático, dialectico, dendrológico, ecclesiastico, etymologico, económico, florífero, forense, fructífero...autorizado com exemplos dos melhores escritores portugueses, e latinos...* Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 10 vols.

OLIVEIRA, E. F. (1882) – *Elementos para a História do Município de Lisboa, tomo I-XVII*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.

OLIVEIRA, C. R. de (1938) – *Sumário em que brevemente se contém algumas coisas (assim eclesiásticas como seculares) que há na Cidade de Lisboa*. Lisboa: Edições Biblion, 2.^a ed.

PEREIRA, L. G. (1840) – *Descrição dos Monumentos Sacros de Lisboa ou Collecção de Todos os Conventos, Mosteiros e Parrochiaes no Recinto da Cidade de Lisboa...*, pp. 426-429.

Fontes Iconográficas

TINOCO, J. N. (1650) – *Planta da cidade de L[isbo]a em q se mostram os muros de vermelho com todas as ruas e praças da cidade dos muros a dentro co as declarações postas em seu lugar*. Lisboa: Lith[ographia] da Imp[rensa] Nac[ional], 1853.

Relatórios Técnico-Científicos

AA.VV. (2005) – *Trabalhos Arqueológicos Lisboa-Palácio da Rosa/Igreja de São Lourenço*. Projecto: Trabalhos arqueológicos no Palácio da Rosa, Lisboa. Relatório de Fiscalização. Lisboa: Direcção-Geral do Património Cultural. CNS:13790

AA.VV. (2015) – *Troço da Cerca Fernandina Integrado no Palácio da Rosa*. VIPGEST, Estudo de Diagnóstico e Plano de Salvaguarda.

AMARO, C. (1993) – *Trabalhos Arqueológicos Lisboa-Palácio da Rosa/Igreja de São Lourenço*. Projecto: Trabalhos arqueológicos no Palácio da Rosa, Lisboa. Relatório de Escavação. Lisboa: Direcção-Geral do Património Cultural. CNS:13790.

AMARO, C. (1993a) – *Trabalhos Arqueológicos Lisboa-Palácio da Rosa/Igreja de São Lourenço*. Projecto: Trabalhos arqueológicos no Palácio da Rosa, Lisboa. Relatório de Escavação (continuação). Lisboa: Direcção-Geral do Património Cultural. CNS:13790.

AMARO, C. (1999) – *Trabalhos Arqueológicos Lisboa-Palácio da Rosa/Igreja de São Lourenço*. Projecto: Trabalhos arqueológicos no Palácio da Rosa, Lisboa. Pedido de Autorização para Trabalhos Arqueológicos, Requerimento. Lisboa: Direcção-Geral do Património Cultural. CNS:13790.

LEITÃO, M. da C. M. e SANTOS, V. L. (2010) – *Plano de Acessibilidade Suave Assistida à Colina do Castelo, Lisboa*. Relatório de Acompanhamento. CNS:13790.

ROCHA, A. e PERPÉTUO, J. (2015) – *Plano de Acessibilidade Suave Assistida à Colina do Castelo, Lisboa*. Relatório de Escavação. CNS: 13790.

SABROSA, A. (1999) – *Trabalhos Arqueológicos Lisboa-Palácio da Rosa/Igreja de São Lourenço*. Projecto: Trabalhos arqueológicos no Palácio da Rosa, Lisboa. Relatório de Escavação. Lisboa: Direcção-Geral do Património Cultural. CNS:13790.

Estudos

AA.VV. (2002) – *Special Issue: The Place and Space of Death. Archaeological Papers of the American Anthropological Association*. January, 11:1.

AGARWAL, S. C. e GLENCROSS, B. A. (2011) – Building a Social Bioarchaeology. In [Eds. Agarwal, S. C. e Glencross, B. A.] *Social Bioarchaeology*. Blackwell Publishing Ltd.

ALARCÃO, J. de (2000) – *Escrita do Tempo e a Sua Verdade*. Editora Quarteto.

ALEXANDRE-BIDON, D. (1998) – *La Mort au Moyen Age (XIIIe-XVIe Siècle)*. Paris: Hachette Littératures.

ALMEIDA, D. F. de [coord] (1973) – *Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa*. Lisboa: Junta Distrital, Tomo 1.

ALMEIDA, S. e TEMUDO, S. (2015) – Cerâmica do Século XIII, no contexto do bairro judaico de Coimbra, Portugal. In Gonçalves, N. J.; Gómez-Martínez, S. (coords.) *A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo*. Actas do X Congresso Internacional, 22 a 27 de Out. 2012. Silves-Mértola: Câmara Municipal de Silves – Campo Arqueológico de Mértola, pp. 291-297.

ANDRADE, F. de (1944) – *A Freguesia de S. Cristóvão*. Lisboa, vol.I.

ANDRADE, F. (1950) – A Mouraria, o Palácio da Rosa e os templos de S. Lourenço e do Coleginho. In *Olissipo, Boletim do Grupo de Amigos de Lisboa, ano XIII*. Lisboa: nº51 e 25.

ANTHONY, S. (2015) – Hiding the Body: Ordering Space and Allowing Manipulation of Body Parts within Modern Cemeteries. In Tarlow (ed.) *The Archaeology of Death in Post-Medieval Europe*, pp.170-188.

ARAÚJO, N. de, (1992) – *Peregrinações em Lisboa*. Lisboa: Veja, col. Conhecer Lisboa, Livro III.

ARAÚJO, A. C. B. de (1995) – *A morte em Lisboa: atitudes e representações: 1700-1830*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

ARMELAGOS, G. J. (2003) – Bioarchaeology as Anthropology. In *Archaeological Papers of the American Anthropological*, vol.13:1, pp. 27-40.

ARMELAGOS, G. e VAN GERVEN, D. (2003) – A century of skeletal biology and paleopathology: contrasts, contradictions and conflicts. In *American Anthropologist*, 105(1), pp. 51-62.

ARIÈS, P. (1988) – *A Criança e a Vida Familiar no Antigo Regime*. Lisboa: Relógio de Água.

ARIÈS, P. (1988b) – *O Homem Perante a Morte I*. Mem Martins: Publicações Europa-América Lda.

ARIES, P. (1991) – *The Hour of Our Death*. Oxford: Oxford, University Press.

BAKER, E. (2014) – Socioeconomic status, definition. In Cockerham, W., Dingwall, R. e S. Quah (eds.) *The Wiley Blackwell Encyclopedia of Health, Illness, Behavior, and Society*. New Jersey: John Wiley e Sons, Ltd.

BAKER, B. J. e AGARWAL, S. C. (2017) – Stronger Together: Advancing a Global Bioarchaeology. In *Bioarchaeology International*, vol. nº1, 1-2, pp. 1-18.

BARGÃO, A. (2015) – *Vivências do Quotidiano do Hospital Real de Todos-os-Santos (Lisboa): os contextos do poço SE do calustro NE*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (policopiada).

BARGÃO, A. e FERREIRA S. (2015) – Pátio linheiro, largo dos Trigueiros: um exemplo da Lisboa seiscentista. In ARNAUD, J; MARTINS, A. e NEVES, C., *150 Anos Arqueologia em Portugal* (Actas do Congresso, Novembro de 2012), pp. 1049-1055.

BARREIRA, P.; DORDIO, P. e TEIXEIRA, R. (1998) – 200 anos de cerâmica na Casa do Infante: séc. XVI a meados do séc. XVIII. In *Actas das 2^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval: métodos e resultados para o seu estudo*. Tondela: Câmara Municipal, pp. 145-184.

BARROCA, M. (1987) – *Necrópoles e Sepulturas Medievais de Entre-Douro-e-Minho (Séculos V a XV)*. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia apresentada à Universidade do Porto (policopiada).

BARROS, F. (1998) – *A comuna muçulmana de Lisboa*. Lisboa: Hugin.

BARTEL, B. (1982) – A Historical Review of Ethnological and Archaeological Analyses of Mortuary Practice. In *Journal of Anthropological Archaeology*: 1, pp.32-58.

BATALHA, L.; CAMPÔA, A.; CARDOSO, G.; NETO, N.; REBELO, P. e SANTOS, R. (2012) – Vestígios de um centro produtor de faiança dos séculos XVII e XVIII: dados de uma intervenção arqueológica na rua de Buenos Aires, n.º 10, Lisboa. In Teixeira, A.; Bettencourt, J. (coord.), *Velhos e Novos Mundos: Estudos de Arqueologia Moderna*. Lisboa: CHAM, vol. II, pp. 389-400.

BATATA, C.; BARRADAS, E. e SOUSA, V. (2010) – Tipologia de Silos e estruturas industriais na Praça Sá de Bandeira, em Santarém. In *Actas do IV Congresso Peninsular – As idades Medieval e Moderna na Península Ibérica*. Loulé, pp. 197-204.

BECK, L.A. [ed.] (1995) – *Regional Approaches to Mortuary Analysis*. New York: Plenum Press.

BELL, C. M. (2009) – *Ritual: Perspectives and Dimension*. Oxford.

BELLO, S. e ANDREWS, P. (2006) The Intrinsic Pattern of Preservation of Human Skeletons and its Influence of Funerary Behaviours. In (eds.) Rebecca Gowland e Christopher Knüsel *The Social Archaeology of Funerary Remains*. Oxbow Books, pp. 1-13.

BENISSE, V.I.F. (2005) – *Retrato da Lisboa moderna: estudo paleobiológico de uma amostra da população exumada do Convento do Carmo (Séc. XVI-XVIII)*. Dissertação de mestrado em Evolução Humana sob a orientação da Prof.^a Doutora Eugénia Cunha, Universidade de Coimbra (policopiada).

BETTENCOURT, J. (2008) – *A Nau Nossa Senhora Da Luz (1615) No Contexto da Carreira da Índia e da Escala dos Açores: Uma Abordagem. Histórico – Arqueológica*. Tese de mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (policopiada).

BLAIR, D. G. (2001) – *British Buttons: Civilian Uniform Buttons – 19th-20th Century*. Greenlight Publishing.

BREITINGER, E. (1937) – Zur Berechnung der Körperhöhe aus den langen Gliedmassenknochen. In *Anthropologischen Anzeiger* 14, pp. 249-274.

BROOKS, S. e SUCHEY, J. (1990) – Skeletal age determination base on the Os Pubis: A Comparison of the Acsádi-Nemeskéri and Suchey-Brooks Methods. In *Human Evolution*, 5, pp. 227-238.

BROTHWELL, D. R. (1967) – The bio-cultural background to disease. In *Diseases in Antiquity*, (eds.) Brothwell, D. R.; Sandison, A. T. e Thomas, C. C. Springfield, IL, pp. 56-68.

BUGALHÃO, J. e DUARTE, C. (2003) – Intervenção Arqueológica na Igreja de Santa Catarina, Lisboa. In *Actas do Quarto Encontro de Arqueologia Urbana*. Amadora: Câmara Municipal e Associação de Arqueologia e Protecção do Património da Amadora.

BUGALHÃO, J. e GOMÉZ MARTÍNEZ, S. (2005) – Lisboa, uma cidade do Mediterrâneo islâmico. In *Muçulmanos e Cristãos entre o Tejo e o Douro (Sécs. VIII a XIII)*, *Actas do Seminário*, Palmela e Porto, 2003. Porto: Câmara Municipal, pp. 237-260.

BUCKBERRY, J. L. e CHAMBERLAIN A. T. (2002) – Age Estimation from the Auricular Surface of the Ilium: a Revised Method. In *American Journal of Physical Anthropology*, 119 (3) (November), pp 231–239.

BUIKSTRA, J. E. e UBELAKER, D.H. (1994) – *Standards for Data Collection From Human Skeletal Remains*. Fayetteville, Arkansas: Arkansas Archaeological Survey Report Number 44.

BYERS, S. N. (2017) – *Introduction to Forensic Anthropology*. Londres: Routhledge, 5ª ed.

CABRAL, J. (1985) – Os cultos da morte no noroeste de Portugal. In Feijó, R., Martins, H., e Cabral, J. (eds.), *A Morte no Portugal Contemporâneo: Aproximações Sociológicas, Literárias e Históricas*. Lisboa: Editorial Quercó, pp. 65-87.

CARDOSO, F. A. (2008) – *A portrait of gender in two 19th and 20th century portuguese population: a paleopathological perspective*. Tese de Doutoramento apresentada ao *Department of Archaeology da Durham University* (policopiada).

CARDOSO, H. (2006) – Brief communication: the collection of identified human skeletons housed at the Bocage Museum (National Museum of Natural History), Lisbon, Portugal. In *American Journal of Physical Anthropology*, 129, pp.173-176.

CARDOSO, G. (2009) – Sondagens arqueológicas no Convento de Nossa Senhora das Neves (Serra de Montejunto, Cadaval). In *Actas do 1º Encontro de Cultura e Património do Cadaval, Conhecimento e valorização cultural no concelho do Cadaval*. Cadaval: Câmara Municipal, pp.43-82

CARDOSO, H. e GOMES, J. (2009) – Trends in adult stature of peoples who inhabited the modern Portuguese territory from the Mesolithic to the late 20th century. In *International Journal of Osteoarchaeology*, 19, pp. 711-725.

CARDOSO, H. F. V. (2005) – *Patterns of growth and development of the human skeleton and dentition in relation to environmental quality: a biocultural analysis of a sample of 20th century subadult documented skeletons*. Tese de Doutoramento apresentada à *McMaster University* (policopiada).

CARDOSO, H. F.; SAUNDERS, S. R. (2008) – Two arch criteria of the ilium for sex determination of immature skeletal remains: A test of their accuracy and an assessment of intra-and inter-observer error. In *Forensic science international*, 178:1, pp. 24-29.

CARDOSO, G. (2009) – Sondagens arqueológicas no Convento de Nossa Senhora das Neves (Serra de Montejunto, Cadaval). In *Actas do 1º Encontro de Cultura e Património do Cadaval*. Cadaval: Câmara Municipal, pp. 43-81.

CASIMIRO, T. M. (2010) – *Faiança Portuguesa nas Ilhas Britânicas (dos finais do século XVI aos inícios do século XVIII)*. Dissertação de Doutoramento em História, especialidade de Arqueologia, apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (policopiada).

CASIMIRO, T. M. (2011) – Estudo do espólio de habitação seiscentista em Lisboa. In *O Arqueólogo Português*, Serie V, 1. Lisboa, pp. 689-726.

CASIMIRO, T. M. (2011) – *Faiança Portuguesa nas Ilhas Britânicas (Dos Finais do século XVI aos inícios do XVIII)*. Tese de doutoramento apresentada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (policopiado).

CASIMIRO, T. M. (2013) – Faiança portuguesa: datação e evolução crono-estilística. In *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 16, pp. 351-367.

CATARINO, H.; FILIPE, S.; SANTOS, C. (2009) – Coimbra islâmica: uma aproximação aos materiais cerâmicos. In *XELB - Actas do 6º Encontro de Arqueologia do Algarve – O*

Garb no al-Andaluz: sínteses e perspectivas de estudo, homenagem a José Luis de Matos (Silves, 23, 24 e 25 de Outubro 2008). Silves: Museu Municipal de Arqueologia de Silves. nº 9, pp. 333-376.

CHAMBERLAIN, A. T. (2006) – *Demography in Archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1ªed.

CHAPMAN, R.; KINNES, I.; RANDSBORG, K. [eds.] (1981) – *The Archaeology of Death*. Cambridge: Cambridge University Press.

CLARK, J. G. D. (1972) – *Star Carr: A case study in bioarchaeology*. Reading, Mass.: Addison-Wesley.

COELHO, T. C. (1998) – Trabalhos de recuperação da Igreja de São Lourenço de Lisboa. In *Revista Pedra & Cal*. Lisboa, nº0, pp. 38-41.

COQUEUGNIOT, H. e WEAVER, T. (2007) – Brief communication: infracranial maturation in the skeletal collection from Coimbra, Portugal: new aging standards for epiphyseal union. In *American Journal of Physical Anthropology*, 134, pp. 424-437.

CRUBÉZY, E. (1992) – De l'Anthropologie Physique a la paléo-ethnologie funéraire et a la paléo-biologie. In *Archéo-Nil: Bulletin de La Société Pour l'Étude Des Cultures Prépharaoniques de La Vallée Du Nil*, 2, pp. 7-19.

CRUBÉZY, E. (2000) – L'étude des sépultures ou du monde des morts au monde des vivants. Anthropobiologie, archéologie funéraire et anthropologie de terrain. In Crubézy, E. Masset, C. Lorans, E. Perrin, F., e Tranoy, L. (eds.), *Archéologie Funéraire*. Paris: Editions Errance, pp. 8-54.

CRUBÉZY, E.; DUDAY, H.; PASCAL, S.; TILLIER, A.-M. e COURTAUD, P. (1990) – L'Anthropologie "de terrain": reconnaissance et interprétation des gestes funéraires. In *Bulletins et Mémoire de la Société d'Anthropologie de Paris*, 2:, pp. 29-49.

CRUZ, C. B. (2011) – *Viver a morte em Portugal: o potencial informativo dos relatórios antropológicos de campo (1994-2007)*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra (policopiada).

CRUZ, C.; NETO, F. e SEABRA, A. (2015) – Piecing together terminology in bioarcheology: defining concepts. In Börner, W. & Uhlirz, S (eds). *Proceedings of the 19th International Conference on Cultural Heritage and New Technologies 2014* (CHNT 19, 2014) Wien: Museen der Stadt Wien – Stadtarchäologie.

CUNHA, E. (1994) – *Paleobiologia das populações medievais portuguesas: os casos de Fão e São João de Almedina*. Dissertação para obtenção do grau de Doutor em Antropologia do Departamento de Antropologia da Universidade de Coimbra (policopiada).

CUNHA, E. (2001) – Bioarqueologia em Serpa: o caso da Necrópole do Alpendre dos Lagares. In *Conímbriga*, 40, pp. 319-325.

CUNHA, E. (2002) – Antropologia Física e Paleoantropologia em Portugal: um balanço. In *Arqueologia e História: Balanço de um século de investigação arqueológica em Portugal*. Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses, nº 54, pp. 261-272.

CUNHA, E. (2002a) – Bioarqueologia na Península Ibérica: o estado da questão. In *Contributos das ciências e das tecnologias para a arqueologia da Península Ibérica. Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*. Porto. Adecap, vol IX, pp. 309-320.

CUNHA, E. e MATOS, V. (1999) – Dados bioarqueológicos para o conhecimento dos habitantes do sítio do Prazo (Freixo de Numão) durante a Idade Média. In *Rituais e cultos da morte na região de Entre Douro e Côa*. Almada. Edição ACDR de Feixo de Numão, pp. 101-128.

CUNHA, E.; UMBELINO, C. (1995) – What can bones tell about labour and occupation: the analysis of skeletal markers of occupational stress in the Identified Skeletal Collection

of the Anthropological Museum of the University of Coimbra (preliminary results). In *Antropologia Portuguesa*, 13, pp. 49-68.

CURATE, F. (2005) – *Pressentindo o Silêncio: A perda de osso relacionada com o envelhecimento na Coleção de Esqueletos Identificados do Museu Antropológico*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra (policopiada).

DEWITTE, S. e STOJANOWSKI, C. (2015) – The osteological paradox 20 years later: past perspectives, future directions. In *Journal of Archaeological Research*: 23, pp. 397-450.

DI VELLA, G.; CAMPOBASSO, C. P.; DRAGONE, M. e INTRONA, F. Jr. (1994) – Skeletal Sex Determination by Scapular Measurements. In *Bollettino della Società italiana di biologia sperimentale*. Jan, nº12, vol. LXX, pp. 299-305.

DIAS, J. J. A. [coord.] (1998) – *Portugal do Renascimento à Crise Dinástica*. Col. Nova História de Portugal (Serrão, J. e Marques, A. H. de O., dirs.), vol V. Lisboa: editora Presença.

DUARTE, C. (2003) – Bioantropologia. In *Trabalhos de Arqueologia 29 – Paleoecologia Humana e Arqueociências. Um Programa Multidisciplinar para a Arqueologia sob a Tutela da Cultura*. Lisboa: Direcção-Geral do Património Cultural, pp.263-296.

DUDAY, H. (2009) – *The Archaeology of the Dead: Lectures in Archaeoethanatology*. Oxford: Oxbow Books.

DUDAY, H.; CIPRIANI, A. M. e PEARCE, J. (2009) – *The archaeology of the dead: lectures in archaeoethanatology*. Oxford: Oxbow Books.

ÉLIADE, M. (1963) – *The Sacred & The Profane, The Nature of Religion. The significance of religious myth, symbolism, and ritual within life and culture*. New York: Harcourt, Brace & World.

FAZEKAS, I. and KOSA, K. (1978) – *Forensic fetal osteology*. Budapest: Akademiai Kiado Publishers, pp. 232-277.

FEREMBACH, D.; SCHWIDETZKY, I. e STLOUKAL, M. (1980) – Recommendations for age and sex diagnoses of skeletons. In *Journal of Human Evolution*, 9, pp. 517-549.

FERNANDES, C. V. (2006/2007) – D. Afonso IV e a Sé de Lisboa. A escolha de um lugar de memória. In *Arqueologia & História*, nº 58/59. Lisboa: Revista da Associação de Arqueólogos Portugueses, pp. 143-166.

FERNANDES, I. C. F. e CARVALHO A. R. (1998) – Conjuntos Cerâmicos Pós - Medievais de Palmela. In *2ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós Medieval – métodos e resultados para o seu estudo*. Actas das Jornadas realizadas em Tondela de 22 a 25 de Março de 1995. Porto: Câmara Municipal de Tondela, pp. 211 -255.

FERNANDES, I. M. (2012) – *A loiça preta em Portugal: Estudo histórico, modos de fazer e usar*. Dissertação de Doutoramento em História apresentada ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho (policopiada).

FERREIRA, F. (1999) – Escavação da igreja do convento do Carmo: relatório de escavação. In *Arqueologia e História*, 51, pp.73-164.

FERREIRA, N. A. (2005) – *Paleobiologia de grupos populacionais do Neolítico Final / Calcolítico do Poço Velho (Cascais)*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. Trabalhos de Arqueologia; 40.

FERREIRA, N. A. (2015) – *Antropologia Funerária e Paleobiologia das Populações Pós-Medievais Portuguesas: Os Casos de Nossa Senhora da Anunciada e Espírito Santo*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. (policopiada)

FILIFE, I., e FIGUEIREDO, A. (2007) – Necrópole do colégio de Santo Antão-o-Novo: síntese preliminar dos resultados arqueológicos e antropológicos. In *Era-Arqueologia*, 8, pp. 69-91.

FUENTES A. (2010) – The new biological anthropology: bringing Washburn's new physical anthropology into 2010 and beyond the 2008. In *American Journal of Physical Anthropology*, AAPA luncheon lecture, nº143 Suppl 51, pp. 2-12.

FULLY, G. (1956) – Une Nouvelle Methode de Determination de la Taille. In *Ann Med Legale* 35, pp. 266-273.

GASPAR, J. (1985) – A cidade Portuguesa na Idade Média. Aspectos da estrutura física e desenvolvimento. In *La ciudad hispânica durante los siglos XIII a XVI. Actas do colóquio em Rábida e Sevilha*. Madrid: Universidad Complutense, tomo I, pp. 133-147-

GARCIA, S. (2007) – *Maleitas do corpo em tempos medievais: indicadores paleodemográficos, de stresse e paleopatológicos numa série osteológica urbana de Leiria*. Dissertação de Doutoramento em Antropologia Biológica apresentada ao Departamento de Antropologia da Universidade de Coimbra.

GARVIN, H. M.; PASSALACQUA, N. V.; UHL, N. M.; GIPSON, D. R.; OVERBURY, R. S. e CABO, L. L. (2012) – Developments in Forensic Anthropology: Age-at-Death Estimation. In Dirkmaat, D. C. (ed.) *A Companion to Forensic Anthropology*. Blackwell Publishing, 1ªed, pp. 202-223.

GILBERT, B. M. e MCKERN T. W. (1973) – A method for ageing the female os pubis. In *American Journal of Physical Anthropology*, 38, pp. 31-38.

GOMES, J. R. P. (2011) – *Exemplos da Azulejaria dos Séculos XVI e XVII, em Coimbra*. Dissertação de Mestrado em História da Arte, Património e Turismo Cultural, especialidade em Azulejaria, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (policopiada).

GOMES, R. V. (2012) – A Arqueologia da Idade Moderna em Portugal – Contributos e Problemáticas. In *O Arqueólogo Português*, Série V, pp. 13-75.

GONÇALVES, A. M. e SEGURADO, J. (1983) – *O Largo da Rosa e do Nobre Sítio de São Lourenço*. Lisboa: Academia Portuguesa da História.

GOODMAN, A. e MARTIN, D. (2002) – Reconstructing health profiles from skeletal remains. In [Steckel, R. e Rose, J. (eds.) *The Backbone of History: Health and Nutrition in the Western Hemisphere*. New York: Cambridge University Press, pp. 11-60.

GRAW, M.; CZARNETZKI, A. e HAFFNER, H.-T. (1999) – The form of the supraorbital margin as a criterion in identification of sex from the skull: Investigations based on modern human skulls. In *American Journal of Physical Anthropology* 108, pp. 91–96.

HARRIS, E. (1997) – *Principles of archaeological stratigraphy*. Londres: Academic Press Limited, 2ªed.

HAUSMAIR, B. (2017) – Topographies of the afterlife. Reconsidering infant burials in medieval mortuary space. In *Journal of Social Archaeology*, 17 (2017), 2. – S, pp. 210-236.

HILLSON, S. (2000) – Dental Pathology. In Katzenberg, M. e Saunders, S. (eds.), *Biological Anthropology of Human Skeleton*. New York: Wiley-Liss, pp. 249-286.

HOPPA, R. (1992) – Evaluating human skeletal growth: an Anglo-Saxon example. In *International Journal of Osteoarchaeology*, 2, pp. 275-288.

HOPPA, R. D. and VAUPEL, J. W. (2002) – *Paleodemography. Age distributions from skeletal samples*. Cambridge: University Press (Cambridge Studies in Biological and Evolutionary Anthropology 31).

HOWARTH, G. e LEAMAN, O. (2013) – *Encyclopedia of Death and Dying*. London: Routledge.

HUNTINGTON, R. e METCALF, P. (1991) – *Celebrations of Death: the Anthropology of Mortuary Ritual*. Cambridge: Cambridge University Press, 2ª edição.

ISCAN, M. Y.; LOTH, S. R. e WRIGHT, R. K. (1984) – Age estimation from the rib by phase analysis: White males. In *Journal of Forensic Science* 29, pp. 1094–1104.

ISCAN M. Y.; LOTH S.R. e WRIGHT, R.K. (1984a) – Metamorphosis at the sternal rib end: a new method to estimate age at death in white males. *Am. J. Phys. Anthropol.*; 65:147–56.

ISCAN M.Y.; LOTH, S. R. e WRIGHT, R. K. (1985) – Age estimation from the rib by phase analysis: White females. In *Journal of Forensic Science*; 30, pp. 853–863.

KATZENBERG, M. A. e SAUNDERS, S. R. [ed.] (2008) – *Biological Anthropology of the Human Skeleton*. New Jersey: John Wiley & Sons, Inc., 2ª edição.

KILDE, J. H. (2008) – *Sacred Power, Sacred Space – An Introduction to Christian Architecture and Worship*. Oxford: University Press.

KILLGROVE, K. (2013) – *Bioarchaeology, Oxford Bibliographies*. Sítio: <http://www.oxfordbibliographies.com/view/document/obo-9780199766567/obo-9780199766567-0121.xml>. Consultado a 14 de Julho de 2017.

LARSEN, C. (1997) – *Bioarchaeology: Interpreting Behavior from the Human Skeleton*. Cambridge: Cambridge University Press.

LARSEN, C. (2002) – Bioarchaeology: The Lives and Lifestyles of Past People. In *Journal of Archaeological Research*, vol. 10: 2, pp. 119-166.

LECLERC, J. (1990) – La notion de sépulture. In *Bulletins et Mémoires de la Société d'Anthropologie de Paris*, 2, pp. 13-18.

LINDERBERGH, J. (1999) – Buttoning Down Archaeology. In *Australasian Historical Archaeology*: 17, pp.50-57.

LIVERSIDGE, H. M. e MOLLESON, T. I. (2004) – Variation in crown and root formation and eruption of human deciduous teeth. In *American Journal of Physical Anthropology*, 123(2), pp. 172-80.

LORCIN, M. (1993) – Choisir un lieu de sépulture. In Alexandre-Bidon, D., e Treffort,

C. (eds.), *A Réveiller les Morts: le Mort au Quotidien dans l'Occident Médiéval*. Lyon: Press Universitaires de Lyon, pp. 245-252.

LOVELL, N. (2000) – Palaeopathological Description and Diagnosis. In Katzenberg, M. e Saunders, S., (eds.) *Biological Anthropology of Human Skeleton*. New York: Wiley-Liss, pp. 217-248.

LUZIA, I. (2001-2002) – O N° 3 da Rua das Bicas Velhas: um exemplo de testemunhos da época moderna em Loulé. In *AL-‘ULYÁ*. Loulé: Arquivo Histórico Municipal / C. M. Loulé, nº 8, pp. 51-122.

MAAT, G. J. (2001) – Diet and age-at-death determinations from molar attrition. A review related to the Low Countries. In *Journal of Forensic Odontostomatology*:19, pp. 18–21.

MARQUES, A.; LEITÃO, E. e BOTELHO, P. (2012) – Rua do Benfornoso 168/186 (Lisboa – Mouraria / Intendente). In TEIXEIRA, A.; BETTENCOURT, J. (coord.) *Velhos e Novos Mundos: Estudos de Arqueologia Moderna*. Lisboa: CHAM, vol. I, pp. 123 -134

MARQUES, de O. A. H. (1994) – Lisboa Evolução: Séc. XII a XV (1147-1500). In [Santana, F. e Sucena, E. (eds.)] *Dicionário de Lisboa*. Sacavém: Carlos Quintas & Associados, pp. 511-515

MARRAFA, L. (1996) – *Vida e Morte no Convento de Aracoelli (Alcácer do Sal) - Séculos XVII a XIX*. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Arqueologia da Universidade do Minho (policopiada).

MARTÍNEZ GIL, F. (1984) – *Actitudes ante la Muerte en el Toledo de los Austrias*. Toledo: Ayuntamiento de Toledo.

MATA, C. (1993) – Arqueología funeraria. Estado actual de la investigación en España. In *II Congreso Nacional de Paleopatología*, pp.167-176.

MATOS, M. (1996) – *Cerâmica Chinesa da Casa Museu Dr. Anastásio Gonçalves*. Lisboa: Instituto Português dos Museus.

MATTOSO, J. [dir.] (1996) – *O reino dos mortos na Idade Média peninsular*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.

MATTOSO, J. (1997) – Pressupostos mentais do culto dos mortos. In *Arqueologia Medieval*, 5, pp. 5-11.

MAYS, S. (1998) – *The Archaeology of Human Bones*. New York: Routhledge.

MCKERN, T. W. e STEWART T. D. (1957) – *Skeletal age changes in young American males analyzed from the standpoint of identification*. Relatório Técnico EP-45, Quartermaster Research Development Center, Environmental Protection Research Division.) Natick, Massachusetts: Headquarters Quartermaster Research & Development Command, 6.

MEDICI, T. (2010) – Vidros Medievais e Modernos da escavação da Rua da Judiaria em Almada (Portugal). In *Actas do IV Congresso Peninsular – As idades Medieval e Moderna na Península Ibérica*. Loulé, pp. 265-278.

MEINDL, R. S. e LOVEJOY, C. O. (1985) – Ectocranial Suture Closure: A revised method for the determination of skeletal age at death based on the lateral anterior sutures. In *American Journal of Physical Anthropology*, 68, pp. 57-66.

MEINDL, R. S.; LOVEJOY, C. O.; MENSFORTH, R. P. e CARLOS, L. D. (1985) – Accuracy and direction of error in sexing of the skeleton: Implications for paleodemography. In *American Journal of Physical Anthropology*, 68, pp. 79-85.

MEINDL, R. S.; LOVEJOY, C. O.; MENSFORTH, R. P. e WALKER, R. A. (1985a) – A revised method of age determination using the os pubis, with a review and tests of accuracy of other current methods of pubic symphyseal ageing. In *American Journal of Physical Anthropology*, 68, pp. 57-66.

MOLLESON, T. e COX, M. (1993) – *The Spitalfields project: the middling sort*. London, Council for British Archaeology.

MONTEIRO, M. e ANTÓNIO, T. (2013) – Vestígios arqueológicos na Casa Portela Santos (Carnide, Lisboa). In Emerita - *Estudos de arqueologia e Património Cultural*, 1.

MOORREES, C.F.A.; FANNING, E.A. e HUNT, E.E. Jr. (1963) – Age variation of formation stages of ten permanent teeth. In *Journal of Dental Research*, 42, pp.1490–1501.

MOREIRA, M. J. G. (2008) – O século XVIII. In Rodrigues, T. F. (ed.) *História da População Portuguesa*. Santa Maria da Feira: Edições Afrontamento.

MUNSELL COLOR (Firm) (2010) – *Munsell soil color charts: with genuine Munsell color chips*. Grand Rapids, MI: Munsell Color.

NAWROCKI S. (1997) – *Cleaning Bones*. University of Indianapolis Archeology & Forensics Laboratory.

NEMESKERI, J.; HARSANYI, L. e ACSADI, G. (1960) – Methoden zur diagnose des lebensalters von skelettfunden. In *Anthropologoscher Anzeiger*, 24, pp. 70-95.

NETO, M., e LOPES, L. (1989) – Algumas considerações sobre os achados ósseos da 2a capela da epístola da igreja do convento do Carmo de Lisboa. In *Actas do Colóquio Comemorativo dos 600 anos da fundação do Convento do Carmo em Lisboa*. Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 149-153.

NUNES, T. e FILIPE, I. (2012) – Quarteirão dos Lagares: contributo para a história económica da Mouraria. In TEIXEIRA, A.; BETTENCOURT, J. (coord.), *Velhos e Novos Mundos: Estudos de Arqueologia Moderna*. Lisboa: CHAM, vol. I, pp. 141 -150.

ORTNER, D. (2003) – *Identification of Pathological Conditions in Human Skeletal Remains*. San Diego: Academic Press.

OSÓRIO, M. I. P. e SILVA, A. S. P. (1998) – Cerâmicas vidradas da época moderna no Porto. In *Actas das 2^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval: métodos e resultados para o seu estudo*. Tondela: Câmara Municipal, pp. 283-314.

PEARSON, M. P. (1999) – *The Archaeology of Death and Burial*. E.U. A.: Texas A&M University Press, College Station.

PEREIRA, P. (1995) – *História da Arte Portuguesa*. Lisboa: Círculo de Leitores.

PHENICE, T. W. (1969) – A Newly Developed Visual Method of Sexing the Os Pubis. In *American Journal of Physical Anthropology* 30, pp. 297-302.

RAMALHO, M de M. e VIEGAS, C. (1994) – Intervenção arqueológica nos Armazéns do Chiado - Lisboa. In *Actas das V Jornadas Arqueológicas*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1º Vol, pp. 243-252.

RAMAZZINA, A. A. (2011) - Estrutura social e organização espacial de necrópoles: aspectos teórico metodológicos no estudo arqueológico de vestígios funerários uma revisão bibliográfica. In *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*. São Paulo, Sup 12, pp. 81-109.

REEVE, J. e ADAMS, M. (1993) – *The Spitalfields Project*, vol. 1: The Archaeology: Across the Styx. York: Council for British Archaeology.

RENFREW, C.; BAHN, P. (2012) – *Archaeology: Theories, Methods and Practice*. London: Thames & Hudson, 6ªEd.

RODRIGUES, T. F. (2008) – Do século XI ao século XIV. In Rodrigues, T. F. (ed.) *História da população portuguesa*. Santa Maria da Feira: Edições Afrontamento, pp. 75-100.

RODRIGUES, T. F. (2008a). As vicissitudes do povoamento nos séculos XVI e XVII. In Rodrigues, T. F. (ed.) *História da população portuguesa*. Santa Maria da Feira: Edições Afrontamento, pp.159-246.

ROKSANDIC, M. (2003) – New Standardised Visual Forms for Recording the Presence of Human Skeletal Elements in Archaeological and Forensic Contexts. In *Internet Archaeology*, 13.

RUFF, C. (2008) – Biomechanical Analyses of Archaeological Human Skeletons. In (eds.) M. A. Katzenberg, M. A. e S. R. Saunders, S. R. *Biological Anthropology of the Human Skeleton*. New York: Wiley, 2ªed., pp. 183-206.

RUIZ TABOADA, A. (2015) – Comments on Muslim, Jewish and Christian Burial Practices in Medieval Toledo (Spain). In *Journal of Islamic Archaeology* 2.1, pp. 51-71.

SAINI, V.; SRIVASTAVA, R.; RAI, R. K.; SHAMAL, S. N.; SINGH, T. B. e TRIPATHI, S. K. (2011) – An osteometric study of Northern Indian populations for sexual dimorphism in Craniofacial Region. In *Journal of Forensic Science*, 56(3), pp. 700-705.

SANTOS, A. (2000) – *A skeletal picture of tuberculosis. Macroscopic, radiological, and historical evidence from the Coimbra Identified Skeletal Collection*. Dissertação de Doutorado apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra (policopiada).

SAUNDERS, S. R. (2000) – Subadult skeletons and growth-related studies. In Katzenberg, M. A. e Saunders, S. R. (eds.) *Biological anthropology of the human skeleton*. New York: Wiley-Liss, pp. 135-161.

SAUNDERS, S. R. (2008) – Juvenile skeletons and growth-related studies. In Katzenberg, M. A. e Saunders, S. R. (eds.) *Biological anthropology of the human skeleton*. New Jersey, John Wiley & Sons Inc, 2ªed. pp. 117-147.

SCHAEFER, M.; BLACK, S. M. e SCHEUER, L. (2009) – *Juvenile osteology: a laboratory and field manual*. Amsterdam: Academic.

SCHEUER, L. e BLACK, S. (2000) – *Developmental juvenile osteology*. London: Academic Press, 1ª ed.

SCHWARTZ, J. (1995) – *Skeleton Keys: an Introduction to Human Skeletal Morphology, Development and Analysis*. Oxford: Oxford University Press.

SEBASTIAN, L. (2010) - *A produção oleira de Faiança em Portugal (séculos XVI-XVIII)*. Tese de Doutoramento em História, especialidade em Arqueologia, apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (policopiada).

SÉGUY, I. e SIGNOLI, M. (2008) – Quand la naissance côtoie la mort: pratiques funéraires et religion populaire en France au Moyen Âge et à l'Époque Moderne. In Gusi, F., Muriel, S., e Olaria, C. (eds.), *Nasciturus, infans, puerulus vobis mater terra*. Castelló de la Plana, Servicio de Investigaciones Arqueológicas y Prehistóricas: Colección de Prehistoria y Arqueologia, pp. 497-512.

SERRÃO, V. e NETO, M. J. B. (2000) – *Sé Catedral de Lisboa*. Lisboa.

SILVA, A. V. da (1987) – *A Cerca Fernandina de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal, vol. I, 2ª ed.

SILVA, A. M. (1995) - Sex assessment using calcaneus and talus. In *Antropologia Portuguesa*. Coimbra, nº13, p. 85-97.

SILVÉRIO, S. (2007) – *Evidências Históricas do Castelo de Penamacor, da Pré-História ao Séc. XIX*. Penamacor: Câmara Municipal.

SIMÕES, J. M. dos S. (1997) – *Azulejaria em Portugal no século XVII, tomo I: tipologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Coleção Corpus da azulejaria portuguesa, 2ª edição, 4.

SMALL, D. e SILVERMAN, H. [orgs.] (2002) – The Place and Space of Death. Symposium of the 64th Annual Meeting of the Society for American Archaeology, Chicago 1999. In *Archaeological Papers of the American Anthropological Association*, 11(2), p.1-11.

STULP, G. e BARRETT, L. (2014) – Evolutionary perspectives on human height variation. In *Biological Reviews*. Cambridge Philosophical Society, pp. 1-31.

STUTZ N. (2008) – More than Metaphor: Approaching the Human Cadaver in Archaeology. In *Fahlander, Oestigaard*, pp. 19-28.

SUCENA, E. (1994) – Cerca Fernandina. In (dir.) Santana, F. e Sucena, E. *Dicionário da História de Lisboa*. Lisboa, pp. 259-261.

TAGESSON, G. (2015) – The Human Body as Material Culture – Linköping Cathedral Churchyard in the Early Modern Period. In Tarlow, S. (ed.) *The Archaeology of Death in Post-medieval Europe*. Berlin: De Gruyter Open, pp.19-38.

TARDIEU, J. (1993) – La dernière demeure: archéologie du cimetière et des modes de inhumation. In Alexandre-Bidon, D., e Treffort, C. (eds.) *A Réveiller les Morts: le Mort au Quotidien dans l'Occident Médiéval*. Lyon: Press Universitaires de Lyon, pp. 223-244.

TODD, T. (1920) – Age Changes in the Pubic Bones, I: The White Male Pubis. In *American Journal of Physical Anthropology* 3, pp. 285-334.

TORRES, C. (1990) – Um forno cerâmico dos séculos XV e XVI na cintura industrial de Lisboa. In AMIGUES, Fr.; BAZZANA, A. (ed.) – *Fours de Potiers et “Tessares” Médiévaux en Méditerranée Occidentale*. Madrid: Publications de la Casa de Velázquez (Série Archéologie XIII), pp. 131 -141.

TORRES, J. B. (2011) – *Quotidianos no Convento de São Francisco de Lisboa: uma análise da cerâmica vidrada, faiança portuguesa e porcelana chinesa*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (policopiada).

TREFFORT, C. (1993) – Les meubles de la mort: lit funéraire, cercueil et natte de paille. In Alexandre-Bidon, D., e Treffort, C. (eds.), *A Réveiller les Morts: le Mort au Quotidien dans l'Occident Médiéval*. Lyon: Press Universitaires de Lyon, pp. 207-221.

TRINDADE, L. e DIOGO, A M. D. (1998) – Cerâmicas da Época do Terramoto de 1755 Provenientes de Lisboa. In *Actas das 2^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval: métodos e resultados para o seu estudo*. Tondela: Câmara Municipal, pp.349-353.

TROTTER, M. e GLEESER, G. C. (1952) – Estimation of stature from long bones of American Whites and Negroes. In *American Journal of Physical Anthropology*, 10, pp. 463–514.

TROTTER, M. (1970) – Estimation of stature from intact long limb bones. In [Stewart, T.D. ed.] *Personal Identification in Mass Disasters*. Washington: National Museum of Natural History, pp. 71-83.

UBELAKER, D. (1989) – *Human skeletal remains: excavation, analysis and interpretation*. Washington. Taraxacum.

USHER, B. M. (2002) – Reference samples: the first step in linking biology and age in the human skeleton. In Hoppa, R. D. e Vaupel, J. W. eds. *Paleodemography: Age Distributions from Skeletal Samples*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 29-47.

VAQUINHAS, I. (coord.) (2011) – A Época Contemporânea. In Mattoso, J. (dir.) *História da Vida Privada em Portugal*, vol. 3. Temas e Debates: Círculo dos Leitores, 1^a ed.

VIEIRA, A. I. (2011) – Cerâmicas dos séculos XIV a XVI do Castelo de Sesimbra. In *O Arqueólogo Português*, Série V, 1, pp. 657-687.

WALKER, P. L. (2008) – Sexing skulls using discriminant function analysis of visually assessed traits. In *American Journal of Physical Anthropology*, 136:1, pp. 39-50.

WALKER, P. L. e COOK, D. C. (1998) – Gender and sex: Vive la difference. In *American Journal of Physical Anthropology*, 106:2, pp.225-259.

WASTERLAIN, S. N. e CUNHA, E. (2000) – Comparative performance of femur and humerus epiphysis for sex diagnosis. In *Biométrie Humaine et Anthropologie*, 18 (1-2), pp. 9-13.

WORKSHOP of EUROPEAN ANTHROPOLOGISTS [WEA] (1980) – Recommendations for age and sex diagnoses of skeletons. In *Journal of Human Evolution* 9, pp. 517-549.

WHITE, T. D. e FOLKENS, P. A. (2005) – *The Human Bone Manual*. E.U.A.: Elsevier Academy Press Publications.

Lista de Anexos e Figuras

No corpo da dissertação

Mapa nº 1 - Excerto do mapa *Lisboa: Primeiro Bairro (Zona Central), Localização dos monumentos principais*. Escala – 1:5000. Igreja de São Lourenço assinalada com círculo vermelho.

Tabela nº 1 – Resultados finais da diagnose sexual.

Tabela nº 2 - Resultados finais do cálculo da estimativa da idade à morte.

Tabela nº 3 – Resultados finais do cálculo da estimativa da idade à morte.

Tabela nº 4 – Estimativa de Estatura óssea da *S.Lc./93/S7/Ent.26*. A azul encontram-se os cálculos na hipótese de diagnose sexual masculina.

Tabela nº 5 – Estimativa de Estatura óssea da *S.Lc./93/S8/Sp.35*. A azul encontram-se os cálculos das médias de cada uma das metodologias e, a média final combinada entre ambas.

Anexo I – Gráficos

Gráfico nº 1 – Metodologias de diagnose sexual utilizadas.

Gráfico nº 2 – Percentagem de fragmentos ósseos presentes por sepultura, após etapa inicial de colagem.

Gráfico nº 3 – Número de inumações identificadas pelas sondagens abertas durante as várias campanhas arqueológicas.

Gráfico nº 4 – Número de inumações por cronologia histórico-arqueológica.

Gráfico nº 5 – Número de inumações por tipo de sepulcro.

Gráfico nº 6 – Número de inumações por tipo de colocação dos membros superiores.

Anexo II – Fichas de Esqueleto

Esquema nº 1 – Ficha de esqueleto da sepultura 26 (*S7/Ent.26*).

Esquema nº 2 – Ficha de esqueleto da sepultura 30 (*S7/Sp.30*).

Esquema nº 3 – Ficha de esqueleto da sepultura 31 (*S7/Sp.31*).

Esquema nº 4 – Ficha de esqueleto da sepultura 33 (*S7/Sp.33*).

Esquema nº 5 – Ficha de esqueleto da Sepultura 34 (*S7/Sp.34*).

Esquema nº 6 – Ficha de esqueleto da sepultura 35 (*S8/Sp.35*).

Anexo III – Fotografias Espólio Metálico e Ósseo

Fotografias nº1 e 2 – Fragmento metálico (bainha?) da *S.Lc./92/S1/C.1/Pl.0/Sp. 36*.

Fotografia nº3 – Fragmento metálico (bainha?) da *S.Lc./92/S1/C.1/Pl.0/Sp.43* (talhão nº43 = Sepultura 38).

Fotografias nº4 e 5 – Fragmento metálico da *S.Lc./92/S2/C.1/Pl.0/Sp.42* (talhão nº42 = Sepultura 40).

Fotografia nº6 – Fragmento metálico da *S.Lc./92/S2/C.1/Pl.0/Sp.42* (talhão nº42 = Sepultura 40). Da esquerda para a direita: prego e alfinete com vestígio têxtil.

Fotografia nº7 – Fragmento metálico (medalha?) da *S.Lc./92/S2/C.1/Pl.0/Sp.42* (talhão nº42 = Sepultura 40).

Fotografia nº8 – Fragmentos metálicos da *S.Lc./92/S2/C.1/Pl.1/Sp.42* (talhão nº42 = Sepultura 40). De cima para baixo: 3 fragmentos indeterminados e prego.

Fotografia nº9 – Fragmento metálico (prego?) da *S.Lc./93/S7/Sp.32-33-34*.

Fotografia nº10 e 11 – Artefacto metálico (botão) da *S.Lc./92/S2/Sp.35* (talhão nº35 = Sepultura 41) Inscrição: *Standard Colour*.

Fotografias nº12, 13 e 14 – Várias perspectivas do fragmento osteológico (escápula – processo coracóide) *S.Lc./93/S7/Ent.26/0095*.

Fotografia nº 15 – Fragmento osteológico (púbis) *S.Lc./93/S7/Sp.24/0005*.

Fotografia nº 16 – Fragmentos osteológicos (três vértebras) De cima para baixo: *S.Lc./93/S7/Sp.24/0001, ...0002,0003*.

Fotografia nº 17 – Fragmento osteológico (ísquion) *S.Lc./93/S7/Sp.24/0004*.

Fotografias nº 18 e 19 – Fragmento osteológico (úmero ou fémur) *S.Lc./93/S7/Sp.24/0006*.

Fotografia nº 20 – Fragmentos osteológicos (duas costelas). De cima para baixo: *S.Lc./93/S7/Sp.24/0007, ...0010*.

Fotografia nº 21 – Artefactos osteológicos (dois calcâneos). Da esquerda para a direita: *S.Lc./93/S7/Sp.33/0002, ...0003*. Pormenor zona de articulações ligada – caracter discreto.

Fotografia nº 22 – Parte da colecção osteológica. Etapa de marcação. CAL.

Fotografia nº 23 – Pormenor de fragmentos osteológicos (maxila e mandíbula) *S.Lc./93/S8/Sp.35/0001*. Etapa de colagem. CAL.

Fotografia nº 24 – Pormenor de fragmentos osteológicos (osso frontal do crânio) *S.Lc./93/S8/Sp.35/0001*. Etapa de colagem. Sutura craniana a meio do osso frontal – caracter discreto. CAL.

Fotografia nº 25 – Pormenor de fragmento dentário (RM3 esquerdo da mandíbula) *S.Lc./93/S8/Sp.35*. Etapa de colagem. Sutura craniana a meio do osso frontal. CAL.

Fotografias nº 26 e 27 – Pormenor de fragmento osteológico (esterno) *S.Lc./93/S8/Sp.35/0043*. Diversos caracteres discretos e marcador de *stress*. CAL.

Anexo IV – Inventário do Espólio Cerâmico

Fotografias nº28 e 29 – Fragmento cerâmico *S.Lc./93/Sd.7/Sp.32/33/34/0001*.

Fotografias nº30 e 31 – Fragmento cerâmico *S.Lc./93/Sd.7/Sp.32/33/34/0002*.

Fotografias nº32 e 33 – Fragmento cerâmico *S.Lc./93/Sd.7/Sep.32/33/34/0003*.

Fotografias nº34 e 35 – Fragmento cerâmico *S.Lc./92/Sd.1/Sp.1/0001*.

Fotografias nº36 e 37 – Fragmento cerâmico *S.Lc./92/Sp.35/C.1/0001*.

Fotografias nº38 e 39 – Fragmento cerâmico *S.Lc./92/Sp.35/C.1/0002*.

Fotografias nº40 e 41 – Fragmento cerâmico *S.Lc./92/Sp.35/C.1/0003*.

Fotografia nº42 – Fragmento cerâmico *S.Lc./92/Sp.35/C.1/0004*.

Fotografia nº43 – Fragmento cerâmico *S.Lc./93/Sd.1/C.1/Pl.0/Sp.36/0001*.

Fotografia nº44 – Fragmento cerâmico *S.Lc./93/Sd.1/C.1/ Pl.0/Sp.36/0002*.

Fotografias nº45 e 46 – Fragmento cerâmico *S.Lc./93/Sd.1/C.1/ Pl.0/Sp.36/0003*.

Fotografias nº47 e 48 – Fragmento cerâmico *S.Lc./93/Sd.1/C.1/ Pl.0/Sp.36/0004*.

Fotografia nº49 – Fragmento cerâmico *S.Lc./93/Sd.1/C.2/ Pl.2/Sp.36/0001*.

Fotografias nº50 e 51 – Fragmento cerâmico *S.Lc./93/Sd.1/C.1/ Pl.0/Sp.36/0002*.

Fotografias nº52 e 53 – Fragmento cerâmico *S.Lc./93/Sd.1/C.1/ Pl.0/Sp.36/0003*.

Fotografias nº54, 55 e 56 – Fragmento cerâmico *S.Lc./92/Sd.2/C.1/Sp.42/0001*.

Fotografias nº57 e 58 – Fragmento vítreo *S.Lc./92/Sd.2/Sp.42/0002*.

Fotografias nº59 e 60 – Fragmento cerâmico, panela. Peça nº 57.

Fotografias nº61 e 62 – Fragmento cerâmico *S.Lc./92/Sd.1/C.5/Sp.43/0001*.

Fotografias nº63 e 64 – Fragmento cerâmico *S.Lc./92/Sd.1/C.5/Sep.43/0002*.

Fotografias nº65 e 66 – Fragmento cerâmico *S.Lc./92/Sd.1/C.5/Sp.43/0003*.

Fotografias nº67 e 68 – Fragmento cerâmico *S.Lc./92/Sd.1/C.5/Sp.43/0004*.

Fotografia nº69 – Fragmento cerâmico *S.Lc./92/Sd.1/C.5/Sp.43/0005*.

Fotografias nº70 e 71 – Fragmento cerâmico *S.Lc./92/Sd.1/C.5/Sp.43/0006*.

Fotografias nº72 e 73 – Fragmento cerâmico *S.Lc./92/Sd.1/C.5/Sp.43/0007*.

Fotografia nº74 – Fragmento cerâmico *S.Lc./92/Sd.1/C.5/Sp.43/0008*.

Fotografia nº75 – Fragmento cerâmico *S.Lc./92/Sd.1/C.5/Sp.43/0009*.

Fotografia nº76 – Fragmento de madeira *S.Lc./92/Sd.1/C.1/Pl.0/Sp.43/0001*.

Fotografias nº77 e 78 – Fragmento cerâmico *S.Lc./92/Sd.2/C.1/Sp.49/0001*.

Fotografias nº79 e 80 – Fragmento cerâmico *S.Lc./92/Sd.2/C.1/Sp.49/0002*.

Fotografias nº81, 82 e 83 – Fragmento cerâmico *S.Lc./92/Sd.2/C.1/Sp.49/0003*.

Fotografias nº84 e 85 – Fragmento cerâmico *S.Lc./92/Sd.2/C.1/Sp.49/0004*.

Fotografias nº86 e 87 – Fragmento cerâmico *S.Lc./92/Sd.2/C.1/Sp.49/0005*.

Fotografias nº88 e 89 – Fragmento cerâmico *S.Lc./92/ossário/0001*.

Fotografias nº90 e 91 – Fragmento cerâmico *S.Lc./92/ossário/0002*.

Fotografias nº92 e 93 – Fragmento cerâmico *S.Lc./92/ossário/0003*.

Fotografias nº94 e 95 – Fragmento cerâmico *S.Lc./92/ossário/0004*.

Anexo V – Tabelas

Tabela nº 6 – Resultado da estimativa da idade à morte do indivíduo Sub.A.

Tabela nº 7 – Resultados da diagnose sexual usando métodos morfológicos no crânio.

Tabela nº 8 – Resultados da diagnose sexual usando métodos morfológicos nos coxae.

Tabela nº 9 – Resultados da diagnose sexual usando método morfológico no sacro.

Tabela nº 10 – Resultados da diagnose sexual usando método métrico em ossos longos.

Tabela nº 11 – Resultados da estimativa da idade à morte usando metodologias para a morfologia da superfície auricular do coxal.

Tabela nº 12 – Resultados da estimativa da idade à morte usando metodologia para dentes molares.

Tabela nº 13 – Resultados de diagnose sexual usando metodologia métrica para ossos do pé.

Tabela nº 14 – Resultados de estimativa da estatura usando metodologia para ossos longos.

Tabela nº 15 – Resultados de diagnose sexual usando metodologia métrica para ossos do pé.

Tabela nº 16 – Resultados de estimativa da estatura usando metodologia para ossos longos.

Tabela nº 17 – Resultados de diagnose sexual usando metodologia métrica para ossos do pé.

Tabela nº 18 – Resultados de estimativa da estatura usando metodologia para ossos longos.

Tabela nº 19 – Resultados de diagnose sexual usando metodologia métrica para ossos do pé.

Tabela nº 20 – Resultados de diagnose sexual usando metodologias morfológicas para o crânio.

Tabela nº 21 – Resultados de diagnose sexual usando metodologias morfológicas para o coxae.

Tabela nº 22 – Resultados de diagnose sexual usando metodologias morfológicas para o sacro.

Tabela nº 23 – Resultados de diagnose sexual usando metodologias métricas.

Tabela nº 24 – Resultados de estimativa da idade à morte usando metodologia classificatória para o crânio.

Tabela nº 25 – Resultados de estimativa da idade à morte usando metodologia morfológica para a pélvis.

Tabela nº 26 – Resultados de estimativa da idade à morte usando metodologia morfológica para a pélvis.

Tabela nº 27 – Resultados de estimativa da idade à morte usando metodologia classificatória para a dentição.

Tabela nº 28 – Resumo de informação de todas as sepulturas identificadas no decorrer das campanhas entre 1992 e 1999.

Tabela nº 29 – Inventário da sepultura *S.Lc./93/S7/Sp.24.*

Tabela nº 30 – Inventário da sepultura *S.Lc./93/S7/Ent.26.*

Tabela nº 31 – Inventário dentário da sepultura *S.Lc./93/S7/Ent.26.*

Tabela nº 32 – Inventário da sepultura *S.Lc./93/S7/Sp.30.*

Tabela nº 33 – Inventário da sepultura *S.Lc./93/S7/Sp.31.*

Tabela nº 34 – Inventário da sepultura *S.Lc./93/S7/Sp.33.*

Tabela nº 35 – Inventário da sepultura *S.Lc./92/S7/Sp.34.*

Tabela nº 36 – Inventário da sepultura *S.Lc./93/S8/Sp.35*.

Tabela nº 37 – Inventário dentário da sepultura *S.Lc./93/S8/Sp.35*

Tabela nº 38 – Cálculo de cotas absolutas da S1/C.2 – Sepultura 1.

Tabela nº 39 – Cálculo de cotas absolutas da S1/C.2 – Sepultura 2.

Tabela nº 40 – Cálculo de cotas absolutas da S1/C.2 – Sepultura 3.

Tabela nº 41 – Cálculo de cotas absolutas da S1 – Sepultura 4.

Tabela nº 42 – Cálculo de cotas absolutas da S1/ C.2 – Sepultura 5.

Tabela nº 43 – Cálculo de cotas absolutas da S1/ C.6 – Sepultura 12.

Tabela nº 44 – Cálculo de cotas absolutas da S1/ C.6 – Sepultura 17.

Tabela nº 45 – Cálculo de cotas absolutas da S1/ C.2 – Sepultura 18.

Tabela nº 46 – Cálculo de cotas absolutas da S1 – Sepultura 36.

Tabela nº 47 – Cálculo de cotas absolutas da S1 – Sepultura 37.

Tabela nº 48 – Cálculo de cotas absolutas da S1 / C.1 – Sepultura 38.

Tabela nº 49 – Cálculo de cotas absolutas da S2 – Sepultura 7.

Tabela nº 50 – Cálculo de cotas absolutas da S2 – Sepultura 8.

Tabela nº 51 – Cálculo de cotas absolutas da S2 – Sepultura 9.

Tabela nº 52 – Cálculo de cotas absolutas da S2 – Sepultura 10.

Tabela nº 53 – Cálculo de cotas absolutas da S2 – Sepultura 11.

Tabela nº 54 – Cálculo de cotas absolutas da S2 – Sepultura 13.

Tabela nº 55 – Cálculo de cotas absolutas da S2 – Sepultura 15.

Tabela nº 56 – Cálculo de cotas absolutas da S2 – Sepultura 16.

Tabela nº 57 – Cálculo de cotas absolutas da S2 – Sepultura 19.

Tabela nº 58 – Cálculo de cotas absolutas da S2 – Sepultura 20.

Tabela nº 59 – Cálculo de cotas absolutas da S2 – Sepultura 39 (talhão nº 49).

Tabela nº 60 – Cálculo de cotas absolutas da S2 – Sepultura 40 (talhão nº 42).

Tabela nº 61 – Cálculo de cotas absolutas da S2 – Sepultura 41 (talhão nº 35).

Tabela nº 62 – Cálculo de cotas absolutas da S2 – Sepultura 21.

Tabela nº 63 – Cálculo de cotas absolutas da S7 – Sepultura 24.

Tabela nº 64 – Cálculo de cotas absolutas da S7 – Sepultura 25.

Tabela nº 65 – Cálculo de cotas absolutas da S7 – Sepultura 26.

Tabela nº 66 – Cálculo de cotas absolutas da S7 – Sepultura 27.

Tabela nº 67 – Cálculo de cotas absolutas da S7 – Sepultura 28.

Tabela nº 68 – Cálculo de cotas absolutas da S7 – Sepultura 29.

Tabela nº 69 – Cálculo de cotas absolutas da S7 – Sepultura 30.

Tabela nº 70 – Cálculo de cotas absolutas da S7 – Sepultura 31.

Tabela nº 71 – Cálculo de cotas absolutas da S7 – Sepulturas 32/33 e 34.

Tabela nº 72 – Cálculo de cotas absolutas da S7 – Sepultura 35.

Anexo VI - Mapas

Mapa nº 2 – Freguesia de São Lourenço n.d.. Quadrado preenchido a preto assinala a localização da Igreja de São Lourenço, Lisboa.

Mapa nº3 – Mapa 1650 de João Nunes Tinoco. Em cima: excerto do mapa geral. Seta vermelha: Igreja de São Lourenço. Em baixo: pormenor do mesmo mapa com a localização da Igreja de São Lourenço assinalada com uma circunferência a vermelho.

Mapa nº 4 – Planta/projecto da construção da rua Marquês Ponte de Lima. *Projecto de rua para estabelecer comunicação directa entre a calçada de Santo André e rua das Farinhas, Planta Geral.* A vermelho: localização da Igreja de São Lourenço.

Mapa nº 5 – Mapa de vista satélite da actual localização da Igreja de São Lourenço (a vermelho), Lisboa. À direita, parte do Castelo de São Jorge. À esquerda, zona superior, Praça do Martim Moniz.

Anexo VII – Imagens

Imagem nº 1 – Planta geral da Igreja com colocação de sepulturas (sondagens 1 a 8). Igreja de São Lourenço, Lisboa.

Imagem nº 2 – Planta geral da Igreja.

Imagem nº 3 – Esboço da planta primitiva da Igreja de São Lourenço. “Escala de 0.01/m”.

Imagem nº 4 – Planta da Igreja de São Lourenço com indicação das sondagens abertas em 1992/1993.

Imagem nº 5 – Planta da Igreja de São Lourenço com indicação das sondagens abertas em 1992/1993 e 1999 (a vermelho).

Imagem nº 6 – Ilustração da Igreja de São Lourenço e parcial do Palácio da Rosa.

Imagem nº 7 – Registo estratigráfico da sondagem 1.

Anexo VIII – Fotografias da Igreja e Esquemas das Intervenções

Fotografia nº 96 – Registo fotográfico da escavação da Inumação 12. Interior da Igreja de São Lourenço, Lisboa.

Fotografia nº 97 – Registo fotográfico da escavação da Inumação 20. Interior da Igreja de São Lourenço, Lisboa.

Fotografia nº 98 – Registo fotográfico da escavação da Inumação 22. Interior da Igreja de São Lourenço, Lisboa.

Fotografia nº 99 – Registo fotográfico da escavação da Inumação 23. Interior da Igreja de São Lourenço, Lisboa.

Fotografia nº 100 – Registo fotográfico da escavação das Inumações 32-33-34. Interior da Igreja de São Lourenço, Lisboa.

Fotografia nº 101 – Fachada frontal da Igreja de São Lourenço, Lisboa.

Fotografia nº 102 – Fachada frontal da Igreja de São Lourenço, Lisboa.

Fotografia nº 103 – Estado de abandono do interior da Igreja em 2005. Igreja de São Lourenço, Lisboa.

Fotografia nº 104 – Estado de abandono do interior da Igreja em 2005. Igreja de São Lourenço, Lisboa

Fotografia nº 105 – Pormenor dos azulejos tipo “padrão” no interior da Igreja de São Lourenço, Lisboa.

Fotografia nº 106 – Pormenor de placa na fachada da Igreja de São Lourenço.

Esquema nº7 – Planta da sondagem nº1. Representadas as sepulturas 1, 2, 3 e 12. Igreja de São Lourenço, Lisboa.

Esquema nº8 – Perfil Este da sondagem 1. Igreja de São Lourenço, Lisboa.

Esquema nº9 – Esquema da sondagem nº2, plano 4. Representadas as sepulturas 9, 10, 11, 13, 14, 15 e 16. Igreja de São Lourenço, Lisboa.

Esquema nº10 – Esquema das sondagens nº5 e nº6, corte A-A’ inumações 23, 42 e 43. Igreja de São Lourenço, Lisboa.

Esquema nº11 – Vista do corte A-A’ das sondagens 5 e 6. Igreja de São Lourenço, Lisboa.

Esquema nº12 – Planta geral da sondagem 7 com necrópole medieval. Representadas as sepulturas 24, 25, 26, 28, 29 e 31. Igreja de São Lourenço, Lisboa.

Esquema nº13 – Esquema da sondagem nº8, inumação 35 (em cima). Plano geral da sondagem 7 com necrópole medieval. Igreja de São Lourenço, Lisboa.

Anexo VIII – Desenhos de Sepulturas e da Escavação

Desenho nº 1 – Sondagem 1 com sepulturas 1, 2, 3 e 12. Igreja de São Lourenço, Lisboa.

Desenho nº 2 – Sondagem 1 com sepultura 18. Igreja de São Lourenço, Lisboa.

Desenho nº 3 – Sondagem 1 com tampa do caixão da sepultura 36 (talhão nº 36). Igreja de São Lourenço, Lisboa.

Desenho nº 4 – Sondagem 1 com sepultura 36 (talhão nº 36). Igreja de São Lourenço, Lisboa.

Desenho nº 5 – Sondagem 1 com sepultura 37 (talhão nº 36). Igreja de São Lourenço, Lisboa.

Desenho nº 6 – Sondagem 1 com representação hipotética do caixão da sepultura 38 (talhão nº 43). Igreja de São Lourenço, Lisboa.

Desenho nº 7 – Sondagem 1 com tampa do caixão da sepultura 38 (talhão nº 43). Igreja de São Lourenço, Lisboa.

Desenho nº 8 – Sondagem 1 com sepultura 38 (talhão nº 43). Igreja de São Lourenço, Lisboa.

Desenho nº 9 – Sondagem 1 com sepultura 17. Igreja de São Lourenço, Lisboa.

Desenho nº 10 – Sondagem 2 com ossário. Igreja de São Lourenço, Lisboa.

Desenho nº 11 – Sondagem 2 com inumações 7 e 8. Igreja de São Lourenço, Lisboa.

Desenho nº 12 – Sondagem 2 com sepulturas 14, 15 e 16. Igreja de São Lourenço, Lisboa.

Desenho nº 13 – Sondagem 2 com inumação 19. Igreja de São Lourenço, Lisboa.

Desenho nº 14 – Sondagem 2 com inumação 20. Igreja de São Lourenço, Lisboa.

Desenho nº 15 – Sondagem 2 com sepultura 39 (talhão nº 49). Igreja de São Lourenço, Lisboa.

Desenho nº 16 – Sondagem 2 com sepultura 40 (talhão nº 42). Igreja de São Lourenço, Lisboa.

Desenho nº 17 – Sondagem 2 com a tampa do caixão da sepultura 40 (talhão nº 42). Igreja de São Lourenço, Lisboa.

Desenho nº 18 – Sondagem 2 com sepultura 41 (talhão nº 35). Igreja de São Lourenço, Lisboa.

Desenho nº 19 – Sondagem 2 com sepultura 41 (talhão nº 35). Igreja de São Lourenço, Lisboa.

Desenho nº 20 – Sondagem 3 com inumação 21 e silo nº 5. Igreja de São Lourenço, Lisboa.

Desenho nº 21 – Sondagem 8 com sepultura 35. Igreja de São Lourenço, Lisboa.

Desenho nº 22 – Sondagem 8 com sepultura 35. Igreja de São Lourenço, Lisboa.

Desenho nº 23 – Perfil Norte da sondagem 4. Igreja de São Lourenço, Lisboa.

Desenho nº 24 – Perfil Este das sondagens 5 e 6. Igreja de São Lourenço, Lisboa.

Desenho nº 25 – Plano 5 da camada 6 da sondagem 7. Igreja de São Lourenço, Lisboa.

Desenho nº 26 – Plano 6 da camada 8 da sondagem 7. Igreja de São Lourenço, Lisboa.

Desenho nº 27 – Plano 7 das camadas 10 e 11 da sondagem 7. Igreja de São Lourenço, Lisboa.

Desenho nº 28 – Sondagem 7 com sepultura 31. Igreja de São Lourenço, Lisboa.

Desenho nº 29 – Sondagem 7 com corte B-B' do silo 12 e sepultura 26. Igreja de São Lourenço, Lisboa.

Desenho nº 30 – Perfil Este da sondagem 7 com sepultura 26. Igreja de São Lourenço, Lisboa.

ANEXOS

Anexo I – Gráficos

DIAGNOSE SEXUAL METODOLOGIAS

■ Métricas ■ Morfológicas ■ Nenhum

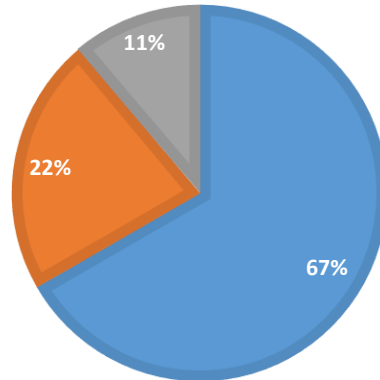


Gráfico nº 1 – Metodologias de diagnose sexual utilizadas.

■ Sepultura 24 ■ Enterramento 26 ■ Sepultura 30 ■ Sepultura 31
■ Sepultura 33 ■ Sepultura 34 ■ Sepultura 35

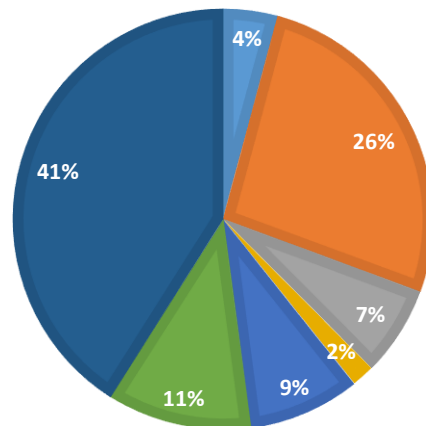


Gráfico nº 2 – Percentagem de fragmentos ósseos presentes por sepultura, após etapa inicial de colagem.

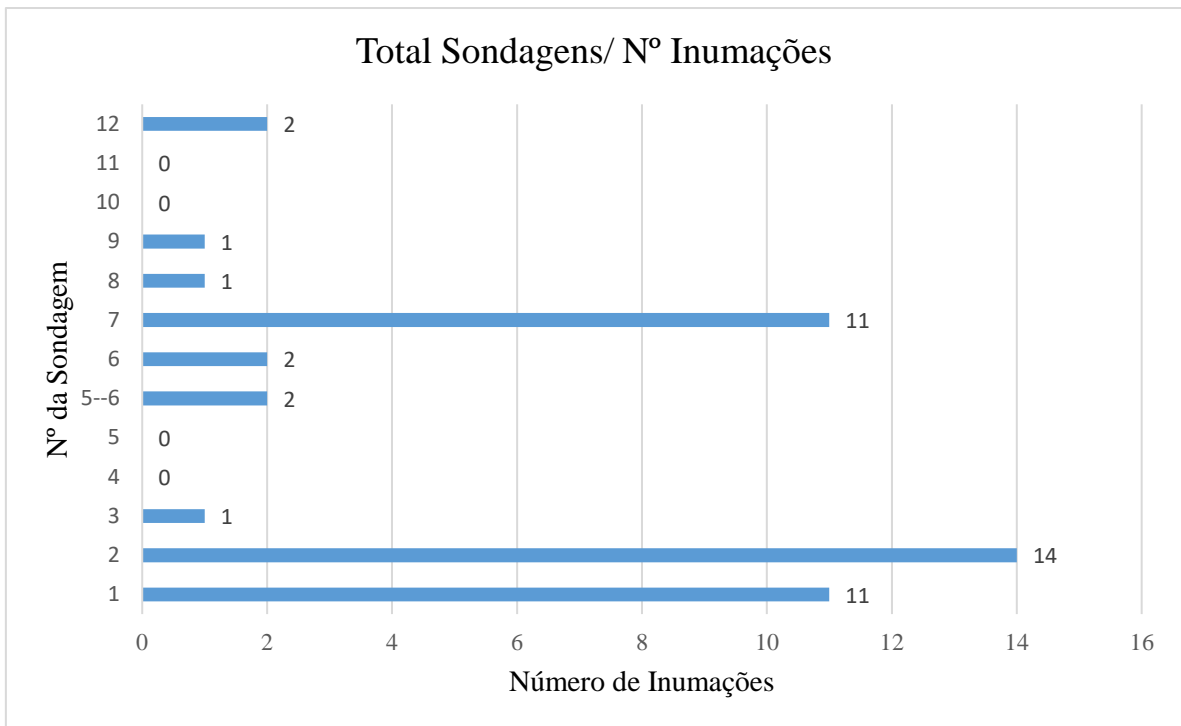


Gráfico nº 3 – Número de inumações identificadas pelas sondagens abertas durante as várias campanhas arqueológicas.

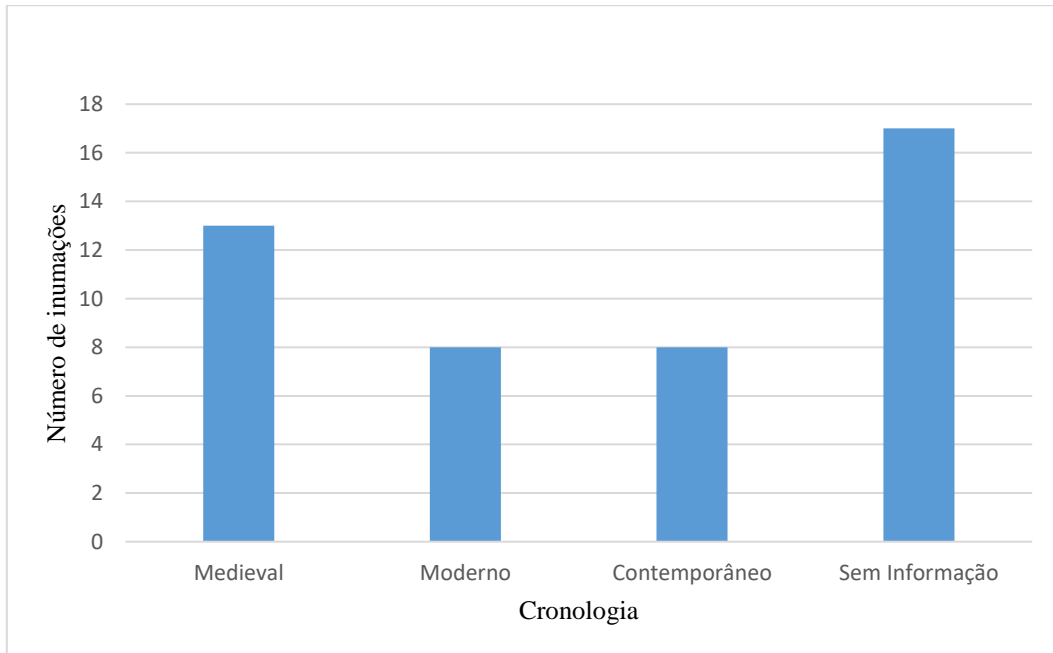


Gráfico nº 4 – Número de inumações por cronologia histórico-arqueológica.

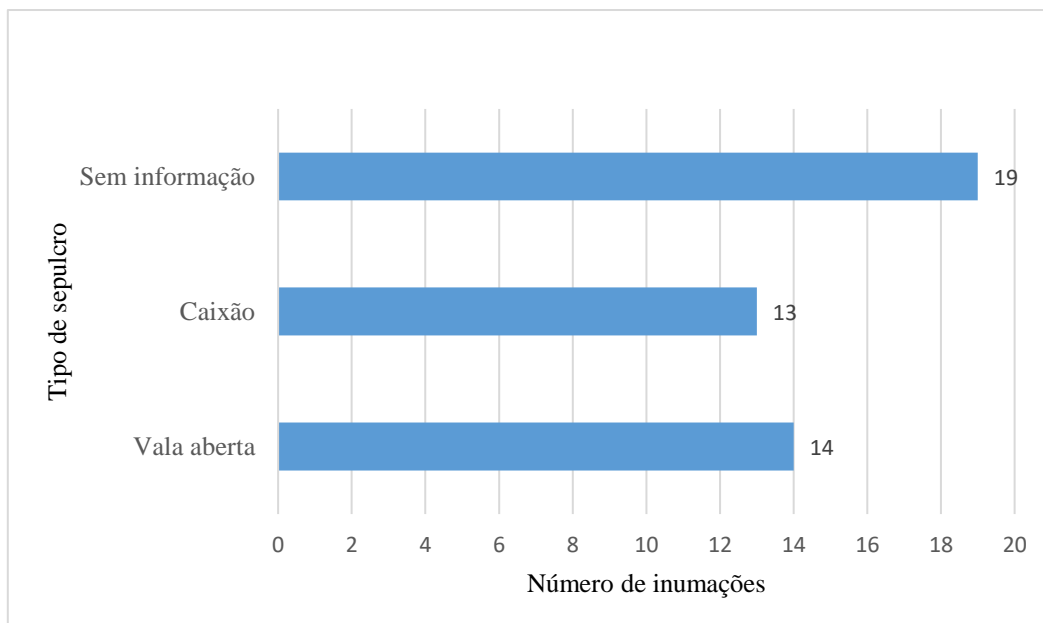


Gráfico nº 5 – Número de inumações por tipo de sepulcro.

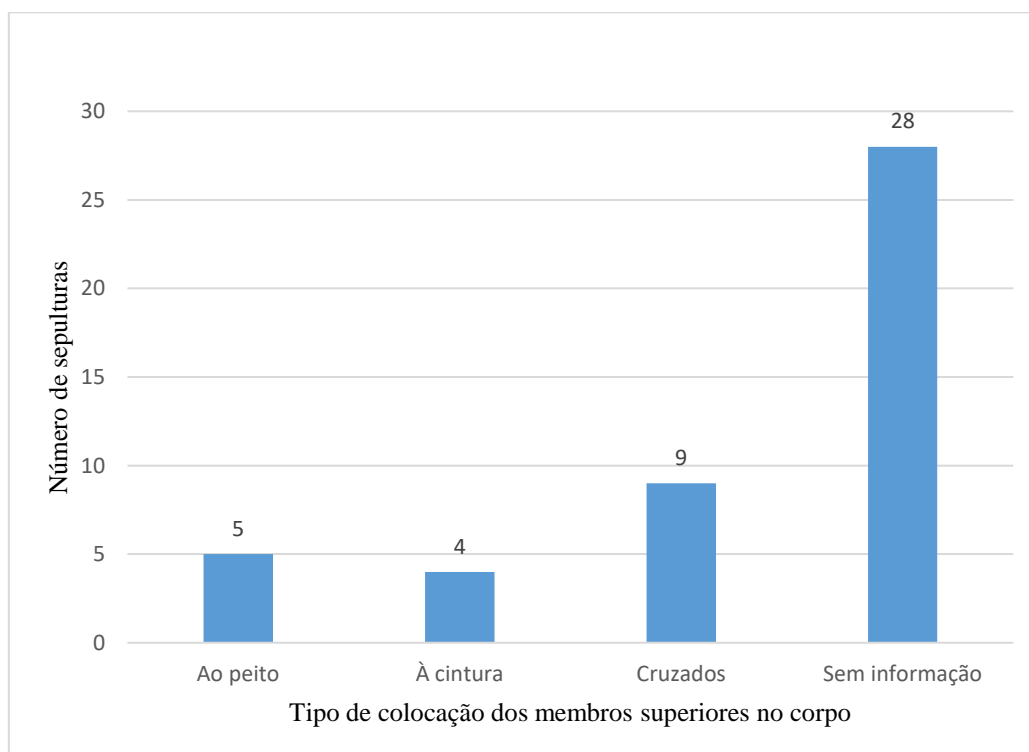


Gráfico nº 6 – Número de inumações por tipo de colocação dos membros superiores.

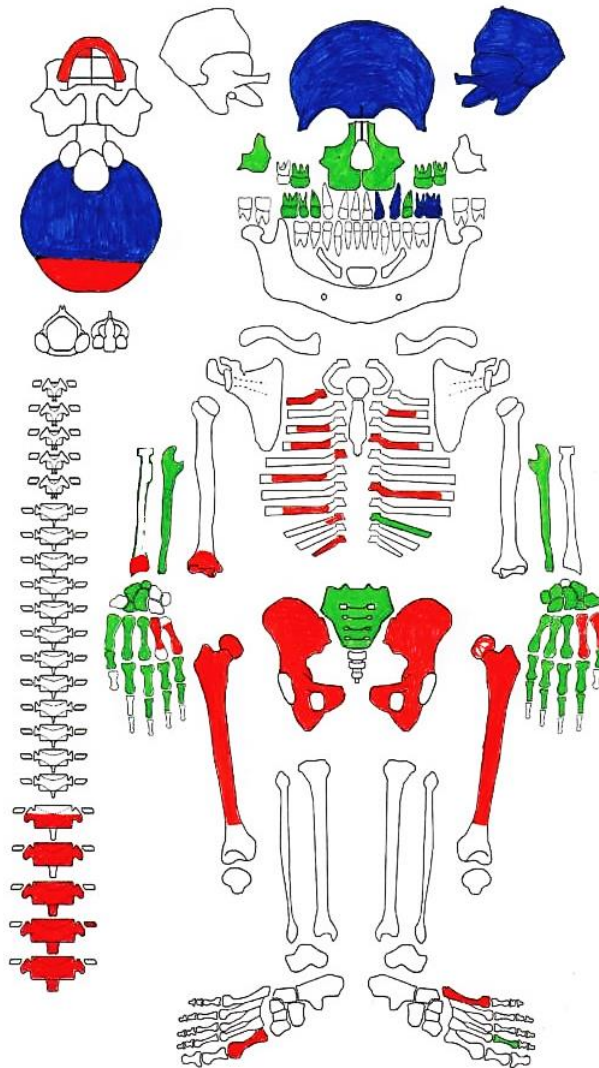
Anexo II – Fichas de Esqueleto

Legenda:

A verde – Peça óssea completa ou previamente unida.

A azul – Peça óssea fragmentada mas unida após atribuição de números de inventário, contando com descrições dos vários fragmentos que a compõe.

A vermelho – Peça fragmentada e/ou incompleta.



Conservação: Intermédia.

Fragmentação: Baixa.

Diagnose Sexual: Indeterminado.

Estimativa da Idade à Morte: 19,5 anos.

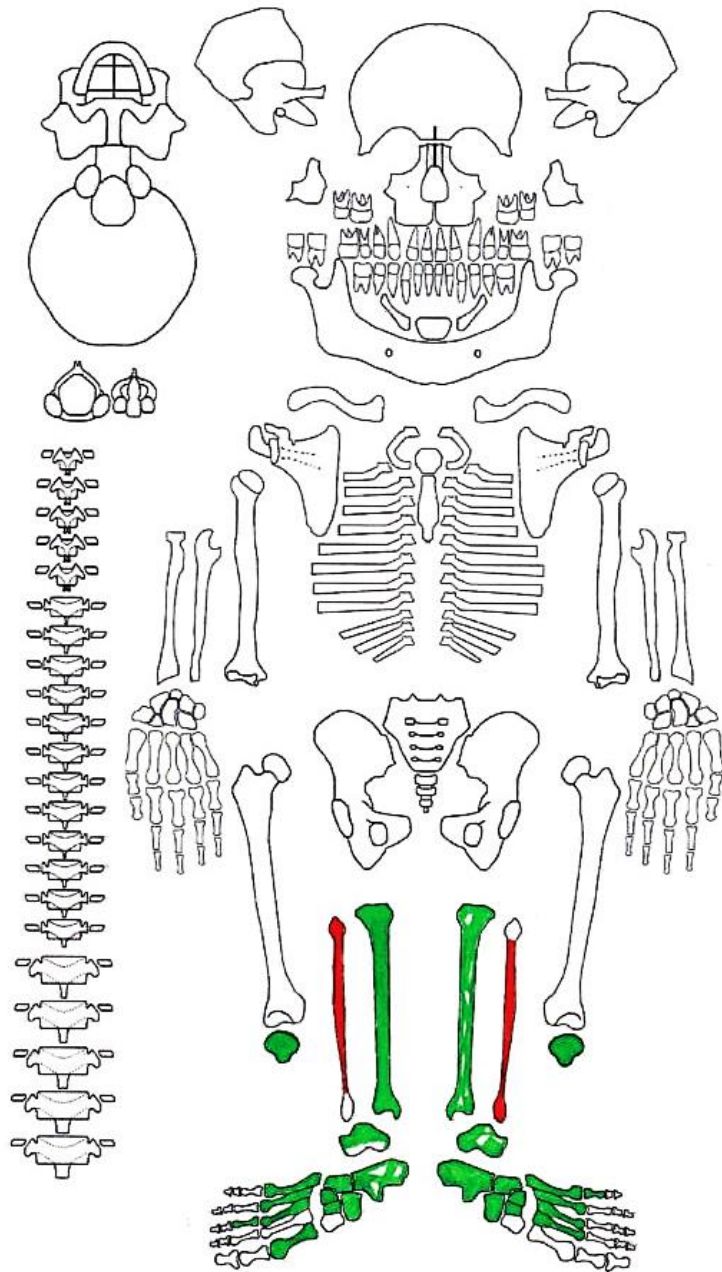
Estatura: 157,59 +/- 4,68 cm (masc.) ou 153,418 +/- 4,27 cm (fem.).

Paleopatologias: Desgaste articular e dentário ligeiro.

Observações: -

Esquema nº 1 – Ficha de esqueleto da sepultura 26
(S7/Ent.26).

Fonte: Roksandic, 2003.



Conservação: Boa.

Fragmentação: Baixa.

Diagnose Sexual: Masculino.

Estimativa da Idade à Morte: Não aplicável.

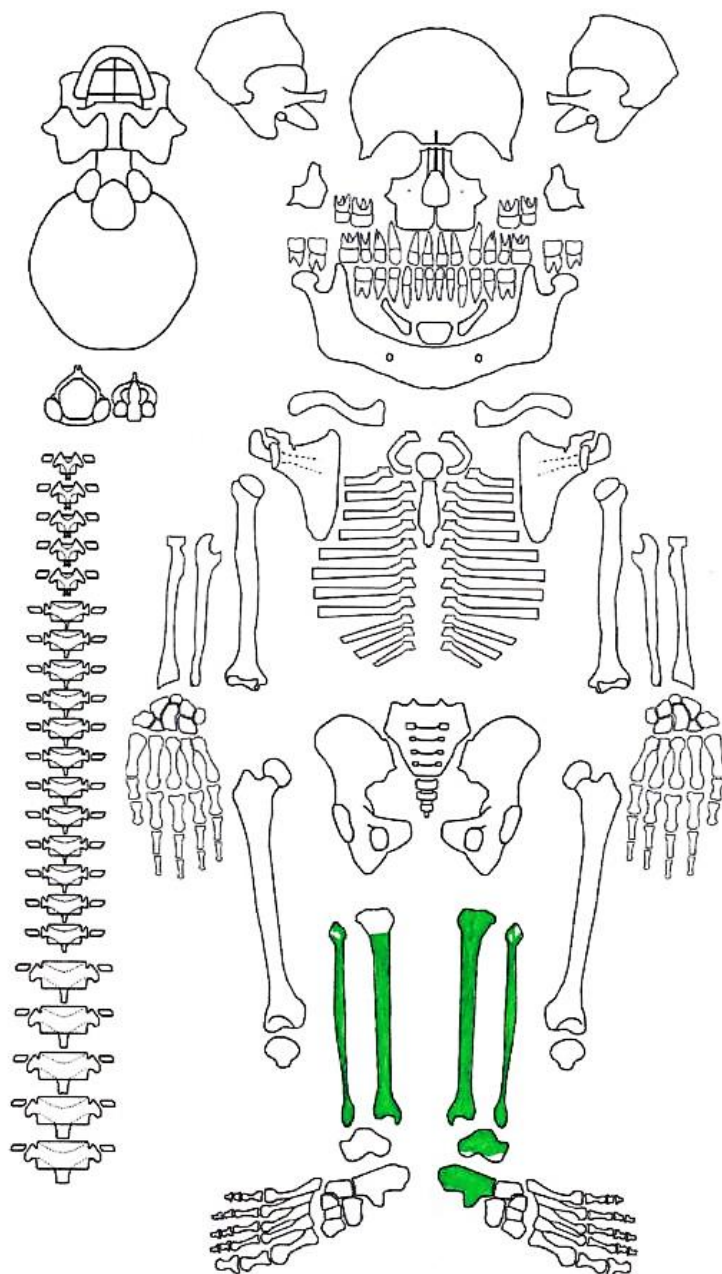
Estatuta: 167,95 +/- 4.7 cm.

Paleopatologias: -

Observações: -

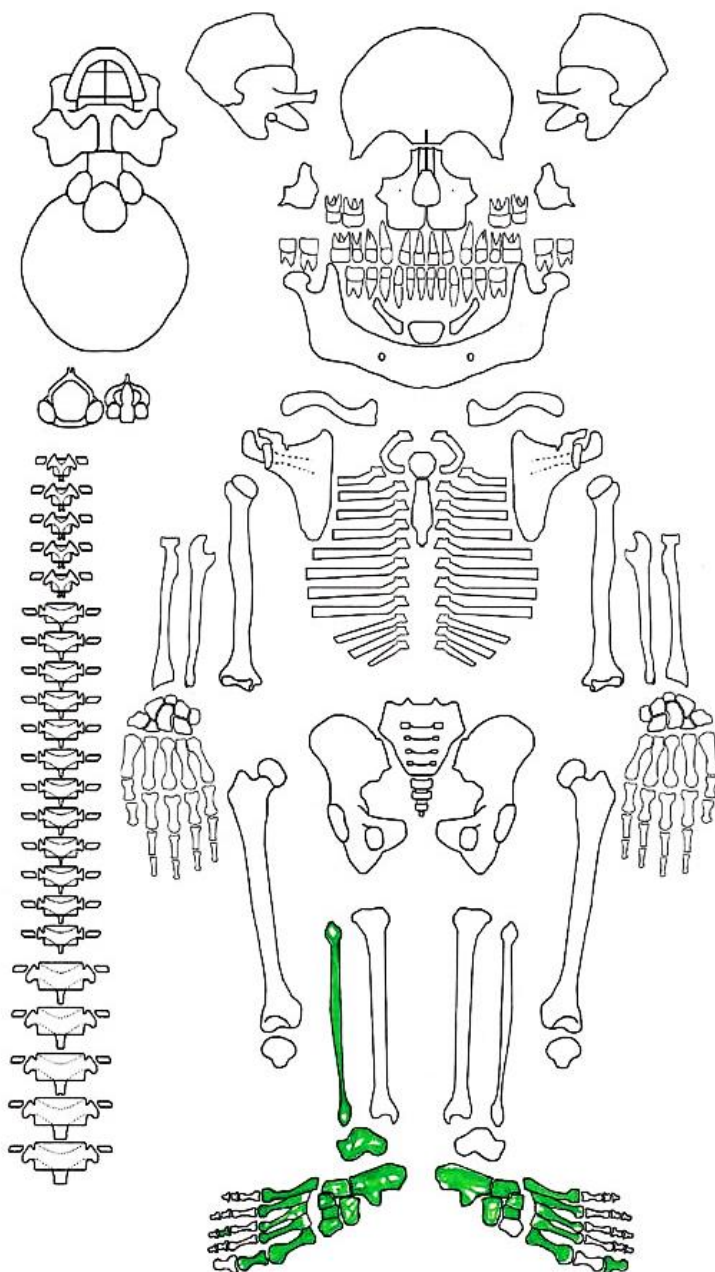
Esquema nº 2 – Ficha de esqueleto da sepultura 30
(S7/Sp.30).

Fonte: Roksandic, 2003.



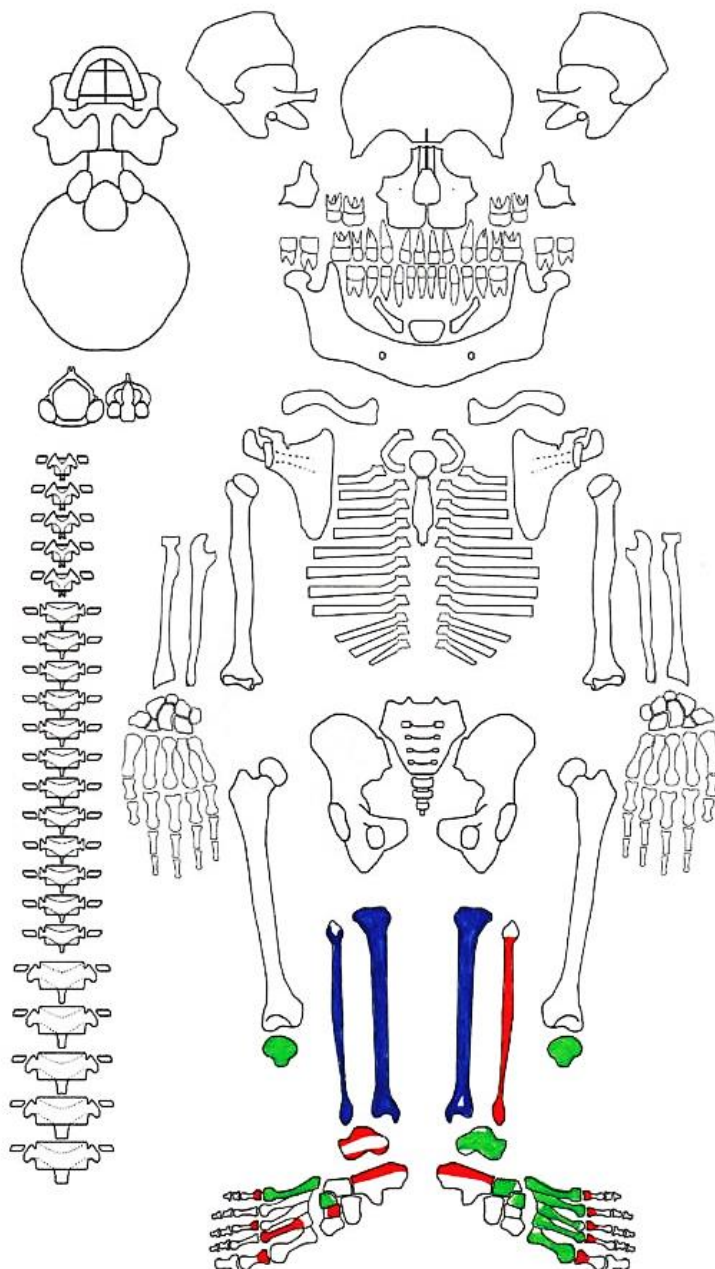
Conservação: Boa.
Fragmentação: Baixa.
Diagnose Sexual: Feminino.
Estimativa da Idade à Morte: Não aplicável.
Estatura: 155, 714 +/- 3, 57 cm.
Paleopatologias: -
Observações: -

Esquema nº 3 – Ficha de esqueleto da sepultura 31
(S7/Sp.31).
Fonte: Roksandic, 2003.



Conservação: Boa.
Fragmentação: Baixa.
Diagnose Sexual: Feminino.
Estimativa da Idade à Morte: Não aplicável.
Estatura: 153, 007 +/- 3,57 cm.
Paleopatologias: Ligeira porosidade e labiação.
Observações: Zonas de articulação dos pés ligadas entre si em várias peças ósseas (caracteres discretos).

Esquema nº 4 – Ficha de esqueleto da sepultura 33
(S7/Sp.33).
Fonte: Roksandic, 2003.



Conservação: Intermédia.

Fragmentação: Baixa.

Diagnose Sexual: Feminino.

Estimativa da Idade à Morte: Não aplicável.

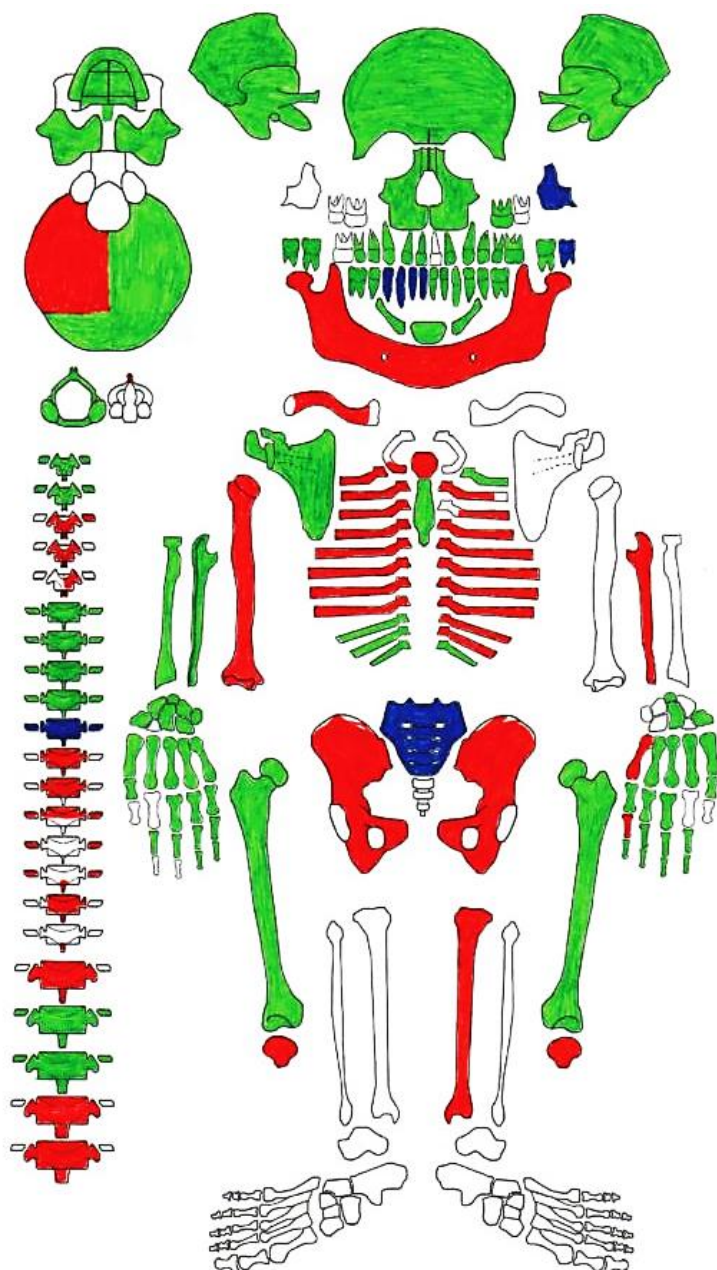
Estatura: Não aplicável.

Paleopatologias: Entesopatias de grau mínimo nas patelas
(*S.Lc./92/S.7/Sp.34/0001* e ...0002).

Observações: -

Esquema nº 5 – Ficha de esqueleto da Sepultura 34
(*S7/Sp.34*).

Fonte: Roksandic, 2003.



Conservação: Intermédia.

Fragmentação: Intermédia.

Diagnose Sexual: Masculino.

Estimativa da Idade à Morte: 38, 72 anos.

Estatura: 168,225 +/- 4,57 cm.

Paleopatologias: Desgaste articular.

Observações: Vários prolongamentos e inclinações atípicas nas peças ósseas (caracteres discretos).

Esquema nº 6 – Ficha de esqueleto da sepultura 35
(S8/Sp.35).

Fonte: Roksandic, 2003.

Anexo III – Fotografias Espólio Metálico e Ósseo

Espólio Metálico



Fotografias nº1 e 2 – Fragmento metálico (bainha?) da *S.Lc./92/S1/C.1/Pl.0/Sp. 36*. Verónica M.P., 2017.



Fotografia nº3 – Fragmento metálico (bainha?) da *S.Lc./92/S1/C.1/Pl.0/Sp.43* (talhão nº43 = Sepultura 38). Verónica M.P., 2017.



Fotografias nº4 e 5 – Fragmento metálico da *S.Lc./92/S2/C.1/Pl.0/Sp.42* (talhão nº42 = Sepultura 40). Verónica M.P., 2017.



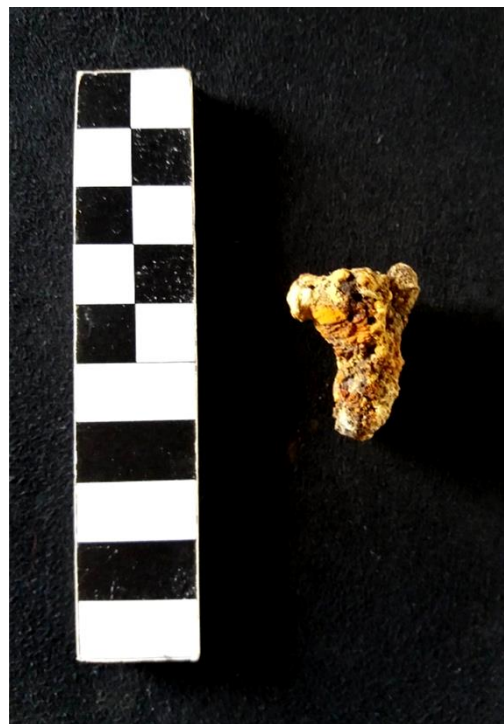
Fotografia nº6 – Fragmento metálico da *S.Lc./92/S2/C.1/Pl.0/Sp.42* (talhão nº42 = Sepultura 40). Da esquerda para a direita: prego e alfinete com vestígio têxtil. Verónica M.P., 2017.



Fotografia nº7 – Fragmento metálico (medalha?) da *S.Lc./92/S2/C.1/Pl.0/Sp.42* (talhão nº42 = Sepultura 40). Verónica M.P., 2017.



Fotografia nº8 – Fragmentos metálicos da *S.Lc./92/S2/C.1/Pl.1/Sp.42* (talhão nº42 = Sepultura 40). De cima para baixo: 3 fragmentos indeterminados e prego. Verónica M.P., 2017.



Fotografia nº9 – Fragmento metálico (prego?) da *S.Lc./93/S7/Sp.32-33-34*. Verónica M.P., 2017.



Fotografia nº10 e 11 – Artefacto metálico (botão) da *S.Lc./92/S2/Sp.35* (talhão nº35 = Sepultura 41) Inscrição: *Standard Colour*. Verónica M.P., 2017.

Espólio Osteológico



Fotografias nº12, 13 e 14 – Várias perspectivas do fragmento osteológico (escápula – processo coracóide)
S.Lc./93/S7/Ent.26/0095. Verónica M.P., 2017.



Fotografia nº 15 – Fragmento osteológico (púbis) *S.Lc./93/S7/Sp.24/0005*.
Verónica M.P., 2017.



Fotografia nº 16 – Fragmentos osteológicos (três vértebras) De cima para baixo: *S.Lc./93/S7/Sp.24/0001*, ...*0002*,*0003*.
Verónica M.P., 2017.



Fotografia nº 17 – Fragmento osteológico (ísqion) *S.Lc./93/S7/Sp.24/0004*.
Verónica M.P., 2017.



Fotografias nº 18 e 19 – Fragmento osteológico (úmero ou fémur) *S.Lc./93/S7/Sp.24/0006*.
Verónica M.P., 2017.



Fotografia nº 20 – Fragmentos osteológicos (duas costelas). De cima para baixo: *S.Lc./93/S7/Sp.24/0007*, ...0010.
Verónica M.P., 2017.



Fotografia nº 21 – Artefactos osteológicos (dois calcâneos). Da esquerda para a direita: *S.Lc./93/S7/Sp.33/0002*, ...*0003*. Pormenor zona de articulações ligada – caracter discreto. Verónica M.P., 2017.



Fotografia nº 22 – Parte da colecção osteológica. Etapa de marcação. CAL. Verónica M.P., 2017.



Fotografia nº 23 – Pormenor de fragmentos osteológicos (maxila e mandíbula) *S.Lc./93/S8/Sp.35/0001*. Etapa de colagem. CAL. Verónica M.P., 2017.



Fotografia nº 24 – Pormenor de fragmentos osteológicos (osso frontal do crânio) *S.Lc./93/S8/Sp.35/0001*. Etapa de colagem. Sutura craniana a meio do osso frontal – caracter discreto. CAL. Verónica M.P., 2017.



Fotografia nº 25 – Pormenor de fragmento dentário (RM3 esquerdo da mandíbula) *S.Lc./93/S8/Sp.35*. CAL. Verónica M.P., 2017.



Fotografias nº 26 e 27 – Pormenor de fragmento osteológico (esterno) *S.Lc./93/S8/Sp.35/0043*. Diversos caracteres discretos e marcador de *stress*. CAL. Verónica M.P., 2017.

Anexo IV – Inventário do Espólio Cerâmico

1. *S.Lc./93/Sd.7/Sp.32/33/34/0001*

Descrição: Fragmento de bojo cerâmico com pintura com linhas verticais a branco e caneluras horizontais. Pasta da mesma cor das superfícies: 2.5YR 7/8.

Medidas: Esp.: 4,5 mm. Largura máx.: 7,3 cm. Altura máx.: 5,8 cm.

Datação: Medieval, séculos XII-XIII.



Fotografias nº28 e 29 – Fragmento cerâmico *S.Lc./93/Sd.7/Sp.32/33/34/0001*.
Verónica M.P., 2017.

2. *S.Lc./93/Sd.7/Sp.32/33/34/0002*

Descrição: Fragmento de bojo ou fundo cerâmico vidrado nas duas superfícies a amarelo torrado (2.5Y 7/6) com algumas manchas verdes. Pasta: beje 7.5YR 8/3.

Medidas: Esp.: 4,6 mm. Dimensões máxs.: 6,5 cm x 3,85 cm.

Datação: Séculos XII-XIII.



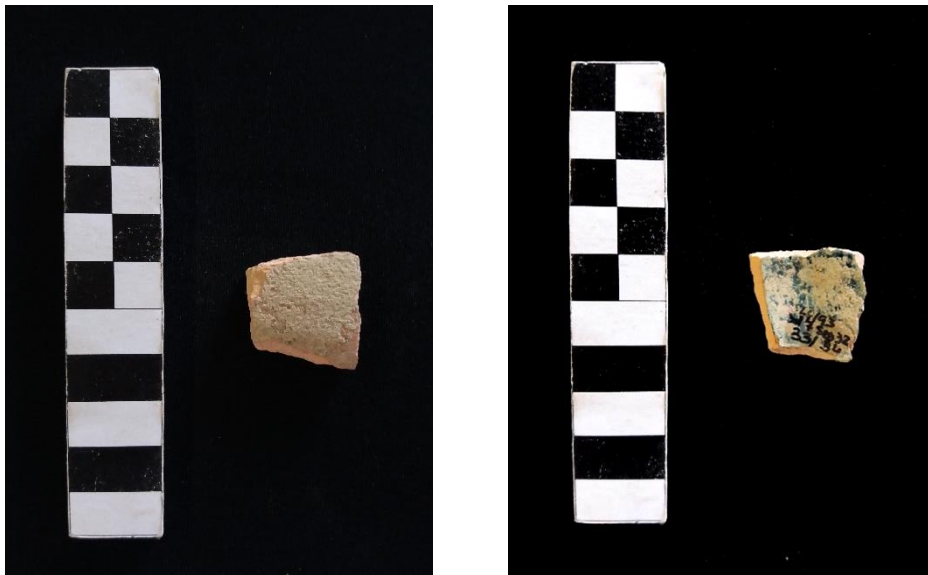
Fotografias nº30 e 31 – Fragmento cerâmico *S.Lc./93/Sd.7/Sp.32/33/34/0002*.
Verónica M.P., 2017.

3. *S.Lc./93/Sd.7/Sp.32/33/34/0003*

Descrição: Fragmento de bojo cerâmico vidrado nas duas superfícies em muito mau estado. Possivelmente vidrado a verde. Pasta bege 7.5YR 8/3.

Medidas: Esp.: 7 mm. Dimensões máxs.: 4,7 cm x 4,8 cm.

Datação: Não aplicável.



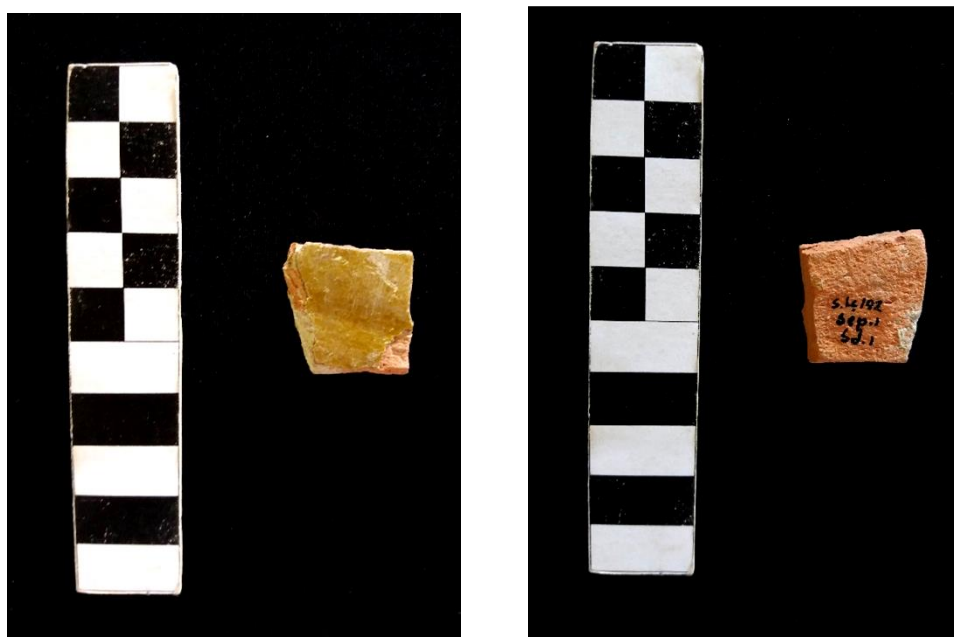
Fotografias nº32 e 33 – Fragmento cerâmico *S.Lc./93/Sd.7/Sp.32/33/34/0003*.
Verónica M.P., 2017.

4. *S.Lc./92/Sd.1/Sp.1/0001*

Descrição: Fragmento de bojo cerâmico vidrado a esverdeado numas das suas superfícies. Pasta avermelhada, de cozedura oxidante 2.5YR 7/8.

Medidas: Esp.: 9,5 mm. Dimensões máxs.: 4,8 cm x 4,6 cm.

Datação: Não aplicável.



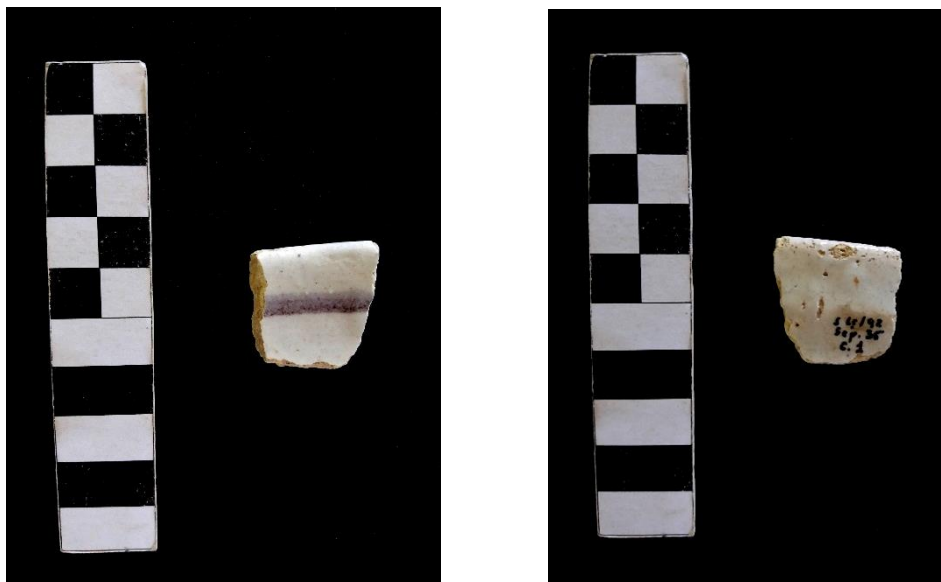
Fotografias nº34 e 35 – Fragmento cerâmico *S.Lc./92/Sd.1/Sp.1/0001*.
Verónica M.P., 2017.

5. *S.Lc./92/Sp.35/C.1/0001*

Descrição: Fragmento de bordo direito redondo cerâmico de faiança, esmaltado a branco com uma linha horizontal concêntrica a óxido de manganês. Possível tigela. Pasta amarelada/beje 10YR 8/4.

Medidas: Esp.: 5,2 mm. Largura máx.: 5 cm. Altura máx.: 4,8 cm.

Datação: Século XVIII.



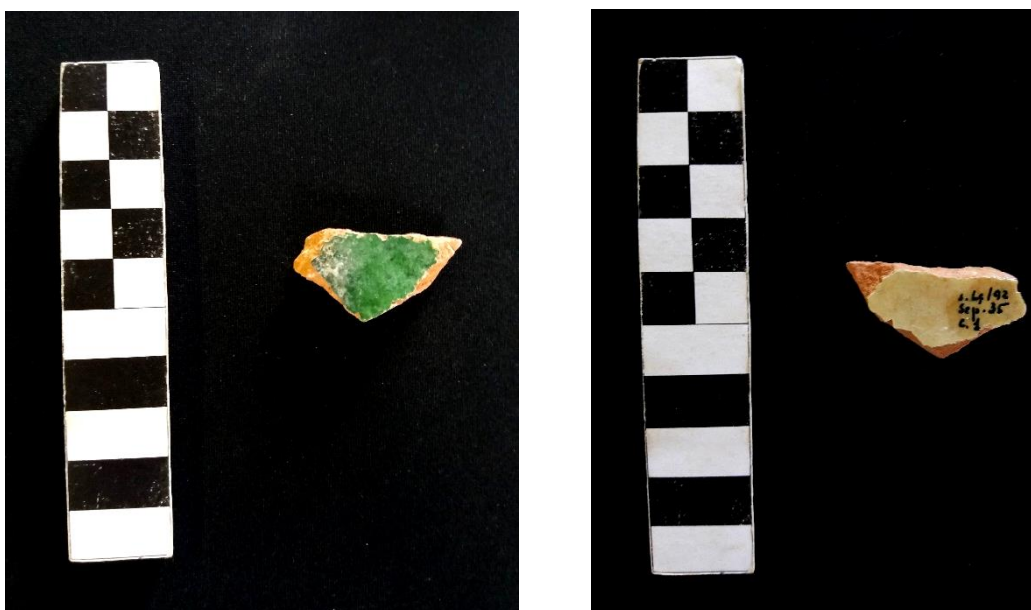
Fotografias nº36 e 37 – Fragmento cerâmico *S.Lc./92/Sp.35/C.1/0001*.
Verónica M.P., 2017.

6. *S.Lc./92/Sp.35/C.1/0002*

Descrição: Fragmento de bojo cerâmico vidrado a esverdeado numa das suas superfícies e a creme-amarelado na outra. Pasta avermelhada 2.5YR 7/8.

Medidas: Esp.: 5,5 mm. Dimensões máxs.: 5,9 cm x 3,1 cm.

Datação: Século XVI.



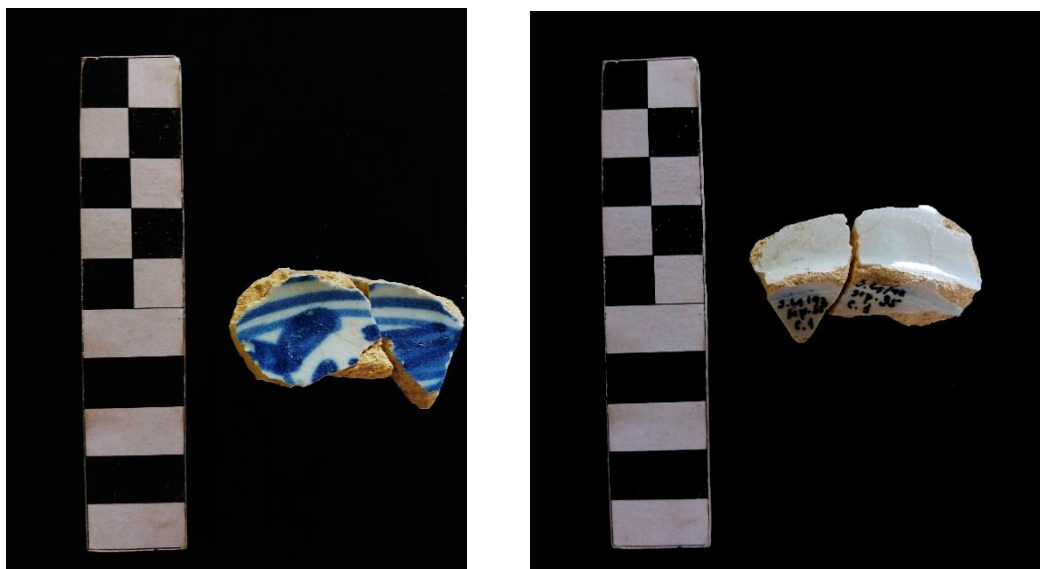
Fotografias nº38 e 39 – Fragmento cerâmico *S.Lc./92/Sp.35/C.1/0002*.
Verónica M.P., 2017.

7. *S.Lc./92/Sp.35/C.1/0003*

Descrição: Fragmento de fundo de faiança portuguesa com decorações com motivos vegetais e duas linhas a marcar a base na superfície exterior. Fundo anelar. Pasta beje/amarelada 10YR 8/4. Fragmentado em 2 peças.

Medidas: Esp: 9,5 mm. Dimensões máxs: 4,8 cm x 4,6 cm.

Datação: Finais do século XVI e inícios do XVII.



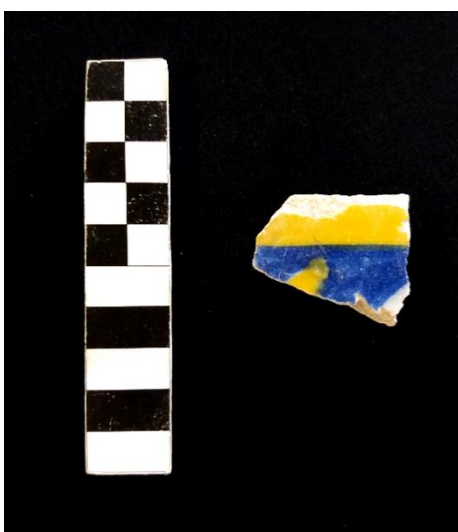
Fotografias nº40 e 41 – Fragmento cerâmico *S.Lc./92/Sp.35/C.1/0003*.
Verónica M.P., 2017.

8. *S.Lc./92/Sp.35/C.1/0004*

Descrição: Fragmento de azulejo com pintura a azul, branco e amarelo. Pasta beje alaranjada 7.5YR 8/5.

Medidas: Espessura: 3,5 cm. Dimensões máxs: 5,9 cm x 5,1 cm.

Datação: Finais século XVII.



Fotografia nº42 – Fragmento cerâmico *S.Lc./92/Sp.35/C.1/0004*.
Verónica M.P., 2017.

9. *S.Lc./93/Sd.1/C.1/Pl.0/Sp.36/0001*

Descrição: Fragmento de bordo exvertido de espessamento exterior com caneluras concêntricas. Cerâmica comum. Forma fechada. Possível pote. Paredes e pasta avermelhada 2.5YR 7/8.

Medidas: Diâmetro do bordo – 15,5 cm (recurso a tabela de diâmetros).
Espessura máx. do bordo: 9,5 mm. Espessura máx. da parede: 4 mm. Dimensões máxs.: 5,9 cm x 5,1 cm.

Datação: Século XVIII.



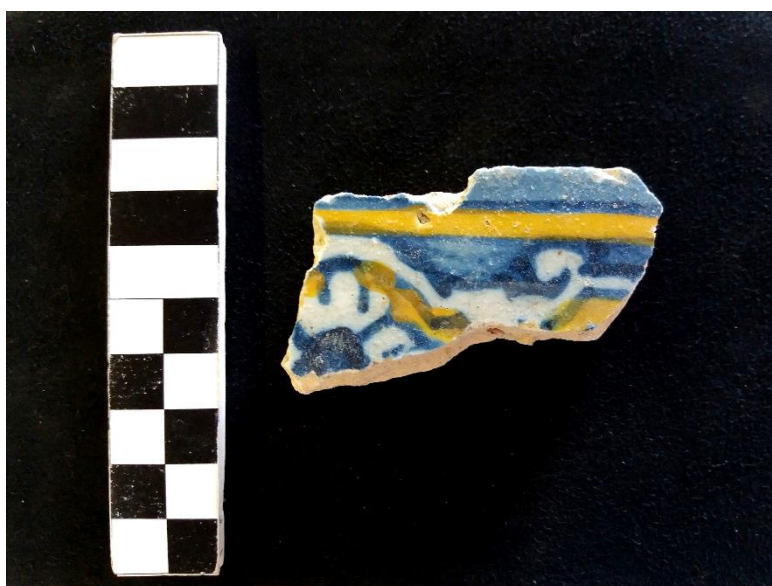
Fotografia nº43 – Fragmento cerâmico *S.Lc./93/Sd.1/C.1/Pl.0/Sp.36/0001*.
Verónica M.P., 2017.

10. *S.Lc./93/Sd.1/C.1/Pl.0/Sp.36/0002*

Descrição: Fragmento de azulejo com decoração pintada a amarelo, branco e dois tons de azul. Decoração com motivos florais. Pasta beje alaranjada 10YR 8/4.

Medidas: Espessura: 3,8 cm. Comp. máx.: 9,2 cm. Largura máx.: 5,2 cm.

Datação: Finais do século XVII.



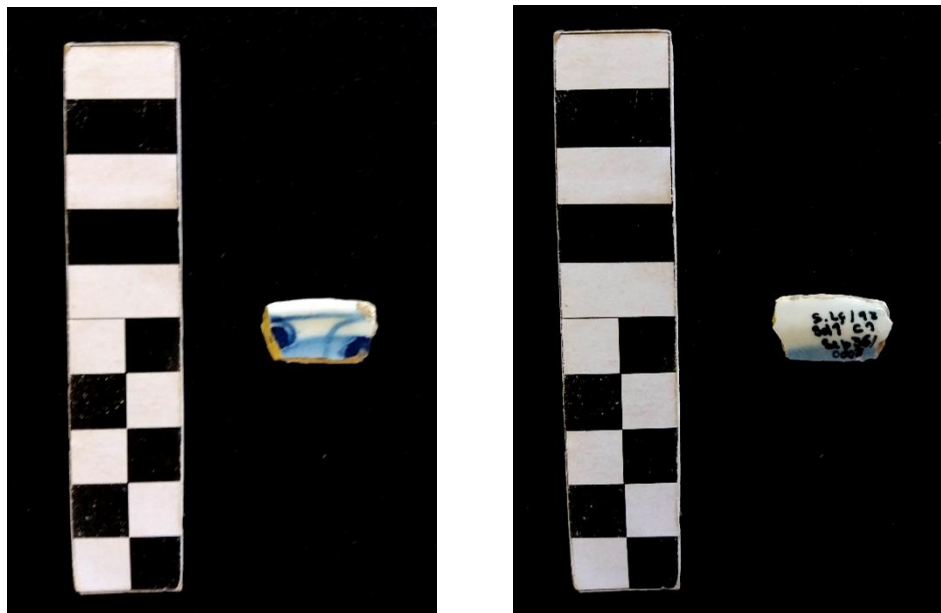
Fotografia nº44 – Fragmento cerâmico *S.Lc./93/Sd.1/C.1/Pl.0/Sp.36/0002*.
Verónica M.P., 2017.

11. *S.Lc./93/Sd.1/C.1/Pl.0/Sp.36/0003*

Descrição: Fragmento de bordo direito de faiança portuguesa com decorações pintadas a dois tons de azul ilegíveis. Pasta amarelada 10YR 8/4. Tigela.

Medidas: Esp. máx.: 4,5 mm. Comp. máx.: 4,4 cm. Largura máx.: 3,4 cm.

Datação: Finais do século XVI.



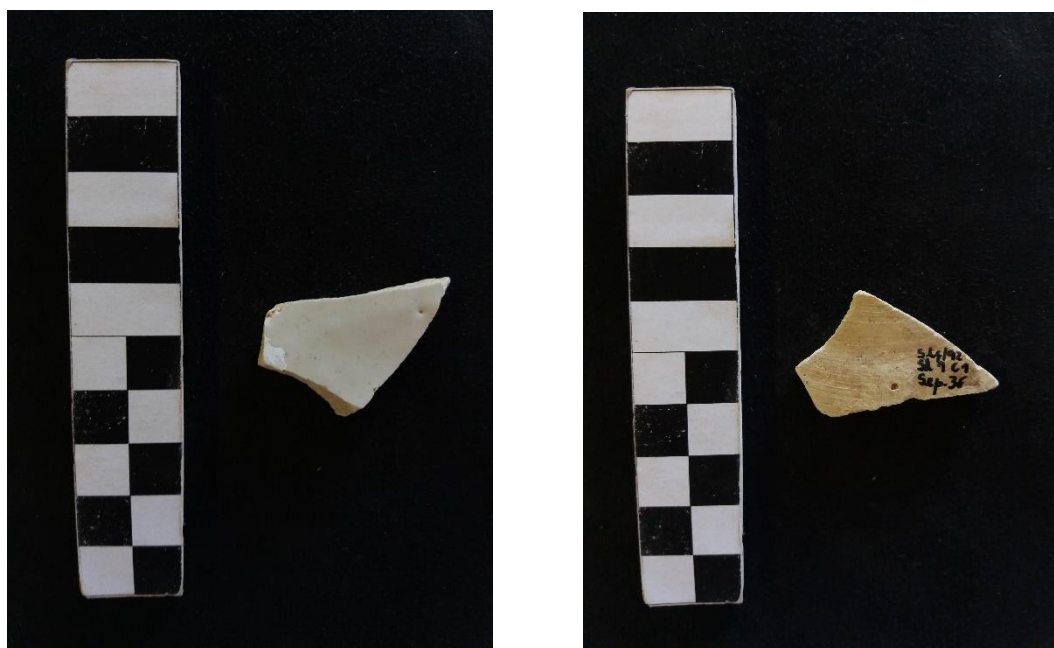
Fotografias nº45 e 46 – Fragmento cerâmico *S.Lc./93/Sd.1/C.1/Pl.0/Sp.36/0003*.
Verónica M.P., 2017.

12. *S.Lc./93/Sd.1/C.1/Pl.0/Sp.36/0004*

Descrição: Fragmento de parede com esmaltado a branco numa das suas faces. Pasta beje 7.5YR 8/3.

Medidas: Esp. máx.: 4,5 mm. Dimensões máxs.:6,3 cm x 5,6 cm.

Datação: Séculos XVII-XVIII.



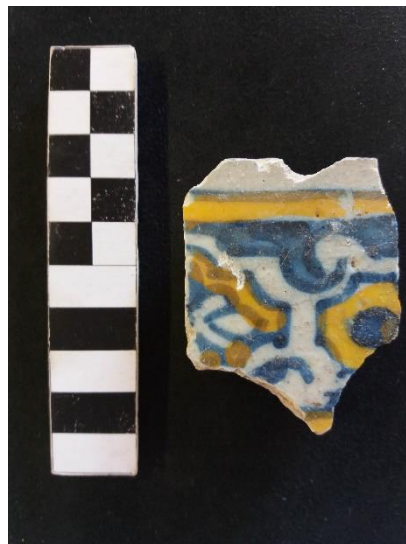
Fotografias nº47 e 48 – Fragmento cerâmico *S.Lc./93/Sd.1/C.1/Pl.0/Sp.36/0004*.
Verónica M.P., 2017.

13. *S.Lc./93/Sd.1/C.2/Pl.2/Sp.36/0001*

Descrição: Fragmento de azulejo com decoração pintada a amarelo, branco e dois tons de azul. Pasta bege alaranjada 10YR 8/4.

Medidas: Esp.: 4,8 cm. 8,6 cm x 6,85 cm.

Datação: Finais do século XVII.



Fotografia nº49 – Fragmento cerâmico
S.Lc./93/Sd.1/C.2/ Pl.2/Sp.36/0001.
Verónica M.P., 2017.

14. *S.Lc./92/sd.1/C.2/ Pl.2/Sp.36/0002*

Descrição: Fragmento de asa cerâmico em fita com vestígios de combustão. Marca de relevo negativo na zona de transição bojo/asa. Pasta vermelha 2.5YR 7/8 por fora e preta por dentro, cozedura redutora-oxidante.

Medidas: Comprimento (arranque ao fim da asa): 5,5 cm. Largura máx da asa: 4,4 cm. Espessura da asa: 10,5 mm. Diâmetro máximo do arranque do bojo: 6,1 cm. Espessura do arranque de bojo: 3,5 mm.

Datação: Não aplicável.



Fotografias nº50 e 51 – Fragmento cerâmico *S.Lc./93/Sd.1/C.1/ Pl.0/Sp.36/0002.*
Verónica M.P., 2017.

15. *S.Lc./92/Sd.1/C.2/Pl.2/Sp.36/0003*

Descrição: Fragmento de bordo exvertido de espessamento exterior de cerâmica comum. Possível panela. Revestimento a cinza. Pasta vermelha 2.5YR 7/8 por fora e preta por dentro, cozedura redutora-oxidante.

Medidas: Diâmetro do bordo - não aplicável.

Esp. máx. do bordo: 4 cm. Esp. máx. da parede: 7,5 mm. Dimensões máxs.: (comp.) 8,1 cm x 8,1 cm (alt.).

Datação: Século XVII.



Fotografias nº52 e 53 – Fragmento cerâmico *S.Lc./93/Sd.1/C.1/Pl.0/Sp.36/0003*.
Verónica M.P., 2017.

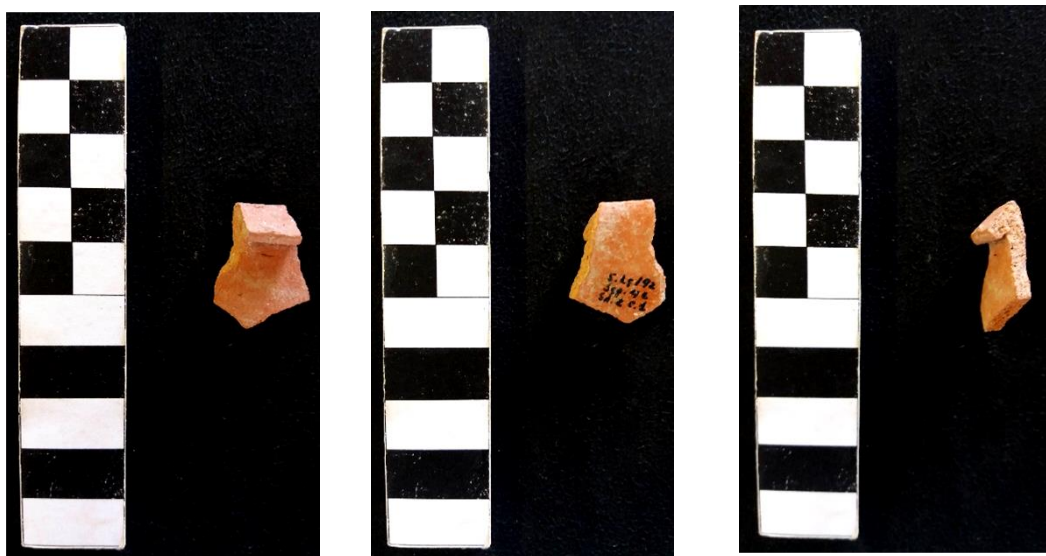
16. *S.Lc./92/Sd.2/C.1/Sp.42/0001*

Descrição: Fragmento de bordo exvertido em aba com arranque de parede de panela em cerâmica comum. Pasta avermelhada 2.5YR 7/6.

Medidas: Diâmetro do bordo - não se aplica.

Espessura máx. do bordo: 8,5 mm. Espessura máx. da parede: 3,5 mm. Dimensões máxs.: (comp.) 3,6 cm x 4,7 cm (alt.).

Datação: Não aplicável.



Fotografias nº54, 55 e 56 – Fragmento cerâmico *S.Lc./92/Sd.2/C.1/Sp.42/0001*.
Verónica M.P., 2017.

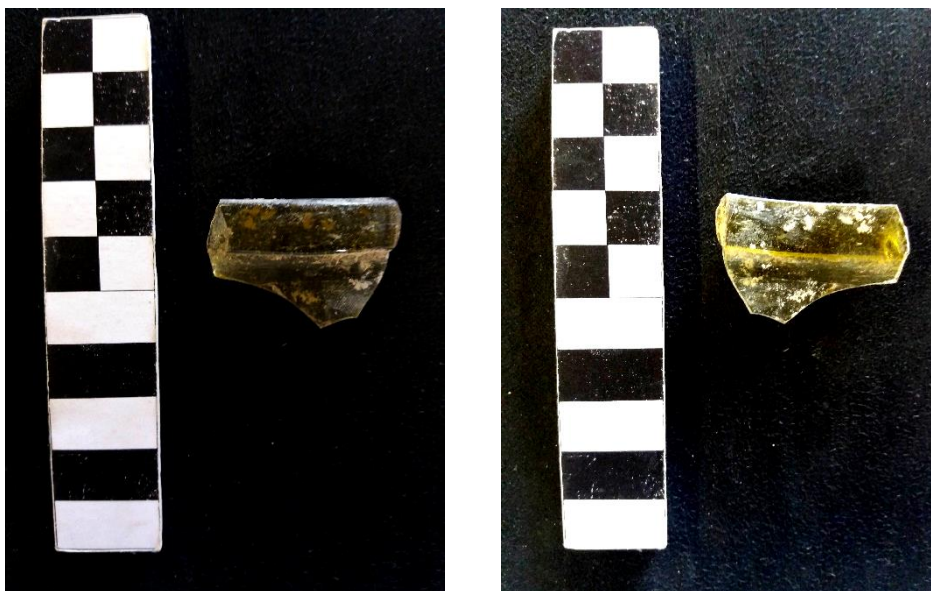
17. *S.Lc./92/Sd.2/Sp.42/0002*

Descrição: Fragmento de bordo direito de espessamento exterior em vidro.

Medidas: Diâmetro do bordo - não aplicável.

Espessura máx. do bordo: 4 mm. Espessura máx. da parede: 1,5 mm. Dimensões máxs: (comp.) 3,6 cm x 2,4 cm (alt).

Datação: não aplicável.



Fotografias nº57 e 58 – Fragmento vítreo *S.Lc./92/Sd.2/Sp.42/0002*.
Verónica M.P., 2017.

18. Peça nº 57 (Amaro, 1993)

Descrição: Fragmento cerâmico de panela com vestígios de combustão e têxtil (corda) em redor do bordo. Sem fundo.

Medidas do bordo: Diâmetro do bordo - 11 cm.

Espessura máx. do bordo: 8 mm. Espessura máx. da parede: 2,5 mm. Dimensões máxs: (comp.) 3,6 cm x 2,4 cm (alt). Diâmetro 7 cm.

Medidas da asa: arranca do bordo. Asa completa. 9,3 cm comprimento. Asa em fita. Dimensões: 0,8 mm de espessura e 2,7 cm de largura.



Fotografias nº59 e 60 – Fragmento cerâmico, panela. Peça nº 57.

Verónica M.P., 2017.

19. S.Lc./92/Sd.1/C.5/Sp.43/0001

Descrição: Fragmento de bordo de faiança portuguesa redondo direito com decorações pintadas a azul não legíveis no interior da peça. Possível tigela. Pasta amarelada 10YR 8/4.

Medidas: Diâmetro de 14 cm do bordo.

Espessura máx. do bordo: 4,5 mm. Espessura máx. da parede: 5,5 mm. Dimensões máxs: (comp.) 4,7 cm x 3,1 cm (alt).

Datação: Séculos XVI-XVII.



Fotografias nº61 e 62 – Fragmento cerâmico S.Lc./92/Sd.1/C.5/Sp.43/0001.

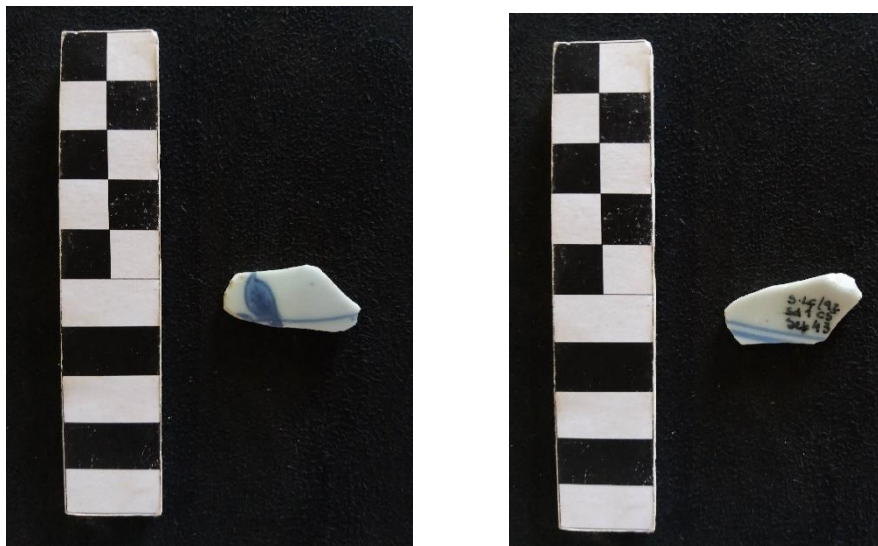
Verónica M.P., 2017.

20. *S.Lc./92/Sd.1/C.5/Sp.43/0002*

Descrição: Fragmento de parede de porcelana com decorações em ambas as fases em azul. Uma das faces mostra duas linhas horizontais e a outra apresenta motivos vegetalistas uma linha concêntrica horizontal. Pasta branca.

Medidas: Espessura máx. da parede: 3 mm. Dimensões máxs: (comp.) 2,95 cm x 1,4 cm (alt).

Datação: Segunda parte do século XVI-XVII.



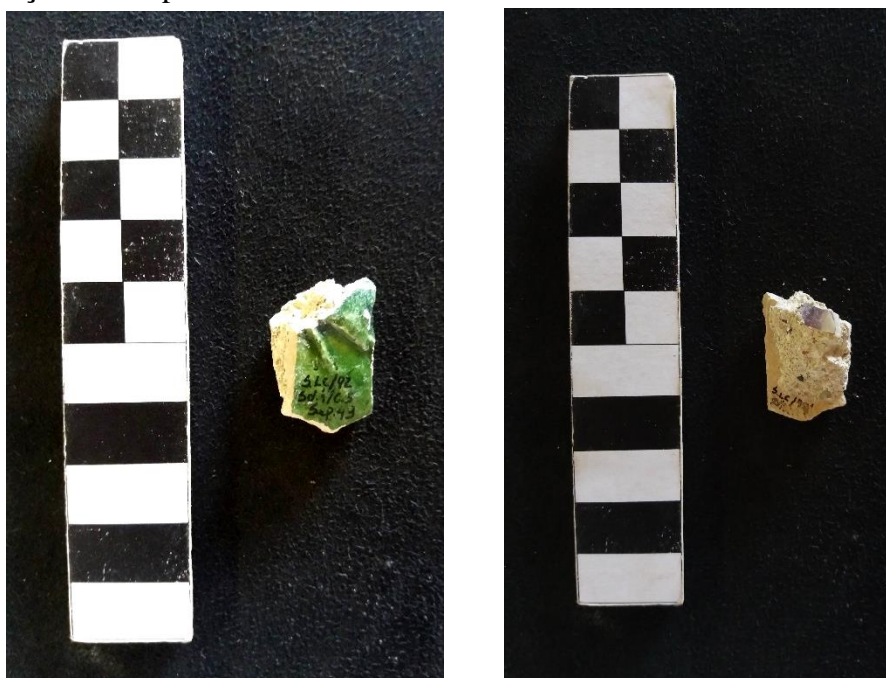
Fotografias nº63 e 64 – Fragmento cerâmico *S.Lc./92/Sd.1/C.5/Sp.43/0002*. Verónica M.P., 2017.

21. *S.Lc./92/Sd.1/C.5/Sp.43/0003*

Descrição: Fragmento de parede de cerâmica vidrada de cor verde com decorações em relevo numa das faces. Pasta beje avermelhada 5YR 8/4.

Medidas: Esp. máx. da parede: 4 mm. Dimensões máxs: 2,7 cm x 1,6 cm.

Datação: Não aplicável.



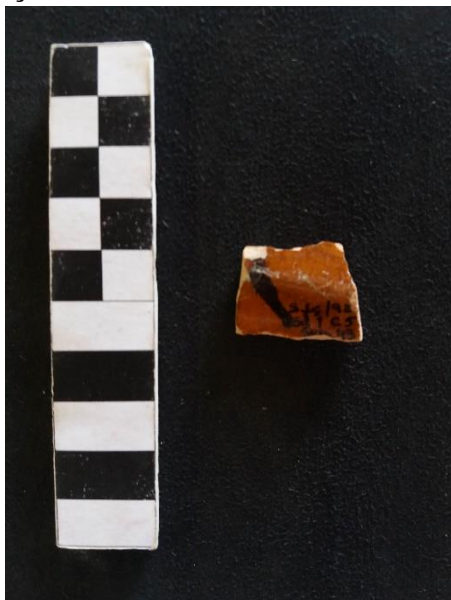
Fotografias nº65 e 66 – Fragmento cerâmico *S.Lc./92/Sd.1/C.5/Sp.43/0003*. Verónica M.P., 2017.

22. *S.Lc./92/Sd.1/C.5/Sp.43/0004*

Descrição: Fragmento de parede de cerâmica vidrada de cor castanha alaranjada em ambas as faces, com decoração pintada a castanho-escuro/preto numa das faces, uma linha oblíqua. Possível arranque de bordo ou de fundo. Pasta avermelhada 2.5YR 7/8.

Medidas: Espessura máx. da parede: 6 mm. Dimensões máxs: 2,95 cm x 2,05 cm.

Datação: Século XVI.



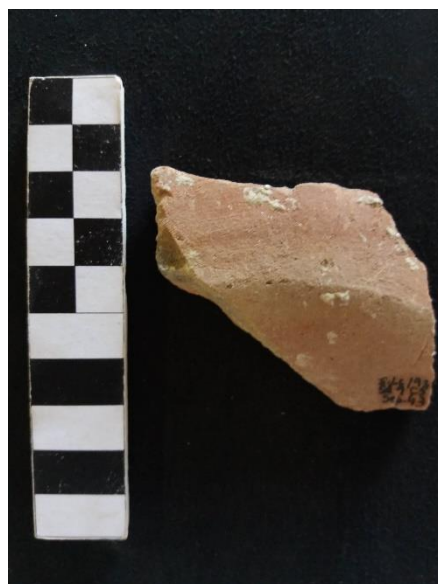
Fotografias nº67 e 68 – Fragmento cerâmico *S.Lc./92/Sd.1/C.5/Sp.43/0004*.
Verónica M.P., 2017.

23. *S.Lc./92/Sd.1/C.5/Sp.43/0005*

Descrição: Fragmento de fundo plano com arranque de parede de cerâmica comum brunida na face interior. Pasta vermelha 2.5YR 7/8 por fora e preta por dentro. Presença de riscos em baixo relevo com objecto pontiagudo em ambas as faces.

Medidas: Espessura máx. da parede: 9 mm. Espessura min.: 8 mm. Dimensões máxs.: (comp.) 5,9 cm x 1,65 cm (alt). Nota: altura do fundo plano até à parede fragmentada.

Datação: Não aplicável.



Fotografia nº69 – Fragmento cerâmico
S.Lc./92/Sd.1/C.5/Sp.43/0005.
Verónica M.P., 2017.

24. *S.Lc./92/Sd.1/C.5/Sp.43/0006*

Descrição: Fragmento de bordo exvertido de cerâmica comum com possíveis vestígios de combustão na face superior do bordo. Pasta não é possível analisar devido as condições de limpeza da peça.

Medidas: Diâmetro: 17 cm. Espessura max. da parede: 6 mm. Dimensões máxs. do bordo da face exterior: 7mm. Do bordo interior: 4,5 mm. Dimensões máxs.: (comp) 6,2 cm x 2,8 cm (alt).

Datação: Séculos XV-XVII.



Fotografias nº70 e 71 – Fragmento cerâmico *S.Lc./92/Sd.1/C.5/Sp.43/0006*.
Verónica M.P., 2017.

25. *S.Lc./92/Sd.1/C.5/Sp.43/0007*

Descrição: Fragmento de bordo exvertido de cerâmica comum com parede com decorações incisadas na sua face exterior fazendo uma linha ondulada no meio de duas linhas horizontais. Defeito na sua face exterior possivelmente devido a descuido com um dedo. Possível caçoila. Pasta avermelhada 2.5YR 7/8.

Medidas: Diâmetro: 19 cm.

Espessura máx. da parede: 9 mm; min.: 8mm. Espessura máx. da parede logo abaixo do bordo: 2 cm. Espessura máx. do bordo: 7 cm. Dimensões máxs.: (comp.) 8,1 cm x 5,7 cm (alt.).

Datação: Séculos XV-XVII.



Fotografias nº72 e 73 – Fragmento cerâmico *S.Lc./92/Sd.1/C.5/Sp.43/0007*.
Verónica M.P., 2017.

26. *S.Lc./92/Sd.1/C.5/Sp.43/0008*

Descrição: Fragmento de azulejo com decorações a azul e branco. Pasta beje alaranjada 10YR 8/4.

Medidas: Espessura máx. da parede: 4 mm. Dimensões máxs: 6,3 cm x 4 cm.

Datação: Séculos XVII-XVIII.



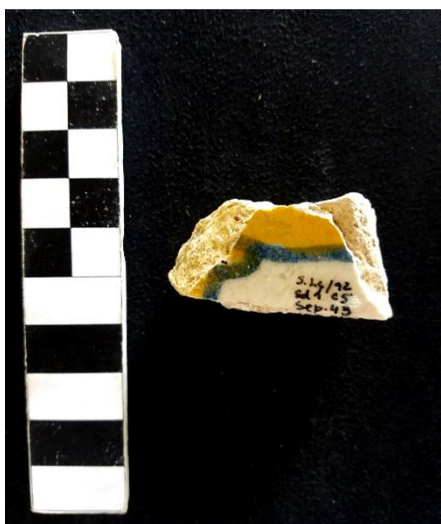
Fotografia nº74 – Fragmento cerâmico
S.Lc./92/Sd.1/C.5/Sp.43/0008.
Verónica M.P., 2017.

27. *S.Lc./92/Sd.1/C.5/Sp.43/0009*

Descrição: Fragmento de azulejo com decorações a azul, branco e amarelo. Pasta beje alaranjada 10YR 8/4.

Medidas: Espessura máx. da parede: 4 mm. Dimensões máxs: 4,5 cm x 2,5 cm.

Datação: Séculos XVII-XVIII.



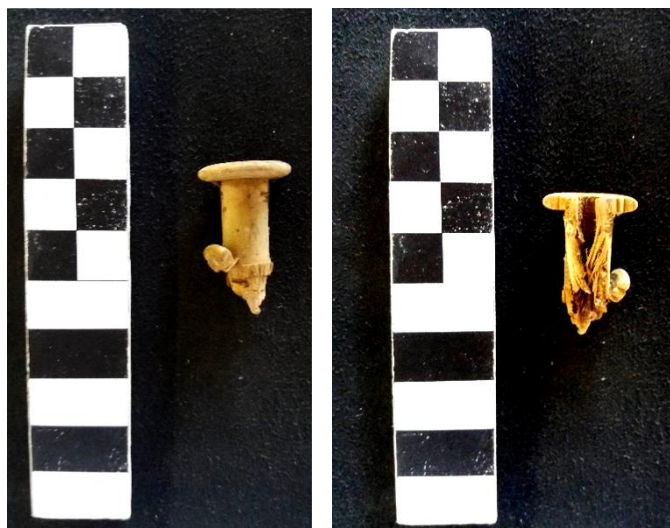
Fotografia nº75 – Fragmento cerâmico
S.Lc./92/Sd.1/C.5/Sp.43/0009.
Verónica M.P., 2017.

28. *S.Lc./92/Sd.1/C.1/Pl. 0/Sp.43/0001*

Descrição: Fragmento em madeira.

Medidas: Raio da parte da cabeça (parte de cima): 7 mm. Comprimento: 3cm. Diâmetro do corpo: 1 cm.

Datação: Não aplicável.



Fotografia nº76 – Fragmento de madeira
S.Lc./92/Sd.1/C.1/Pl.0/Sp.43/0001.
Verónica M.P., 2017.

29. *S.Lc./92/Sd.2/C.1/Sp.49/0001*

Descrição: Fragmento de bordo de espessamento exterior, em cerâmica comum. Possível pote/panela. Pasta avermelhada/tijolo 2.5YR 6/8.

Medidas: Diâmetro: 17 cm. Espessura máx. da parede: 6,5 mm. Espessura bordo máx.: 1,85 cm. Dimensões máxs.: (comp.) 4,4 cm x 3,2 cm (alt).

Datação: Século XIV-XVI.



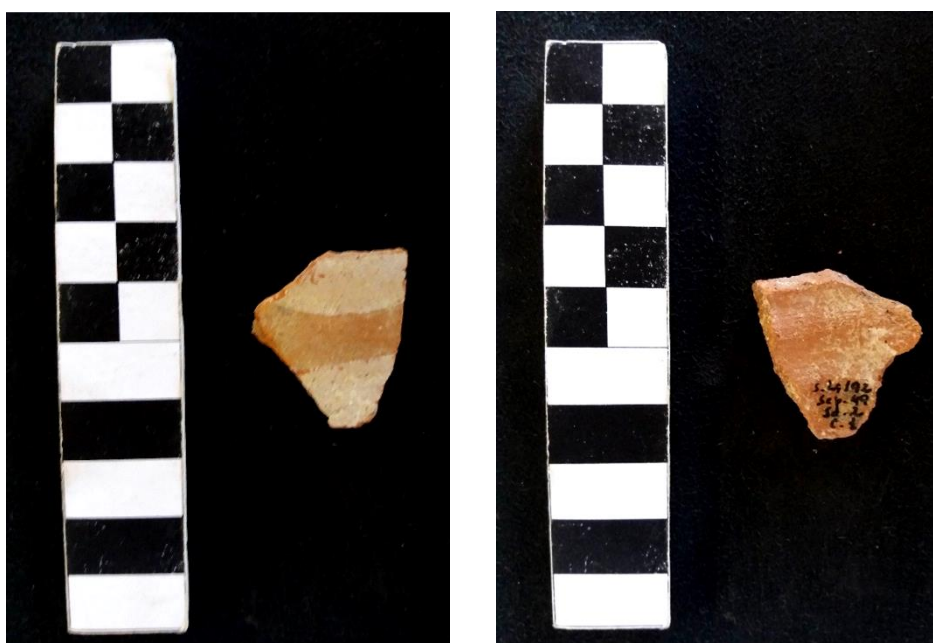
Fotografias nº77 e 78 – Fragmento cerâmico *S.Lc./92/Sd.2/C.1/Sp.49/0001*.
Verónica M.P., 2017.

30. *S.Lc./92/Sd.2/C.1/Sp.49/0002*

Descrição: Fragmento de parede de cerâmica pintada a branco na sua face exterior. Peça islâmica ou de tradição com pintura a branco. Pasta avermelhada 2.5YR 7/8.

Medidas: Espessura máx. da parede: 5 mm. Dimensões máxs: 3,1 cm x 2,6 cm.

Datação: Não aplicável.



Fotografias nº79 e 80 – Fragmento cerâmico *S.Lc./92/Sd.2/C.1/Sp.49/0002*.
Verónica M.P., 2017.

31. *S.Lc./92/Sd.2/C.1/Sp.49/0003*

Descrição: Fragmento de parede de asa em fita. Púcaro. Pasta vermelhada/tijolo 2.5YR 6/8.

Medidas: Comprimento (arranque ao fim da asa): 3,4 cm. Largura máx. da asa: 1,5 cm. Espessura da asa: 1,1 mm. Espessura do arranque de bojo: 3,5 mm.

Datação: Séculos XIV – meados do XVI



Fotografias nº81, 82 e 83 – Fragmento cerâmico *S.Lc./92/Sd.2/C.1/Sp.49/0003*
Verónica M.P., 2017.

32. *S.Lc./92/Sd.2/C.1/Sp.49/0004*

Descrição: Fragmento de prato-tampa de fundo plano com duas linhas impressas horizontais ao longo da sua parede. Bordo exvertido redondo. Pasta avermelhada 2.5YR 7/8.

Medidas: Diâmetro bordo: 25 cm. Dimensões máxs: (comp.) 7,4 cm x 1,6 cm (alt). Espessura bordo: 6 mm. Espessura fundo: 9mm.

Datação: Séculos XIV-XVI.



Fotografias nº84 e 85 – Fragmento cerâmico *S.Lc./92/Sd.2/C.1/Sp.49/0004*.
Verónica M.P., 2017.

33. *S.Lc./92/Sd.2/C.1/Sep.49/0005*

Descrição: Fragmento de bordo/pega de tacho ou caçoila em cerâmica comum. Pega com defeitos de fabrico. Pasta avermelhada 2.5YR 7/8.

Medidas: diâmetro bordo: 14 cm. Dimensões máxs: (comp.) 9,8 cm x 4,6 cm (alt.). Espessura bordo: 1,4 mm. Espessura parede: 5 mm.

Datação: Séculos XVI-XVII.



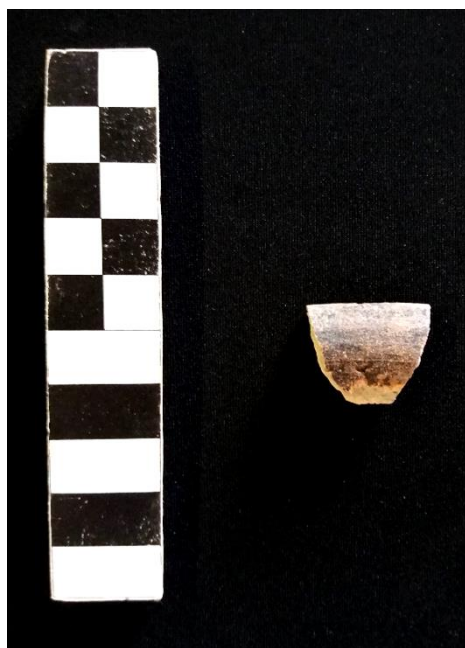
Fotografias nº86 e 87 – Fragmento cerâmico *S.Lc./92/Sd.2/C.1/Sp.49/0005*.
Verónica M.P., 2017.

34. *S.Lc./92/ossario/0001*

Descrição: fragmento de bordo direito com marcas de combustão. Possível tigela. Pasta de cozedura oxido-reutora.

Medidas: Espessura: 7,4 mm. Largura máx.: 4,6 cm. Altura máx.: 4,1 cm.

Datação: Não aplicável.



Fotografias nº88 e 89 – Fragmento cerâmico *S.Lc./92/ossário/0001*
Verónica M.P., 2017.

35. *S.Lc./92/ossario/0002*

Descrição: Fragmento de bojo cerâmico vidrado nas duas superfícies a amarelo. Fragmento islâmico ou de tradição. Presença de cal por partes dispersas da sua superfície. Pasta avermelhada, cozedura oxidante 2.5YR 8/4.

Medidas: Espessura: 4 mm. Dimensões máxs.: 6,2 cm x 5 cm.

Datação: Séculos XII/XIII-XVIII.



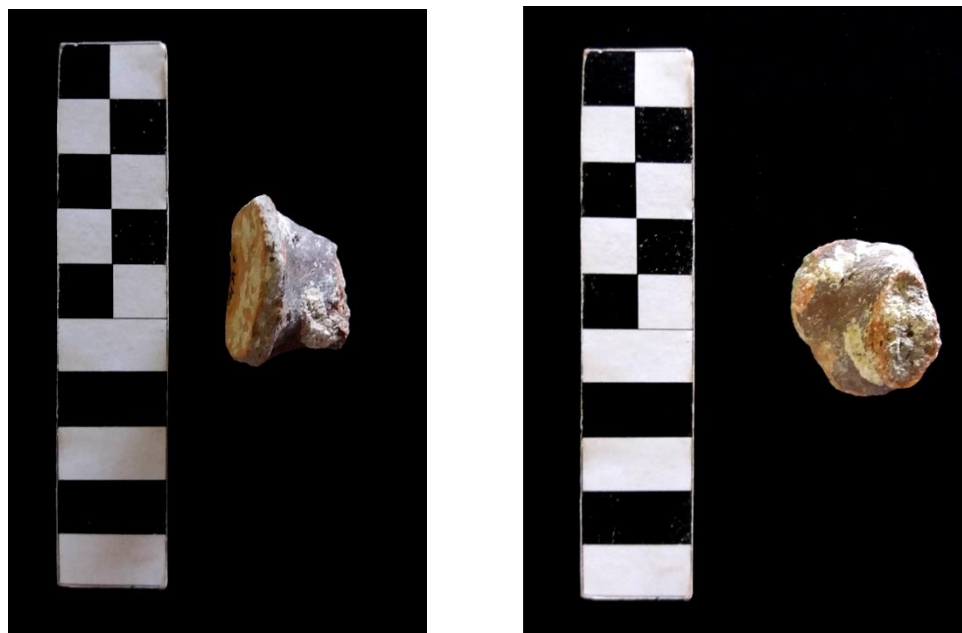
Fotografias nº90 e 91 – Fragmento cerâmico *S.Lc./92/ossário/0002*.
Verónica M.P., 2017.

36. *S.Lc./92/ossario/0003*

Descrição: Fragmento de arranque de asa em fita cerâmico. Pasta de cozedura redutora-oxidante.

Medidas: Comprimento (arranque ao fim da asa): 4,5 cm. Largura máx da asa: 4,4 cm. Espessura da asa: 12 mm. Diâmetro máximo do arranque do bojo: 5,3 cm. Espessura do arranque de bojo: 4,5 mm.

Datação: Não aplicável.



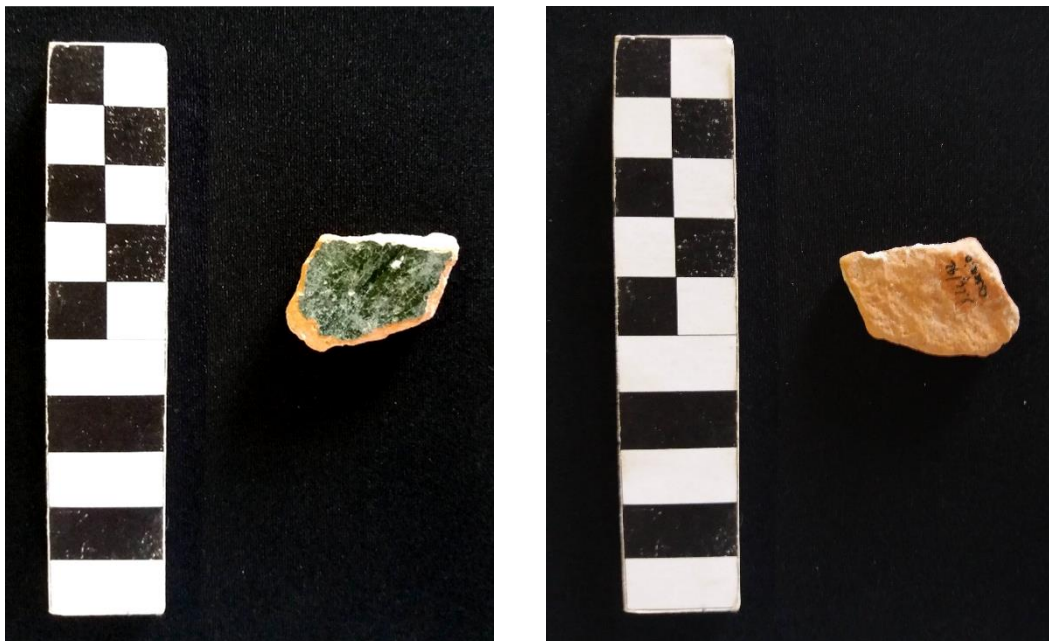
Fotografias nº92 e 93 – Fragmento cerâmico *S.Lc./92/ossário/0003*.
Verónica M.P., 2017.

37. *S.Lc./92/ossario/0004*

Descrição: Fragmento de bojo cerâmico vidrado a verde-escuro numa das suas superfícies. Fracturas roladas. Pasta avermelhada, de cozedura oxidante 2.5YR 7/8.

Medidas: Espessura: 7 mm. Dimensões máxs.: 5,7 cm x 4,8 cm.

Datação: Séculos XVI-XVII.



Fotografias nº94 e 95 – Fragmento cerâmico *S.Lc./92/ossário/0004*.
Verónica M.P., 2017.

Anexo V – Tabelas

Metodologias Espólio Osteológico

Estimativa Idade à Morte – S7/Sp.24, Sub.A		
Osso	Diagnose	Método
Ísquion	1 ano	Descrição no manual <i>Schaefer, Scheuer e Black, 2009</i>

Tabela nº 6 – Resultado da estimativa da idade à morte do indivíduo Sub.A.

Diagnose Sexual – S7/Ent.26 (Crânio)			
Método Morfológico - Crânio: <i>S.Lc./93/S7/Ent.26/0001, 0002, 0003</i>	Grau de classificação	Diagnose	Metodologia
Crista occipital	-	-	Walker em Buikstra e Ubelaker, 1994
Processo mastóide	4	M	Walker em Buikstra e Ubelaker, 1994
Margem supraorbital	4	M	Walker em Buikstra e Ubelaker, 1994
Incisura frontal	4	M	Walker em Buikstra e Ubelaker, 1994
Protuberância mentoniana	-	-	
Forma das orbitas	-	-	
Protuberância frontal		Ind.	Walker em Buikstra e Ubelaker, 1994
Inclinação frontal		M	Walker em Buikstra e Ubelaker, 1994
Diagnose - Masculino			

Tabela nº 7 – Resultados da diagnose sexual usando métodos morfológicos no crânio.

Diagnose Sexual – S7/Ent.26 (Coxae)			
Método Morfológico – coxae: <i>S.Lc./93/S7/Ent.26/0042, 0043</i>	Grau de Classificação	Diagnose	Metodologia
Incisura isquiática maior	3	Ind.	Walker em Buikstra e Ubelaker, 1994
Forâmen obturador	-	-	
Arco ventral	-	-	Phenice, 1969
Concavidade subpúbica	-	-	Phenice, 1969
Ramo ísquio-púbico	-	-	Phenice, 1969
Diagnose – Indeterminado			

Tabela nº 8 – Resultados da diagnose sexual usando métodos morfológicos nos coxae.

Diagnose Sexual – S7/Ent.26 (Sacro)			
Método Morfológico – Sacro <i>S.Lc./93/S7/Ent.26/0044</i>	Grau de Classificação	Diagnose	Metodologia
Curva sacral	-	M	Ferembach <i>et al.</i> , 1980

Tabela nº 9 – Resultados da diagnose sexual usando método morfológico no sacro.

Diagnose Sexual – S7/Ent.26			
Método Métrico/Osso	Medida - mm	Diagnose	Metodologia
Largura epicondilar do úmero (direito) <i>S.Lc./93/S7/Ent.26/0045</i>	55	F	Wasterlain e Cunha, 2000
Diâmetro da cabeça femoral (direito) <i>S.Lc./93/S7/Ent.26/0049</i>	38	F	Wasterlain e Cunha, 2000
Diâmetro da cabeça femoral (esquerdo) <i>S.Lc./93/S7/Ent.26/0050</i>	38	F	Wasterlain e Cunha, 2000
Diagnose – Feminino			

Tabela nº 10 – Resultados da diagnose sexual usando método métrico em ossos longos.

Estimativa da Idade à Morte – S7/Ent.26		
Morfologia da Superfície Auricular <i>S.Lc./93/S7/Ent.26/0042</i>		
Método	Resultado	Diagnose
Lovejoy <i>et al.</i> , 1985	Fase I	20 anos
Buckberry e Chamberlain, 2002	2-1-1-2 = 6. Fase I	16-19 anos +/- 1.53

Tabela nº 11 – Resultados da estimativa da idade à morte usando metodologias para a morfologia da superfície auricular do coxal.

Estimativa da Idade à Morte – S7/Ent.26 (Molares)			
Método Maat, 2001 em maxila S.Lc./93/S7/Ent.26/0011, 0012			
Dente	Lateralidade	Estado	Classificação
RM1	esquerdo	solto	2+
RM2	esquerdo	<i>in situ</i>	2-
RM3	esquerdo	<i>in situ</i>	2
RM1	direito	<i>in situ</i>	3-
RM2	direito	<i>in situ</i>	2+
RM3	direito	alvéolo	-
Estimativa - 17-25 anos			

Tabela nº 12 – Resultados da estimativa da idade à morte usando metodologia para dentes molares.

Diagnose Sexual – S7/Sp.30					
Nº Inventário	Osso	Lateralidade	Medida	Diagnose	Metodologia
<i>S.Lc./93/S7/Sp.30/0007</i>	Calcâneo	esquerdo	76,0 mm	Masculino	Silva, 1995
<i>S.Lc./93/S7/Sp.30/0009</i>	Talus	esquerdo	53,0 mm	Masculino	Silva, 1995
<i>S.Lc./S.7/Sp.30/0010</i>	Talus	direito	52,0 mm	Masculino	Silva 1995
Diagnose - Masculino					

Tabela nº 13 – Resultados de diagnose sexual usando metodologia métrica para ossos do pé.

Estatura – S7/Sp.30					
Nº Inventário	Osso	Lateralidade	Medida	Resultado/Estatura	Metodologia
<i>S.Lc./93/S7/Sp.30/0003</i>	Tíbia	direito	36,4 cm	167,95 +/- 4.7 cm	Breitinger, 1953

Tabela nº 14 – Resultados de estimativa da estatura usando metodologia para ossos longos.

Diagnose Sexual – S7/Sp.31					
Nº Inventário	Osso	Lateralidade	Medida	Diagnose	Metodologia
<i>S.Lc./93/S7/Sp.31/0005</i>	Calcâneo	esquerdo	71,0 mm	feminino	Silva, 1995
<i>S.Lc./93/S7/Sp.31/0006</i>	Talus	esquerdo	49,0 mm	feminino	Silva, 1995
Diagnose - Feminino					

Tabela nº 15 – Resultados de diagnose sexual usando metodologia métrica para ossos do pé.

Estatura – S7/Sp.31					
Nº Inventário	Osso	Lateralidade	Medida	Resultado/Estatura	Metodologia
<i>S.Lc./93/S7/Sp.31/0003</i>	Fíbula	esquerdo	32,8 cm	155, 714 +/- 3, 57 cm	Trotter e Gleser, 1952; Trotter,1970

Tabela nº 16 – Resultados de estimativa da estatura usando metodologia para ossos longos.

Diagnose Sexual – S7/Sp.33					
Nº Inventário	Osso	Lateralidade	Medida	Diagnose	Metodologia
<i>S.Lc./93/S7/Sp.33/0002</i>	Calcâneo	direito	71,0 mm	feminino	Silva, 1995
<i>S.Lc./93/S7/Sp.33/0003</i>	Calcâneo	esquerdo	73,0 mm	feminino	Silva, 1995
<i>S.Lc./93/S7/Sp.33/0004</i>	Talus	direito	52,0 mm	masculino	Silva, 1995
Diagnose - Feminino					

Tabela nº 17 – Resultados de diagnose sexual usando metodologia métrica para ossos do pé.

Estatura – S7/Sp.33					
Nº Inventário	Osso	Lateralidade	Medida	Resultado/Estatura	Metodologia
<i>S.Lc./93/S7/Sp.33/0001</i>	Fíbula	direito	31,9 cm	153,007 +/- 3,57 cm	Trotter e Gleser, 1952; Trotter, 1970

Tabela nº 18 – Resultados de estimativa da estatura usando metodologia para ossos longos.

Diagnose Sexual – S7/Sp.34					
Nº Inventário	Osso	Lateralidade	Medida	Diagnose	Metodologia
<i>S.Lc./92/S7/Sp.34/0012</i>	Talus	esquerdo	51,0 mm	feminino	Silva, 1995

Tabela nº 19 – Resultados de diagnose sexual usando metodologia métrica para ossos do pé.

Diagnose Sexual – S8/Sp.35 (Crânio)			
Método Morfológico – Crânio	Grau de classificação	Diagnose	Metodologia
<i>S.Lc./93/S8/Sp.35/0001</i>			
Crista occipital	4	M	Walker em Buikstra e Ubelaker, 1994
Processo mastóide	2	F	Walker em Buikstra e Ubelaker, 1994
Margem supraorbital	3	Ind.	Walker em Buikstra e Ubelaker, 1994
Incisura frontal	não se aplica	-	
Protuberância mentoniana	não se aplica	-	
Arco superciliar	5	M	Walker em Buikstra e Ubelaker, 1994
Forma das orbitas	não se aplica		
Protuberância frontal		M	Walker em Buikstra e Ubelaker, 1994
Inclinação frontal	não se aplica		
Ângulo da mandíbula		Ind.	Walker em Buikstra e Ubelaker, 1994
Largura mínima do ramo da mandíbula	27 mm	F	Saini <i>et al.</i> , 2011
Diagnose - Indeterminada			

Tabela nº 20 – Resultados de diagnose sexual usando metodologias morfológicas para o crânio.

Diagnose Sexual – S8/Sp.35 (Coxae)			
Método Morfológico – Coxae <i>S.Lc./93/S8/Sp.35/0046, 0047</i>	Grau de Classificação	Diagnose	Metodologia
Incisura isquiática maior	4	M	Walker em Buikstra e Ubelaker, 1994
Forâmen obturador		M	Walker em Buikstra e Ubelaker, 1994
Arco ventral		M	Phenice, 1969
Concavidade subpúbica		M	Phenice, 1969
Ramo ísquio-púbico		M	Phenice, 1969
Diagnose - Masculino			

Tabela nº 21 – Resultados de diagnose sexual usando metodologias morfológicas para o coxae.

Diagnose Sexual – S8/Sp.35 (Sacro)			
Método Morfológico – Sacro <i>S.Lc./93/S8/Sp.35/0042, ...0045</i>	Grau de Classificação	Diagnose	Metodologia
Tamanho/Forma		M	Ferembach <i>et al.</i> , 1980
Curva sacral		M	Ferembach <i>et al.</i> , 1980
Diagnose - Masculino			

Tabela nº 22 – Resultados de diagnose sexual usando metodologias morfológicas para o sacro.

Diagnose Sexual – S8/Sp.35			
Métodos Métricos	Medida - mm	Diagnose	Metodologia
Comprimento máximo glenóide <i>S.Lc./93/S8/Sp.35/0049</i>	39	M	Di Vella, <i>et al.</i> , 1994
Comprimento máximo escápula <i>S.Lc./93/S8/Sp.35/0049</i>	152	M	Di Vella, <i>et al.</i> , 1994
Diâmetro da cabeça do úmero (direito) <i>S.Lc./93/S8/Sp.35/0050</i>	39	F	Wasterlain e Cunha, 2000
Largura epicondilar do úmero (direito) <i>S.Lc./93/S8/Sp.35/0050</i>	62	M	Wasterlain e Cunha, 2000
Diâmetro da cabeça femoral (direito) <i>S.Lc./93/S8/Sp.35/0054</i>	43	Ind.	Wasterlain e Cunha, 2000
Diâmetro da cabeça femoral (esquerdo) <i>S.Lc./93/S8/Sp.35/0055</i>	43	Ind.	Wasterlain e Cunha, 2000
Diagnose - Masculino			

Tabela nº 23 – Resultados de diagnose sexual usando metodologias métricas.

Estimativa Idade à Morte – S8/Sp.35	
Obliteração das Suturas Cranianas - Método Meindl e Lovejoy, 1983	
Sutura	Grau de Obliteração
1	1
2	2
3	1
4	2
5	2
6	1
7	2
Resultado Total, Vault system - 11: 39,4 anos com incerteza de 9,1 anos	

Tabela nº 24 – Resultados de estimativa da idade à morte usando metodologia classificatória para o crânio.

Estimativa Idade à Morte – S8/Sp.35		
Face Púbica Sinfisial - púbis direita S.Lc./93/S8/Sp.35/0047		
Método	Resultado	Diagnose
Todd, 1920	VIII	39 - 44 anos
Suchey-Brooks, 1990	4	Idade média de 35,2 com incerteza de 9,4. Intervalo etário: 23 - 57

Tabela nº 25 – Resultados de estimativa da idade à morte usando metodologia morfológica para a pélvis.

Estimativa Idade à Morte – S8/Sp.35		
Morfologia da Superfície Auricular (superfície auricular no coxal direito danificada na zona superior) S.Lc./93/S8/Sp.35/0047		
Método	Resultado	Diagnose
Lovejoy <i>et al.</i> , 1985	fase 4	35-39 anos

Tabela nº 26 – Resultados de estimativa da idade à morte usando metodologia morfológica para a pélvis.

Estimativa Idade à Morte – S8/Sp.35 (dentição)			
Metodologia - Maats, 2001			
Maxila			
<i>Dente</i>	Lateralidade	Estado	Classificação
RM1	direito	alvéolo reabsorvido	–
RM2	direito	alvéolo reabsorvido	–
RM3	direito	alvéolo reabsorvido	–
RM1	esquerdo	<i>in situ</i>	4-
RM2	esquerdo	<i>in situ</i>	-
RM3	esquerdo	alvéolo reabsorvido	
Mandíbula			
RM1	direito	<i>in situ</i>	4
RM2	direito	<i>in situ</i>	2+
RM3	direito	<i>in situ</i>	2
RM1	esquerdo	<i>in situ</i>	4+
RM2	esquerdo	<i>in situ</i>	2
RM3	esquerdo	solto / alvéolo	2+
Resultado: 35 - 45 anos			

Tabela nº 27 – Resultados de estimativa da idade à morte usando metodologia classificatória para a dentição.

Resumo de Informação

Tabela nº 28 – Resumo de informação de todas as sepulturas identificadas no decorrer das campanhas entre 1992 e 1999

Legenda:

Preenchimento amarelo – Inumações estudadas em laboratório

Preenchimento a vermelho – Inumações sem referência em qualquer registo

Números a azul – sepulturas associadas

Letras a vermelho – informação retirada dos registos das campanhas

Letras a negrito – informação retirada dos desenhos das campanhas

Nº Sepultura	Sondagem	Camada / Plano	Cota absoluta (metros)	Datação	Tipo de inumação	Orientação Sepultura	Posição esqueleto	Conteúdo Material	Observações
1	1	C.2/ Pl.4	37,93	Moderno	Vala aberta, forma sub-elíptica	O-E	Membros superiores cruzados	S1/C.2 - alfinete (peça nº15); 2 fragmentos de alfinete (peça nº16)	Comprimento (crânio-calcâneo): 1,52 m
2	1	Pl.4	38,16	Moderno		O-E			Fragmentado (presente parte do tronco, membro superior direito e pé direito)
3	1	Pl.4	38,13	Moderno		O-E	Membros superiores cruzados		Incompleto (não presente crânio e parte dos pés)
4	1	C.2, Pl.4	38,12	Moderno, séc. XV		O-E			Incompleto, não se escavou totalmente

5	1	C.2	37,93		Vala aberta na base (reaproveitamento)	O-E	Membros superiores cruzados	S1/C.2 - alfinete fragmentado em duas partes (peça nº7)	Incompleto (sem membros inferiores)
6									
7	2		38,22			O-E			Muito fragmentado (presente parte da coluna vertebral e costelas)
8	2		38,19						Sub-adulto (recém-nascido). Muito fragmentado (presente parte da coluna vertebral e costelas)
9	2		38,18	Moderno, após construção do templo	Cova aberta na argila da base.	O-E			Fragmentado. Parte dos membros e coxal. Muito fragmentada
10	2		38,26			O-E			Muito fragmentado. Tem coxal
11	2		38,21			O-E			Muito fragmentado/incompleto.
12	1	Oeste da Sond. C.6	38,49	2ª met. séc. XVIII (Contemporâneo)		O-E	Face à esquerda. Membros superiores cruzados		Incompleto (sem membros inferiores) devido a enterramentos contemporâneos

13	2		38,07	Moderno, pós construção do templo	Cova aberta rectangular de vértices arredondados na argila da base.	O-E	Membros superiores cruzados		Comprimento (crânio-calcâneo): 1,40 m. Vala mais pequena que esqueleto.
14	2					O-E			Incompleto (membros inferiores presentes)
15	2		38,13			O-E	Mãos sobre o peito.		Comprimento (crânio-calcâneo): 1,65 m. Incompleto (sem pés/ parte membros superiores).
16	2		38,22		Caixão de madeira	O-E			Incompleto. Só membros inferiores
17	1	C.6	38,26						Incompleto (sem pélvis e membros inferiores) devido a enterramentos contemporâneos
18	1	C.2	37,64		Utilização de caixão, uso de mortalha. Feito directamente na argila.	O-E		6 pregos junto aos pés da inumação	Esqueleto incompleto (não tem crânio, maioria do lado esquerdo e braço direito). Destruído pela construção da nave da Igreja

19	2		38,08			O-E			Incompleto (sem crânio e parte de membros superiores; perna direita debaixo da parede sul da nave da igreja).
20	2		37,94			O-E	Braços cruzados sobre o diafragma		Sobrepõe o silo. Incompleto (sem crânio e parte de membros inferiores)
21	3		38,83	Moderno		O-E	Face de frente. Membros superiores cruzados.		Quase completo. Bem preservado na área da capela. Incompleto (crânio fragmentado, sem mãos e pés).
22	5-6			Medieval/ 1º capela gótica		N-S	Braços sobre cintura		Fragmentado. Tem coxal. Sub-adulto.
23	5-6			Medieval - do templo românico. 1ª capela gótica	Enterramento aberto na rocha de base, com vestígios de vala aberta	O-E			Incompleto (presente membros inferiores).

24	7		38,85	Medieval	Na rocha base, abertura de vala	O-E			Zona exterior do templo românico. Sob as paredes do templo gótico. Muito fragmentado. Contém só parte membros inferiores.
25	7	C.7, Pl. 4 - C.5, Pl.5	38,29	Medieval	Caixão de madeira	O-E		3 Pregos junto aos pés (caixão de madeira)	Destruída ou mutilada durante séc. XV (construção palácio da Rosa, casa do guarda). Incompleto (presente membros inferiores)
26	7	C.7	38,32	Medieval		O-E/ N- O	Membros superiores cruzados sobre o ventre.		Destruída ou mutilada durante séc. XV (construção palácio da Rosa). Incompleto. Sem membros inferiores
27	7		38,39	Medieval	Na rocha base, abertura de vala	O-E	Face virada à direita. Membros superiores cruzados sobre o ventre. Pélvis para cima.		Zona exterior do templo românico. Foram destruídas com a abertura da vala 1. Completo até aos coxae.

28	7		38,41	Medieval	Vala de terra	O-E	Face virada à esquerda		Maioria do esqueleto destruído com a abertura de vala. Crânio previamente destruído por muro. Incompleto (presente mandíbula e pés).
29	7	C.7, Pl.4 -C.5, Pl.5	38,49	Medieval	Caixão de madeira	O-E			Coxal e fêmur esquerdo. Incompleto (presente membros inferiores). Destruído por parede do edifício.
30	7		38,39	Medieval	Vala de terra	N-O/ O-E	Joelho para baixo		Sob as paredes do templo gótico. Incompleto (presente membros inferiores)
31	7	C.13, Pl.7	38,18	Medieval	Vala de terra	N-O/ O-E			Incompleto (presente parte dos membros inferiores). Destruído por parede
32	7		38,28	Medieval		NO - SE / N- E O-E		Ferro (prego?)	Sob as paredes do templo gótico. Incompleto (presente membros inferiores).
32a	12	C. 3, Pl.2							
33	7		38,28	Medieval	Vala de terra	NO - SE / N- E/ O-E		Ferro (prego?)	Sob as paredes do templo gótico. Incompleto (presente parte dos membros inferiores).

34	7		38,22	Medieval		NO - SE / N-E O-E		Ferro (prego?)	Sob as paredes do templo gótico. Incompleto (presente parte dos membros inferiores).
35	8		36,83	XVII	Caixão de madeira	O-E	Mãos sobre pélvis	S2/C1 - alfinete e medalha com inscrições religiosas (nº18)	Escavada até ao nível dos joelhos. Membros inferiores debaixo da actual escada de acesso à capela.
36	1	C.1	38,55	pós-1799 (moeda) Contemporâneo	Caixão de madeira	O-E	Membros superiores cruzados sobre o peito	PL.0/CM1 - ferro (bainha?); CM1 - moeda "V reis" (1799, nº6)	Talhão nº36. Comprimento (crânio-calcâneo): 1,50 m. Relação com alicerce da parede norte da nave. Relação com S.37. Camada de cal sobre o esqueleto que afectou preservação do mesmo
36a	9	C.4, Pl.2				N-S	Membros superiores sobre o tronco		Mau estado de conservação. O esqueleto prolonga-se para a sondagem 11.
37	1	C.1	38,67	Contemporâneo	Caixão de madeira	O-E	Membros superiores cruzados		Talhão nº 36. Comprimento (crânio-calcâneo): 1,52 m. Relação com alicerce da parede norte da nave. Relação com

									S.36. Camada de cal sobre o esqueleto que afectou preservação do mesmo.
37a	12	C.5			Vala na argila base				Sub-adulto.
38	1	C.1	38,42	Contemporâneo	Caixão de madeira	O-E	Membros superiores cruzados	S1/C.1 - 2 painelas (peça nº57 e nº63); 2 tachas (peça nº13); moeda (peça nº12)	Talhão nº 43. Camada de cal sobre o esqueleto que afectou preservação do mesmo.
39	2		38,32	Moderno	Caixão de madeira	O-E	Membros superiores cruzados	S2/PL0/C1 - ceitel (?) D. Afonso V e D. Sebastião (nº50); pedaço de cabedal aos pés	Talhão nº 49. Comprimento (crânio-calcânio): 1,62 m. Camada de cal sobre o esqueleto que afectou preservação do mesmo.
40	2		38,37		Caixão de madeira	O-E	Face de frente. Membros superiores cruzados sobre o peito.		Talhão nº 42. Comprimento (crânio-calcânio): 1,42 m. Camada de cal sobre o esqueleto que afectou preservação do mesmo.

41	2		38,34		Caixão de madeira	O-E		S2/C.1 - medalha (peça nº18); botão (peça nº19) botão de metal com inscrição " <i>standard colour</i> "; S2/C.1/Pl.0 - botão (peça nº20 e 21); botão em osso com 4 furos (peça nº22)	Talhão nº 35. Comprimento (crânio-calcâneo): 1,50 m. Camada de cal sobre o esqueleto que afectou preservação do mesmo.
42	6	C.2		Pós meados séc. XVIII (Contemporâneo)	Vala aberta. Enterramento em caixão de madeira.	O-E		PL0/CM1 - Alfinete com pedaço de tecido; pedaço de metal comprido (não identificado); Pedaço de metal (medalha?); objecto metálico não identificado	Sobreposto com Sp.43. Ténues vestígios de ossos. Tem cabelo.
43	6	C.2		Pós meados séc. XVIII (Contemporâneo)	Vala aberta. Enterramento em caixão de madeira.			S1/PL0/CM1 - ferro (bainha?); S1/C1 - moeda "V reis" de D. José I (1750-1777, nº12)	Sobreposto com Sp.42. Ténues vestígios de ossos.

Inventário Espólio Osteológico

Tabela nº 29 – Inventário da sepultura *S.Lc./93/S7/Sp.24*

nº inventário	Identificação	Lateralidade	Marcas patológicas	Observações
S.Lc./93/S7/Sp.24/0001	vértebra torácica	-		Sub-adulto. Fragmento de corpo vertebral com face articular direita.
S.Lc./93/S7/Sp.24/0002	vértebra torácica	-		Sub-adulto. Fragmento de corpo vertebral com faces articulares superior e inferior esquerda.
S.Lc./93/S7/Sp.24/0003	vértebra	-		Sub-adulto. Fragmento de corpo vertebral com arranque de face articular.
S.Lc./93/S7/Sp.24/0004	ísquion	esquerdo		Sub-adulto. Pontualmente fragmentado um pouco por toda a sua superfície. Buraco redondo na face medial provavelmente devido a um utensílio de escavação arqueológica.
S.Lc./93/S7/Sp.24/0005	púbis	-		Sub-adulto. Fragmentado em ambas as epífises.
S.Lc./93/S7/Sp.24/0006	epífise úmero			Sub-adulto. Fragmento de epífise indeterminado, algo fragmentado. Possível pertença a epífise proximal de fêmur ou úmero.
S.Lc./93/S7/Sp.24/0007	costela	direito		Fragmento de diáfise com tubérculo de costela. Dimensões reduzidas - possível sub-adulto.
S.Lc./93/S7/Sp.24/0008	costela	-		Fragmento de epífise de costela. Dimensões reduzidas - possível sub-adulto.
S.Lc./93/S7/Sp.24/0009	costela	-		Fragmento de epífise de costela. Dimensões reduzidas - possível sub-adulto.
S.Lc./93/S7/Sp.24/0010	costela			Sub-adulto. Fragmento de diáfise com cabeça de costela.
S.Lc./93/S7/Sp.24/0011	costela	-		Fragmento de diáfise de costela.

S.Lc./93/S7/Sp.24/0012	costela	-		Fragmento de epífise proximal da costela com tubérculo. Dimensões reduzidas - possível sub-adulto.
S.Lc./93/S7/Sp.24/0013	costela	-		Fragmento de diáfise de costela. Dimensões reduzidas - possível sub-adulto.
S.Lc./93/S7/Sp.24/0014	vértebra lombar	-		Processos transversos fragmentados. Pertence a <i>S.Lc./93/S7/Sp.24/0015</i> .
S.Lc./93/S7/Sp.24/0015	fragmento vértebra	-		Fragmento de face articular de vértebra. Pertence a <i>S.Lc./93/S7/Sp.24/0014</i> .
S.Lc./93/S7/Sp.24/0016	5º metatarso	esquerdo	eburnação na epífise proximal	Epífise distal fragmentada.
S.Lc./93/S7/Sp.24/0017	2º metatarso	direito		
S.Lc./93/S7/Sp.24/0018	falange proximal da mão	-		

Tabela nº 30 – Inventário da sepultura S.Lc./93/S7/Ent.26

nº inventário	Identificação	Lateralidade	Marcas patológicas	Observações
S.Lc./93/S7/Ent.26/0001	crânio - osso parietal	direito		Ângulo frontal fragmentado. Marca impressa ao longo da face superior direita, junto ângulo frontal - <i>post-mortem</i> , possivelmente resultado de utensílios de escavação.
S.Lc./93/S7/Ent.26/0002	crânio - osso parietal	esquerdo		Fragmentado em 4 pedaços. Suturas fragmentadas em alguns <i>loci</i> .
S.Lc./93/S7/Ent.26/0003	crânio - osso frontal	-		Fragmentado em 4 pedaços. Crista frontal fragmentada. Zona das suturas coronais fragmentadas. Sutura frontal presente e muito visível.
S.Lc./93/S7/Ent.26/0004	crânio - osso frontal	direito		Fragmento de osso frontal com arco supraorbital e parte da sutura coronal direita.
S.Lc./93/S7/Ent.26/0005	crânio - osso occipital	-		Fragmento de osso occipital com sutura.
S.Lc./93/S7/Ent.26/0006	crânio - fragmento	-		Possivelmente fragmento de osso occipital com sutura.
S.Lc./93/S7/Ent.26/0007	crânio - fragmento indeterminado	-		Fragmento de crânio com sulcos meníngeos.
S.Lc./93/S7/Ent.26/0008	crânio - fragmento indeterminado	-		
S.Lc./93/S7/Ent.26/0009	crânio - osso temporal	esquerdo		Fragmento de osso de temporal. Pertence à peça S.Lc./93/S7/Ent.26/0010.
S.Lc./93/S7/Ent.26/0010	crânio - osso temporal	esquerdo		Fragmento de osso de temporal. Pertence à peça S.Lc./93/S7/Ent.26/0009.
S.Lc./93/S7/Ent.26/0011	maxila	direito		
S.Lc./93/S7/Ent.26/0012	maxila	esquerdo		

S.Lc./93/S7/Ent.26/0013	crânio - osso zigomático	direito		
S.Lc./93/S7/Ent.26/0014	crânio - fragmento indeterminado	-		Possivelmente fragmento de osso palatino.
S.Lc./93/S7/Ent.26/0015	crânio - fragmento indeterminado	-		
S.Lc./93/S7/Ent.26/0016	crânio – fragmento indeterminado	-		
S.Lc./93/S7/Ent.26/0017	crânio - fragmento indeterminado	-		
S.Lc./93/S7/Ent.26/0018	crânio - fragmento indeterminado	-		Fragmento indeterminado. Possível osso etmóide
S.Lc./93/S7/Ent.26/0019	crânio - fragmento indeterminado	-		
S.Lc./93/S7/Ent.26/0020	crânio - fragmento indeterminado	-		
S.Lc./93/S7/Ent.26/0021	crânio - fragmento indeterminado	-		
S.Lc./93/S7/Ent.26/0022	crânio - fragmento indeterminado	-		
S.Lc./93/S7/Ent.26/0023	crânio - fragmento indeterminado	-		
S.Lc./93/S7/Ent.26/0024	vértebra lombar	-	ligeiro desgaste articular nas faces superior e anterior do corpo vertebral	Processos transversos fragmentados (não presentes).
S.Lc./93/S7/Ent.26/0025	vértebra lombar	-	ligeiro desgaste articular na faces inferior do corpo vertebral.	Peça fragmentada. Processo transverso direito presente em <i>S.Lc./93/S7/Ent.26/0094</i> .

S.Lc./93/S7/Ent.26/0026	vértebra lombar	-		Peça fragmentada. Processos transversos não presentes.
S.Lc./93/S7/Ent.26/0027	vértebra lombar	-		Peça fragmentada. Processos transversos não presentes.
S.Lc./93/S7/Ent.26/0028	vértebra lombar	-		Fragmento de corpo vertebral.
S.Lc./93/S7/Ent.26/0029	vértebra lombar	-		Fragmento de faces articulares inferiores.
S.Lc./93/S7/Ent.26/0030	costela	esquerdo		
S.Lc./93/S7/Ent.26/0031	costela - fragmento			Fragmento de diáfise de costela e ponta esternal.
S.Lc./93/S7/Ent.26/0032	costela - fragmento da diáfise			
S.Lc./93/S7/Ent.26/0033	costela - fragmento	esquerdo		Fragmento de diáfise de costela e ponta esternal.
S.Lc./93/S7/Ent.26/0034	costela - fragmento	-		Fragmento de diáfise de costela.
S.Lc./93/S7/Ent.26/0035	costela - fragmento	-		Fragmento de diáfise de costela. Possível sub-adulto.
S.Lc./93/S7/Ent.26/0036	costela - fragmento	-		Fragmento de ponta esternal.
S.Lc./93/S7/Ent.26/0037	costela - fragmento da diáfise	-		
S.Lc./93/S7/Ent.26/0038	costela - fragmento	-		Fragmento de diáfise de costela e ponta esternal.
S.Lc./93/S7/Ent.26/0039	costela - fragmento da diáfise			
S.Lc./93/S7/Ent.26/0040	maxila - fragmento			Fragmento do processo alveolar de maxila com 2º e 3º molar.
S.Lc./93/S7/Ent.26/0041	maxila - fragmento			Fragmento de processo alveolar de maxila com arranque dos palatinos. Fragmentado em duas peças. Com 8 dentes presentes e cinco alvéolos.

S.Lc./93/S7/Ent.26/0042	coxal	direito		Coxal com pélvis e espinha isquial fragmentada.
S.Lc./93/S7/Ent.26/0043	coxal	esquerdo		Coxal com pélvis e espinha isquial fragmentada.
S.Lc./93/S7/Ent.26/0044	sacro	-		Pontualmente fragmentado. 1ª linha transversa não totalmente fundida. Cóccix separado do sacro (fragmentado).
S.Lc./93/S7/Ent.26/0045	úmero	direito		Fragmento de epífise distal de úmero.
S.Lc./93/S7/Ent.26/0046	ulna	direito		
S.Lc./93/S7/Ent.26/0047	rádio	direito		Fragmento de epífise distal de rádio.
S.Lc./93/S7/Ent.26/0048	ulna	esquerdo		Pontualmente fragmentado ao longo da sua superfície e no processo estiloide.
S.Lc./93/S7/Ent.26/0049	fémur	direito		Sem epífise distal. Transição entre pescoço e cabeça fragmentada na face posterior.
S.Lc./93/S7/Ent.26/0050	fémur	esquerdo		Sem epífise distal. Cabeça ligeiramente fragmentada.
S.Lc./93/S7/Ent.26/0051	1º metatarso	direito		Peça porosa e leve. Fragmentado ao longo da sua superfície.
S.Lc./93/S7/Ent.26/0052	3º metacarpo	esquerdo		
S.Lc./93/S7/Ent.26/0053	2º metacarpo	direito		Epífises pontualmente fragmentadas.
S.Lc./93/S7/Ent.26/0054	4º metacarpo	direito		Epífises fragmentadas. Epífise distal não presente.
S.Lc./93/S7/Ent.26/0055	5º metacarpo	direito		Fragmento de diáfise e epífise distal de metacarpo.
S.Lc./93/S7/Ent.26/0056	4º metacarpo	esquerdo		Pontualmente fragmentado em ambas as epífises.
S.Lc./93/S7/Ent.26/0057	3º metacarpo	direito		Pontualmente fragmentado em ambas as epífises.
S.Lc./93/S7/Ent.26/0058	5º metacarpo	esquerdo		

S.Lc./93/S7/Ent.26/0059	metacarpo	-		Fragmento de diáfise e epífise distal de metacarpo.
S.Lc./93/S7/Ent.26/0060	falange proximal da mão	-		Pontualmente fragmentado na epífise proximal.
S.Lc./93/S7/Ent.26/0061	1º metacarpo	direito		Pontualmente fragmentado em ambas as epífises.
S.Lc./93/S7/Ent.26/0062	3ª falange proximal	-		
S.Lc./93/S7/Ent.26/0063	falange proximal	-		
S.Lc./93/S7/Ent.26/0064	falange proximal	-		
S.Lc./93/S7/Ent.26/0065	1ª falange proximal	-		
S.Lc./93/S7/Ent.26/0066	5ª falange proximal	-		
S.Lc./93/S7/Ent.26/0067	falange proximal	-		
S.Lc./93/S7/Ent.26/0068	falange proximal	-		
S.Lc./93/S7/Ent.26/0069	falange proximal	-		
S.Lc./93/S7/Ent.26/0070	falange intermédia	-		
S.Lc./93/S7/Ent.26/0071	falange intermédia	-		
S.Lc./93/S7/Ent.26/0072	falange intermédia	-		
S.Lc./93/S7/Ent.26/0073	falange intermédia	-		
S.Lc./93/S7/Ent.26/0074	falange intermédia	-		
S.Lc./93/S7/Ent.26/0075	falange intermédia	-		
S.Lc./93/S7/Ent.26/0076	falange intermédia	-		
S.Lc./93/S7/Ent.26/0077	falange proximal	-		
S.Lc./93/S7/Ent.26/0078	falange proximal	-		
S.Lc./93/S7/Ent.26/0079	falange proximal	-		
S.Lc./93/S7/Ent.26/0080	fragmento de face distal de metatarso			
S.Lc./93/S7/Ent.26/0081	fragmento de face proximal de metacarpo			

S.Lc./93/S7/Ent.26/0082	escafóide	direito		
S.Lc./93/S7/Ent.26/0083	escafóide	esquerdo		
S.Lc./93/S7/Ent.26/0084	capitato	direito		Pontualmente fragmentado.
S.Lc./93/S7/Ent.26/0085	capitato	esquerdo		
S.Lc./93/S7/Ent.26/0086	trapézio			
S.Lc./93/S7/Ent.26/0087	hamato			Pontualmente fragmentado.
S.Lc./93/S7/Ent.26/0088	trapezóide	esquerdo		
S.Lc./93/S7/Ent.26/0089	trapezóide	direito		
S.Lc./93/S7/Ent.26/0090	triquetral	esquerdo		
S.Lc./93/S7/Ent.26/0091	lunar	direito		
S.Lc./93/S7/Ent.26/0092	fragmento indeterminado			
S.Lc./93/S7/Ent.26/0093	pisiforme	esquerdo		
S.Lc./93/S7/Ent.26/0094	vértebra			Fragmento distal do processo transverso. Pertence a <i>S.Lc./93/S7/Ent.26/0025</i> .
S.Lc./93/S7/Ent.26/0095	escápula - processo coracóide			Possível sub-adulto.
S.Lc./93/S7/Ent.26/0096	fragmento indeterminado			Pertence a <i>S.Lc./93/S7/Ent.26/0097</i> .
S.Lc./93/S7/Ent.26/0097	fragmento indeterminado			Pertence a <i>S.Lc./93/S7/Ent.26/0096</i> .
S.Lc./93/S7/Ent.26/0098	vértebra - fragmento	-		Fragmento de face articular inferior de vértebra.
S.Lc./93/S7/Ent.26/0099	fragmento indeterminado	-		
S.Lc./93/S7/Ent.26/0100	fragmento indeterminado	-		Possível falange ou metacarpo/metatarso.
S.Lc./93/S7/Ent.26/0101	fragmento indeterminado	-		

S.Lc./93/S7/Ent.26/0102	fragmento indeterminado	-		Possível pertença a <i>S.Lc./93/S7/Ent.26/0096</i> e <i>0097</i> .
S.Lc./93/S7/Ent.26/0103	fragmento indeterminado	-		
S.Lc./93/S7/Ent.26/0104	fragmento indeterminado	-		
S.Lc./93/S7/Ent.26/0105	fragmento indeterminado	-		Possível falange ou metacarpo/metatarso.
S.Lc./93/S7/Ent.26/0106	fragmento de fémur	-		Fragmento de pescoço de fémur com arranque de cabeça.
S.Lc./93/S7/Ent.26/0107	fragmento de fémur	-		Possível fragmento de cabeça de fémur. Duas marcas rectas em baixo-relevo (caracter discreto).
S.Lc./93/S7/Ent.26/0108	fragmento de fémur	-		Possível fragmento de de cabeça de fémur. Duas marcas rectas em baixo-relevo (caracter discreto).
S.Lc./93/S7/Ent.26/0109	costela - fragmento			Fragmento da zona de tubérculo da costela.

Tabela nº 31 – Inventário dentário da sepultura *S.Lc./93/S7/Ent.26*

Maxila <i>S.Lc./93/S7/Ent.26/0011, ...0012</i>			
Dente	Lateralidade	Estado (solto ou <i>in situ</i>)	Patologias/ Observações
RI1	esquerdo	alvéolo	
RI2	esquerdo	solto	Desgaste quase inexistente. Presença ténue de cálculo na face labial.
RC1	esquerdo	solto	Desgaste ligeiro. Dentina na face oclusal-labial.
RP3	esquerdo	<i>in situ</i>	Desgaste ligeiro. Dentina na face oclusal-bocal de dimensões muito reduzidas.
RP4	esquerdo	solto	Desgaste quase inexistente.
RM1	esquerdo	solto	Desgaste ligeiro. Cálculo de dimensões reduzidas na face bocal.
RM2	esquerdo	<i>in situ</i>	Desgaste ligeiro.
RM3	esquerdo	<i>in situ</i>	Desgaste ligeiro.
RI1	direito	alvéolo	
RI2	direito	álveolo	
RC1	direito	álveolo	
RP3	direito	<i>in situ</i>	Desgaste ligeiro. Ténue presença de dentina ainda não consolidada na face oclusal-bocal.
RP4	direito	<i>in situ</i>	Desgaste quase inexistente.
RM1	direito	<i>in situ</i>	Desgaste. Dentina nos locais das cúspides de reduzida dimensão.
RM2	direito	<i>in situ</i>	Presença de cálculo na face distal. Ligeiro desgaste.
RM3	direito	alvéolo	

Tabela nº 32 – Inventário da sepultura *S.Lc./93/S7/Sp.30*

nº inventário	Identificação	Lateralidade	Marcas patológicas	Observações
S.Lc./93/S7/Sp.30/0001	patela	esquerdo		
S.Lc./93/S7/Sp.30/0002	patela	direito		
S.Lc./93/S7/Sp.30/0003	tíbia	direito		
S.Lc./93/S7/Sp.30/0004	tíbia	esquerdo		Pontualmente fragmentado na face anterior da epífise proximal.
S.Lc./93/S7/Sp.30/0005	fíbula sem epífise proximal	esquerdo		
S.Lc./93/S7/Sp.30/0006	fíbula com epífise proximal fragmentada e sem epífise distal	direito		
S.Lc./93/S7/Sp.30/0007	calcâneo	esquerdo		
S.Lc./93/S7/Sp.30/0008	calcâneo com face lateral esquerda parcialmente fragmentada	direito		
S.Lc./93/S7/Sp.30/0009	talus	esquerdo		Pontualmente fragmentado.
S.Lc./93/S7/Sp.30/0010	talus	direito		Face plantar parcialmente fragmentada.
S.Lc./93/S7/Sp.30/0011	navicular	direito		
S.Lc./93/S7/Sp.30/0012	navicular	esquerdo		
S.Lc./93/S7/Sp.30/0013	cubóide	esquerdo		
S.Lc./93/S7/Sp.30/0014	cubóide	direito		
S.Lc./93/S7/Sp.30/0015	cuneiforme medial	direito		
S.Lc./93/S7/Sp.30/0016	cuneiforme medial	esquerdo		
S.Lc./93/S7/Sp.30/0017	cuneiforme intermédio	esquerdo		
S.Lc./93/S7/Sp.30/0018	cuneiforme intermédio	direito		
S.Lc./93/S7/Sp.30/0019	1º metatarso	esquerdo		

S.Lc./93/S7/Sp.30/0020	1º metatarso	direito		
S.Lc./93/S7/Sp.30/0021	2º metatarso	esquerdo		
S.Lc./93/S7/Sp.30/0022	2º metatarso	direito		
S.Lc./93/S7/Sp.30/0023	3º metatarso	esquerdo		
S.Lc./93/S7/Sp.30/0024	3º metatarso	direito		
S.Lc./93/S7/Sp.30/0025	4º metatarso	esquerdo		
S.Lc./93/S7/Sp.30/0026	5º metatarso	direito		
S.Lc./93/S7/Sp.30/0027	falange proximal			
S.Lc./93/S7/Sp.30/0028	falange proximal			

Tabela nº 33 – Inventário da sepultura *S.Lc./93/S7/Sp.31*

nº inventário	Identificação	Lateralidade	Marcas patológicas	Observações
S.Lc./93/S7/Sp.31/0001	tíbia	direita		Sem epífise proximal. Marca branca na diáfise, face anterior direita em forma de L.
S.Lc./93/S7/Sp.31/0002	tíbia	esquerda		
S.Lc./93/S7/Sp.31/0003	fíbula	esquerda		Epífise proximal fragmentada.
S.Lc./93/S7/Sp.31/0004	fíbula	direita		Epífise proximal fragmentada.
S.Lc./93/S7/Sp.31/0005	calcâneo	esquerdo		
S.Lc./93/S7/Sp.31/0006	talus	esquerdo		Cabeça pontualmente fragmentada na face plantar.
S.Lc./93/S7/Sp.31/0007	fíbula	-----		Fragmento de diáfise.

Tabela nº 34 – Inventário da sepultura *S.Lc./93/S7/Sp.33*

nº inventário	Identificação	Lateralidade	Marcas patológicas	Observações
S.Lc./93/S7/Sp.33/0001	fíbula	direito		Fragmentada na face medial da diáfise e na epífise proximal e pontualmente na epífise distal, de dimensões reduzidas.
S.Lc./93/S7/Sp.33/0002	calcâneo	direito		Pontualmente fragmentado um pouco por toda a sua superfície. Zona de articulação superior com o talus na face dorsal, interligada, formando uma zona de articulação rectângular contínua (caracter discreto).
S.Lc./93/S7/Sp.33/0003	calcâneo	esquerdo		Pontualmente fragmentado um pouco por toda a sua superfície. Zona de articulação superior com o talus na face dorsal, interligada, formando uma zona de articulação rectângular contínua (caracter discreto).
S.Lc./93/S7/Sp.33/0004	talus	direito		Pontualmente fragmentado um pouco por toda a sua superfície com maior incidência na face medial.
S.Lc./93/S7/Sp.33/0005	navicular	esquerdo	labiação na zona superior direita da face distal.	
S.Lc./93/S7/Sp.33/0006	navicular	direito	tubérculo apresentada irregularidades. labiação na zona superior esquerda da face distal	Pontualmente fragmentado um pouco por toda a sua superfície.
S.Lc./93/S7/Sp.33/0007	cubóide	esquerdo		Pontualmente fragmentado um pouco por toda a sua superfície.
S.Lc./93/S7/Sp.33/0008	cubóide	direito		Pontualmente fragmentado um pouco por toda a sua superfície.

S.Lc./93/S7/Sp.33/0009	cuneiforme medial	esquerdo	ligeira labiação	Pontualmente fragmentado um pouco por toda a sua superfície. Zonas de articulação ligadas entre si (caracter discreto).
S.Lc./93/S7/Sp.33/0010	cuneiforme medial	direito		Pontualmente fragmentado um pouco por toda a sua superfície. Zonas de articulação ligadas entre si (caracter discreto).
S.Lc./93/S7/Sp.33/0011	cuneiforme intermédio	esquerdo		
S.Lc./93/S7/Sp.33/0012	cuneiforme intermédio	direito		
S.Lc./93/S7/Sp.33/0013	cuneiforme lateral	direito		Pontualmente fragmentado um pouco por toda a sua superfície.
S.Lc./93/S7/Sp.33/0014	cuneiforme			
S.Lc./93/S7/Sp.33/0015	1º metatarso	esquerdo		Epífise distal fragmentada.
S.Lc./93/S7/Sp.33/0016	1º metatarso	direito		
S.Lc./93/S7/Sp.33/0017	5º metatarso	esquerdo	poroso	
S.Lc./93/S7/Sp.33/0018	5º metatarso	direito	poroso na epífise distal	
S.Lc./93/S7/Sp.33/0019	2º ou 3º metatarso	esquerdo		Fragmentado na epífise distal.
S.Lc./93/S7/Sp.33/0020	2º ou 3º metatarso	esquerdo		Pontualmente fragmentado em ambas as epífises.
S.Lc./93/S7/Sp.33/0021	2º ou 3º metatarso			Epífise distal fragmentada - não presente.
S.Lc./93/S7/Sp.33/0022	4º metatarso	esquerdo		Epífise distal fragmentada em dois pontos.
S.Lc./93/S7/Sp.33/0023	2º metatarso	direito		Epífise distal fragmentada - não presente.
S.Lc./93/S7/Sp.33/0024	3º ou 4º metatarso	direito		Epífise proximal ausente e epífise proximal fragmentada na face lateral.
S.Lc./93/S7/Sp.33/0025	falange proximal do pé		poroso na epífise distal	Epífise distal pontualmente fragmentada.

S.Lc./93/S7/Sp.33/0026	1ª falange distal do pé	esquerdo		
S.Lc./93/S7/Sp.33/0027	1ª falange distal	direito	poroso na epífise distal	Epífise distal pontualmente fragmentada.
S.Lc./93/S7/Sp.33/0028	sesamóide	-		
S.Lc./93/S7/Sp.33/0029	sesamóide			Pontualmente fragmentado numa das suas extremidades.
S.Lc./93/S7/Sp.33/0030	fragmento indeterminado			
S.Lc./93/S7/Sp.33/0031	metatarso	direito		Pontualmente fragmentado um pouco por toda a sua superfície.
S.Lc./93/S7/Sp.33/0032	cartilagem ossificada			
S.Lc./93/S7/Sp.33/0033	falange			Pontualmente fragmentado um pouco por toda a sua superfície.
S.Lc./93/S7/Sp.33/0034	fragmento indeterminado			
S.Lc./93/S7/Sp.33/0035	fragmento indeterminado			

Tabela nº 35 – Inventário da sepultura *S.Lc./92/S7/Sp.34*

nº inventário	Identificação	Lateralidade	Marcas patológicas	Observações
S.Lc./92/S.7/Sp.34/0001	patela	direito	entesopatia - grau mínimo	
S.Lc./92/S.7/Sp.34/0002	patela	esquerdo	entesopatia - grau mínimo	
S.Lc./92/S.7/Sp.34/0003	tíbia sem epífise distal	esquerdo		Possível pertença à tíbia <i>S.Lc./92/S.7/Sp.34/0013</i> .
S.Lc./92/S.7/Sp.34/0004	fragmento de epífise proximal de tíbia			Pertence à tíbia <i>S.Lc./92/S.7/Sp.34/0006</i> .
S.Lc./92/S.7/Sp.34/0005	epífise proximal de tíbia	direito		Possível pertença à tíbia <i>S.Lc./92/S.7/Sp.34/0006</i> .
S.Lc./92/S.7/Sp.34/0006	tíbia sem epífise proximal	direita		
S.Lc./92/S.7/Sp.34/0007	fragmento de diáfise de fíbula	direito		Possível pertença ao fragmento de fíbula <i>S.Lc./92/S.7/Sp.34/0043</i> .
S.Lc./92/S.7/Sp.34/0008	fíbula sem epífise proximal	esquerdo		
S.Lc./92/S.7/Sp.34/0009	fragmento da face dorsal de calcâneo	direito		
S.Lc./92/S.7/Sp.34/0010	fragmento de calcâneo da face dorsal	esquerdo		
S.Lc./92/S.7/Sp.34/0011	fragmento de talus da face dorsal e plantar parcial	direito		
S.Lc./92/S.7/Sp.34/0012	talus	esquerdo		Ligeiramente fragmentado.
S.Lc./92/S.7/Sp.34/0013	fragmento de epífise distal de tíbia	esquerdo		Possível pertença à tíbia <i>S.Lc./92/S.7/Sp.34/0003</i> .

S.Lc./92/S.7/Sp.34/0014	navicular	esquerdo		Ligeiramente fragmentado na face lateral.
S.Lc./92/S.7/Sp.34/0015	cuneiforme medial	direito		Pontualmente fragmentado.
S.Lc./92/S.7/Sp.34/0016	fragmento de epífise proximal de primeiro metatarso	direito		Possível pertença ao fragmento de 1º metatarso <i>S.Lc./92/S.7/Sp.34/0025</i> .
S.Lc./92/S.7/Sp.34/0017	cuneiforme medial	esquerdo		Pontualmente fragmentado.
S.Lc./92/S.7/Sp.34/0018	fragmento de cuneiforme			
S.Lc./92/S.7/Sp.34/0019	fragmento de cuneiforme			
S.Lc./92/S.7/Sp.34/0020	sesamóide	direito		
S.Lc./92/S.7/Sp.34/0021	fragmento proximal de talus			
S.Lc./92/S.7/Sp.34/0022	fragmento de cuneiforme (intermédio ou lateral)			
S.Lc./92/S.7/Sp.34/0023	2º metatarso	esquerdo		
S.Lc./92/S.7/Sp.34/0024	5º metatarso	direito		
S.Lc./92/S.7/Sp.34/0025	fragmento da face proximal de 1º metatarso	direito		Possível pertença ao fragmento de 1º metatarso <i>S.Lc./92/S.7/Sp.34/0016</i> .
S.Lc./92/S.7/Sp.34/0026	1º metatarso	esquerdo		Pontualmente fragmentado na epífise distal.
S.Lc./92/S.7/Sp.34/0027	metatarso sem epífise proximal	direito		
S.Lc./92/S.7/Sp.34/0028	metatarso	esquerdo		Pontualmente fragmentado em ambas das epífises.
S.Lc./92/S.7/Sp.34/0029	metatarso	esquerdo		
S.Lc./92/S.7/Sp.34/0030	metatarso	esquerdo		Pontualmente fragmentado em ambas das epífises.
S.Lc./92/S.7/Sp.34/0031	5º metatarso	esquerdo		

S.Lc./92/S.7/Sp.34/0032	metatarso sem epífise proximal	esquerdo		
S.Lc./92/S.7/Sp.34/0033	1º falange proximal	esquerdo		
S.Lc./92/S.7/Sp.34/0034	falange proximal	esquerdo		
S.Lc./92/S.7/Sp.34/0035	falange proximal			
S.Lc./92/S.7/Sp.34/0036	falange proximal			
S.Lc./92/S.7/Sp.34/0037	falange proximal			Pontualmente fragmentado na epífise distal.
S.Lc./92/S.7/Sp.34/0038	falange proximal			
S.Lc./92/S.7/Sp.34/0039	falange proximal			Pontualmente fragmentado na epífise proximal.
S.Lc./92/S.7/Sp.34/0040	falange proximal			
S.Lc./92/S.7/Sp.34/0041	fragmento indeterminado			
S.Lc./92/S.7/Sp.34/0042	fragmento indeterminado			
S.Lc./92/S.7/Sp.34/0043	fragmento de epífise distal de fíbula	direito		Possível pertença à fíbula <i>S.Lc./92/S.7/Sp.34/0007</i> .
S.Lc./92/S.7/Sp.34/0044	fragmento indeterminado			
S.Lc./92/S.7/Sp.34/0045	fragmento indeterminado			Possível face posterior do calcâneo.
S.Lc./92/S.7/Sp.34/0046	fragmento indeterminado			

Tabela nº 36 – Inventário da sepultura *S.Lc./93/S8/Sp.35*

nº inventário	Identificação	Lateralidade	Marcas patológicas	Observações
S.Lc./93/S8/Sp.35/0001	crânio - maxila + palatinos + vomer + nasais + esfenóide + dentição + occipital + temporal direito e esquerdo + frontal (porção direita com fissura supraorbital) e parietal direito, esquerdo fragmentado	-		
S.Lc./93/S8/Sp.35/0002	vértebra cervical	-		Fragmento da face lateral direita.
S.Lc./93/S8/Sp.35/0003	costela	esquerda (por associação)		Fragmento de epífise esternal.
S.Lc./93/S8/Sp.35/0004	vértebra torácica	-		Fragmento de processo transversal esquerdo com arranque da face articular superior.
S.Lc./93/S8/Sp.35/0005	vértebra cervical - atlas			
S.Lc./93/S8/Sp.35/0006	vértebra cervical	-		Fragmento de processo espinhoso e superior e face articular inferior direito.
S.Lc./93/S8/Sp.35/0007	vértebra cervical - atlas	-		Fragmento de parte anterior do atlas.
S.Lc./93/S8/Sp.35/0008	vértebra torácica	-	prolongamento atípico do processo espinhoso	Fragmento de processo espinhoso com zonas articulares superior e inferior.
S.Lc./93/S8/Sp.35/0009	vértebra cervical	-	foramen transversal esquerdo dividido em dois.	Ligeiro desgaste articular nas faces superior e inferior do corpo vertebral.

S.Lc./93/S8/Sp.35/0010	vértebra cervical		processo espinhoso bifurcado	
S.Lc./93/S8/Sp.35/0011	vértebra torácica	-	ligeiro desgaste articular nas faces superior e inferior do corpo vertebral	Fragmento de corpo vertebral com arranque da face articular superior esquerdo.
S.Lc./93/S8/Sp.35/0012	vértebra cervical	-		Fragmento de processo espinhoso.
S.Lc./93/S8/Sp.35/0013	vértebra cervical	-		Fragmento de corpo cervical com arranque da face articular superior e inferior direito.
S.Lc./93/S8/Sp.35/0014	vértebra cervical	-	ligeiro desgaste articular nas faces superior e inferior do corpo vertebral	
S.Lc./93/S8/Sp.35/0015	vértebra torácica	-	ligeiro desgaste articular nas faces superior e inferior do corpo vertebral	Fragmento de corpo vertebral.
S.Lc./93/S8/Sp.35/0016	vértebra cervical - áxis			Fragmento do processo espinhoso.
S.Lc./93/S8/Sp.35/0017	vértebra cervical		ligeiro desgaste articular nas faces superior e inferior do corpo vertebral	Fragmento de corpo vertebral com arranque da face articular superior.
S.Lc./93/S8/Sp.35/0018	vértebra cervical	-	ligeiro desgaste articular nas faces superior e inferior do corpo vertebral	Fragmento de corpo vertebral e da face articular superior esquerda.
S.Lc./93/S8/Sp.35/0019	vértebra torácica	-	labiação - desgaste articular nas faces superior e inferior do corpo vertebral	Prolongamento atípico do processo espinhoso e nas faces articulares superiores (caracter discreto).

S.Lc./93/S8/Sp.35/0020	vértebra torácica	-	ligeiro desgaste articular nas faces superior e inferior do corpo vertebral	
S.Lc./93/S8/Sp.35/0021	vértebra torácica	-	labiação - desgaste articular nas faces superior e inferior do corpo vertebral	Prolongamento atípico do processo espinhoso e nas faces articulares superiores (caracter discreto).
S.Lc./93/S8/Sp.35/0022	vértebra lombar	-		Processo espinhoso e face articular da face esquerda.
S.Lc./93/S8/Sp.35/0023	vértebra torácica		ligeiro desgaste articular nas faces superior e inferior do corpo vertebral	
S.Lc./93/S8/Sp.35/0024	vértebra lombar	-		Processo espinhoso e face articular inferior.
S.Lc./93/S8/Sp.35/0025	vértebra torácica	-	labiação - desgaste articular nas faces superior e inferior do corpo vertebral e prolongamento atípico do processo espinhoso	Pertence a <i>S.Lc./93/S8/Sp.35/0039</i> .
S.Lc./93/S8/Sp.35/0026	vértebra torácica	-	desgaste articular nas faces superior e inferior do corpo vertebral. Labiação	Corpo vertebral um pouco fragmentado.
S.Lc./93/S8/Sp.35/0027	vértebra lombar	-	ligeiro desgaste articular nas faces superior e inferior do corpo vertebral	

S.Lc./93/S8/Sp.35/0028	vértebra lombar	-	ligeiro desgaste articular nas faces superior e inferior do corpo vertebral	
S.Lc./93/S8/Sp.35/0029	vértebra torácica	-	labiação - desgaste articular nas faces superior e inferior do corpo vertebral.	Prolongamento atípico do processo espinhoso (caracter discreto).
S.Lc./93/S8/Sp.35/0030	vértebra lombar	-	ligeiro desgaste articular nas faces superior e inferior do corpo vertebral	Fragmento de corpo vertebral com arranque do processo transversal.
S.Lc./93/S8/Sp.35/0031	vértebra lombar	-	desgaste articular nas faces superior e inferior do corpo vertebral (labiação) acentuado	Presente - corpo vertebral fragmentado.
S.Lc./93/S8/Sp.35/0032	vértebra lombar	-	desgaste articular nas faces superior e inferior do corpo vertebral (labiação) acentuado	Corpo vertebral presente.
S.Lc./93/S8/Sp.35/0033	vértebra	-		
S.Lc./93/S8/Sp.35/0034	vértebra torácica	-		Fragmento de processo transversal.
S.Lc./93/S8/Sp.35/0035	vértebra cervical	-		Fragmento de processo espinhoso.
S.Lc./93/S8/Sp.35/0036	vértebra torácica	-		Fragmento de processo espinhoso.
S.Lc./93/S8/Sp.35/0037	vértebra lombar	-		Presente apenas a face articular inferior.
S.Lc./93/S8/Sp.35/0038	vértebra torácica	-		Fragmento de processo espinhoso.

S.Lc./93/S8/Sp.35/0039	vértebra torácica	-	prolongamento atípico do processo espinhoso	Fragmento de processo espinhoso. Pertence à vértebra <i>S.Lc./93/S8/Sp.35/0025</i> .
S.Lc./93/S8/Sp.35/0040	vértebra torácica		alguma porosidade	Fragmento de processo espinhoso.
S.Lc./93/S8/Sp.35/0041	vértebra torácica	-		Fragmento de processo transversal.
S.Lc./93/S8/Sp.35/0042	sacro			Fragmento de face articular superior de sacro. Pertence a <i>S.Lc./93/S8/Sp.35/0045</i> .
S.Lc./93/S8/Sp.35/0043	esterno (corpo)	-	prolongamento atípico na zona distal	Caracter discreto na face anterior. Prolongamento na zona distal devido à calcificação da cartilagem costal. Zona proximal a pender ligeiramente para a esquerda. Interfaces costais desalinhados entre si (caracter discreto ou marcador de stress).
S.Lc./93/S8/Sp.35/0044	esterno (manúbrio)	-	Assimetria e labiação. A pender para a direita. Zona de articulação com o corpo a pender para a esquerda. Assimetria.	Manúbrio fragmentado na face posterior esquerda. Assimetria, a pender para a direita. Zona de articulação com o corpo esternal a pender para a esquerda (caracter discreto ou marcador de stress).
S.Lc./93/S8/Sp.35/0045	sacro	-	indícios de porosidade	Pertence a <i>S.Lc./93/S8/Sp.35/0042</i> .
S.Lc./93/S8/Sp.35/0046	coxal	esquerdo		Fragmentado - crista ilíaca não presente. Púbis fragmentada. Caracteres discretos como observado no esterno (corpo).
S.Lc./93/S8/Sp.35/0047	coxal	direito		Fragmentado - crista ilíaca não-presente.
S.Lc./93/S8/Sp.35/0048	clavícula	direito		Fragmentado em ambas as epífises.
S.Lc./93/S8/Sp.35/0049	escápula	direito	poroso	

S.Lc./93/S8/Sp.35/0050	úmero	direito	desgaste articular em ambas as epífises. Indícios de porosidade leve. Labiação no epicôndilo medial (acentuada), face superior lateral da cabeça (acentuada).	Fragmentado - tubérculo menor e face posterior da tróclea. Ligeira porosidade em ambas as epífises.
S.Lc./93/S8/Sp.35/0051	ulna	esquerdo	irregularidades nas epífises (torto na distal - carácter discreto?)	Fragmentado - diáfise e epífise distal presentes. Epífise distal a pender ligeiramente para a esquerda - carácter discreto. Pessoa robusta, exercia força repetida nos braços.
S.Lc./93/S8/Sp.35/0052	ulna	direita	irregularidades nas epífises (torto na distal - carácter discreto?). Labiação na epífise proximal. Degeneração articular	Epífise distal a pender ligeiramente para a esquerda - carácter discreto. Pessoa robusta, exercia força repetida nos braços.
S.Lc./93/S8/Sp.35/0053	rádio	direito	ligeira porosidade na epífise distal	Tuberosidade radial fragmentada.
S.Lc./93/S8/Sp.35/0054	fémur	direito	superfície porosa nas epífises mas com maior incidência na epífise distal. Tuberosidade acentuada.	
S.Lc./93/S8/Sp.35/0055	fémur	esquerdo	superfície porosa nas epífises mas com maior incidência na epífise distal. Tuberosidade acentuada.	
S.Lc./93/S8/Sp.35/0056	ílio	direito		Face anterior superior da crista ilíaca com arranque do ílio.

S.Lc./93/S8/Sp.35/0057	patela	direita	labiação na face superior-degeneração articular. Marcas de desgaste horizontais na face anterior	Fragmentada na face posterior no ápex.
S.Lc./93/S8/Sp.35/0058	patela	esquerdo	labiação na face superior-degeneração articular. Marcas de desgaste horizontais na face anterior	Fragmentada na face posterior no ápex face articular medial.
S.Lc./93/S8/Sp.35/0059	tíbia	esquerdo		Fragmentado - epífise proximal presente. Parte da epífise proximal encontra-se cortada.
S.Lc./93/S8/Sp.35/0060	3º metacarpo	direito		
S.Lc./93/S8/Sp.35/0061	3º metacarpo	esquerdo		
S.Lc./93/S8/Sp.35/0062	2º metacarpo	direito		
S.Lc./93/S8/Sp.35/0063	4º metacarpo	esquerdo		
S.Lc./93/S8/Sp.35/0064	4º metacarpo	direito		
S.Lc./93/S8/Sp.35/0065	5º metacarpo	direito		
S.Lc./93/S8/Sp.35/0066	falange proximal da mão		labiação ao longo da diáfise nas faces laterais	
S.Lc./93/S8/Sp.35/0067	1º metacarpo	direito		
S.Lc./93/S8/Sp.35/0068	1º metacarpo	esquerdo		
S.Lc./93/S8/Sp.35/0069	5º metacarpo	esquerdo		Epífise distal fragmentada.
S.Lc./93/S8/Sp.35/0070	falange proximal da mão		labiação ao longo da diáfise nas faces laterais	

S.Lc./93/S8/Sp.35/0071	falange proximal da mão		labiação ao longo da diáfise nas faces laterais	
S.Lc./93/S8/Sp.35/0072	falange proximal da mão		labiação ao longo da diáfise nas faces laterais	
S.Lc./93/S8/Sp.35/0073	falange proximal da mão		labiação ao longo da diáfise nas faces laterais	
S.Lc./93/S8/Sp.35/0074	falange proximal da mão		labiação ao longo da diáfise nas faces laterais	
S.Lc./93/S8/Sp.35/0075	falange intermédia da mão		-	
S.Lc./93/S8/Sp.35/0076	1ª falange proximal da mão		-	
S.Lc./93/S8/Sp.35/0077	1ª falange proximal da mão		-	
S.Lc./93/S8/Sp.35/0078	3ª falange intermédia da mão		-	
S.Lc./93/S8/Sp.35/0079	2ª falange intermédia da mão		-	
S.Lc./93/S8/Sp.35/0080	vértebra lombar	-	poroso	Fragmento de processo espinhoso com faces articulares inferiores e, superior direita.
S.Lc./93/S8/Sp.35/0081	2ª falange intermédia da mão		-	
S.Lc./93/S8/Sp.35/0082	4ª falange intermédia da mão		-	
S.Lc./93/S8/Sp.35/0083	4ª falange intermédia da mão		-	
S.Lc./93/S8/Sp.35/0084	3ª falange intermédia da mão		-	
S.Lc./93/S8/Sp.35/0085	5ª falange intermédia		-	Fragmentada - epífise distal e face dorsal da diáfise presentes.
S.Lc./93/S8/Sp.35/0086	falange distal da mão		-	
S.Lc./93/S8/Sp.35/0087	falange distal da mão		-	
S.Lc./93/S8/Sp.35/0088	falange distal da mão		-	
S.Lc./93/S8/Sp.35/0089	falange distal da mão		-	
S.Lc./93/S8/Sp.35/0090	5ª falange intermédia da mão			

S.Lc./93/S8/Sp.35/0091	trapézio	-		
S.Lc./93/S8/Sp.35/0092	escafóide	direito	alguma porosidade	
S.Lc./93/S8/Sp.35/0093	falange distal da mão			
S.Lc./93/S8/Sp.35/0094	capitato	esquerdo	alguma porosidade	
S.Lc./93/S8/Sp.35/0095	trapézio	-		
S.Lc./93/S8/Sp.35/0096	pisiforme	direito		
S.Lc./93/S8/Sp.35/0097	hamato	-	alguma porosidade	
S.Lc./93/S8/Sp.35/0098	capitato	direito	alguma porosidade	
S.Lc./93/S8/Sp.35/0099	lunar	esquerdo	alguma porosidade na face inferior	
S.Lc./93/S8/Sp.35/0100	2º metacarpo	esquerdo		
S.Lc./93/S8/Sp.35/0101	crânio	esquerdo		Fragmento de porção zigomática do crânio. Pertence a <i>S.Lc./93/S8/Sp.35/0001</i> .
S.Lc./93/S8/Sp.35/0102	costela	esquerdo		Fragmento de cabeça e tubérculos arranque da diáfise.
S.Lc./93/S8/Sp.35/0103	costela			Marca em relevo elíptica com traço em baixo relevo na vertical (caracter discreto) - igual a costela 0106 e 0118. Fragmento de diáfise de costela.
S.Lc./93/S8/Sp.35/0104	costela	-		Fragmento de epífise esternal e diáfise.
S.Lc./93/S8/Sp.35/0105	costela	direito		Fragmento de diáfise de costela. Marca em relevo elíptica com traço em baixo relevo na vertical (caracter discreto) - igual a 0103, 0106, 0118, 0135.
S.Lc./93/S8/Sp.35/0106	costela	direito		Marca em relevo elíptica com traço em baixo relevo na vertical (caracter discreto). Fragmento de diáfise de costela.
S.Lc./93/S8/Sp.35/0107	costela	direito		
S.Lc./93/S8/Sp.35/0108	costela	direito		Fragmento de costela com tubérculo e diáfise.

S.Lc./93/S8/Sp.35/0109	costela			Fragmento de diáfise de costela.
S.Lc./93/S8/Sp.35/0110	costela	direito		Fragmento de ponta da cabeça com tubérculo.
S.Lc./93/S8/Sp.35/0111	costela	direito		Fragmento de cabeça e tubérculo de costela e diáfise.
S.Lc./93/S8/Sp.35/0112	costela	-		Fragmento de epífise esternal e diáfise de costela. Marca em relevo elíptica com traço em baixo relevo na vertical.
S.Lc./93/S8/Sp.35/0113	costela	esquerdo		Fragmento de epífise da cabeça.
S.Lc./93/S8/Sp.35/0114	costela	-		Fragmento de epífise esternal com arranque da diáfise.
S.Lc./93/S8/Sp.35/0115	costela	-		Fragmento de epífise esternal.
S.Lc./93/S8/Sp.35/0116	costela	-		Fragmento de diáfise de costela.
S.Lc./93/S8/Sp.35/0117	costela	direito		Fragmento de cabeça e tubérculo de costela e diáfise.
S.Lc./93/S8/Sp.35/0118	costela	direito		Fragmento de diáfise de costela com tubérculo. Duas marcas em relevo elíptica com traço em baixo relevo na vertical (caracter discreto) - igual a costela 0106.
S.Lc./93/S8/Sp.35/0119	costela	-		Fragmento de epífise esternal.
S.Lc./93/S8/Sp.35/0120	costela	-		Fragmento de diáfise de costela.
S.Lc./93/S8/Sp.35/0121	costela	-		Fragmento de diáfise de costela.
S.Lc./93/S8/Sp.35/0122	1ª costela	direito		Fragmento de ponta esternal com arranque de diáfise.
S.Lc./93/S8/Sp.35/0123	costela	direito		Fragmento de cabeça e tubérculo de costela e diáfise. Série de marcas leves diagonais em linha ao longo da diáfise.
S.Lc./93/S8/Sp.35/0124	costela	direito		
S.Lc./93/S8/Sp.35/0125	costela	-		Fragmento de diáfise de costela.
S.Lc./93/S8/Sp.35/0126	costela	-		Fragmento de diáfise.

S.Lc./93/S8/Sp.35/0127	costela	esquerdo		Impressões em relevo na zona da cabeça (caracter discreto).
S.Lc./93/S8/Sp.35/0128	costela	-		Fragmento de diáfise de costela.
S.Lc./93/S8/Sp.35/0129	costela	-		Possível fragmento de cabeça de costela.
S.Lc./93/S8/Sp.35/0130	costela	-		Fragmento de epífise esternal.
S.Lc./93/S8/Sp.35/0131	vértebra torácica	-	desgaste articular nas faces superior e inferior do corpo vertebral (labiação) acentuado	
S.Lc./93/S8/Sp.35/0132	costela	direito		Fragmento de diáfise.
S.Lc./93/S8/Sp.35/0133	12ª costela	- (direita por associação da costela <i>S.Lc./93/S8/S p.35/0134</i>)		
S.Lc./93/S8/Sp.35/0134	12ª costela	esquerda		
S.Lc./93/S8/Sp.35/0135	costela	-		Fragmento de diáfise de costela. Marca em relevo elíptica com traço em baixo relevo na vertical (caracter discreto) - igual a costelas ...0103, ...0106, ...0118.
S.Lc./93/S8/Sp.35/0136	costela	-		Fragmento de diáfise de costela.
S.Lc./93/S8/Sp.35/0137	costela	-		Fragmento de diáfise de costela com tubérculo. Face inferior com superfície rugosa e ondulada.
S.Lc./93/S8/Sp.35/0138	costela	-		Fragmento de diáfise de costela.
S.Lc./93/S8/Sp.35/0139	costela	-		Fragmento de cabeça de costela.
S.Lc./93/S8/Sp.35/0140	costela	direito		Fragmento de cabeça com tubérculo.
S.Lc./93/S8/Sp.35/0141	tubérculo da crista ilíaca	-		
S.Lc./93/S8/Sp.35/0142	fragmento da crista ilíaca	-		

S.Lc./93/S8/Sp.35/0143	ílio	-		Fragmento de crista ilíaca.
S.Lc./93/S8/Sp.35/0144	ílio	-		Fragmento de parede de ílio.
S.Lc./93/S8/Sp.35/0145	vértebra cervical	-		Fragmento de faces articulares superior e inferior.
S.Lc./93/S8/Sp.35/0146	hióide			
S.Lc./93/S8/Sp.35/0147	vértebra	-	-	Fragmento de face articular inferior direita.
S.Lc./93/S8/Sp.35/0148	parede de crânio	-	-	Fragmento de parede craniana.
S.Lc./93/S8/Sp.35/0149	vértebra - face articular			Fragmento de face articular.
S.Lc./93/S8/Sp.35/0150	fragmento de vértebra	-	ligeiro desgaste degenerativo nas faces superior e inferior do corpo vertebral	Fragmento de corpo vertebral.
S.Lc./93/S8/Sp.35/0151	vértebra torácica	-	desgaste articular nas faces superior e inferior do corpo vertebral (labiação) acentuado	
S.Lc./93/S8/Sp.35/0152	indeterminado			
S.Lc./93/S8/Sp.35/0153	lunar	direito		
S.Lc./93/S8/Sp.35/0154	falange intermédia da mão	-		
S.Lc./93/S8/Sp.35/0155	falange distal da mão	-		
S.Lc./93/S8/Sp.35/0156	triquetral	?		
S.Lc./93/S8/Sp.35/0157	vértebra torácica		desgaste articular nas faces superior e inferior do corpo vertebral (labiação). Prolongamento atípico do processo espinhoso.	Corpo vertebral ligeiramente fragmentado.

S.Lc./93/S8/Sp.35/0158	parede de crânio	-		
S.Lc./93/S8/Sp.35/0159	parede de crânio	-		
S.Lc./93/S8/Sp.35/0160	parede de crânio	-		Uma das faces com sutura craniana.
S.Lc./93/S8/Sp.35/0161	parede de crânio	-		
S.Lc./93/S8/Sp.35/0162	parede de crânio	-		
S.Lc./93/S8/Sp.35/0163	parede de crânio	-		
S.Lc./93/S8/Sp.35/0164	parede de crânio	-		
S.Lc./93/S8/Sp.35/0165	fragmento de vértebra	-		Fragmento de corpo vertebral.
S.Lc./93/S8/Sp.35/0166	fragmento de parede de crânio			
S.Lc./93/S8/Sp.35/0167	crânio – margem orbital			
S.Lc./93/S8/Sp.35/0168				
S.Lc./93/S8/Sp.35/0169	mandíbula	-		Ramo esquerdo fragmentado.

Tabela nº 37 – Inventário dentário da sepultura *S.Lc./93/S8/Sp.35*

Maxila - S.Lc./93/S8/Sp.35/0001. Ligeira doença periodontal no geral			
Dente	Lateralidade	Estado (solto ou <i>in situ</i>)	Patologias/ Observações
RI1	esquerdo	alvéolo	-
RI2	esquerdo	<i>in situ</i>	Desgaste acentuado. Exposição de dentina. Ligeiro cálculo.
RC1	esquerdo	<i>in situ</i>	Desgaste acentuado. Exposição de dentina. Presença de cálculo moderado
RP3	esquerdo	<i>in situ</i>	Ligeiro desgaste. Dentina na zona labial. Presença de cálculo acentuado.
RP4	esquerdo	<i>in situ</i>	Ligeiro desgaste. Dentina na zona labial. Presença de cálculo acentuado.
RM1	esquerdo	<i>in situ</i>	Desgaste. Dentina presente de forma mais acentuada na zona lingual
RM2	esquerdo	<i>in situ</i>	Desgaste. Cárie provocou desmineralização acentuada na zona posterior. Presença de cálculo.
RM3	esquerdo	alvéolo reabsorvido	-
RI1	direito	<i>in situ</i>	Desgaste acentuado. Exposição de dentina.
RI2	direito	<i>in situ</i>	Ligeiro desgaste. Dentina na zona mesial. Presença de cálculo ligeiro.
RC1	direito	<i>in situ</i>	Desgaste acentuado. Dentina presente na zona mesial. Presença de cálculo ligeiro.
RP3	direito	<i>in situ</i>	Desgaste acentuado. Dentina presente mais acentuada na zona distal. Ligeira na zona mesial.
RP4	direito	<i>in situ</i>	Desgaste acentuado, mais profundo na zona distal. Pouca presença de dentina na zona mesial.
RM1	direito	alvéolo reabsorvido	
RM2	direito	alvéolo reabsorvido	

RM3	direito	alvéolo reabsorvido	
Mandíbula - S.Lc./93/S8/Sp.35/0169. Ligeira doença periodontal no geral			
Dente	Lateralidade	Estado (solto ou <i>in situ</i>)	Patologias/ Observações
RI1	esquerdo	<i>in situ</i>	Desgaste acentuado. Exposição de dentina. Presença de cálculo.
RI2	esquerdo	<i>in situ</i>	Desgaste acentuado. Exposição de dentina. Presença de cálculo.
RC1	esquerdo	<i>in situ</i>	Desgaste acentuado. Exposição de dentina. Presença de cálculo.
RP3	esquerdo	<i>in situ</i>	Desgaste acentuado. Dentina presente mais acentuada na zona mesial. Presença de cálculo ligeiro.
RP4	esquerdo	<i>in situ</i>	Desgaste. Dentina presente zona mesial. Presença de cálculo ligeiro.
RM1	esquerdo	<i>in situ</i>	Desgaste acentuado. Dentina presente em toda a superfície dentária mas mais acentuada na zona mesial. Presença de cálculo ligeiro.
RM2	esquerdo	<i>in situ</i>	Desgaste acentuado. Dentina presente mais acentuada na zona mesial. Presença de cálculo ligeiro.
RM3	esquerdo	solto / alvéolo	Desgaste. Dentina presente tímida. Presença de cálculo ligeiro. Cárie provocou desmineralização acentuada na zona posterior.
RI1	direito	solto / alvéolo	Desgaste acentuado. Exposição de dentina.
RI2	direito	solto / alvéolo	Desgaste acentuado. Exposição de dentina.
RC1	direito	solto / alvéolo	Desgaste acentuado. Exposição de dentina.
RP3	direito	solto / alvéolo	Desgaste. Tímida presença de dentina.
RP4	direito	<i>in situ</i>	Desgaste. Tímida presença de dentina.
RM1	direito	<i>in situ</i>	Desgaste acentuado. Dentina presente mais acentuada na zona bucal.
RM2	direito	<i>in situ</i>	Desgaste acentuado.
RM3	direito	<i>in situ</i>	Desgaste acentuado.

Cálculo de Cotas Absolutas

Nota: A primeira coluna de algarismos corresponde aos números que os arqueólogos responsáveis pelas escavações (Amaro, 1993; 1993a) atribuíram a determinados pontos no interior das inumações, visíveis nos desenhos em que se representam as sepulturas. A segunda coluna “Cotas do Arqueólogo” corresponde às medidas em centímetros da profundidade em relação ao chão da Igreja da São Lourenço. A terceira coluna “Cotas Absolutas” encontra-se em metros e corresponde às medidas absolutas de profundidade tendo em conta o ponto absoluto de altura da Igreja. AP = 39,35 metros.

S1 / C.2 - Sepultura 1		
	Cotas do Arqueólogo (cm)	Cotas Absolutas (m)
2	-133	38,02
3	-142	37,93
7	-145	37,9
5	-141	37,94
8	-143	37,92
9	-144	37,91
11	-143	37,92
12	-142	37,93
31	-140	37,95
32	-150	37,85
Média	-142,3 cm	37,927 m

Tabela nº 38 – Cálculo de cotas absolutas da S1/C.2 – Sepultura 1.

S1 / C.2 - Sepultura 2		
	Cotas do Arqueólogo (cm)	Cotas Absolutas (m)
20	-119	38,16
Média	-119 cm	38,16 m

Tabela nº 39 – Cálculo de cotas absolutas da S1/C.2 – Sepultura 2.

S1 / C.2 - Sepultura 3		
	Cotas do Arqueólogo (cm)	Cotas Absolutas (m)
13	-118	38,17
14	-117	38,18
15	-129	38,06
16	-122	38,13
17	-122	38,13
19	-124	38,11
22	-122	38,13
Média	-106,75 cm	38,13 m

Tabela nº 40 – Cálculo de cotas absolutas da S1/C.2 – Sepultura 3.

S1 - Sepultura 4		
	Cotas do Arqueólogo (cm)	Cotas Absolutas (m)
29	-123	38,12
Média	-123 cm	38,12 m

Tabela nº 41 – Cálculo de cotas absolutas da S1 – Sepultura 4.

S1 / C.2 - Sepultura 5		
	Cotas do Arqueólogo (cm)	Cotas Absolutas (m)
1	-135	38
2	-143	37,92
3	-145	37,9
4	-141	37,94
5	-141	37,94
6	-146	37,89
7	146	37,89
8	-158	37,77
9	-132	38,03
10	-133	38,02
11	-158	37,77
12	-130	38,05
Média	-142,33 cm	37,93 m

Tabela nº 42 – Cálculo de cotas absolutas da S1/ C.2 – Sepultura 5.

S1 / C.6 - Sepultura 12		
	Cotas do Arqueólogo (cm)	Cotas Absolutas (m)
1	-70	38,65
2	-87	38,48
3	-91	38,44
4	-84	38,51
5	-98	38,37
6	-86	38,49
Média	-86 cm	38,49 m

Tabela nº 43 – Cálculo de cotas absolutas da S1/ C.6 – Sepultura 12.

S1 / C.6 - Sepultura 17		
	Cotas do Arqueólogo (cm)	Cotas Absolutas (m)
1	-92	38,43
2	-109	38,26
3	-113	38,22
4	-115	38,2
5	-119	38,16
6	-109	38,26
Média	-109,5 cm	38,26 m

Tabela nº 44 – Cálculo de cotas absolutas da S1/ C.6 – Sepultura 17.

S1 / C.2 - Sepultura 18		
	Cotas do Arqueólogo (cm)	Cotas Absolutas (m)
1	-168	37,67
2	-172	37,63
3	-170	37,65
4	-169	37,66
5	-169	37,66
6	-170	37,65
7	-174	37,61
8	-173	37,62
9	-174	37,61
Média	-171 cm	37,64 m

Tabela nº 45 – Cálculo de cotas absolutas da S1/ C.2 – Sepultura 18.

S1 - Sepultura 36		
	Cotas do Arqueólogo (cm)	Cotas Absolutas (m)
1	-65	38,7
2	-72	38,63
3	-72	38,63
4	-87	38,48
5	-83	38,52
6	-80	38,55
7	-80	38,55
8	-84	38,51
9	-82	38,53
10	-86	38,49
11	-79	38,56
12	-86	38,49
Média	-80 cm	38,55 m

Tabela nº 46 – Cálculo de cotas absolutas da S1 – Sepultura 36 (talhão nº36).

S1 - Sepultura 37		
	Cotas do Arqueólogo (cm)	Cotas Absolutas (m)
1	-84	38,51
2	-96	38,39
3	-104	38,31
4	-97	38,38
5	-99	38,36
6	-100	38,35
7	-101	38,34
8	-99	38,36
9	-100	38,35
10	-98	38,37
11	-10	38,35
12	-97	38,38
13	-104	38,31
14	-100	38,35
15	-94	38,41
16	-105	36,3
17	-91	38,44
Média	-86 cm	38,49 m

Tabela nº 47 – Cálculo de cotas absolutas da S1 – Sepultura 37 (talhão nº 36).

S1 / C.1 - Sepultura 38 (talhão nº 43)		
	Cotas do Arqueólogo (cm)	Cotas Absolutas (m)
1	-79	38,56
2	-87	38,48
3	-94	38,41
4	-99	38,36
5	-94	38,41
6	-92	38,43
7	-98	38,37
8	-122	38,13
9	-102	38,33
10	-95	38,4
11	-96	38,39
12	-95	38,4
13	-88	38,47
14	-90	38,45
15	-91	38,44
16	-83	38,52
17	-95	38,4
18	-99	38,36
19	-84	38,51
20	-84	38,51
Média	-93,35 cm	38,42 m

Tabela nº 48 – Cálculo de cotas absolutas da S1 / C.1 – Sepultura 38.

S2 - Sepultura 7		
	Cotas do Arqueólogo (cm)	Cotas Absolutas (m)
1	-110	38,25
2	-111	38,24
5	-116	38,19
6	-114	38,21
Média	-112,75 cm	38,22 m

Tabela nº 49 – Cálculo de cotas absolutas da S2 – Sepultura 7.

S2 - Sepultura 8		
	Cotas do Arqueólogo (cm)	Cotas Absolutas (m)
3	-115	38,2
4	-116	38,19
Média	-115,5 cm	38,2 m

Tabela nº 50 – Cálculo de cotas absolutas da S2 – Sepultura 8.

S2 - Sepultura 9		
	Cotas do Arqueólogo (cm)	Cotas Absolutas (m)
	-119	38,16
	-115	38,2
	-118	38,17
Média	-117,33 cm	38,176 m

Tabela nº 51 – Cálculo de cotas absolutas da S2 – Sepultura 9.

S2 - Sepultura 10		
	Cotas do Arqueólogo (cm)	Cotas Absolutas (m)
	-109	38,26
Média	-109 cm	-38,26 m

Tabela nº 52 – Cálculo de cotas absolutas da S2 – Sepultura 10.

S2 - Sepultura 11		
	Cotas do Arqueólogo (cm)	Cotas Absolutas (m)
	-114	38,21
Média	-114 cm	38,21 m

Tabela nº 53 – Cálculo de cotas absolutas da S2 – Sepultura 11.

S2 - Sepultura 13		
	Cotas do Arqueólogo (cm)	Cotas Absolutas (m)
	-117	38,18
	-138	37,97
	-134	38,01
	-113	38,22
	-138	37,97
Média	-128 cm	38,07 m

Tabela nº 54 – Cálculo de cotas absolutas da S2 – Sepultura 13.

S2 - Sepultura 15		
	Cotas do Arqueólogo (cm)	Cotas Absolutas (m)
1	-122	38,13
2	-119	38,16
3	-122	38,13
4	-118	38,17
5	-133	38,02
12	-117	38,18
Média	-121,83 cm	38,13 m

Tabela nº 55 – Cálculo de cotas absolutas da S2 – Sepultura 15.

S2 - Sepultura 16		
	Cotas do Arqueólogo (cm)	Cotas Absolutas (m)
13	-116	38,19
15	-118	38,25
Média	-113 cm	38,22 m

Tabela nº 56 – Cálculo de cotas absolutas da S2 – Sepultura 16.

S2 - Sepultura 19		
	Cotas do Arqueólogo (cm)	Cotas Absolutas (m)
1	-129	38,06
2	-125	38,1
3	-123	38,12
4	-124	38,11
5	-129	38,06
6	-126	38,09
7	-125	38,1
8	-128	38,07
9	-130	38,05
10	-131	38,04
11	-127	38,08
12	-129	38,06
13	-127	38,08
14	-128	38,07
Média	-127,21 cm	38,08 m

Tabela nº 57 – Cálculo de cotas absolutas da S2 – Sepultura 19.

S2 - Sepultura 20		
	Cotas do Arqueólogo (cm)	Cotas Absolutas (m)
1	-138	37,97
2	-140	37,95
3	-146	37,89
4	-146	37,89
5	-142	37,93
6	-151	37,84
7	-147	37,88
8	-136	37,99
9	-132	38,03
10	-141	37,94
11	-138	37,97
12	-141	37,94
13	-130	38,05
14	-130	38,05
15	-152	37,83
16	-150	37,85
17	-131	38,04
18	-142	37,93
19	-132	38,03
20	-150	37,85
21	-150	37,85
Média	-141,19 cm	37,94 m

Tabela nº 58 – Cálculo de cotas absolutas da S2 – Sepultura 20.

S2 - Sepultura 39 (talhão nº 49)		
	Cotas do Arqueólogo (cm)	Cotas Absolutas (m)
1	-100	38,35
2	-100	38,35
3	-105	38,3
4	-103	38,32
5	-104	38,31
6	-105	38,3
7	-108	38,27
8	-103	38,32
9	-106	38,29
10	-105	38,3
11	-96	38,39
12	-102	38,33
13	-105	38,3
Média	-103,23 cm	38,32 m

Tabela nº 59 – Cálculo de cotas absolutas da S2 – Sepultura 39 (talhão nº 49).

S2 - Sepultura 40 (talhão nº 42)		
	Cotas do Arqueólogo (cm)	Cotas Absolutas (m)
1	-104	38,31
2	-104	38,31
3	-103	38,32
4	-100	38,35
5	-102	38,33
6	-102	38,33
7	-98	38,37
8	-101	38,34
9	-101	38,34
10	-100	38,35
11	-100	38,35
12	-100	38,35
13	-86	38,49
14	-93	38,42
15	-86	38,49
16	-96	38,39
17	-88	38,47
Média	-98,06 cm	38,37 m

Tabela nº 60 – Cálculo de cotas absolutas da S2 – Sepultura 40 (talhão nº 42).

S2 - Sepultura 41 (talhão nº 35)		
	Cotas do Arqueólogo (cm)	Cotas Absolutas (m)
1	-95	38,4
2	-101	38,34
3	-104	38,31
4	-103	38,32
5	-104	38,31
6	-105	38,3
7	-104	38,31
8	-103	38,32
9	-94	38,41
10	-108	38,27
11	-110	38,25
12	-90	38,45
13	-85	38,5
Média	-87,38 cm	38,35 m

Tabela nº 61 – Cálculo de cotas absolutas da S2 – Sepultura 41 (talhão nº 35).

S7 - Sepultura 24		
	Cotas do Arqueólogo (cm)	Cotas Absolutas (m)
	-49	38,86
	-52	38,83
Média	-50,5 cm	38,85 m

Tabela nº 63 – Cálculo de cotas absolutas da S7 – Sepultura 24.

S3 - Sepultura 21		
	Cotas do Arqueólogo (cm)	Cotas Absolutas (m)
5	-41	38,94
6	-49	38,86
9	-49	38,86
14	-49	38,86
15	-51	38,84
16	-50	38,85
17	-44	38,91
20	-50	38,85
21	-55	38,8
22	-50	38,85
Média	-48,8 cm	38,83 m

Tabela nº 62 – Cálculo de cotas absolutas da S2 – Sepultura 21.

S7 - Sepultura 25		
	Cotas do Arqueólogo (cm)	Cotas Absolutas (m)
	-106	38,29
Média	-106 cm	38,29 m

Tabela nº 64 – Cálculo de cotas absolutas da S7 – Sepultura 25.

S7 - Sepultura 26		
	Cotas do Arqueólogo (cm)	Cotas Absolutas (m)
	-103	38,32
Média	-103 cm	38,32 m

Tabela nº 65 – Cálculo de cotas absolutas da S7 – Sepultura 26.

S7 - Sepultura 27		
	Cotas do Arqueólogo (cm)	Cotas Absolutas (m)
35	-88	38,47
43	-103	38,32
38	-90	38,45
39	-99	38,36
40	-99	38,36
Média	-95,8 cm	38,39 m

Tabela nº 66 – Cálculo de cotas absolutas da S7 – Sepultura 27.

S7 - Sepultura 28		
	Cotas do Arqueólogo (cm)	Cotas Absolutas (m)
33	-90	38,45
32	-98	38,37
Média	-94 cm	38,41 m

Tabela nº 67 – Cálculo de cotas absolutas da S7 – Sepultura 28.

S7 - Sepultura 29		
	Cotas do Arqueólogo (cm)	Cotas Absolutas (m)
	-89	38,46
	-84	38,51
Média	-86,5 cm	38,49 m

Tabela nº 68 – Cálculo de cotas absolutas da S7 – Sepultura 29.

S7 - Sepultura 30		
	Cotas do Arqueólogo (cm)	Cotas Absolutas (m)
45	-96	38,39
46	-97	38,38
Média	-96,5 cm	38,385 m

Tabela nº 69 – Cálculo de cotas absolutas da S7 – Sepultura 30.

S7 - Sepultura 31		
	Cotas do Arqueólogo (cm)	Cotas Absolutas (m)
1	-116	38,19
2	-116	38,19
3	-114	38,21
4	-119	38,16
7	-118	38,17
Média	-116,6 cm	38,18 m

Tabela nº 70 – Cálculo de cotas absolutas da S7 – Sepultura 31.

S7 - Sepulturas 32, 33 e 34		
S7 - Sepultura 32		
	Cotas do Arqueólogo (cm)	Cotas Absolutas (m)
1	-108	38,27
2	-106	38,29
Média	-107	38,28
S7 - Sepultura 33		
	Cotas do Arqueólogo (cm)	Cotas Absolutas (m)
4	-112	38,23
5	-108	38,27
6	-101	38,34
Média	-107	38,28
S7 - Sepultura 34		
	Cotas do Arqueólogo (cm)	Cotas Absolutas (m)
7	-115	38,2
8	-115	38,2
9	-107	38,28
Média	-112,33	38,22
Média Total	-110,4	38,25

Tabela nº 71 – Cálculo de cotas absolutas da S7 – Sepulturas 32/33 e 34.

S8 - Sepultura 35		
	Cotas do Arqueólogo (cm)	Cotas Absolutas (m)
1	-241	36,94
2	-255	36,8
3	-252	36,83
4	-251	36,84
5	-253	36,82
6	-254	36,81
7	-252	36,83
8	-252	36,83
9	-252	36,83
10	-254	36,81
11	-255	36,8
Média	-251,9	36,83

Tabela nº 72 – Cálculo de cotas absolutas da S8 – Sepultura 35.

Anexo VI - Mapas



Mapa nº3 – Mapa 1650 de João Nunes Tinoco.
Em cima: excerto do mapa geral. Seta
vermelha: Igreja de São Lourenço. Em baixo:
Pormenor do mesmo mapa com a localização
da Igreja de São Lourenço assinalada com uma
circunferência a vermelho.

Fonte: Tinoco, J. N. (1650) – *Planta da cidade de
L[isboa] em q se mostrão os muros de vermelho com
todas as ruas e praças da cidade dos muros a dentro
co as declarações postas em seu lugar*. Lisboa:
Lith[ographia] da Imp[rensa] Nac[ional], 1853.



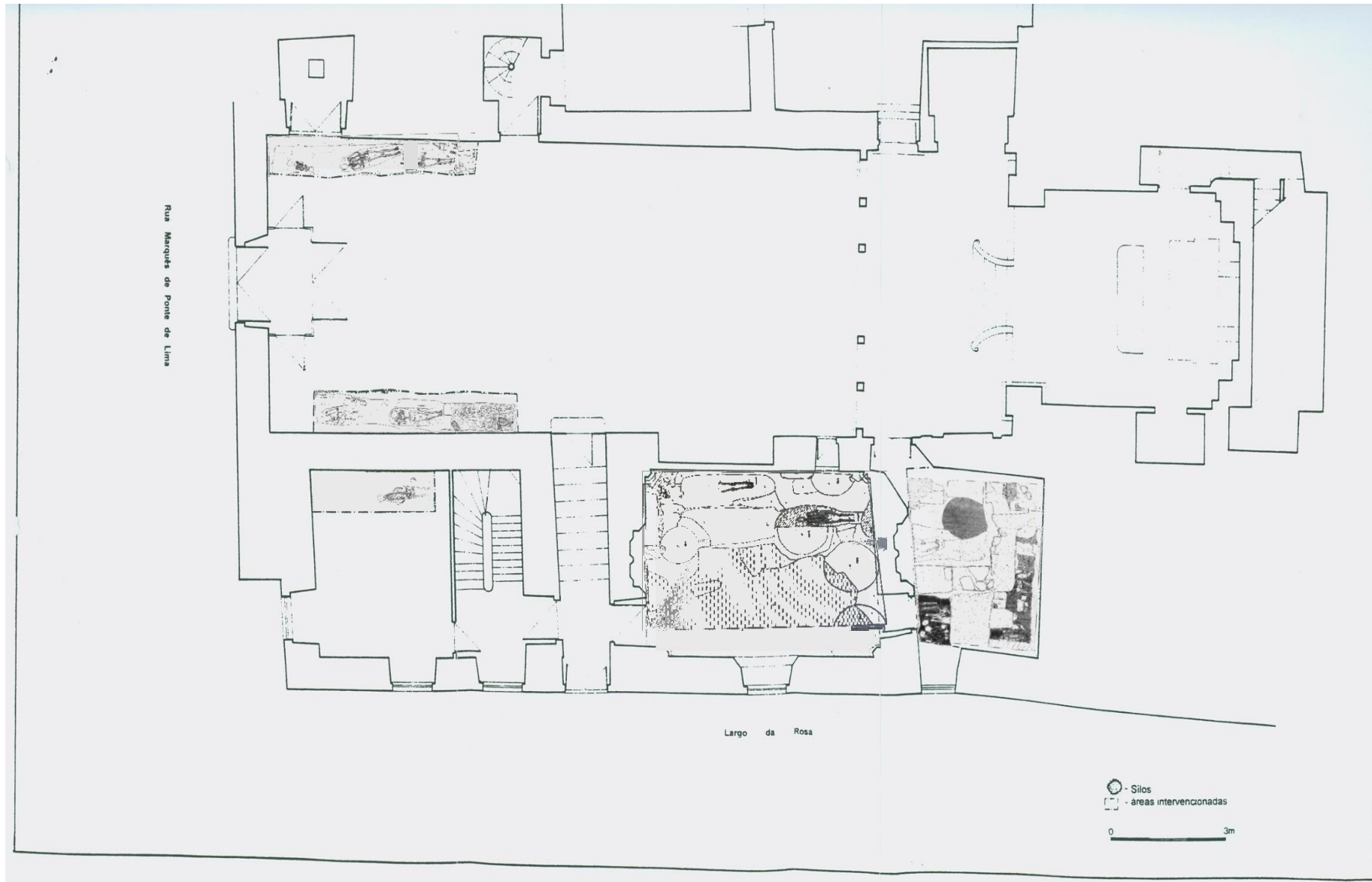
Mapa nº 4 – Planta/projecto da construção da rua Marquês Ponte de Lima. *Projecto de rua para estabelecer comunicação directa entre a calçada de Santo André e rua das Farinhas, Planta Geral.*
 A vermelho: localização da Igreja de São Lourenço.
 Fonte: Arquivo Histórico C.M.L., 1895.



Mapa nº 5 – Mapa de vista satélite da actual localização da Igreja de São Lourenço (a vermelho), Lisboa. À direita, parte do Castelo de São Jorge. À esquerda, zona superior, Praça do Martim Moniz. Fonte: Google Maps, 2016

Anexo VII – Imagens

Imagem nº 1 – Planta geral da Igreja com colocação de sepulturas (sondagens 1 a 8). Igreja de São Lourenço, Lisboa.



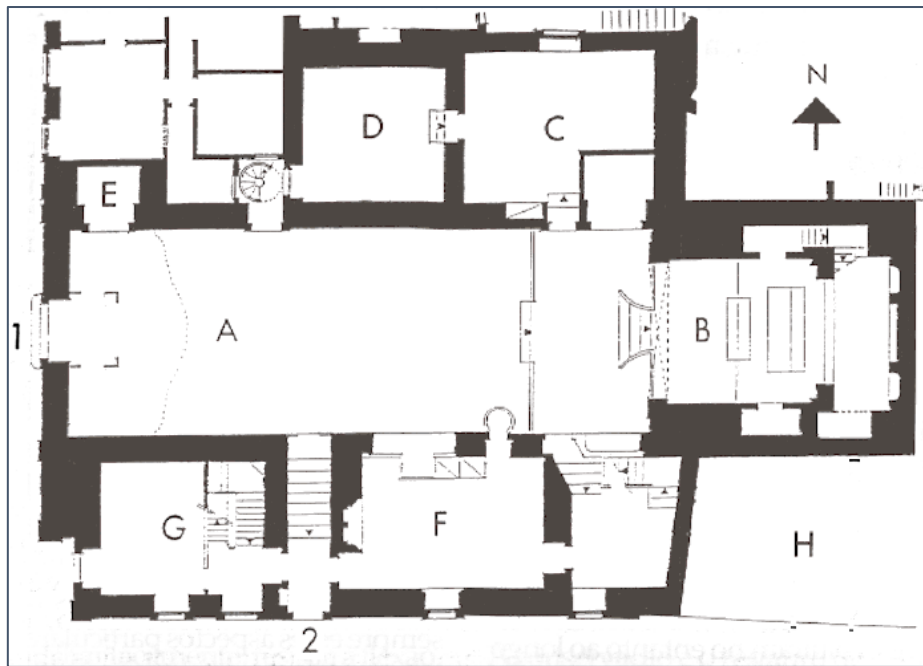


Imagem nº 2 – Planta geral da Igreja.

“1 - Entrada principal (Rua Marquês Ponte do Lima)

2 - Entrada secundária (Largo da Rosa)

A-Nave

B - Capela-mor

C-Sacristia

O - Sala de apoio à sacristia (piso 1)

Tribuna com ligação ao Palácio da Rosa (piso 2)

E - Baptistério

F - Sala de apoio à igreja (actualmente, primeira capela gótica)

G - Antiga habitação do pároco (actualmente, segunda capela gótica)

H - Antiga casa do guarda do palácio (área actualmente integrada no projecto da igreja)”

Fonte: Amaro, 1993 e Coelho, 1998, p.41

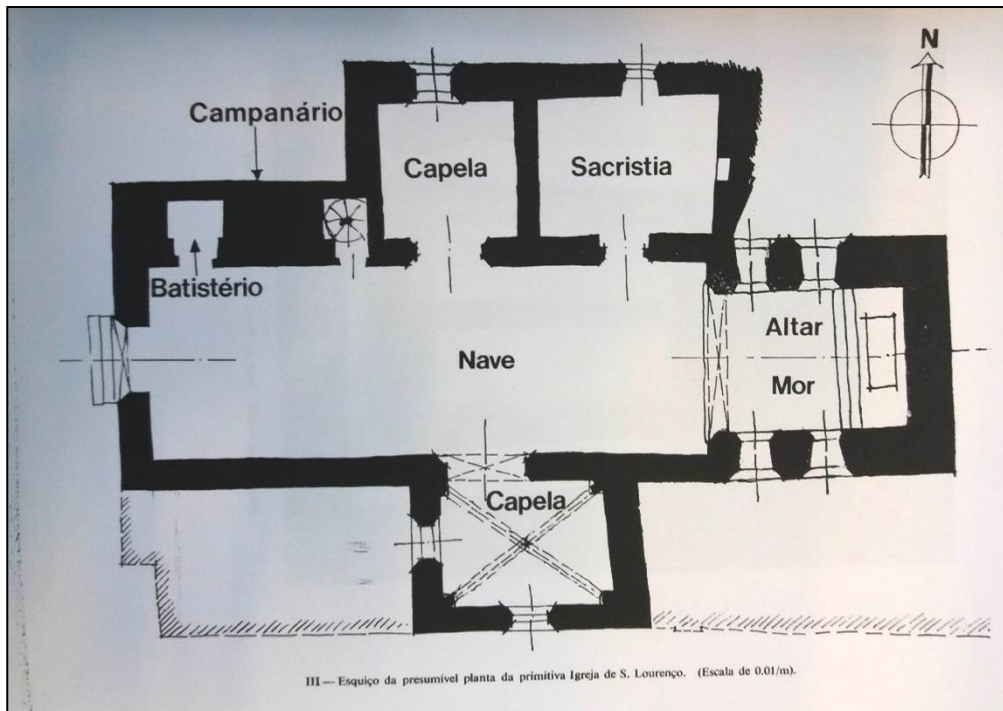


Imagem nº 3 – Esboço da planta primitiva da Igreja de São Lourenço. “Escala de 0.01/m”.

Fonte: Gonçalves e Segurado, 1983, p. 52.

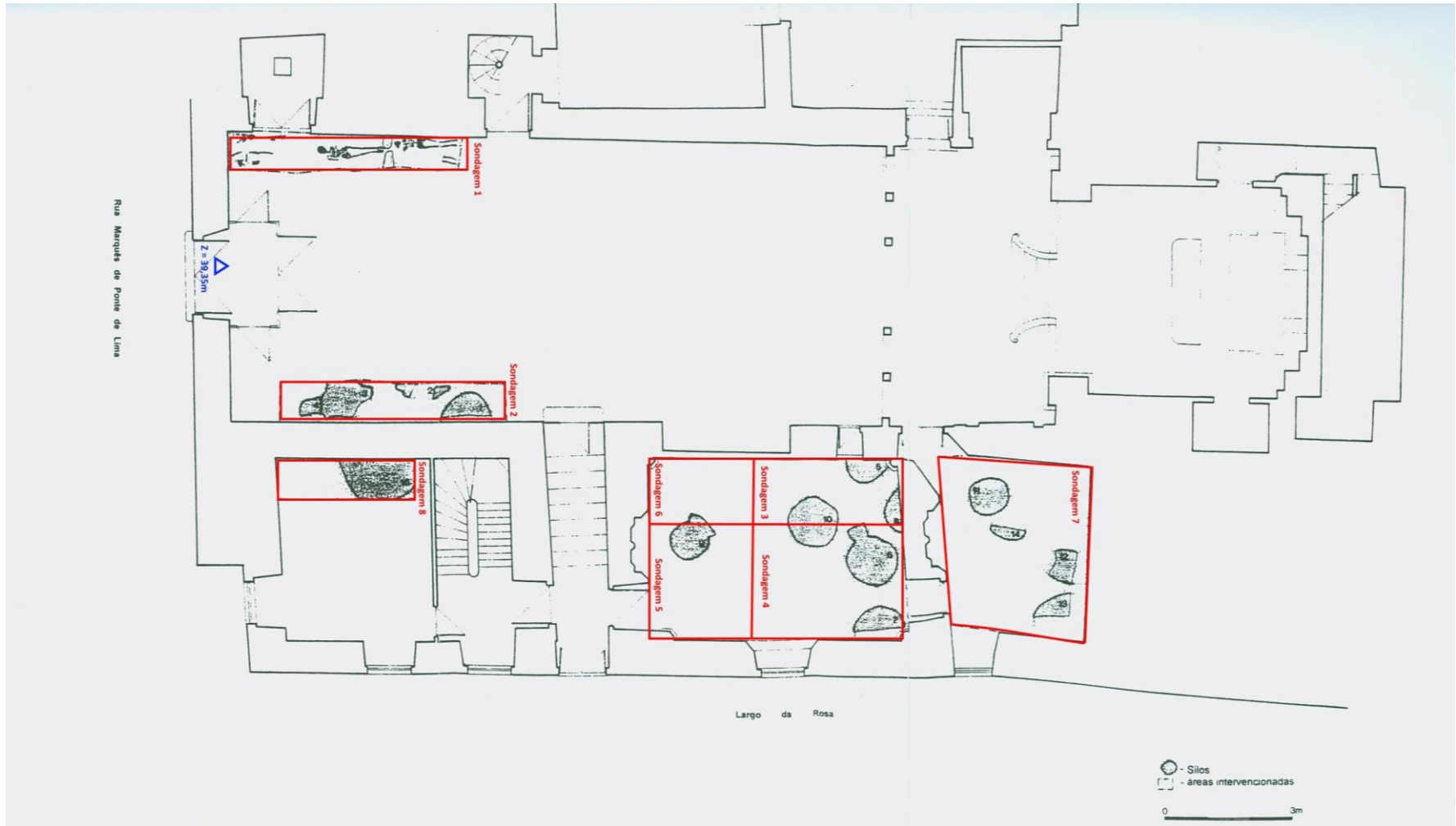


Imagem nº 4 – Planta da Igreja de São Lourenço com indicação das sondagens abertas em 1992/1993.
Fonte: Amaro, 1993 e Sabrosa, 1999.

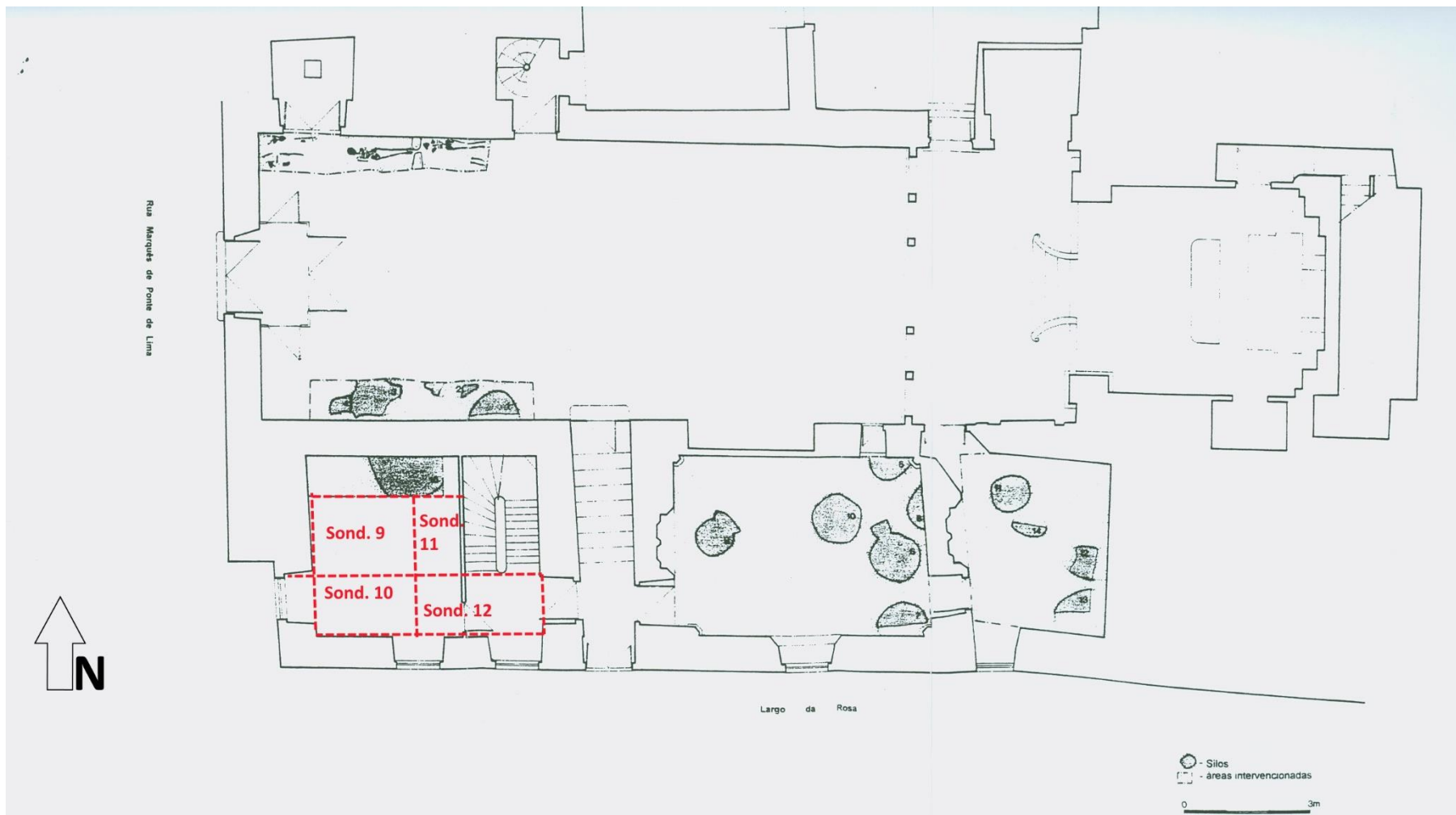


Imagem nº 5 – Planta da Igreja de São Lourenço com indicação das sondagens abertas em 1992/1993 e 1999 (a vermelho).
Fonte: Amaro, 1993 e Sabrosa, 1999.

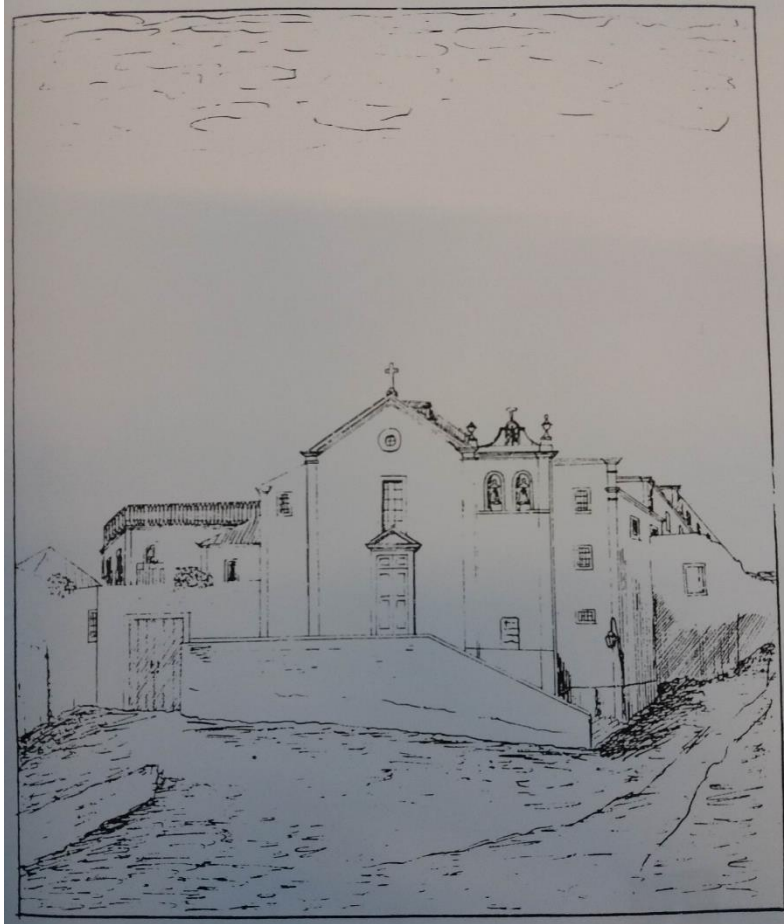


Imagem nº 6 – Ilustração da Igreja de São Lourenço e parcial do Palácio da Rosa.
Fonte: Pereira, 1840, p. 426.

Contexto	Descrição	Equivalência	Estrutura
1	Pavimento tabuado		
2	Pavimento lageado		
3	Terra solta de cor castanha		
4		Cam. 1	
5			Inu. 36
6			Inu. 37
7	Arenosa amarelo-esbranquiçada com muitas pedras	Cam. 5	Inu. 38
8	Camada arenosa amarelada, solta	Cam. 6	
9			
10			Inumação 12
11	Argilo arenosa de cor castanha		Inumação 17
12		Cam. 2	
13			Inumação 1
14			Inumação 2
15			Inumação 3
16			Inumação 4
17			Inumação 5
18			Ossário
19	Camada argilosa castanho-esverdeada	Cam. 3	Inumação 18
20	Rocha-Mãe	Cam. 4	

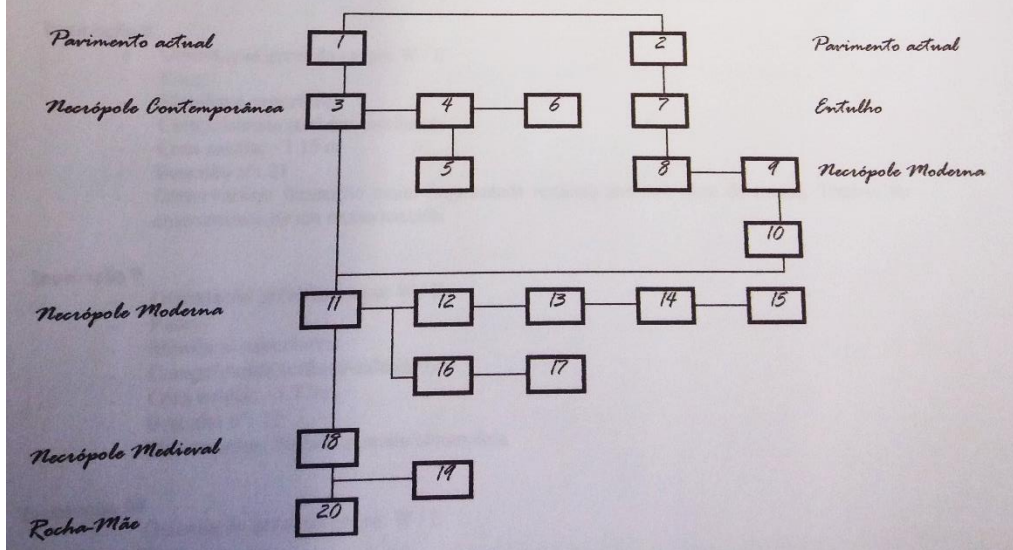
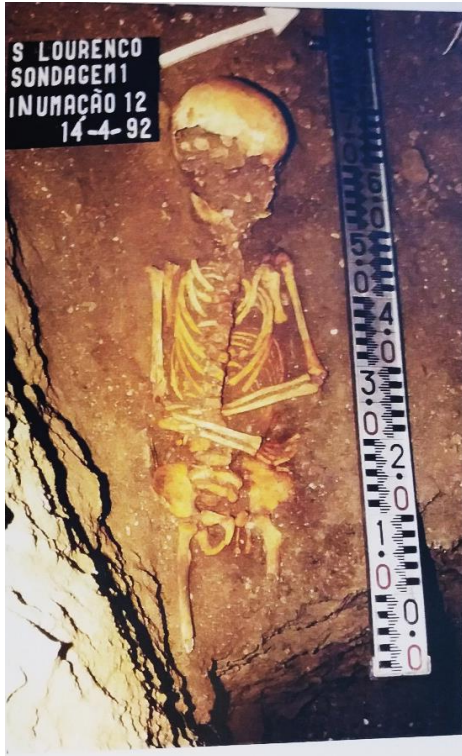


Imagem nº 7 – Registo estratigráfico da sondagem 1.
 Fonte: Amaro, 1993a, p. 8.

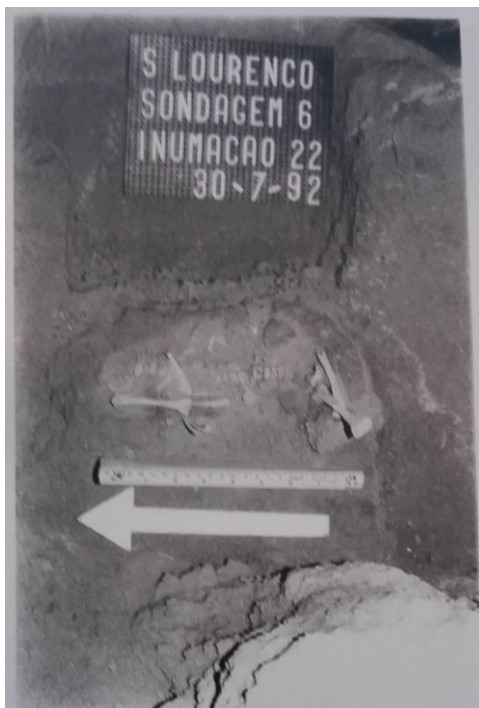
Anexo VIII – Fotografias da Igreja e Esquemas das Intervenções



Fotografia nº 96 – Registo fotográfico da escavação da Inumação 12. Interior da Igreja de São Lourenço, Lisboa.
Fonte: Amaro, 1993.



Fotografia nº 97 – Registo fotográfico da escavação da Inumação 20. Interior da Igreja de São Lourenço, Lisboa.
Fonte: Amaro, 1993.



Fotografia nº 98 – Registo fotográfico da escavação da Inumação 22. Interior da Igreja de São Lourenço, Lisboa.
Fonte: Amaro, 1993.



Fotografia nº 99 – Registo fotográfico da escavação da Inumação 23. Interior da Igreja de São Lourenço, Lisboa.
Fonte: Amaro, 1993.



Fotografia nº 100 – Registo fotográfico da escavação das Inumações 32-33-34. Interior da Igreja de São Lourenço, Lisboa.
 Fonte: Amaro, 1993.



Fotografia nº 101 – Fachada frontal da Igreja de São Lourenço, Lisboa. Fotografia por Verónica M. P., 2017.



Fotografia nº 102 – Fachada frontal da Igreja de São Lourenço, Lisboa.
 Fotografia por Verónica M. P., 2017.



Fotografia nº 103 – Estado de abandono do interior da Igreja em 2005.
Igreja de São Lourenço, Lisboa.
Fonte: Sabrosa, 2005.



Fotografia nº 104 – Estado de abandono do interior da Igreja em 2005. Igreja de São Lourenço, Lisboa.
Fonte: Sabrosa, 2005.

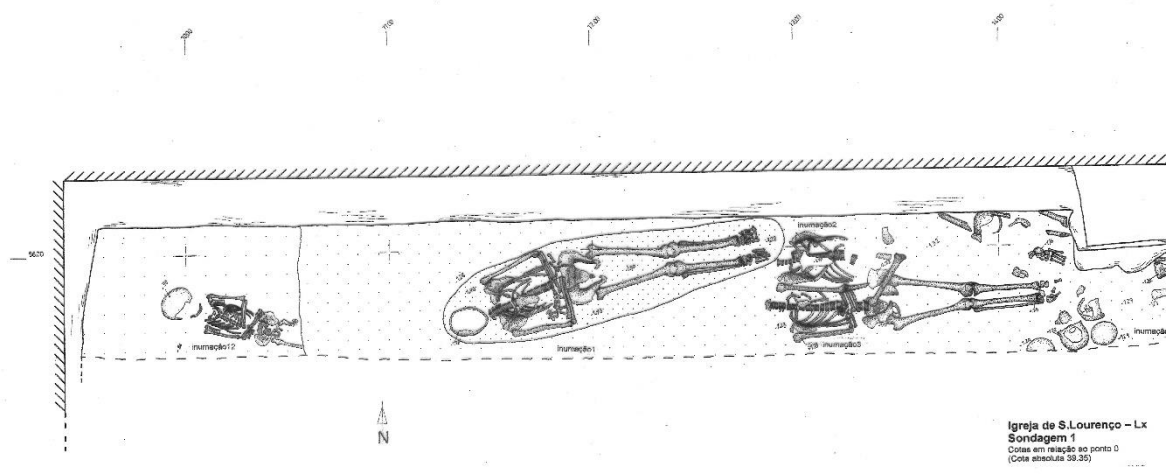


Fotografia nº 105 – Pormenor dos azulejos tipo “padrão” no interior da Igreja de São Lourenço, Lisboa.

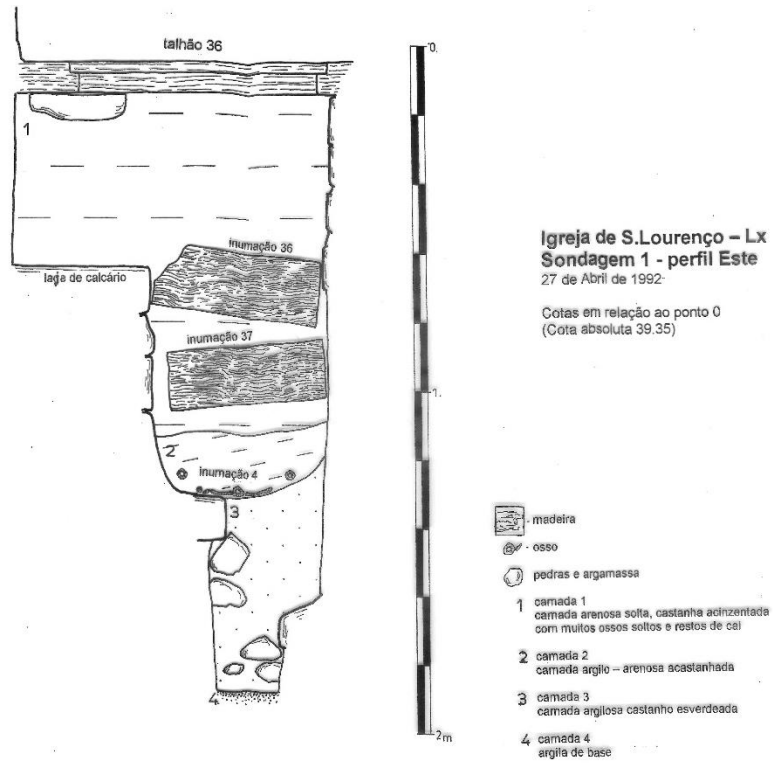
Fonte: *Monumentos*, Sítio: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_Pages/User/SIPA.aspx?id=20176. Consultado a Janeiro de 2018.



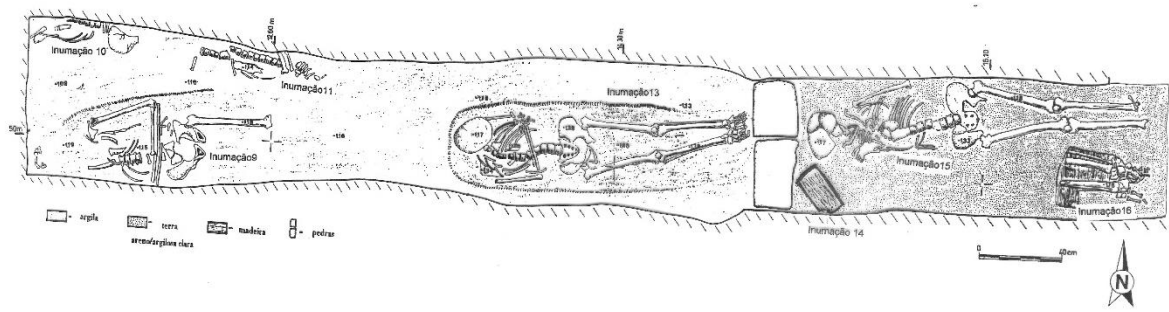
Fotografia nº 106 – Pormenor de placa na fachada da Igreja de São Lourenço. Lê-se: “*Os que confessados e comungados subirem esta escada e entrando na igreja rezarem um padre-nosso e ave-maria pela concórdia dos príncipes cristãos e destruição das heresias e exaltação da fé católica e por atenção e alama de quem a mandou fazer a sua custa ganham um ano de indulgências cada vez que o fizerem e no dia de São Lourenço de vésperas a vésperas indulgência plenária e remissão de todos os pecados 1587*”
Fotografia por Verónica M. P., 2017.



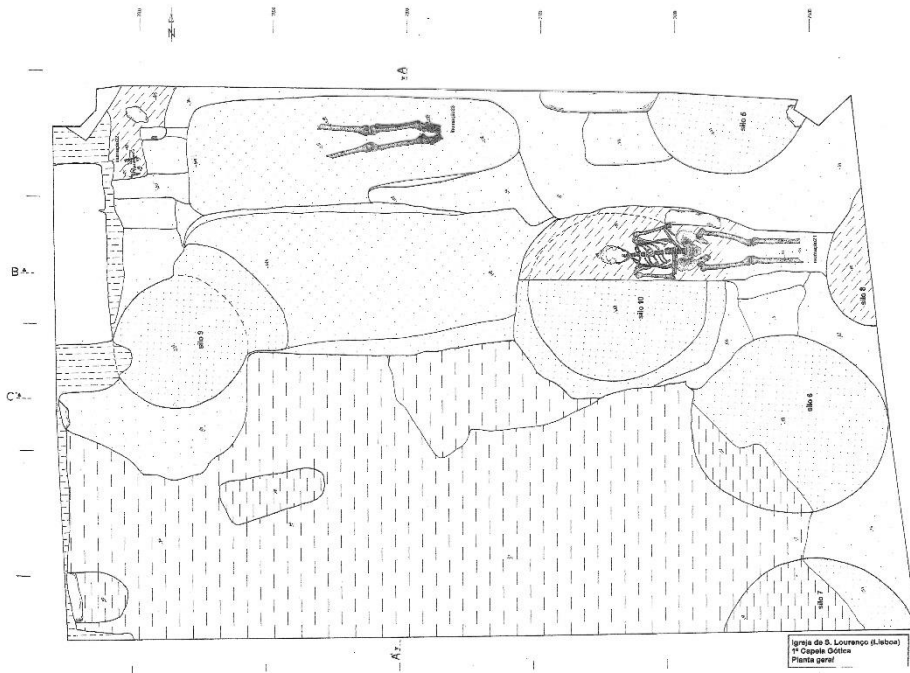
Esquema nº7 – Planta da sondagem nº1. Representadas as sepulturas 1, 2, 3 e 12.
 Igreja de São Lourenço, Lisboa.
 Fonte: Amaro, 1993.



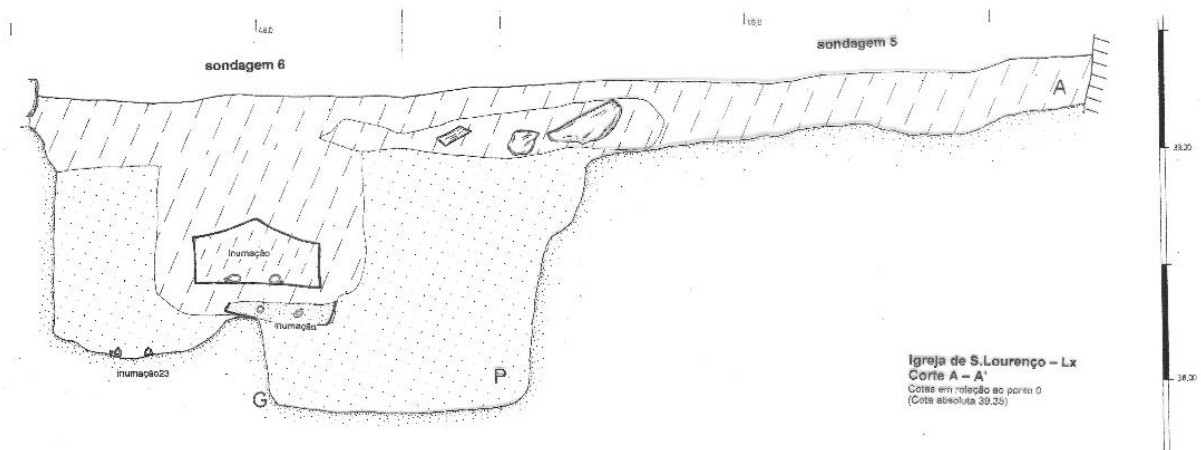
Esquema nº 8 – Perfil Este da sondagem 1. Igreja de São Lourenço, Lisboa.
 Fonte: Amaro, 1993.



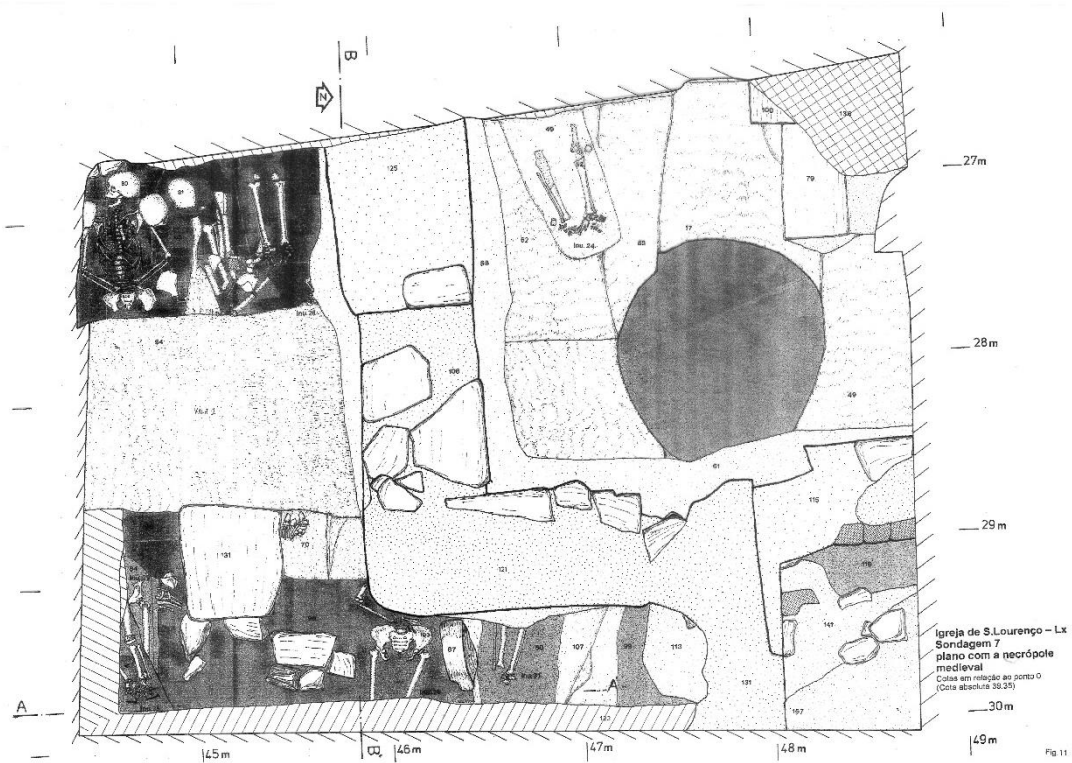
Esquema n° 9 – Esquema da sondagem n°2, plano 4. Representadas as sepulturas 9, 10, 11, 13, 14, 15 e 16. Igreja de São Lourenço, Lisboa.
 Fonte: Amaro, 1993.



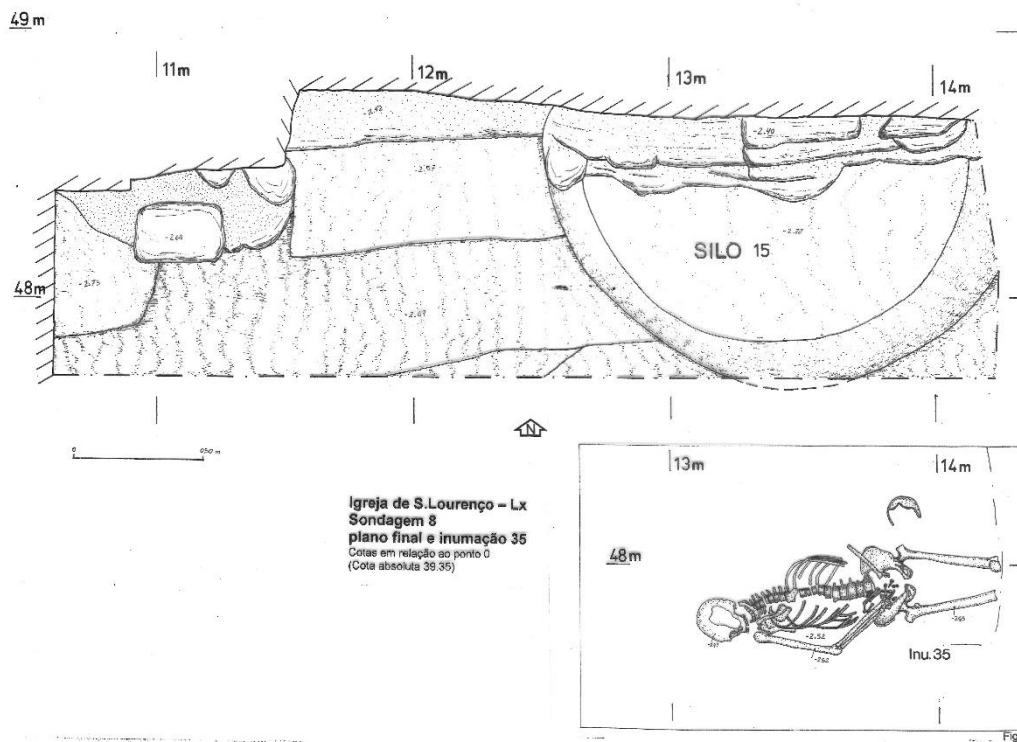
Esquema n° 10 – Planta geral da 1ª capela gótica (actual sala de apoio à Igreja), sondagens 3 a 6. Representadas as sepulturas 21, 22 e 23. Igreja de São Lourenço, Lisboa.
 Fonte: Amaro, 1993.



Esquema nº11 – Vista do corte A-A’ das sondagens 5 e 6. Igreja de São Lourenço, Lisboa.
 Fonte: Amaro, 1993.

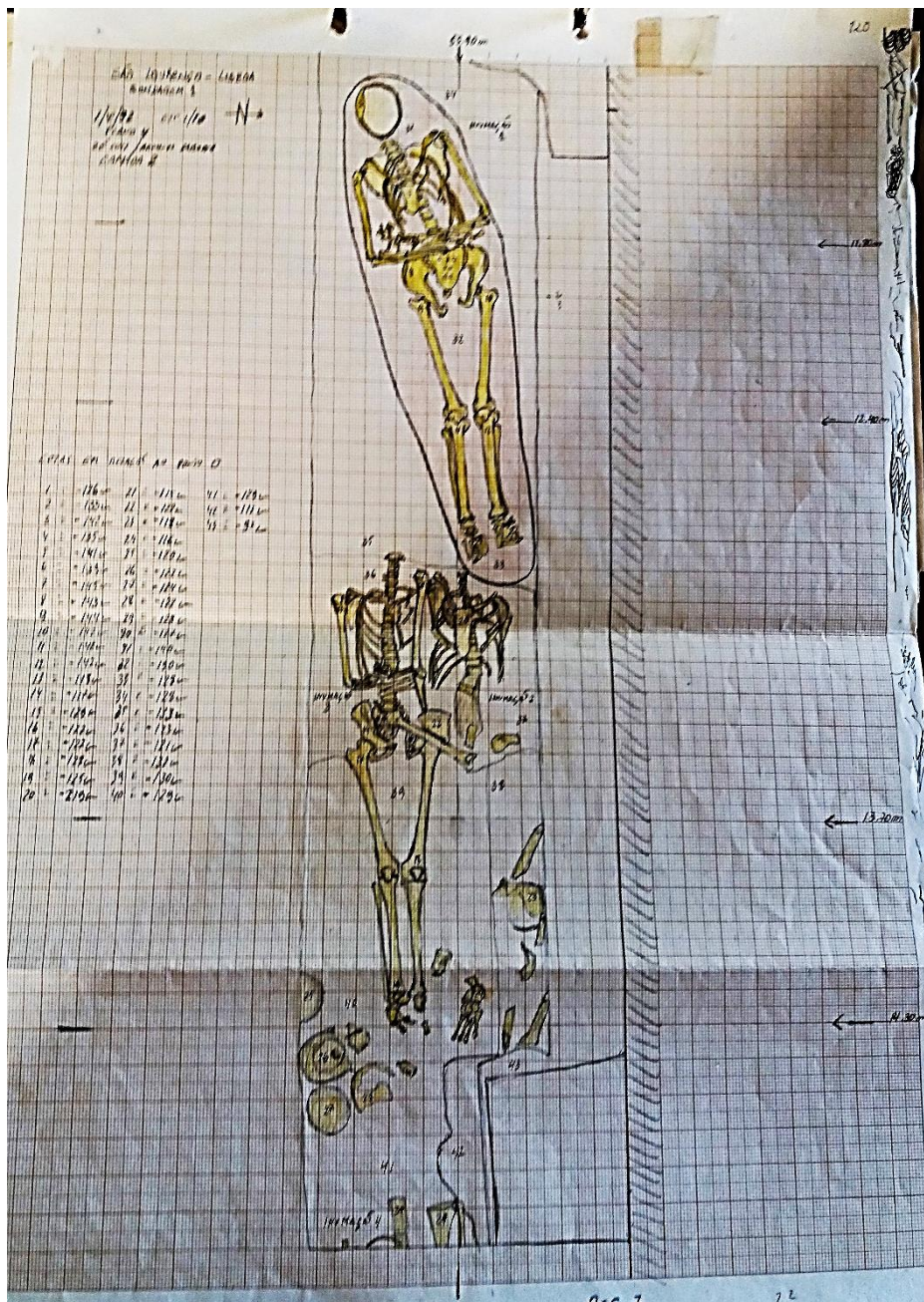


Esquema nº12 – Planta geral da sondagem 7 com necrópole medieval. Representadas as sepulturas 24, 25, 26, 28, 29 e 31. Igreja de São Lourenço, Lisboa.
 Fonte: Amaro, 1993.

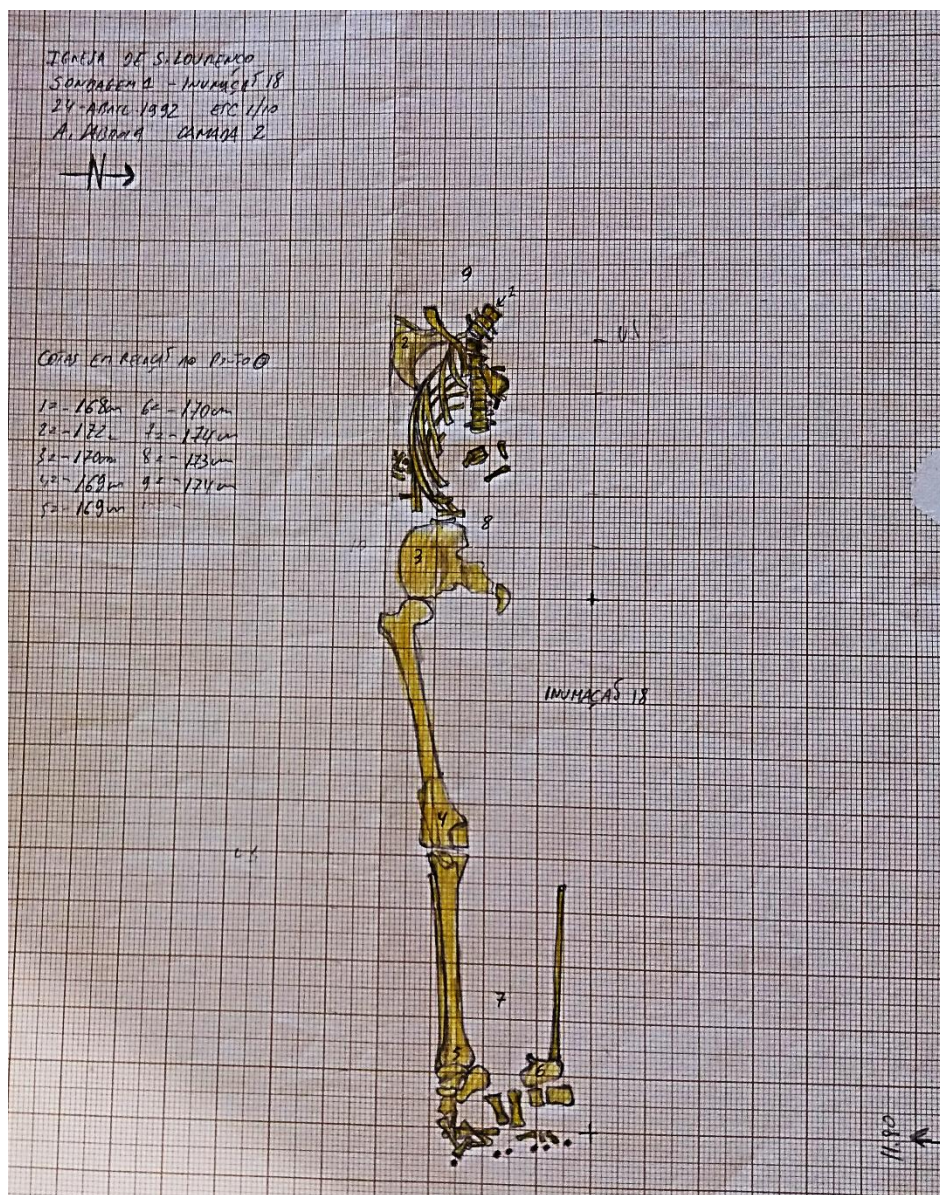


Esquema nº13 – Esquema da sondagem nº8, inumação 35 (em cima). Plano geral da sondagem 7 com necrópole medieval. Igreja de São Lourenço, Lisboa.
 Fonte: Amaro, 1993.

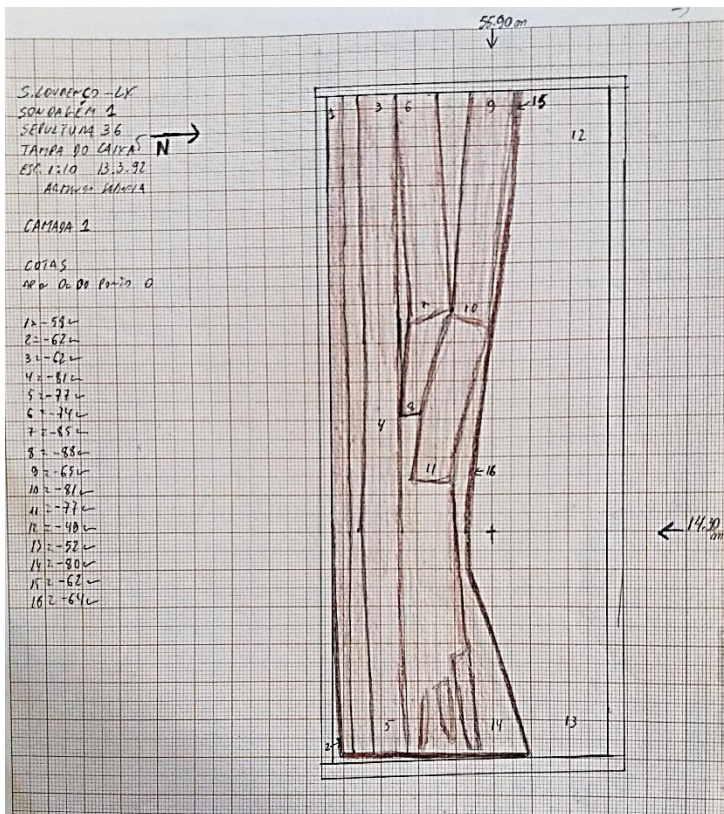
Anexo IX – Desenhos de Sepulturas e Escavação



Desenho nº 1 – Sondagem 1 com sepulturas 1, 2, 3 e 12. Igreja de São Lourenço, Lisboa.
 Autor: José Luís Monteiro, 1992.
 Fonte: Amaro, 1993.



Desenho nº 2 – Sondagem 1 com sepultura 18. Igreja de São Lourenço, Lisboa.
 Autor: José Luís Monteiro, 1992.
 Fonte: Amaro, 1993.



Desenho nº 3 – Sondagem 1 com tampa do caixão da sepultura 36 (talhão nº 36). Igreja de São Lourenço, Lisboa.

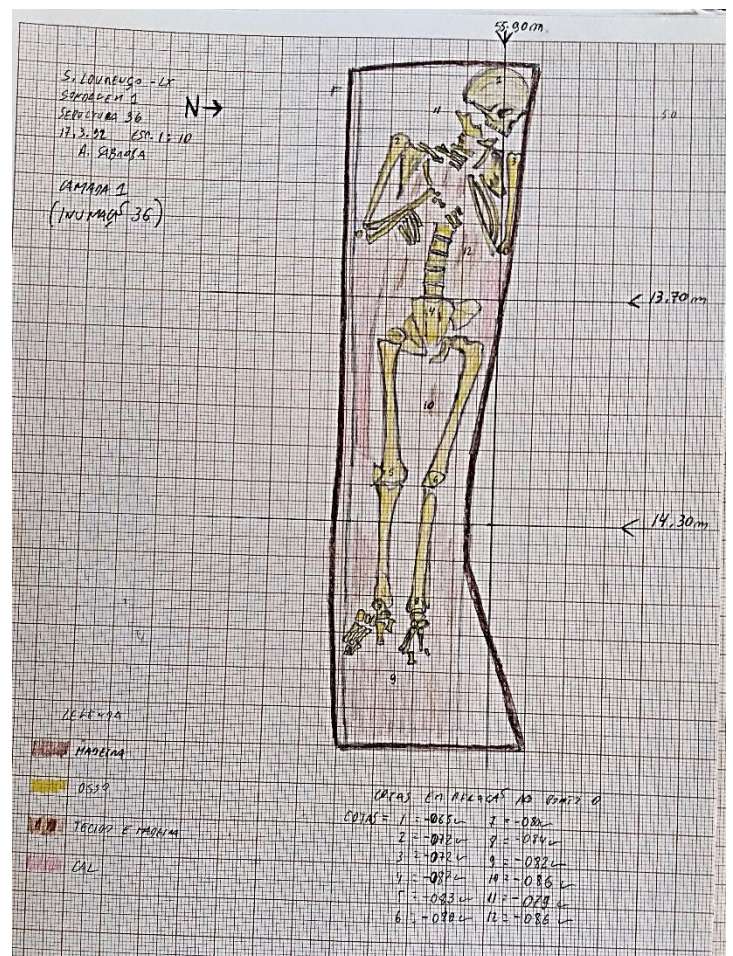
Autor: José Luís Monteiro, 1992.

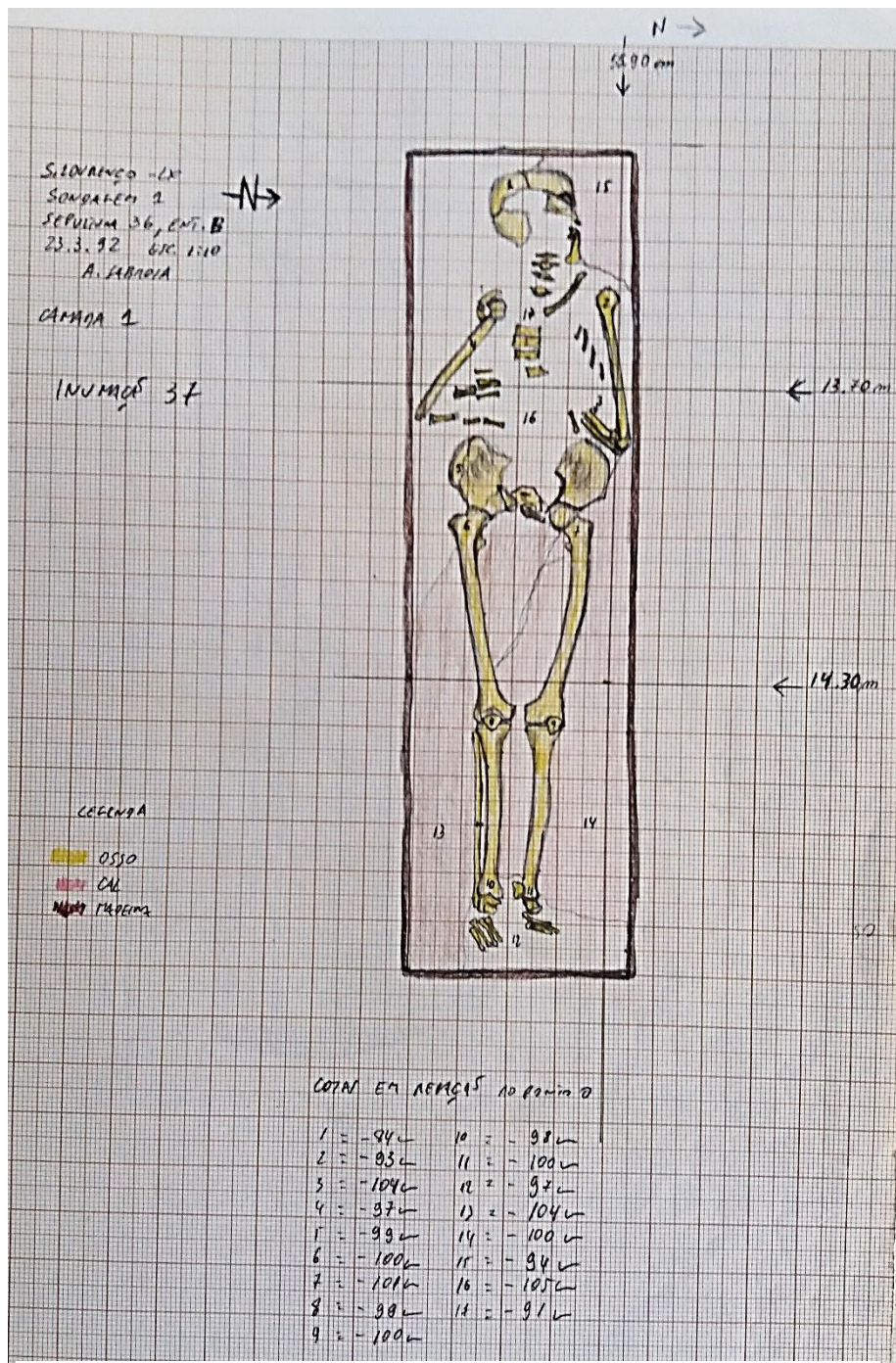
Fonte: Amaro, 1993.

Desenho nº 4 – Sondagem 1 com sepultura 36 (talhão nº 36). Igreja de São Lourenço, Lisboa.

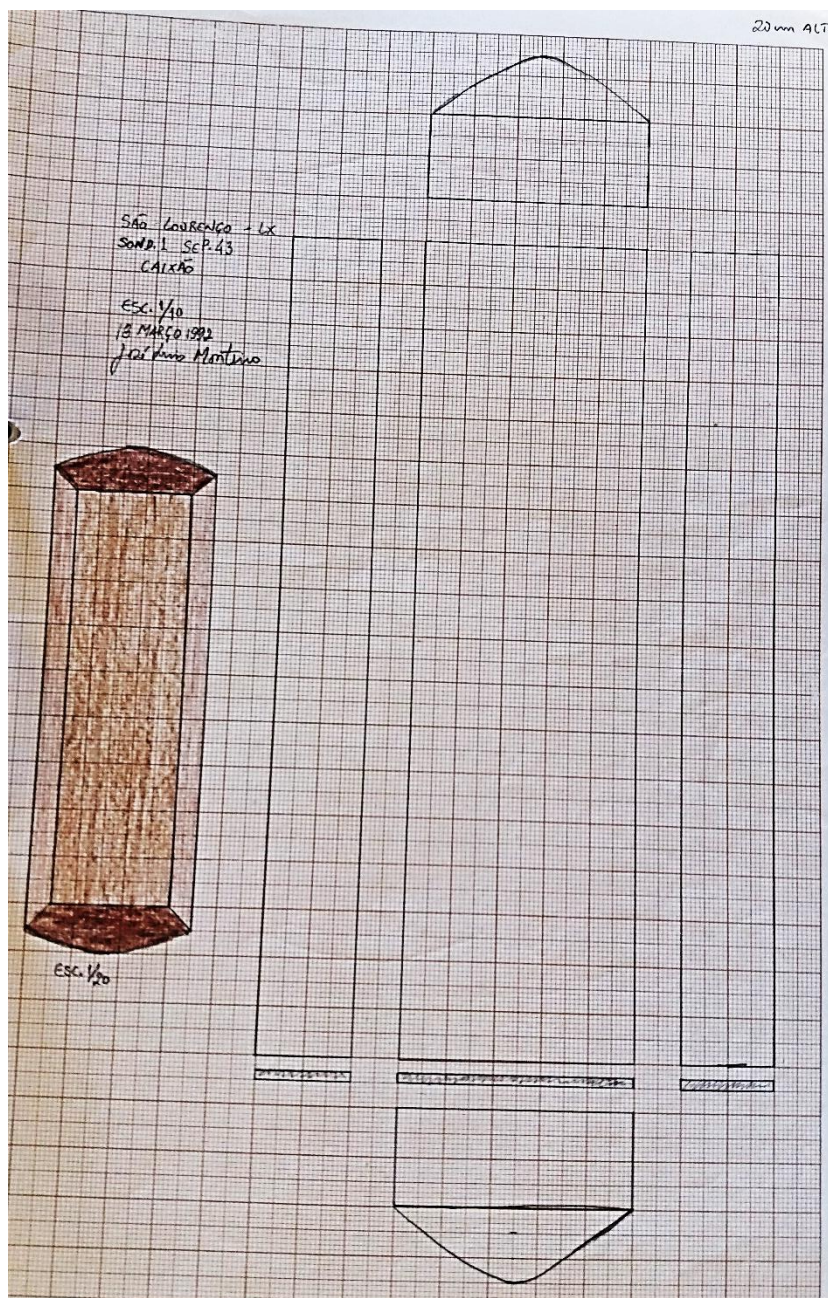
Autor: José Luís Monteiro, 1992.

Fonte: Amaro, 1993.





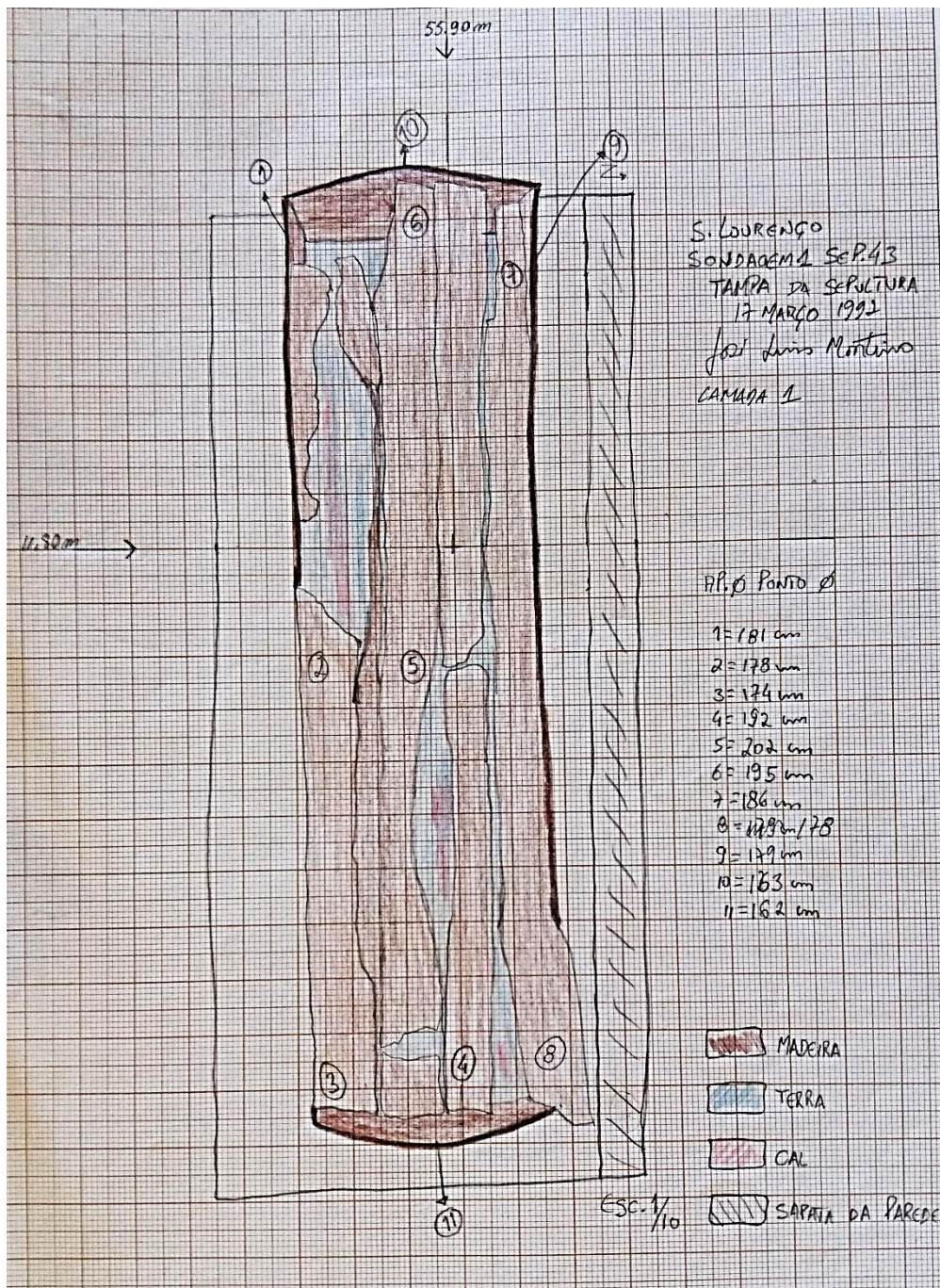
Desenho nº 5 – Sondagem 1 com sepultura 37 (talhão nº 36). Igreja de São Lourenço, Lisboa.
 Autor: José Luís Monteiro, 1992.
 Fonte: Amaro, 1993.



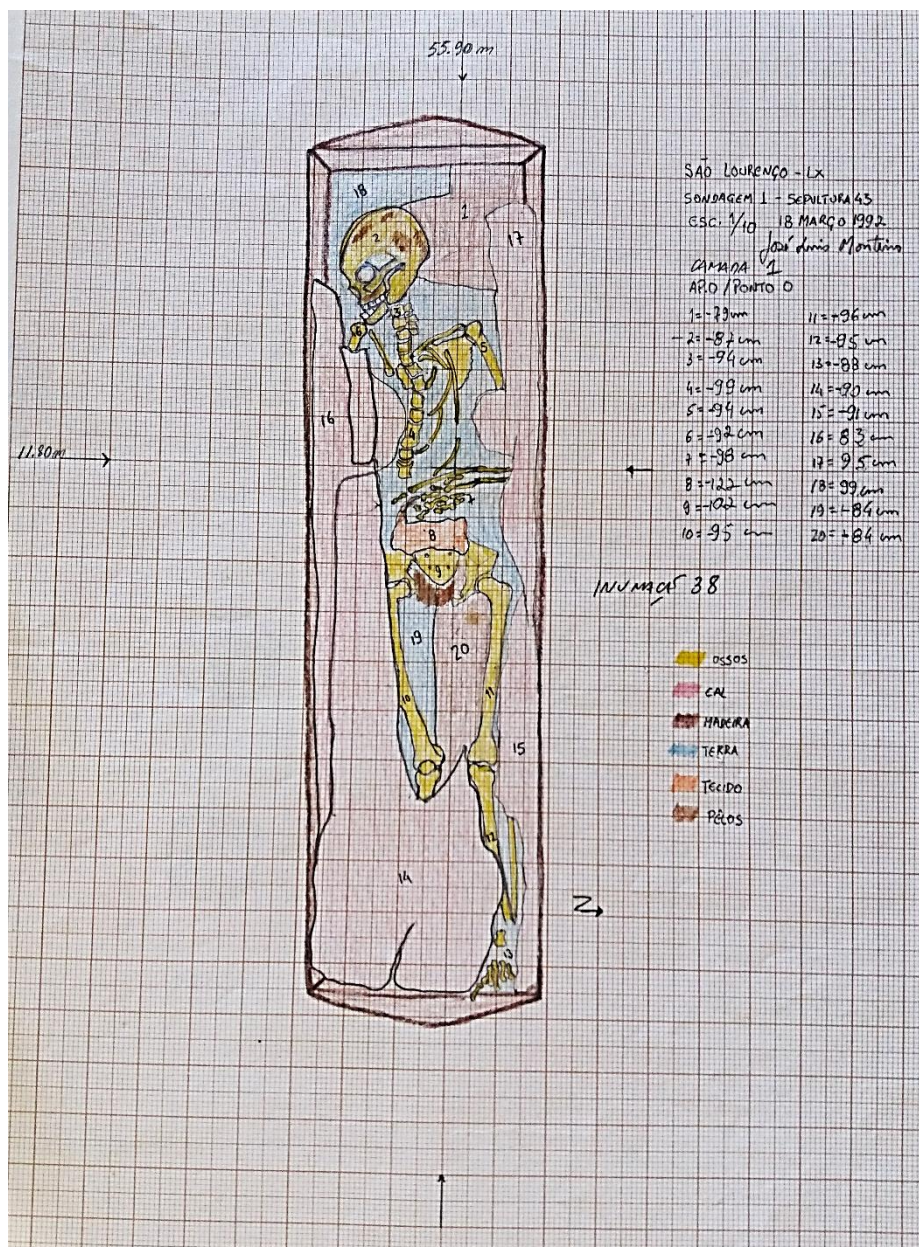
Desenho nº 6 – Sondagem 1 com representação hipotética do caixão da sepultura 38 (talhão nº 43). Igreja de São Lourenço, Lisboa.

Autor: José Luís Monteiro, 1992.

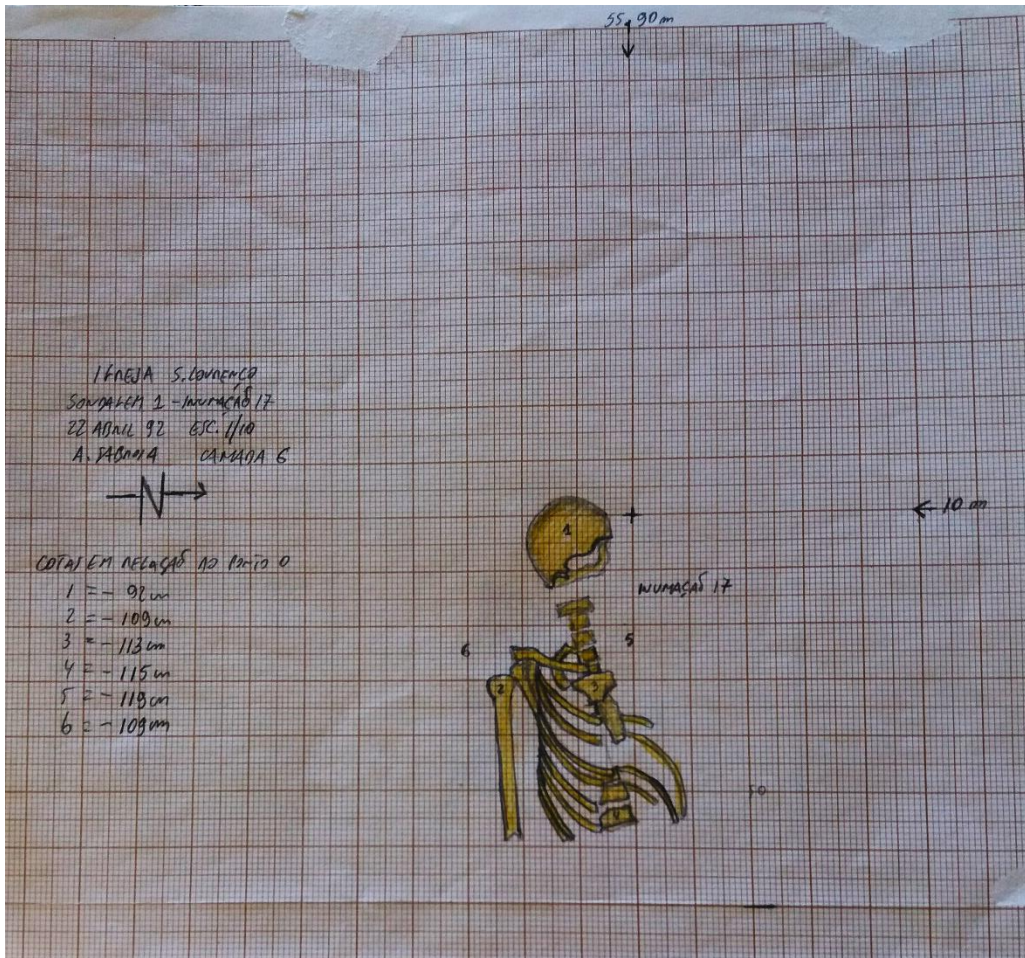
Fonte: Amaro, 1993.



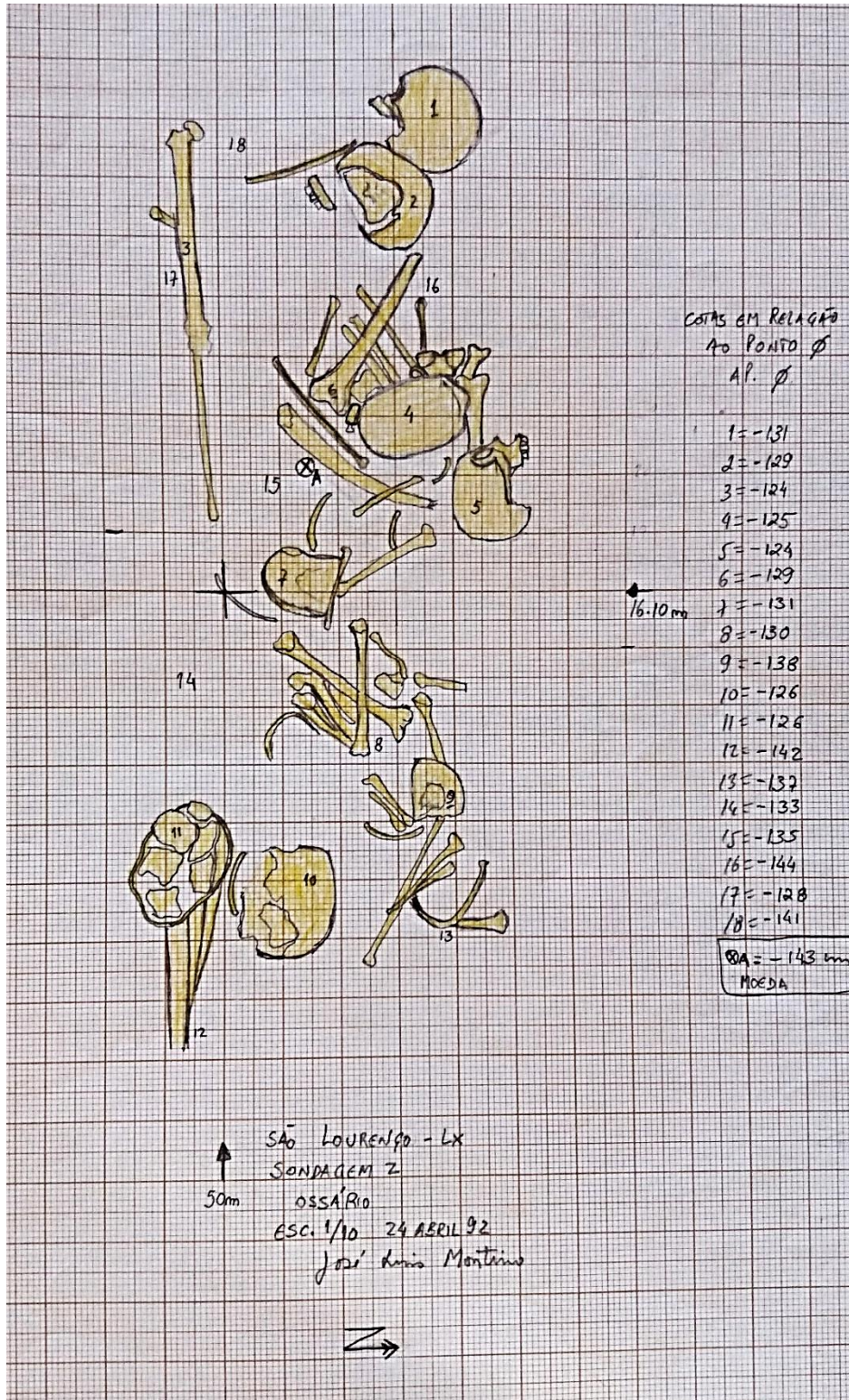
Desenho nº 7 – Sondagem 1 com tampa do caixão da sepultura 38 (talhão nº 43).
Igreja de São Lourenço, Lisboa.
Autor: José Luís Monteiro, 1992.
Fonte: Amaro, 1993.



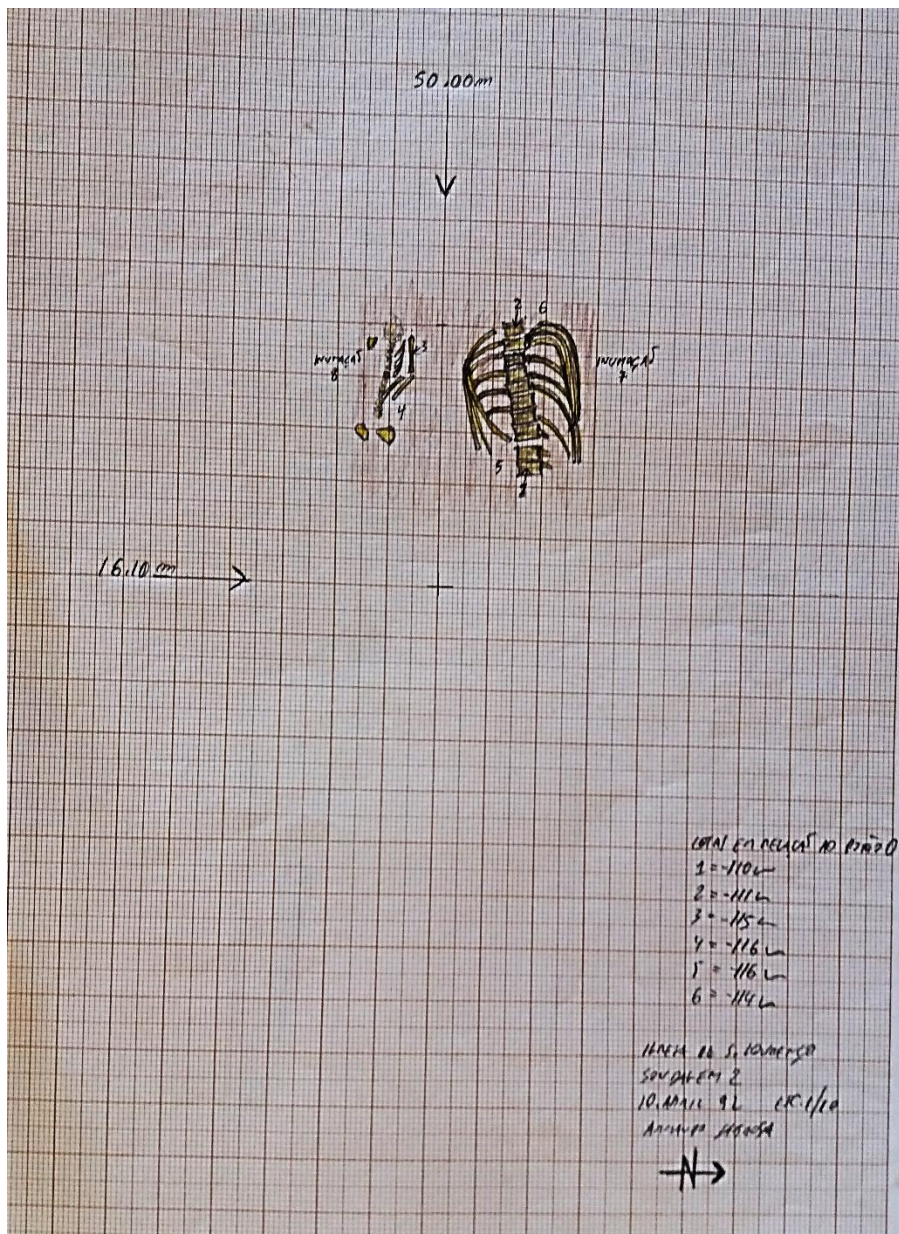
Desenho nº 8 – Sondagem 1 com sepultura 38 (talhão nº 43). Igreja de São Lourenço, Lisboa.
 Autor: José Luís Monteiro, 1992.
 Fonte: Amaro, 1993.



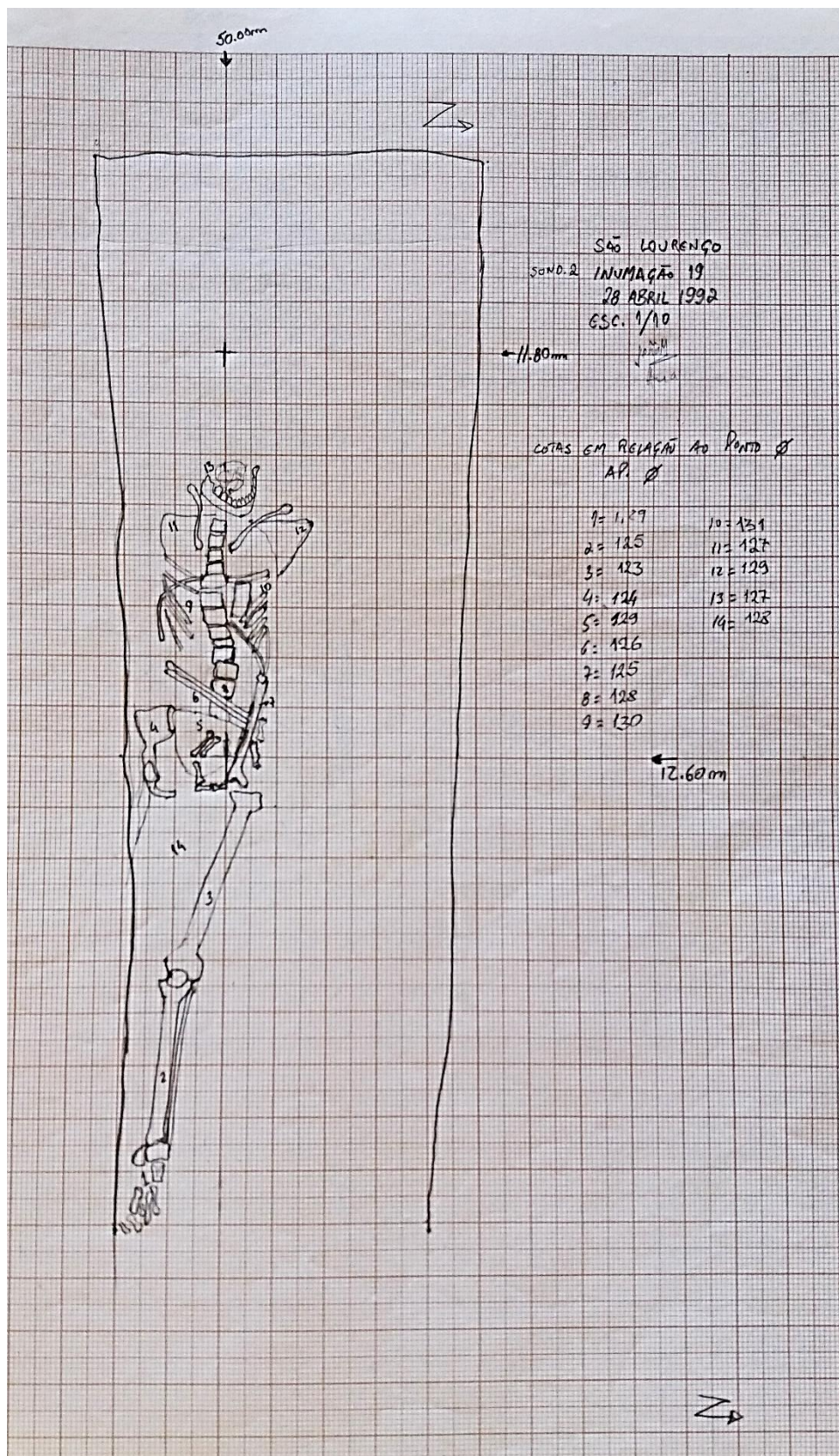
Desenho nº 9 – Sondagem 1 com sepultura 17. Igreja de São Lourenço, Lisboa.
 Autor: José Luís Monteiro, 1992.
 Fonte: Amaro, 1993.



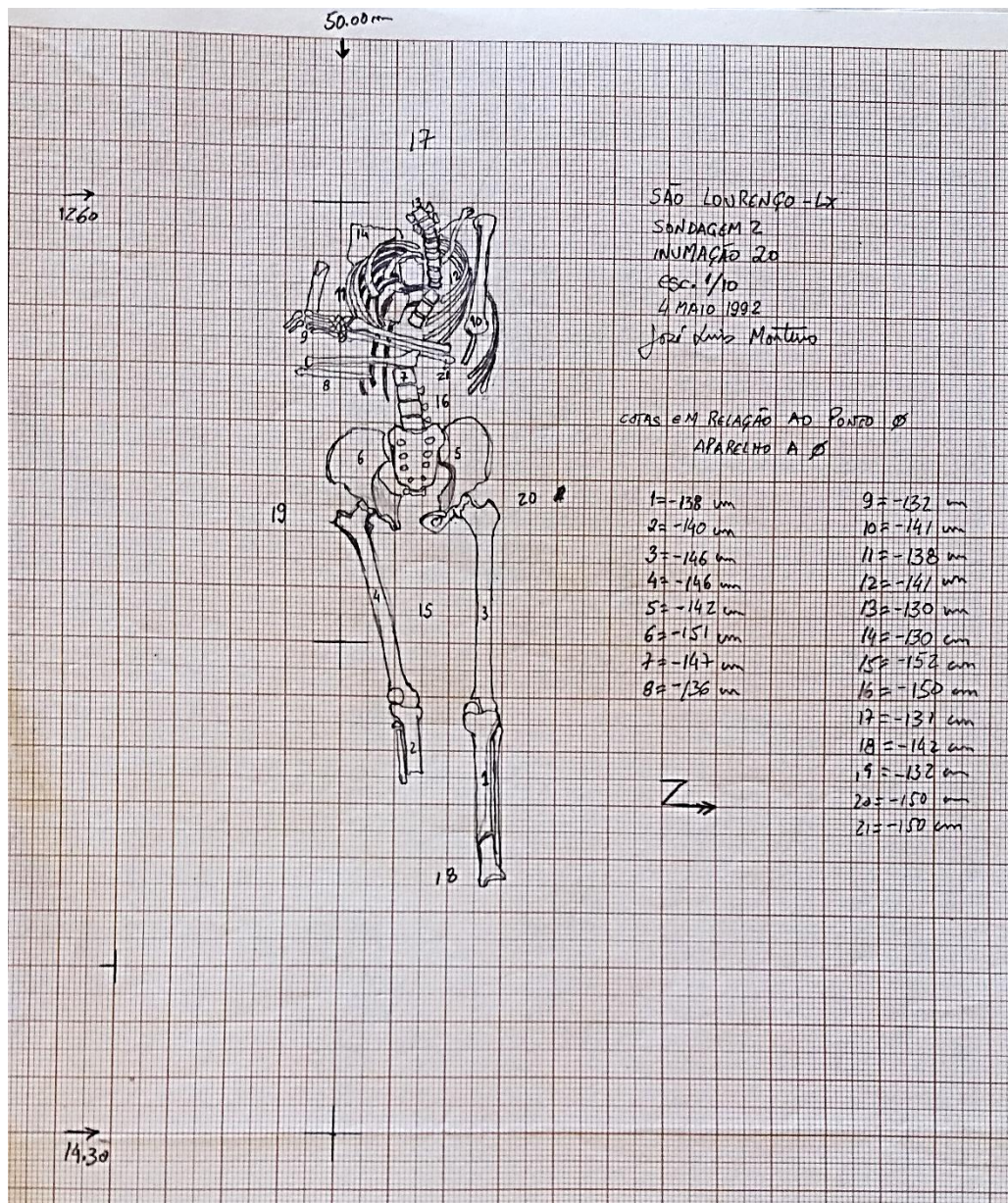
Desenho nº 10 – Sondagem 2 com ossário. Igreja de São Lourenço, Lisboa.
 Autor: José Luís Monteiro, 1992.
 Fonte: Amaro, 1993.



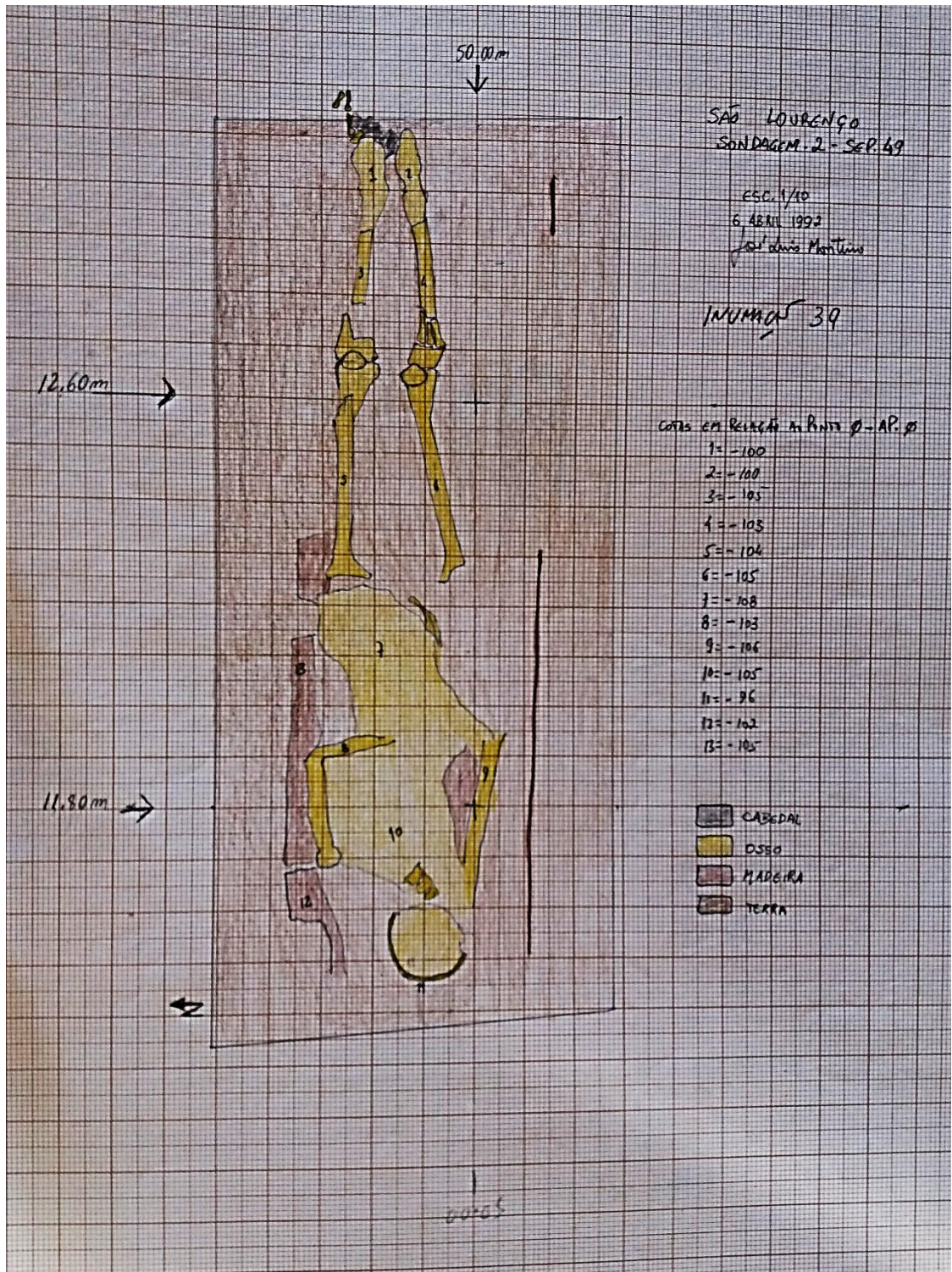
Desenho nº 11 – Sondagem 2 com inumações 7 e 8. Igreja de São Lourenço, Lisboa.
 Autor: José Luís Monteiro, 1992.
 Fonte: Amaro, 1993



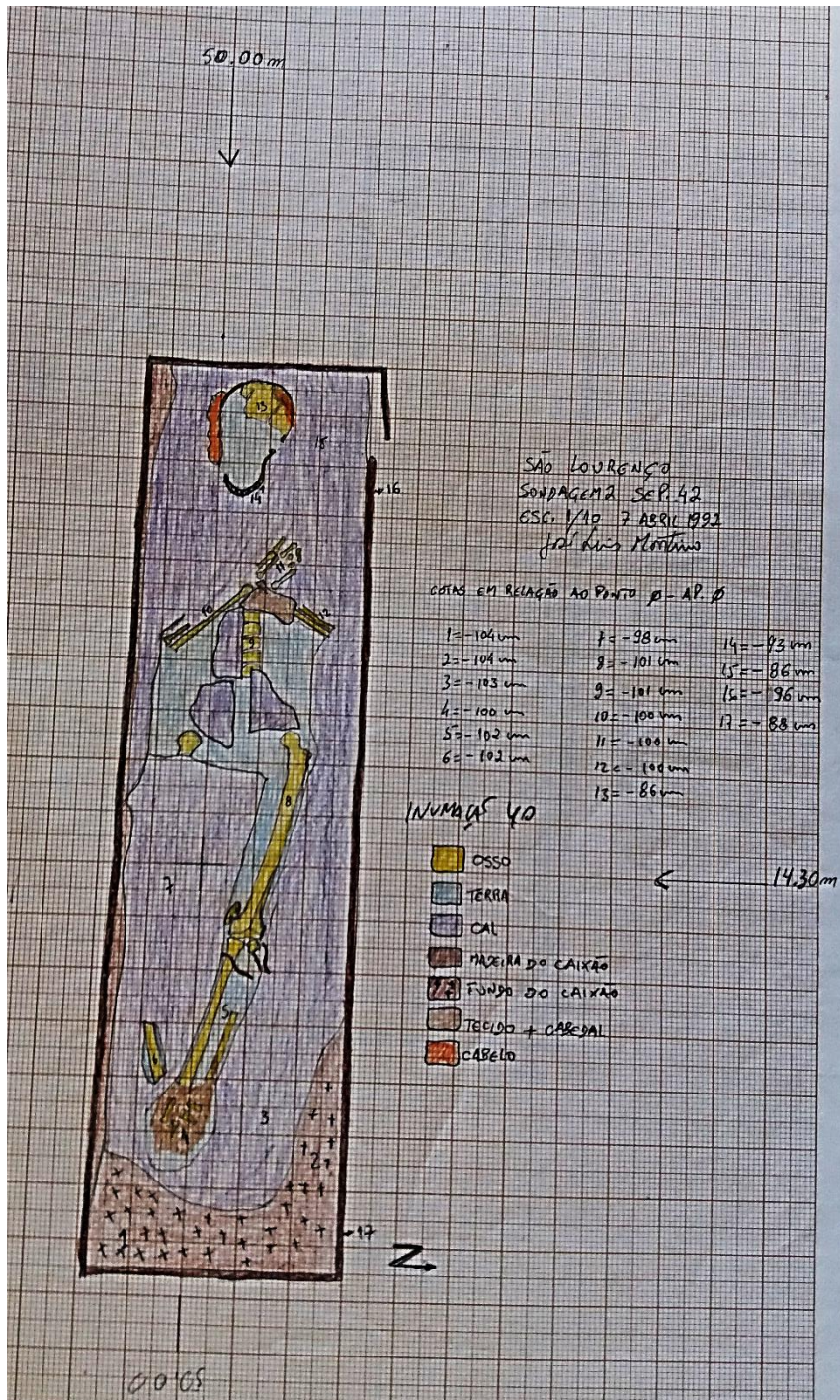
Desenho nº 13 – Sondagem 2 com inumação 19. Igreja de São Lourenço, Lisboa.
 Autor: José Luís Monteiro, 1992.
 Fonte: Amaro, 1993



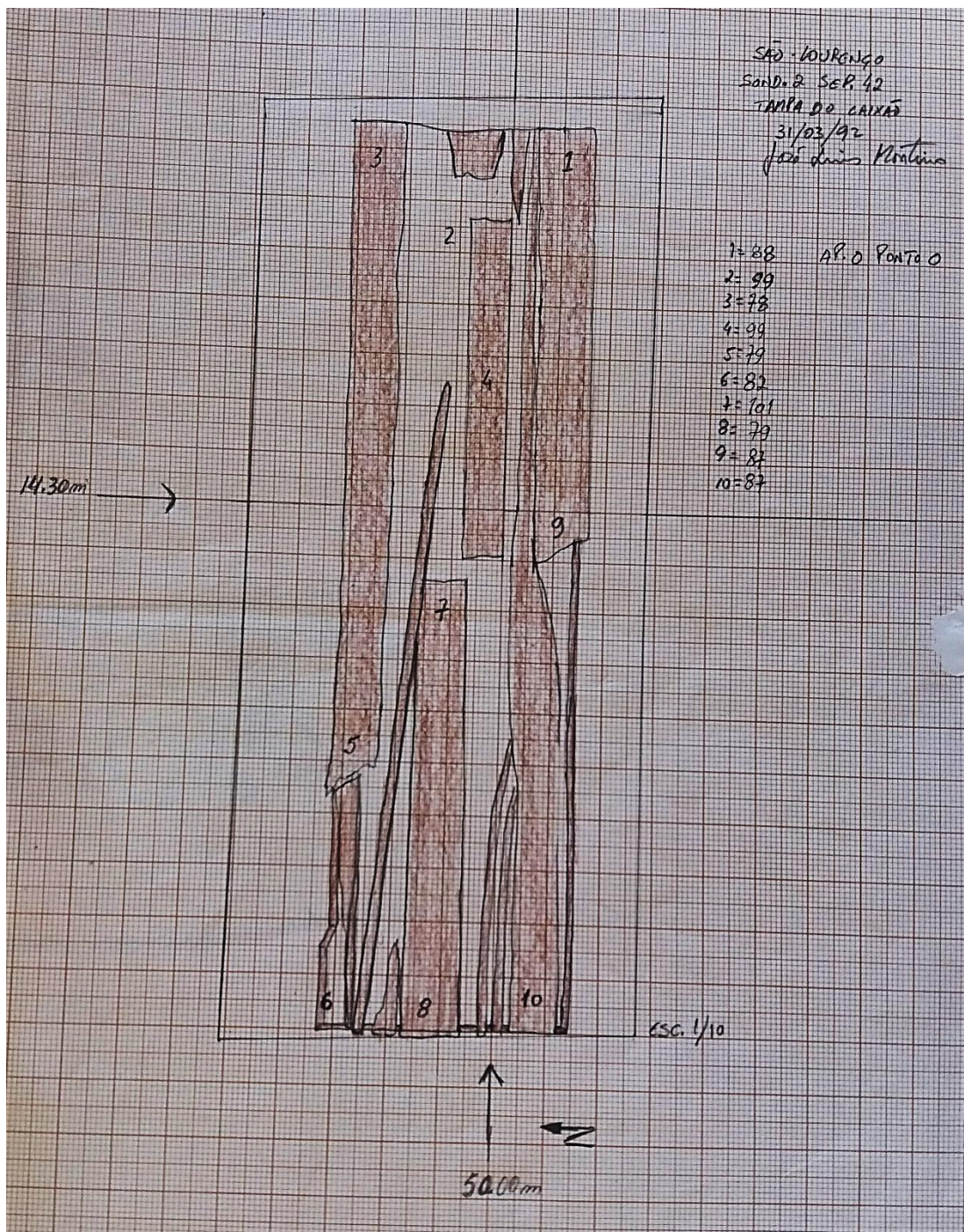
Desenho nº 14 – Sondagem 2 com inumação 20. Igreja de São Lourenço, Lisboa.
 Autor: José Luís Monteiro, 1992.
 Fonte: Amaro, 1993.



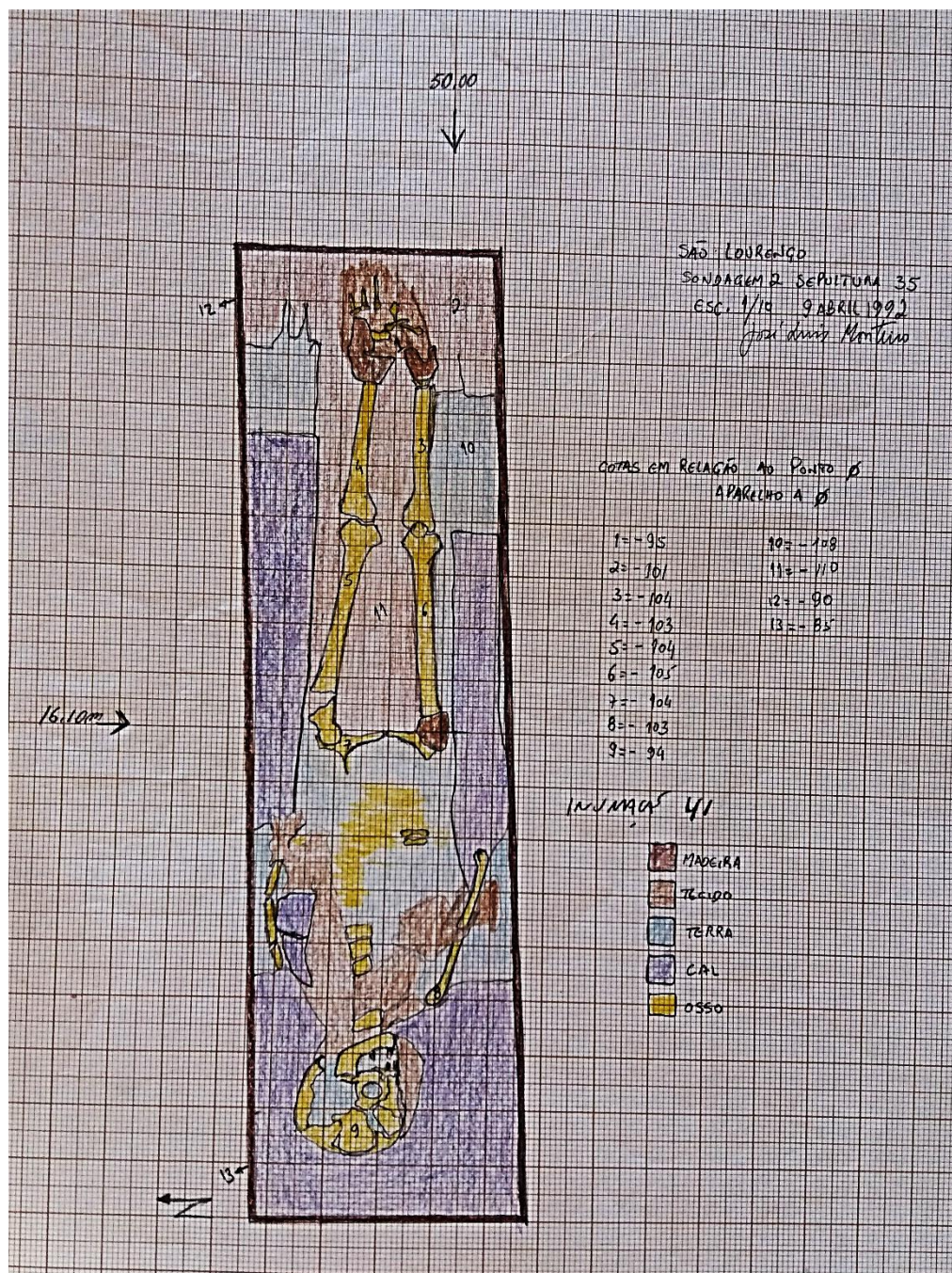
Desenho nº 15 – Sondagem 2 com sepultura 39 (talhão nº 49). Igreja de São Lourenço, Lisboa.
 Autor: José Luís Monteiro, 1992.
 Fonte: Amaro, 1993



Desenho nº 16 – Sondagem 2 com sepultura 40 (talhão nº 42). Igreja de São Lourenço, Lisboa.
 Autor: José Luís Monteiro, 1992.
 Fonte: Amaro, 1993.



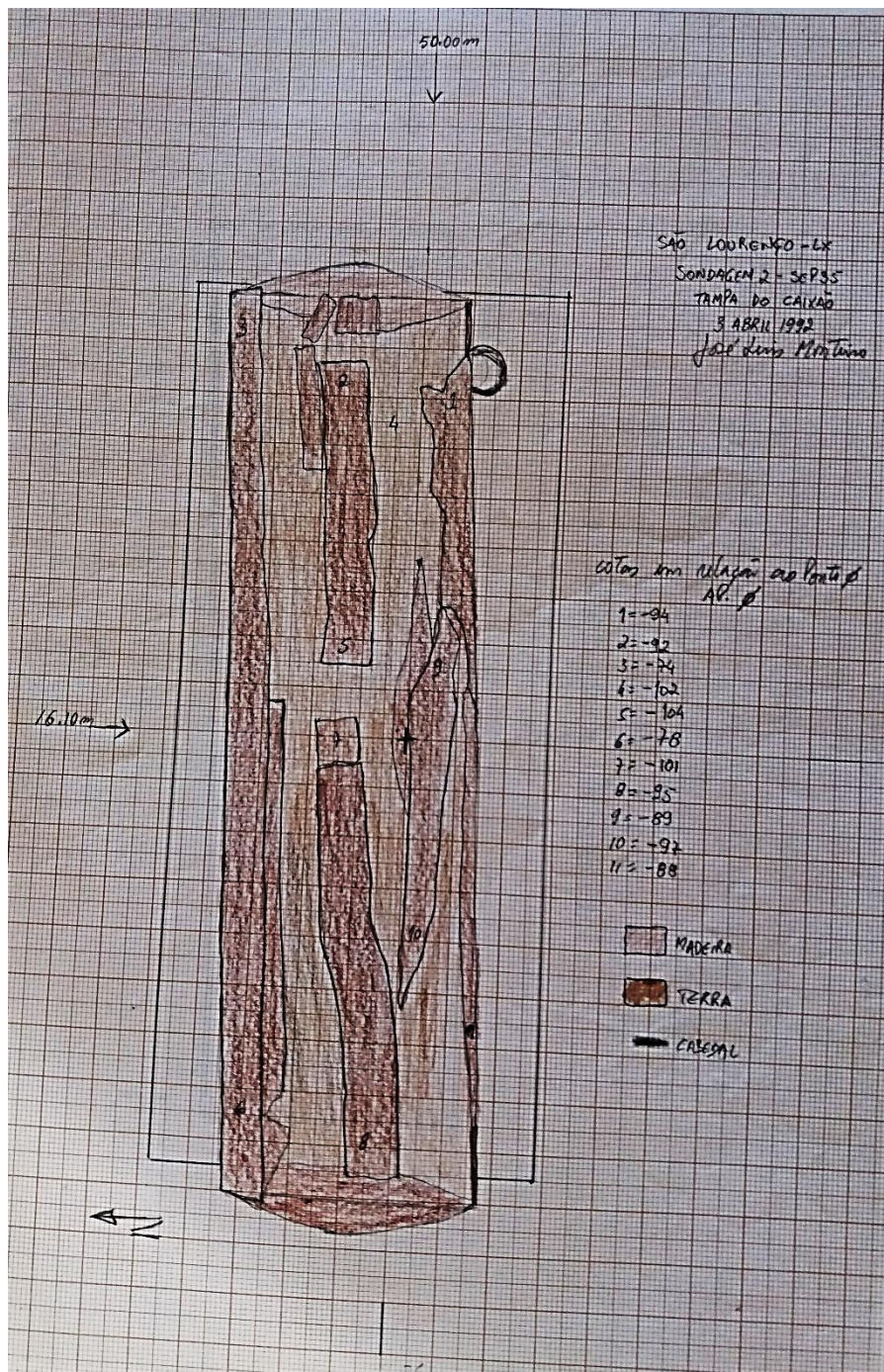
Desenho nº 17 – Sondagem 2 com a tampa do caixão da sepultura 40 (talhão nº 42). Igreja de São Lourenço, Lisboa.
 Autor: José Luís Monteiro, 1992.
 Fonte: Amaro, 1993.



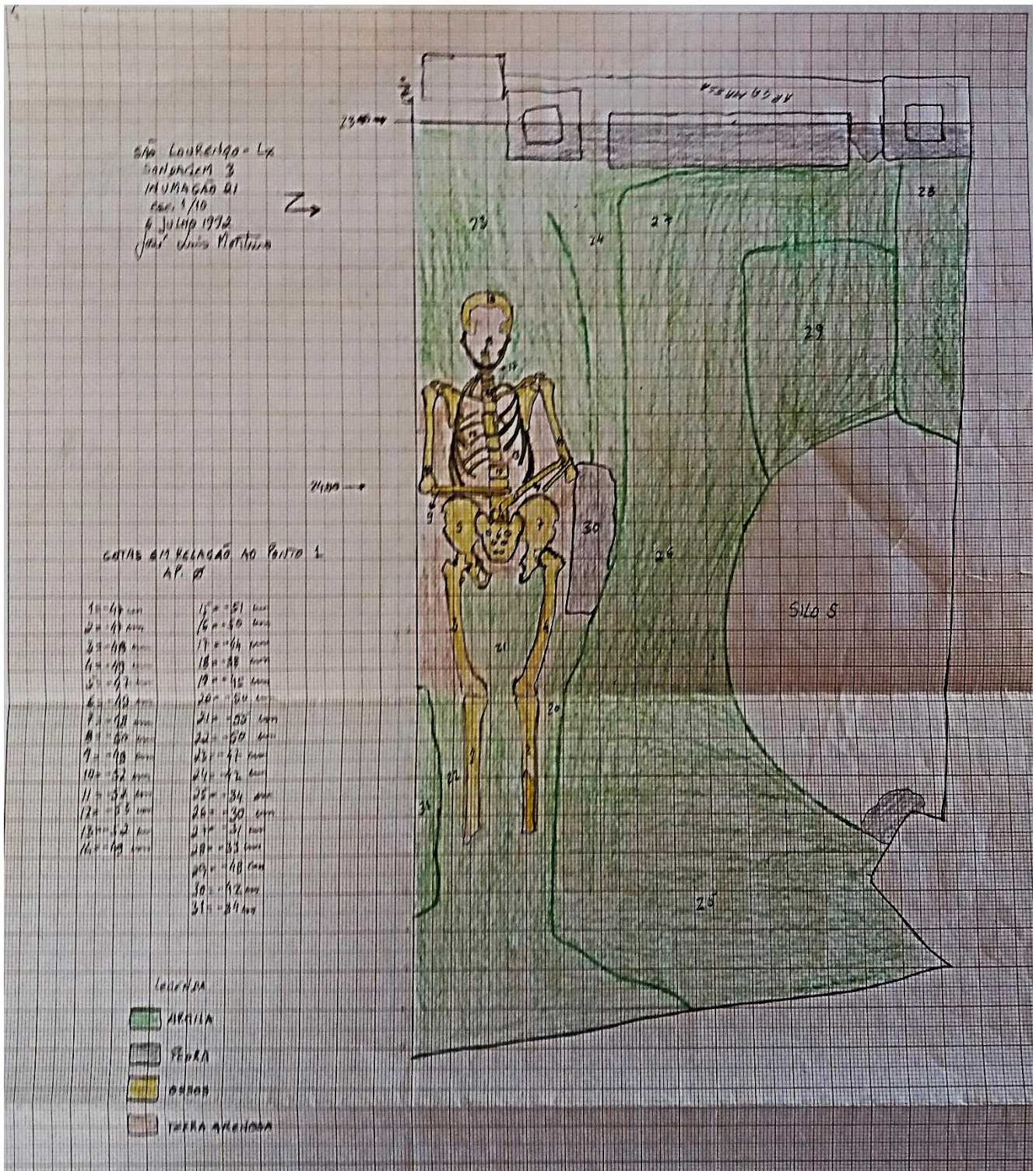
Desenho nº 18 – Sondagem 2 com sepultura 41 (talhão nº 35). Igreja de São Lourenço, Lisboa.

Autor: José Luís Monteiro, 1992.

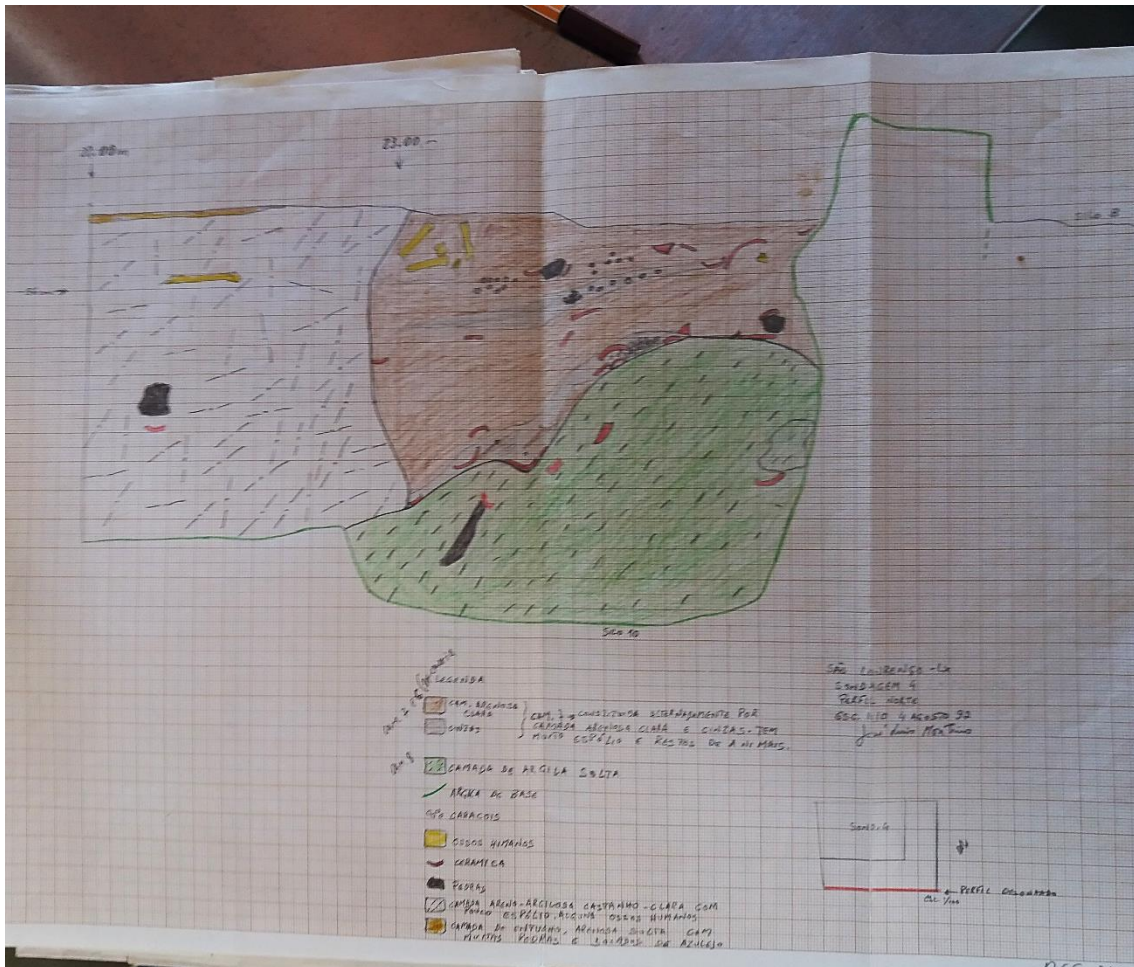
Fonte: Amaro, 1993



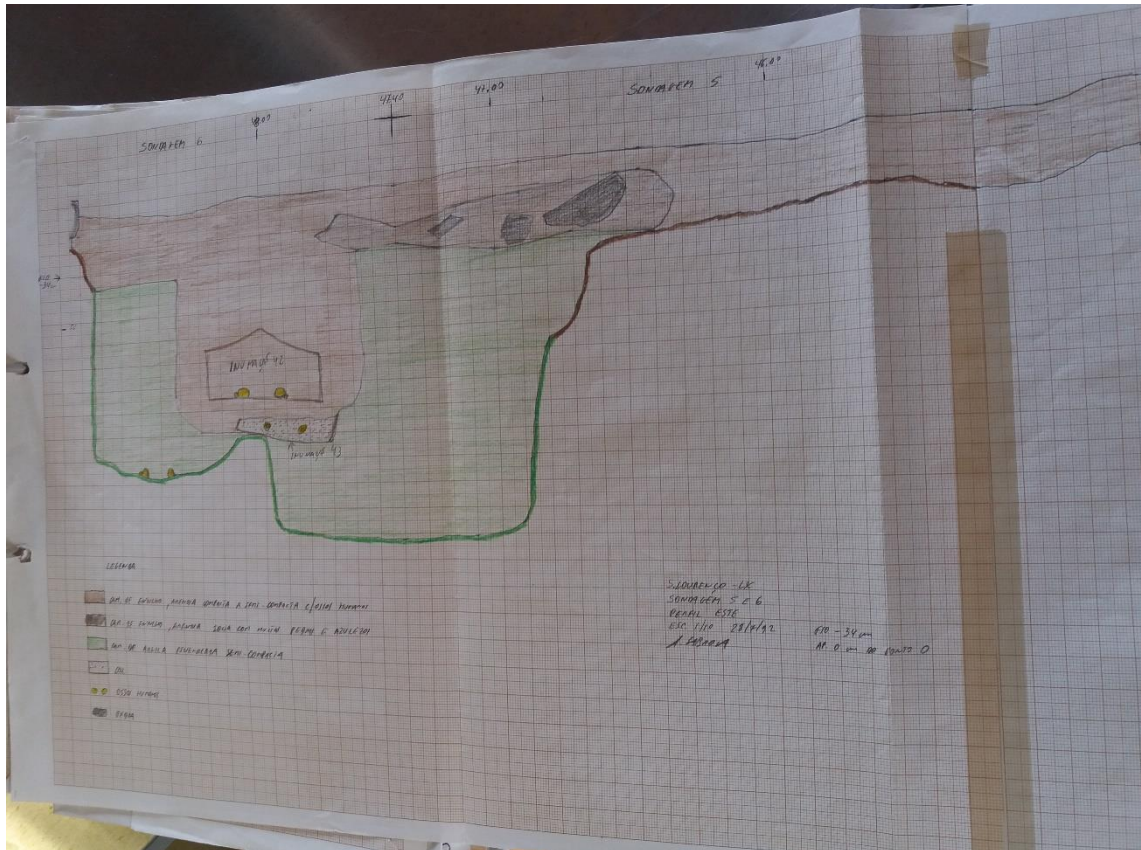
Desenho nº 19 – Sondagem 2 com sepultura 41 (talhão nº 35). Igreja de São Lourenço, Lisboa.
 Autor: José Luís Monteiro, 1992.
 Fonte: Amaro, 1993



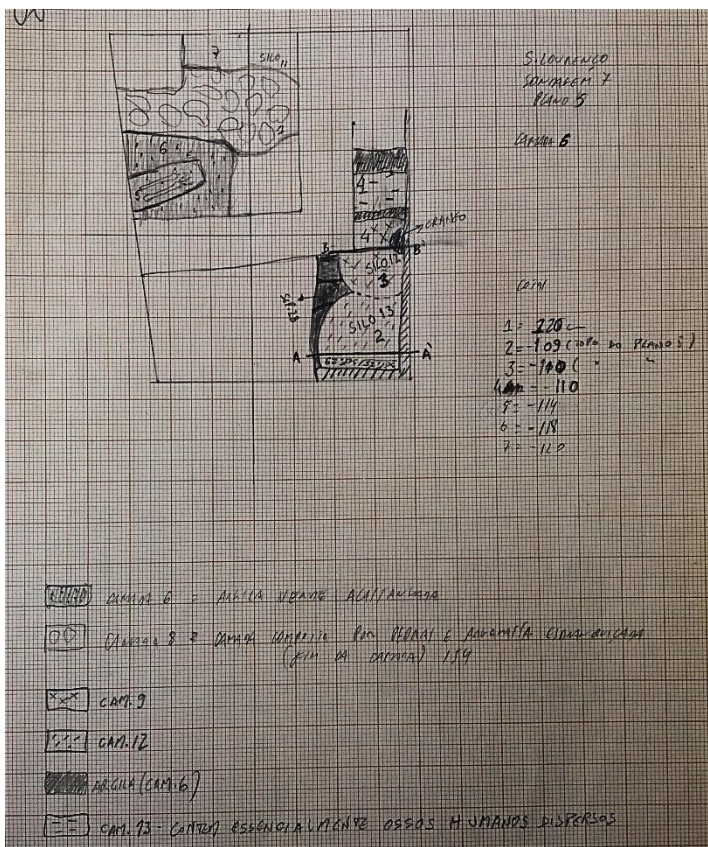
Desenho nº 20 – Sondagem 3 com inumação 21 e silo nº 5. Igreja de São Lourenço, Lisboa.
Autor: José Luís Monteiro, 1992.
Fonte: Amaro, 1993.



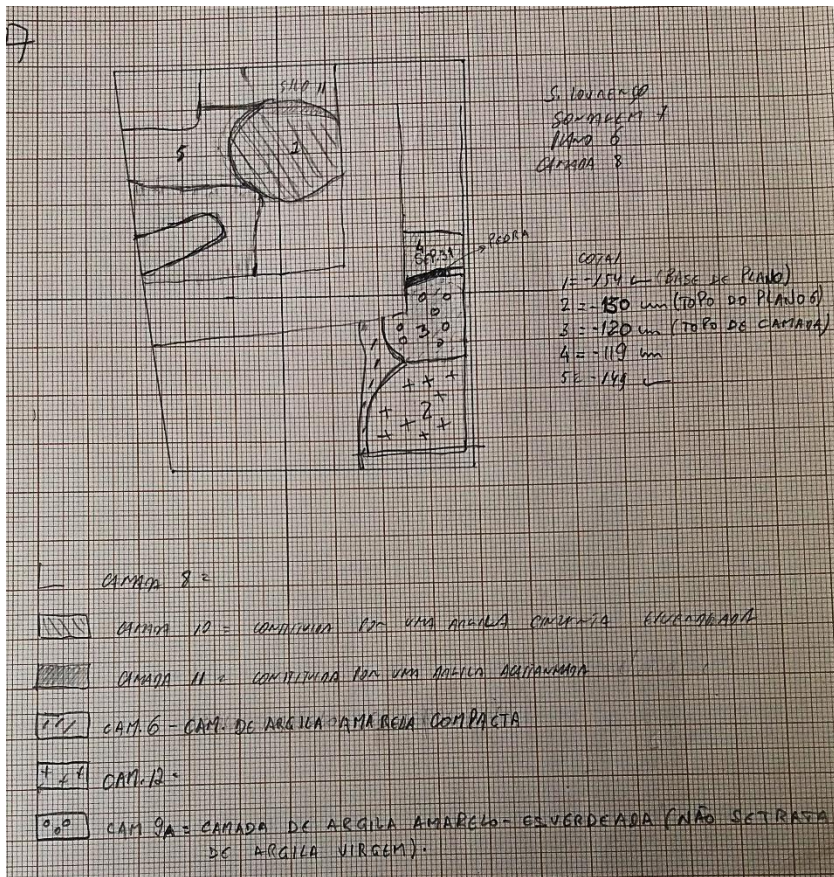
Desenho nº 23 – Perfil Norte da sondagem 4. Igreja de São Lourenço, Lisboa.
 Autor: José Luís Monteiro, 1992.
 Fonte: Amaro, 1993.



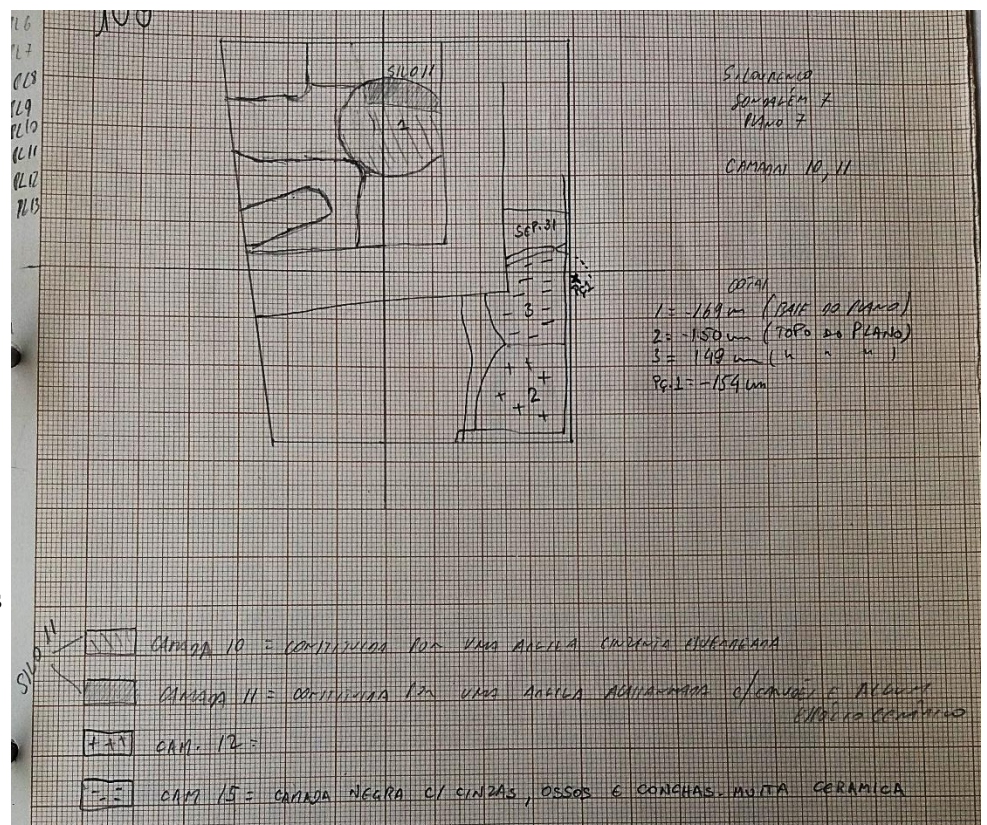
Desenho nº 24 – Perfil Este das sondagens 5 e 6. Igreja de São Lourenço, Lisboa.
 Autor: José Luís Monteiro, 1992.
 Fonte: Amaro, 1993.



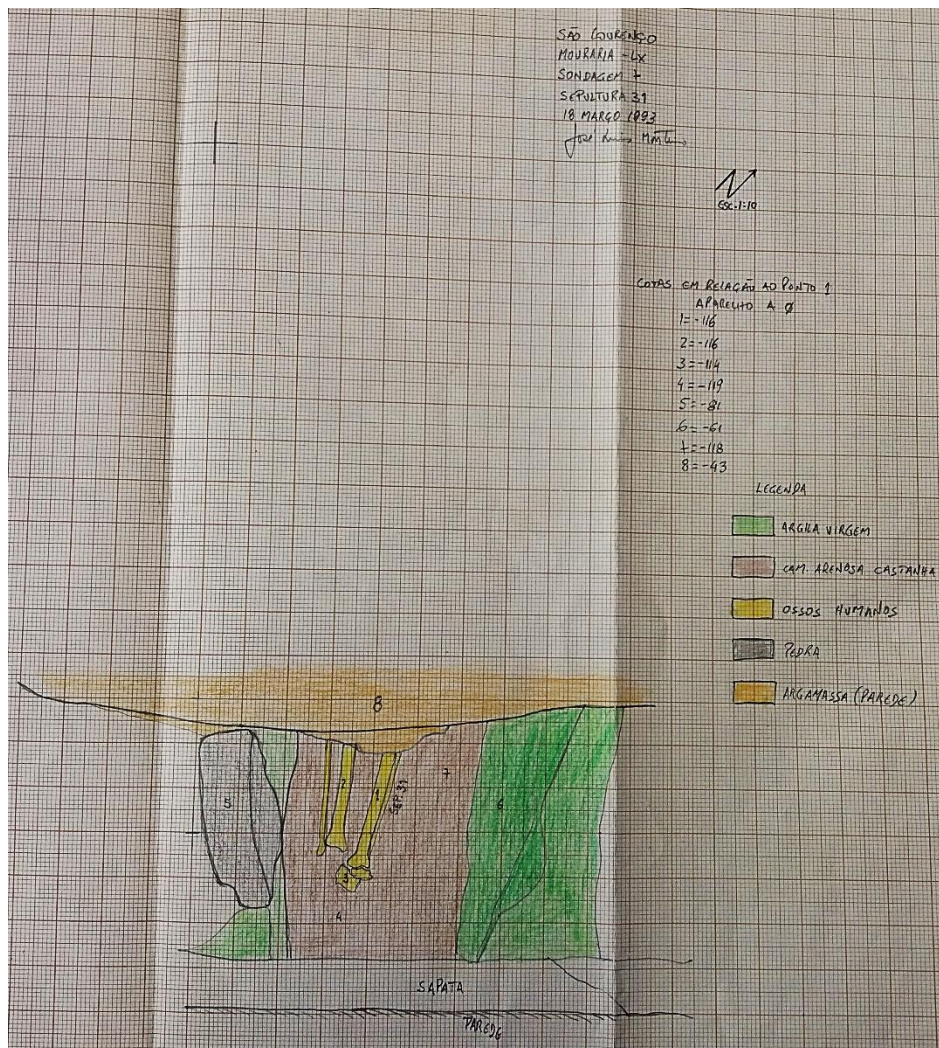
Desenho nº 25 – Plano 5 da camada 6 da sondagem 7. Igreja de São Lourenço, Lisboa.
 Fonte: Amaro, 1993.



Desenho nº 26 – Plano 6 da camada 8 da sondagem 7. Igreja de São Lourenço, Lisboa.
Fonte: Amaro, 1993.



Desenho nº 27 – Plano 7 das camadas 10 e 11 da sondagem 7. Igreja de São Lourenço, Lisboa.
Fonte: Amaro, 1993.



Desenho nº 28 – Sondagem 7 com sepultura 31. Igreja de São Lourenço, Lisboa.
 Autor: José Luís Monteiro, 1993.
 Fonte: Amaro, 1993.

